

Ginástica Rítmica no Espírito Santo:

Uma história contada pelos seus precursores



Franciny dos Santos Dias

**GINÁSTICA RÍTMICA NO ESPÍRITO SANTO:
UMA HISTÓRIA CONTADA PELOS SEUS PRECURSORES**

FRANCINY DOS SANTOS DIAS

**GINÁSTICA RÍTMICA NO ESPÍRITO SANTO:
UMA HISTÓRIA CONTADA PELOS SEUS PRECURSORES**

Copyright © Franciny dos Santos Dias

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Franciny dos Santos Dias

Ginástica rítmica no Espírito Santo: uma história contada pelos seus precursores. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 271p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-841-8 [Digital]

1. História Oral. 2. Ginástica rítmica. 3. História da Educação Física. 4. Universidade Federal do Espírito Santo. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Bruna de Souza Silva

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

DEDICATÓRIA

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro”, é com essas palavras de Machado de Assis que eu dedico esta obra, com todo o meu amor, aos 20 colaboradores que, de uma forma muito especial, contribuíram para que este trabalho pudesse se tornar realidade. *Ana Paula Ribeiro, Ana Cristina Médici, Dalza Batista, Deise Cristina, Elise Penedo, Flávio Barroca, Francielly Machado, Geny Curcio, Gizela Batista, Joseane Freire, Luiz Curcio, Maria Angela Tardin, Marzy Perim, Mauro Guerra Júnior, Natália Gaudio, Monika Queiroz, Rafaela Fávero, Sônia Cristina, Tayanne Mantovaneli e Vanusa Albuquerque* foram essenciais para a realização dessa obra. A eles toda a minha gratidão.

Durante as entrevistas realizadas tivemos espaços para um turbilhão de sentimentos. Vivenciamos vários momentos de sorrisos, lágrimas, carinho, gratidão, euforia. Sem dúvidas, o contato com cada um dos entrevistados serviu de combustível para que eu desse continuidade ao meu trabalho. Desta forma, percebi que fiz a escolha certa quando decidi desbravar a história da Ginástica Rítmica capixaba.

Gostaria de agradecer de forma especial à senhora *Geny Curcio* (*in memoriam*) que, ao longo dos seus 101 anos de vida, relatou de forma linda e entusiasmada sua trajetória na Ginástica. Esse depoimento me marcou muito em diversos aspectos. Dona Geny exalava sabedoria, força e persistência! Pude aprender muito sobre a vida ao lado dessa mulher tão maravilhosa. Esse contato com ela, sem dúvidas, foi um dos grandes ganhos que eu tive como mestranda.

Esta obra é resultado da minha pesquisa de mestrado que com o apoio da CAPES (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*) foi defendida em 2019, sob orientação do professor Dr. Mauricio dos Santos de Oliveira.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. DA GINÁSTICA MODERNA À GINÁSTICA RÍTMICA	13
3. A INSERÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL	17
4. UMA TRAJETÓRIA DE CONQUISTAS: UM PANORAMA DO PERCUSO DA GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA	31
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
5.1 ENTREVISTAS	39
5.2 COLABORADORES	42
5.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	45
6. ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS	49
6.1 A INFLUÊNCIA DAS PROFESSORAS EUROPEIAS E SUAS DISCÍPULAS PARA A GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA	49
6.2 AS PROFESSORAS PIONEIRAS DA GINÁSTICA RÍTMICA NO ESPÍRITO SANTO	66
6.3 O COMPROMETIMENTO DAS UNIVERSIDADES CAPIXABAS COM A GINÁSTICA RÍTMICA	98
6.4 A INTRODUÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA NAS ESCOLAS CAPIXABAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	113

6.5 TRAJETÓRIA E COMPETÊNCIA DA FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA	133
6.6 LEIS, PROJETOS E PROGRAMAS DE INCENTIVO: UM AMPARO PARA A GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA	147
6.7 MONIKA QUEIROZ E SEU APORTE PARA GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA DE ALTO RENDIMENTO	161
6.8 AS SIGNIFICAÇÕES DO APOIO FAMILIAR	177
6.9 CONTRIBUIÇÕES DE UM TRABALHO MULTIDISCIPLINAR	184
6.10 AS VOZES DAS GINASTAS CAPIXABAS: DESAFIOS E CONQUISTAS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO	193
7. EPÍLOGO - OS ALICERCES DA GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA	239
REFERÊNCIAS	247

APRESENTAÇÃO

O ano de 2019 ficou marcado pela excelente atuação da ginasta Natália Gaudio, ao conquistar a medalha de bronze no individual geral nos Jogos Pan-Americanos de Lima. Essa foi a terceira participação da ginasta nesse importante evento esportivo. Ela atuou nas edições de 2011, 2015 e na edição supracitada. Entretanto, em 2019, foi uma conquista histórica para a atleta de 26 anos, que enfatiza emocionada o ocorrido:

Meu nome agora está marcado na história. Isso é muito importante. O que o atleta mais quer é deixar um legado. Estou construindo isso aos poucos. Esse é meu terceiro Pan e, em nenhum momento, desisti dessa medalha, que era um sonho na minha carreira. Não estou nem acreditando. Estou muito feliz por esse feito. É importante persistir sempre — disse Natália (RODRIGUES, 2019).

Todavia, nos últimos anos, a trajetória de sucesso da atleta tem sido recorrente, visto que, em 2018, ela marcou a história da Ginástica Rítmica (GR) brasileira. Ao som da música *Oriental Dream*, a ginasta capixaba Natália Gaudio colocou o Brasil entre os países que alcançaram uma final em Copa do Mundo. Foi na cidade de Portimão, em Portugal, que a atleta encantou o público e a arbitragem no aparelho fita, sinalizando que a GR brasileira continua a percorrer com sucesso o seu espaço entre as potências da modalidade. Segundo a treinadora da ginasta, Monika Queiroz: “Este é um momento em que o Brasil se sente honrado. Depois de tanto trabalho, tantas décadas, uma ginasta do individual consegue ir para a final de uma Copa do Mundo e em quarto lugar. Isso significa que estamos trabalhando muito para isso. Estamos no caminho certo” (CBG, 2018).

Essa não foi a primeira vez que a dupla capixaba, Natália Gaudio e Monika Queiroz, fez história na modalidade. Nos Jogos Olímpicos de 2016, após um hiato de 24 anos, Natália Gaudio¹ representou o Brasil nas provas individuais desse megaevento esportivo (GUERRA, 2017). Além da atuação da ginasta Natália Gaudio, é importante mencionar que, nas Olimpíadas Rio 2016, também integraram a Seleção Brasileira de Conjunto as capixabas Emanuelle Lima e Francielly Machado (A GAZETA, 2015; GAZETA ONLINE, 2016; BARBOSA, 2016). Seguindo essa tradição, a ginasta Déborah Medrado Barbosa, aos 15 anos de idade, demonstra ser o novo expoente da GR capixaba ao percorrer o mesmo caminho no Conjunto Brasileiro de Ginástica Rítmica, sendo convocada, no final do ano de 2017, para compor a equipe (CBG, 2019).

É perceptível que, no decorrer de “tantas décadas”, como mencionou Monika Queiroz (CBG, 2018), muitas atletas, treinadores, árbitros e gestores contribuíram com o desenvolvimento da GR brasileira e, conseqüentemente, com o atual sucesso desse esporte no Brasil.

Podemos inferir que o Estado do Espírito Santo possui um papel preeminente na história e no sucesso da GR brasileira que, no ano de 2019, completou 66 anos de inserção no país. A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG, 1984), ao retratar a origem da modalidade no Brasil, destaca a participação da professora austríaca Margareth Frohlich no Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, promovido pelo Estado de São Paulo, nos anos de 1953 e 1954. As aulas ministradas por ela podem ser consideradas a “célula *mater*” da modalidade no Brasil.

Destacamos que ainda nesse período, a professora Ilona Peuker, de origem húngara, radicou-se no país e teve um papel relevante na divulgação e na consolidação desse esporte nos anos seguintes (CBG, 1984; CRAUSE, 1985; ALONSO, 2000).

¹ Como o Brasil era sede da competição, o país teve o direito a uma na ocasião. Natália Gaudio foi a mais bem classificada e logrou a vaga olímpica.

Por influência dos cursos ministrados pelas professoras europeias, a modalidade chegou ao Estado do Espírito Santo, mais especificamente na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no ambiente escolar. Entretanto, infelizmente, encontramos poucas informações na literatura que retratem como ocorreu essa inserção da modalidade no Espírito Santo e, igualmente, como o Estado se constituiu ao longo do tempo numa referência à formação de atletas de GR. Sendo assim, as histórias por trás do êxito da modalidade é o foco deste estudo. Ao longo do texto, apresentaremos desde os primórdios da modalidade até o atual momento do esporte no Espírito Santo por meio de temas que contextualizem os grandes influenciadores para a consolidação da GR em solo espírito-santense.

Assim, consideramos que esse resgate histórico se faz importante para que os aspectos atrelados à trajetória da GR capixaba não se desvançam, além da valorização dos indivíduos responsáveis pela consolidação da modalidade, por todos os esforços dedicados para que a prática conseguisse prevalecer influente até a atualidade.

Dessa forma, compreendemos que é preciso resgatar essas memórias para alcançar os objetivos propostos no estudo, pois, como afirma Moreira (2005), a memória, no sentido da expressão, é a presença do passado, é o resgate das realizações responsáveis pelo que se tem construído no hoje. Além disso, quando pensamos em memória, entendemos que toda reminiscência é coletiva, visto que uma memória nunca está atrelada apenas ao indivíduo de forma particular, mas sim em um envolvimento social, familiar, entre outros (MOREIRA, 2005). Nesse aspecto, é importante destacar que o objetivo do estudo foi trazer narrativas de histórias da GR no Estado do Espírito Santo e analisá-las, por meio dos relatos de seus protagonistas: professores, treinadores, ginastas, árbitros, dirigentes e equipe multidisciplinar, com o intuito de compreender como se deu a consolidação da GR no Estado. No intuito de compreender, analisar e discutir, por meio do percurso histórico da modalidade no Espírito Santo, os fatores que contribuíram com o seu

desenvolvimento, e ampliar as informações sobre acontecimentos do passado, por meio das experiências vividas pelos indivíduos do estudo em busca de aprofundamento.

Por esse fator é que se faz importante buscar, por meio da metodologia da história oral, esses relatos no coletivo, o que foi construído ao longo do tempo na GR nas diferentes gerações, em tempos distintos, com apoios diversos que partiram de vários grupos. No estudo, foi proposto exatamente a escuta não apenas de um grupo, mas primado a diversidade, visto que, ao dialogar com diferentes colaboradores², conseguimos observar essa história com uma visão mais abrangente, pois se trata de experiências e contribuições que podem apresentar semelhanças em certos aspectos como também dissemelhanças em outros, dando ao estudo uma possibilidade enriquecedora de abordar temas relevantes, que serão apresentados ao longo dessa obra.

² Os colaboradores serão referenciados no texto pelo nome, sobrenome e o ano da realização da entrevista.

DA GINÁSTICA MODERNA À GINÁSTICA RÍTMICA

Ao longo de sua consolidação como esporte, a GR passou por distintas terminologias. Segundo Toledo (2010), a trajetória da modalidade foi marcada por dois aspectos. O primeiro deles está ligado ao fato de a modalidade ter surgido por intermédio de manifestações de um grupo de dirigentes feministas, essencialmente na Rússia, sem que houvesse uma intervenção direta da FIG (TOLEDO, 2010). Ainda nesse contexto, de acordo com Alves (2018), a busca de uma prática que exaltasse a graciosidade, suavidade e beleza feminina, atrelada ao ritmo musical, denota a presença de um pensamento e influência feminista na busca de valorizar o papel da mulher na sociedade. Ademais, o outro aspecto pontuado por Toledo (2010), que é pouco mencionado na literatura, está relacionado com a maneira independente de se autodenominar inicialmente de Ginástica Artística, fato justificado devido à relação com as vertentes da dança e da música, sendo assim considerada uma manifestação artística.

Posteriormente, a modalidade recebeu uma nova terminologia, intitulada Ginástica Moderna (GM). Segundo Alves (2018), a primeira aparição do termo GM se deu em 1929. De acordo com Peuker (1974), presume-se que o termo moderno se direcionava ao fato de ser um sistema de trabalho ginástico que avançou em relação ao que estava em voga na área. Esse nome foi oficializado em 1962 pela FIG e, no ano seguinte, foi realizado o primeiro Campeonato Mundial. Entretanto, no Brasil, segundo Peuker (1974) e Alves (2018), a modalidade em 1953 era denominada de Ginástica Feminina Moderna (GFM), nomenclatura nunca reconhecida oficialmente pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). O

termo “Feminina” foi agregado na nomenclatura pelo fato de a modalidade ser praticada apenas por mulheres.

Quanto à segunda nomenclatura oficializada pela FIG, ocorreu em 1972. A modalidade passou a ser denominada Ginástica Rítmica Moderna (GRM) devido à influência do caráter rítmico característico da proposta de Jacques Dalcroze (TOLEDO, 2010).

Em 1975, a terceira modificação ocorreu após a oficialização de regras internacionais para as competições da modalidade, sendo atribuído o nome de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), conforme afirmam Bizzocchi e Guimarães (s.d.). De acordo com Toledo (2010), a decisão de nomear a modalidade de GRD pode ter sido uma alternativa para diferenciar a prática da GRM, nos ambientes de clubes e academia com fins ligados à estética e ao condicionamento físico, já a GRD tinha como foco o esporte.

Na GRD, diferentemente da GRM, cada aparelho utilizado tinha uma característica própria e com uma exigência referente à técnica de manejo específica. Os aparelhos eram: corda, bola, arco, fita e maçãs. Além disso, Bizzocchi e Guimarães (s.d) enfatizam que, apesar de os movimentos da GRD terem característica da dança, acrobacia, *ballet*, arte cenográfica, ginástica e jazz, ela tinha suas individualidades e, durante uma competição, os movimentos específicos da Ginástica Acrobática e Ginástica Olímpica³, por exemplo, eram proibidos e punidos.

A quarta modificação, referente à nomenclatura, foi estabelecida em 1998 durante o 71º Congresso Internacional da FIG, na cidade de Vilamoura, em Portugal. Porém, no Brasil, o termo GRD continuou sendo utilizado até o ano de 2000, quando o país, por fim, adotou o novo termo GR.

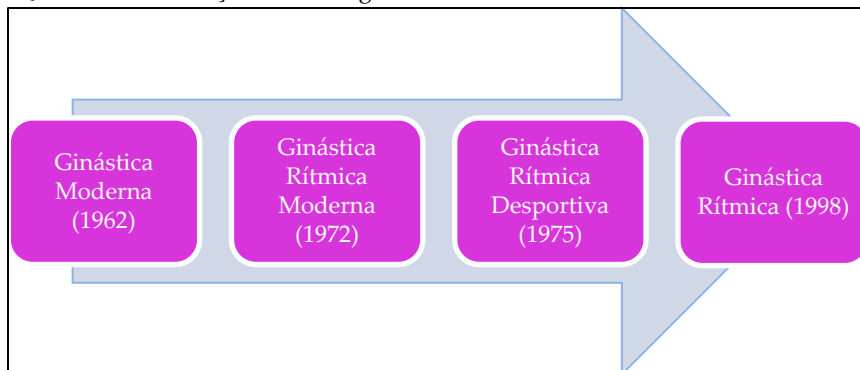
Segundo Lourenço (2003), essa mudança se deu com o objetivo de se ter um padrão entre todas as modalidades da FIG. Ainda de

³ O Comitê Técnico da FIG considera “Ginástica Artística” o termo mais usual, uma vez que outras modalidades da ginástica também podem ser definidas por olímpicas. Haveria muita confusão e dúvidas ao se utilizar Ginástica Olímpica (NUNOMURA; PICCOLO; EUNEGI, 2004).

acordo com a autora, por meio de uma explanação oral da presidente do Comitê Técnico de GR da FIG, Madame Egle Abruzzini, durante um encontro de árbitros no Campeonato Mundial de Osaka no Japão, em 1999, compreendeu-se que todas as modalidades da Federação eram desportivas e não apenas a GR (LOURENÇO, 2003).

Por vista disso, apoiados em Toledo (2010), entendemos que outro fator atrelado à mudança da nomenclatura ocorreu porque, na entrada do século XXI, notou-se que, nas academias, não existia a prática da GR com caráter de condicionamento e estética. Sendo assim, não havia a necessidade dessa diferenciação, visto que a GR foi oficialmente reconhecida como esporte de competição. Dessa forma, não teriam confusões quanto aos aspectos terminológicos. As academias se apropriaram então de outras modalidades gímnicas, como a Ginástica Aeróbica, Ginástica localizada, entre outras. É possível acompanhar todo o processo de reformulação da nomenclatura cronologicamente no quadro a seguir (QUADRO 1).

Quadro 1 - Mudanças terminológicas da Ginástica Rítmica de acordo com a FIG



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desse panorama, é importante enfatizarmos que os termos mais mencionados no decorrer do texto serão: GM, GFM, GRD e, por fim, GR. O uso de tais terminologias se justifica baseado

na experiência em diferentes períodos e contextos pelos colaboradores da pesquisa, visto que, se a modalidade no Espírito Santo, como afirma Batista (2004), teve início em 1953, os sucessores desse trabalho com a GR no Estado acompanharam todas essas alterações.

Assim a terminologia apresentada primeiramente no Estado foi a GFM, por influência da ginástica trazida por Ilona Peuker e, ainda, com base no contato direto das precursoras da modalidade em terras capixabas com a professora húngara. Desse modo, entendemos a dimensão que é utilizar a terminologia correta referente ao tempo em que cada colaborador aborda, visto que cada terminologia traz em si um contexto histórico carregado de particularidades quanto aos distintos períodos de evolução da GR.

A INSERÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL

A GR teve seu início na década de 1950. Segundo Peuker (1974), a inserção da modalidade no Brasil se deu por meio de cursos orientados para professoras de Educação Física Escolar (SAUR, 1970). É oportuno citar que a Margareth Frohlich, uma professora austríaca de dança e de ginástica, foi a responsável por ministrar cursos de aperfeiçoamento na cidade de Santos, por meio dos esforços do Departamento de Educação Física de São Paulo.

Marinho (s.d.) considera o trabalho de Froelich como um dos mais importantes na difusão da modalidade, assim como o empenho da Associação de Professores de Educação Física de São Paulo (Apef-SP) que divulgou o conteúdo dos cursos em outras regiões do Brasil.

Aliado a isso, Alonso (2011) cita a participação da professora Érica Saur que acompanhou e auxiliou os cursos de Froelich, em 1953 e 1954. Docente na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (Enefd), atual Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ), Saur se tornou pesquisadora da modalidade e contribuiu com a disseminação da GM no ensino superior. Erica Saur foi responsável por lançar um dos primeiros livros direcionados à GR Escolar no Brasil, na década de 1970. A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG, 1984) destaca que o trabalho dessa professora foi especialmente direcionado para o ramo educacional da modalidade.

Na literatura especializada (GAIO, 2007; MARINHO, s.d.; LAFFRANCHI, 2001), verificamos também outra colaboradora de grande destaque na consolidação da GM no Brasil, foi a húngara Ilona Peuker, a pioneira da modalidade no Brasil. Segundo Frossard

(2018), a professora Ilona Peuker radicou-se no Brasil vinda da Áustria, onde conquistou altos resultados em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

No ano de 1956, Ilona Peuker instituiu a primeira equipe de GR brasileira, além de organizar os primeiros campeonatos dessa modalidade no país (FROSSARD, 2018). De acordo com Gaio (2007), ela também ministrou aulas na ENEFD e, por meio de apresentações de sua equipe de ginástica, denominada “Grupo Unido de Ginastas” (GUG), promoveu e divulgou a modalidade pelo país.

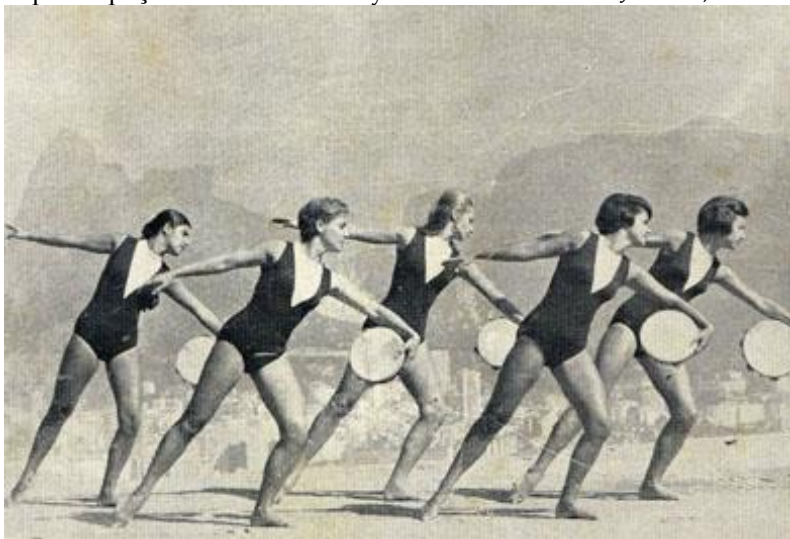
Conforme a CBG (1984), o GUG possuía um programa de apresentações diversificado e criativo, o qual recorria aos aparelhos oficiais da modalidade (corda, arco, bola, maçãs e fita) e, também, alternativos, como cocos, pandeiros, agogôs e reco-recos (BERNARDES, 2010), instrumentos da nossa cultura e que possibilitavam ritmos e melodias que eram combinados e alternados com o uso do piano. Esses aspectos de inovação eram o grande diferencial da professora Ilona, que apresentava com frequência propostas diferentes do que era habitual naquele período. No que tange ao cenário da ginástica brasileira naquela época, Ilona rompia com o que era tido como tradicional [FIGURAS 1 e 2].

Figura 1 - Fotografia publicada em jornal carioca noticiando a participação do GUG na V Gymnaestrada. Rio de Janeiro, 1969



Fonte: Frossard, 2019.

Figura 2 - Fotografia publicada em jornal carioca noticiando a participação do GUG na V Gymnaestrada. Rio de Janeiro, 1969



Fonte: Frossard, 2019.

Como afirma Laffranchi (2001), Ilona Peuker formou muitas discípulas, ex-ginastas de sua equipe, que exerceram grande influência no desenvolvimento da GR no Brasil, como: Daisy Barros, Elisa Resende, Elizabeth Laffranchi, Ingeborg Crause, Vera Miranda, entre outras.

Segundo CBG (1984, p. 108) “[...] através de um trabalho sério e incansável, o GUG foi se afirmando como divulgador e propagador da GFM através de demonstrações em várias cidades de norte a sul do país, abrilhantando as mais variadas festividades cívicas e esportivas”. Acrescentamos que Ilona Peuker também difundiu a ginástica brasileira para o mundo, ao participar de eventos como a Gymnaestrada. De acordo com Toledo, Dias e Pereira (2018), a primeira participação do Brasil em uma World Gymnaestrada (WG) ocorreu em 1957, tendo como representante o grupo carioca GUG, coordenado por Ilona Peuker, a qual, no ano de 1953, já tinha participado do evento.

Por sua vez, Peuker (1974), em sua obra “Ginástica Moderna sem aparelhos”, analisa que as práticas gímnicas anteriores, que eram as mais conhecidas e as mais praticadas no Brasil, não estavam de acordo com a natureza da mulher brasileira. Assim, em um livro essencialmente prático, Ilona apresentou exercícios selecionados, recomendados à jovem brasileira, cujo talento gímnicó dormitava latente no potencial de uma nação que se formou da miscigenação de vários povos. O sucesso dessa obra de Ilona Peuker, mediante sua dedicação, oportunizou as glórias nacionais e internacionais na promoção da modalidade.

Sendo assim, esse fator foi uma ferramenta facilitadora para que a então GM fosse recebida pelas mulheres com grande entusiasmo e interesse. Observamos em Marinho *apud* Alves (2018) que as mulheres estavam habituadas ao utilitarismo da ginástica francesa. À vista disso, de acordo com Soares (1994), a importância da prática da ginástica estava atrelada ao discurso médico-higienista. Destacavam-se que o corpo feminino tinha que ser fortalecido por meio de uma ginástica

destinada para o seu sexo e suas particularidades. Era a mulher a responsável por gerar os filhos da pátria.

Deste modo, devido à forte influência europeia no Brasil, a ginástica recomendada à população era advinda dos métodos ginásticos europeus. Em especial para as mulheres, as grandes escolas influenciadoras foram a Sueca e a Francesa que previam práticas corporais e cuidados pessoais adequados ao sexo feminino, o que atribuiu uma grande importância aos exercícios suaves realizados com música, com destaque para o canto e a dança, por concederem graça e leveza às mulheres (FERNANDES, 2010). Ressaltamos que alguns desses aspectos constituíam a GM no que concerne a valorizar os atributos femininos.

Assim, desde o início de sua inserção em terras brasileiras, era perceptível o caráter renovador dessa manifestação gímnica, o qual estava apoiado em mudanças que ocorriam no campo artístico naquele período.

Quando se remete à manifestação gímnica baseada na evolução da ginástica e na aquisição da popularidade da prática, um, dentre os meios de manifestação da ginástica, deu-se com a inserção da GM nas escolas, inclusive atrelado à demonstração e, posteriormente, à competição. No Brasil a modalidade teve a sua primeira aparição em competições escolares no primeiro JEBs (Jogos Estudantis Brasileiros), em Niterói/RJ no ano de 1969 (ALONSO; CRAUSE, 2006). Destacamos que a série obrigatória era realizada com cocos.

Essa presença da modalidade nos JEBs só foi possível com o apoio do Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura. De acordo com Tibeau (1988), o período entre 1953 e 1969 se caracterizou como a fase de implementação, sedimentação e adaptação dos JEBs. Além disso, a inclusão da então GM no evento é considerada um dos meios de propagação da modalidade.

A participação da modalidade nos JEBs catalisou a disseminação e, conseqüentemente, a implantação dessa forma gímnica no Brasil. Alonso e Crause (2006) afirmam que a

modalidade foi disputada pelas equipes oriundas do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, Paraíba, Pernambuco e Paraná. O Rio de Janeiro foi o Estado da dona Ilona e suas alunas, por consequência, sagrou-se campeão da disputa.

Pallarés (1983) certifica ainda, no que concerne à modalidade na escola, a publicação da obra “Ginástica Rítmica Escolar”, de autoria da professora Érica Saur, a qual contribuiu sobremaneira no trato com essa modalidade do ponto de vista didático.

Por consequência dessa propagação da ginástica para além dos aspectos competitivos no âmbito escolar, mas também pela disseminação do papel educacional, Peuker (1974) pondera que a modalidade não demorou a ser ensinada nas escolas primárias e secundárias como conteúdo escolar, tendo uma proposta menos direcionada para performance/treinamento.

De acordo com Saur (1970), a GR escolar era distinta dos demais sistemas de exercício físico que visavam resultados apoiados no treinamento competitivo, na formação pré-militar, na ginástica de manutenção, na ginástica corretiva, dentre outros. A GR escolar era avessa aos sistemas ginásticos que abrangiam um modo único de trabalho, como os encontrados em academias particulares que visavam à especialização de atividades artísticas e, também, a formação de equipes de elite, programas de exibição e de competição (SAUR, 1970). Conforme os planos de ensino apresentados por Saur (1970), os trabalhos eram divididos em quatro momentos: introdução (aquecimento) formação corporal e/ou educação do movimento, associações de movimento, jogos de movimento ou composições e, por fim, a volta à calma, que era o encerramento.

É perceptível que a ginástica foi percorrendo esse caminho de ensino nas escolas até pertencer aos planos de ensino nas universidades. Por ventura, quando nos remetemos à inserção da GR nas Universidades, concordamos com Rinaldi e Cesário (2005), que afirmam que a GR, como saber instituído, compõe os currículos dos cursos de formação de Educação Física desde a década de 1950.

Entretanto, como disciplina, passou a ser inserida nos currículos da maioria dos cursos de graduação em 1989, após a reformulação curricular apoiada na Resolução n° 03/87.

Segundo Mesquita (2015), a Escola de Educação Física e Esporte do Estado de São Paulo (EEFEUSP), a partir de 1975, já tinha instituído a disciplina Ginástica Feminina (GF) na grade curricular do curso. Essa disciplina, por sua vez, já abordava o trabalho com a GR. Assim, essa modalidade, como conteúdo programático da disciplina, foi implantada pela professora Renata Stark, sucessora das professoras Stella Guérios e Astrid Schulman, que ministravam a disciplina GF. Esses acontecimentos são um dos marcos históricos da modalidade na EEFEUSP.

Assim, posteriormente, a professora Renata Stark passou a treinar um grupo de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física que chegou até mesmo a participar de um Campeonato Brasileiro de GR realizado pela CBG. Por vista disso, apesar de a GR ser inserida como disciplina na maioria dos Cursos de Educação Física do Brasil, no final na década de 1980, algumas instituições tiveram um trabalho significativo com a modalidade em outros períodos que antecederam essa eclosão.

De acordo com Peuker (1974), com a popularização da GR, a realização de eventos se tornou mais frequente. Eram assim: cursos, demonstrações e campeonatos. É pertinente mencionar que cada um desses eventos possuía finalidades distintas com o intuito de democratizar o ensino e a prática da ginástica. Os cursos que eram ministrados, por exemplo, tinham a intenção de introduzir a ginástica em novos Estados e aperfeiçoar a prática onde ela já era conhecida. Já as demonstrações tinham como propósito a promoção da modalidade e a disseminação de seus benefícios. Quanto aos campeonatos que eram realizados, tinham como objetivo formar atletas com ênfase na motivação dos praticantes e, também, na busca pelo aperfeiçoamento da técnica.

Em virtude de todos os meios utilizados para a propagação da GM em âmbito nacional, observamos, como consequência, a

crescente participação do Brasil em eventos internacionais, conforme verificamos a seguir:

Participações internacionais do Brasil: três gymnaestradas (Iugoslávia, Áustria e Suíça); Brasilada realizada na Holanda; Gimnasiada Americana (Venezuela) e exibições em diversas capitais europeias. Atuações com equipes estrangeiras no Brasil: a) três vezes com a Alemanha; duas vezes com a Argentina; uma vez com Portugal, Suíça, Venezuela, Canadá e Hungria (PEUKER, 1974, p. 22).

É interessante destacar que a GM, pensada em sua vertente competitiva, passou a ser desenvolvida ainda na década de 1950 na Europa. Foi impulsionada nos anos de 1960, quando a Federação Internacional de Ginástica (FIG) organizou o primeiro Campeonato Mundial na cidade de Budapeste (SANTOS; SANTOS, 1999).

Crause (1985) pontua que o Brasil iniciou a sua participação em mundiais em 1967, mais especificamente, no III Campeonato Mundial de GM, realizado em Copenhague, na Dinamarca. Nessa ocasião, Daisy Barros se tornou a primeira ginasta a representar o Brasil em mundiais ao disputar as provas individuais. Ressaltamos que a ginasta fazia parte do GUG, o qual fora idealizado e treinado por Ilona Peuker. Após aposentada das competições, Daisy Barros se tornou professora de Educação Física e grande propagadora da modalidade (LAFFRANCHI, 2001).

No que concerne à competição por equipes em mundiais, a participação do conjunto brasileiro ocorreu pela primeira vez em Rotterdam, na Holanda, em 1973, com uma equipe de sete integrantes lideradas por Ilona Peuker. O conjunto alcançou a 13ª colocação, dentre as 18 equipes participantes. Após essa participação, o Conjunto do Brasil esteve presente em quase todos os eventos oficiais da FIG (LOURENÇO, 2003).

Ainda segundo a autora, um dos passos importantes até chegar a esse cenário foi a fundação da União Pan-Americana de Ginástica (Upag) em Cali, na Colômbia, que teve como intuito organizar as modalidades da FIG dentro do Continente Americano no ano de 1971. No ano de 1983, ocorreu a participação do Brasil no XI

Campeonato Mundial, o qual foi realizado na cidade de Strasbourg na França. Esse evento antecedeu a inserção desse esporte nos Jogos Olímpicos em 1984 (LOURENÇO, 2003). Como representante brasileira convidada para participar do evento olímpico, tivemos a ginasta Rosane Favilla do Rio de Janeiro, entretanto ela não conseguiu chegar às finais (ANTUALPA, 2011).

Nesse respectivo ano, nas Olimpíadas de Los Angeles, o grande marco se deu em torno de um boicote dos países comunistas que afastaram por sua vez os países considerados mais expressivos na modalidade, como a Bulgária, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Alemanha Oriental, dentre outros (LOURENÇO, 2003). Dessa forma, as competições ocorreram apenas na categoria individual.

A próxima participação de uma brasileira, ainda no século XX no individual nos Jogos Olímpicos, ocorreu oito anos depois. Segundo a Assessoria de Imprensa da Tocha Rio 2016 (2016), a ginasta Marta Cristina Schonhorst (também conhecida como Kity) participou do Campeonato Mundial em 1989, na cidade de Sarajevo, na Iugoslávia. Foi quando conquistou a vaga para os Jogos Olímpicos em 1992, realizados em Barcelona, na Catalunha, Espanha. A ginasta Marta Cristina se classificou na 41ª colocação e deu continuidade à representação brasileira no individual (LOURENÇO, 2003). De acordo com Santos, Nagamine e Bernardi (2006), Marta Cristina teve seu trabalho de base no Rio Grande do Sul e, posteriormente, treinou em São Paulo. Essa foi a primeira participação de uma ginasta gaúcha no evento.

Apesar das participações significativas da GR brasileira nos eventos, como Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos mencionados, as conquistas com maiores destaques no cenário internacional, na qual a equipe brasileira conseguiu subir no lugar mais alto do pódio, ocorreram de forma regular a partir da década de 1990. Principalmente, pelas participações nos Jogos Pan-Americanos que aconteciam de quatro em quatro anos, sendo realizados um ano antes dos Jogos Olímpicos, com o intuito de

selecionar as equipes do Continente Americano para marcar presença nesse megaevento esportivo (LOURENÇO, 2003).

Com base no que afirma Gaio (2007), um dos pontos fortes atrelados ao sucesso da equipe brasileira durante a década de 1990 se deu também pelo trabalho da professora Barbara Laffranchi, que foi propulsora de algumas importantes conquistas, pois, em 1999, a treinadora liderou o conjunto brasileiro nos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, no Canadá, onde a equipe se sagrou campeã. O grupo era integrado pelas ginastas: Alessandra Fererzin Guidugli, Camila Fererzin do Amarante, Dayane Camillo da Silva, Flávia Cristina, Juliana Dias Coradine, Michelle Bressanini Salzano (LOURENÇO, 2003).

Esse evento possibilitou a classificação do Brasil para os Jogos Olímpicos de Sidney em 2000. É importante salientarmos que, durante a década de 1990, as experiências com organizações de seleções eram poucas. Segundo Lourenço (2003), sem estruturas adequadas para oferecer às equipes, a CBG acabava “qualificando” o conjunto do clube campeão na categoria adulta para representar o país (LOURENÇO, 2013, p. 48). Ainda de acordo com a autora, compreendemos que, no respectivo período (década de 1990), a treinadora da equipe qualificada para representar o país tinha autonomia para convidar ginastas de outros Estados para compor o grupo. Essa forma de trabalho ocorreu muito com a equipe liderada pela treinadora Elisabeth Laffranchi e, posteriormente, por Barbará Laffranchi na cidade de Londrina, no Paraná, onde muitas ginastas de outros Estados, inclusive do Espírito Santo, residiram durante a carreira de atleta (BATISTA, 2004).

Contudo, especificamente para os Jogos Pan-Americanos de 1999, o Comitê Técnico da CBG, juntamente com a treinadora Barbará Laffranchi, convocou as ginastas que se destacaram no individual para compor a Seleção Brasileira, que se tornou campeã pan-americana e a equipe de base para os Jogos Olímpicos de 2000. A conquista no Pan-Americano deu o direito de o Brasil garantir a vaga do Continente Americano no evento (LOURENÇO, 2003). Esse

foi o início de outras excelentes atuações da Seleção Brasileira de GR nos Jogos Pan-Americanos e, também, nos Jogos Olímpicos. No quadro seguinte (QUADRO 2) é possível ter a dimensão das atuações de sucesso da Seleção Brasileira de GR no cenário internacional.

Quadro 2 - Participações em Jogos Pan-Americanos e Jogos Olímpicos

Ano	Atuações da Seleção Brasileira
2000	Primeira classificação do conjunto do Brasil para os Jogos Olímpicos, o qual foi realizado em Sydney, na Austrália. Leite, Rodrigues e Araújo (2009) ressaltam que, nessa estreia olímpica, as brasileiras conquistaram a vaga na final encerrando a disputa na oitava colocação. O conjunto foi composto pelas ginastas: Alessandra Fererzin Guidugli, Camila Fererzin do Amarante, Dayane Camillo da Silva, Flávia Cristina Faria, Natalia Scherer Eidt e Thalita Santos Nakadomari.
2003	Nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingos, na República Dominicana, o conjunto obteve três medalhas de ouro e, no individual, o 3º lugar na prova de maças com a ginasta Tayanne Mantovaneli, ⁴ a qual se tornou a primeira brasileira a conquistar uma medalha no individual nos Jogos Pan-Americanos. Quanto ao conjunto, por sua vez, foi composto pelas ginastas: Ana Maria Teixeira Maciel, Dayane Camillo da Silva, Fernanda Trotta Cavalieri, Gabriela Maria Andrioli, Natalia Scherer Eidt e Thalita Santos Nakadomari.
2004	Os Jogos Olímpicos de Atenas, na Grécia, marcaram a segunda participação do Brasil na disputa de conjuntos nesse megaevento esportivo. As brasileiras novamente avançaram para as finais na competição por equipes. E, assim como na edição anterior, ficaram na oitava colocação (UNIVERSO ONLINE, 2018). A equipe era constituída pelas atletas: Ana Maria Maciel, Dayane Camillo, Fernanda Cavalieri, Larissa Barata, Jennifer Oliveira e Tayanne Mantovaneli.
2007	Nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, a equipe brasileira repetiu o feito de Santo Domingo e ganhou três medalhas de ouro na competição. Nessa ocasião, o conjunto estava sob o comando da treinadora capixaba Monika Queiroz e constituído pelas ginastas: Daniela Leite, Tayanne Mantovaneli, Luisa Matsuo, Marcela Menezes, Nicole Muller e Natália

⁴ É pertinente destacar que a atleta Tayanne Mantovaneli iniciou a prática da modalidade na cidade de Vila Velha. Nascida em São Paulo, mas filha de um capixaba (RUBIO, 2015), a ginasta colocou os holofotes no Espírito Santo no ano de 2002, durante os Jogos Sul-Americanos, no qual conquistou o bronze em duas provas do individual geral: arco e bola.

	Sanchez. Nas provas individuais, Ana Paula Scheffer ganhou o bronze no aparelho arco.
2008	Na edição dos Jogos Olímpicos de Pequim, na China, a equipe brasileira se apresentou no ritmo de samba e de axé. Infelizmente, as apresentações foram marcadas por erros que culminaram com a última colocação do conjunto verde-amarelo (GLOBO ESPORTE, 2008). A equipe era formada pelas ginastas Daniela Leite, Luana Faro, Luisa Matsuo, Marcela Menezes, Nicole Muller e Tayanne Mantovaneli. A treinadora era Monika Queiroz.
2011	Nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México, sob o comando da treinadora Camila Ferezin, as ginastas Bianca Maia, Dayane Amaral, Débora Falda, Drielly Daltoé, Eliane Sampaio e Luisa Matsuo conquistaram três medalhas de ouro na disputa por equipes. No individual, Angélica Kwieczynski subiria no pódio quatro vezes ao conquistar uma prata e três bronzes. Apesar desse sucesso, o Brasil encerrou o mundial de 2011 em 26º lugar e, assim, ficou fora dos Jogos Olímpicos de 2012.
2015	Na competição de GR dos Jogos Pan-Americanos, realizados em Toronto, no Canadá, o conjunto brasileiro conquistou dois ouros e uma prata. A equipe estava sob o comando da treinadora Camila Ferezin e era composta pelas ginastas: Ana Paula Ribeiro, Beatriz Pomini, Dayane Amaral, Emanuelle Lima, Jéssica Maier e Morgana Gmach. No individual, a ginasta Angélica Kwieczynski conquistou duas medalhas de bronze: uma nas provas de arco e a outra na fita.
2016	Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, o conjunto brasileiro finalizou em 9º posição por equipes, sob o comando da treinadora Camila Ferezin. O conjunto era integrado pelas ginastas: Emanuelle Lima, Francielly Machado, Gabrielle Moraes, Jéssica Maier e Morgana Gmach. Já no individual, a treinadora Monika Queiroz acompanhou a sua ginasta Natália Gaudio que finalizou na 23ª colocação (COI, 2018).
2019	Na edição dos Jogos Pan-Americanos de Lima, o conjunto brasileiro conquistou uma medalha de ouro na prova mista (três arcos e dois pares de maçãs) e duas medalhas de bronze (cinco bolas e conjunto geral). A treinadora da equipe foi Camila Ferezin e as ginastas que compunham o grupo eram: Beatriz Linhares, Camila Rossi, Deborah Medrado, Nicole Pircio e Vitória Guerra. A ginasta Natália Gaudio conquistou a medalha de bronze no individual geral e a ginasta Barbara Domingos conseguiu a prata no aparelho fita (CBG, 2019).

Fonte: Elaborado pela autora.

Pautada nessas significativas participações elencadas, analisamos que, desde 1999, a assiduidade do Brasil nos respectivos eventos é recorrente (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010). Observando os Jogos Pan-Americanos, especificamente as últimas seis edições (1999, 2003, 2007, 2011, 2015, 2019), constatamos que a equipe brasileira participou de todas elas. Ao longo de 20 anos, não teve uma edição do evento na qual o país não tenha conquistado medalhas. Do mesmo modo, desde 2000, a participação do Conjunto Brasileiro nos Jogos Olímpicos também foi recorrente. Apenas nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, a equipe brasileira não esteve presente. Isso reforça a compreensão de que a inserção da modalidade no Brasil, iniciada na década de 1950, deu certo e perpetua até os dias atuais, marcada por significativas atuações.

Além dos resultados obtidos nos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos, a GR brasileira tem participado das demais competições da modalidade no âmbito internacional. De acordo com a CBG (2018), os atuais eventos com participação da GR brasileira são: Copas do Mundo (World Challenge Cup), Campeonato Pan-Americano, Jogos Sul-Americanos e Campeonato Mundial. Os Campeonatos Pan-Americanos e os Jogos Sul-Americanos são os eventos em que a Seleção Brasileira apresenta, constantemente, excelentes resultados.

UMA TRAJETÓRIA DE CONQUISTAS: UM PANORAMA DO PERCUSO DA GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA

Para compreendermos, inicialmente, o caminho histórico da GR capixaba, buscamos auxílio em algumas monografias pioneiras que relatam brevemente, sem muitos aprofundamentos, esse percurso. Após o levantamento bibliográfico nas bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e da Universidade de Vila Velha (UVV), foram elencados três estudos que abordavam a temática. Os trabalhos de conclusão de curso selecionados foram: Marques (1999), Rangel (2000) e Batista (2004). Além disso, contamos com auxílios de matérias de jornais, arquivos da Federação do Espírito Santo de Ginástica (Fesg) e da Biblioteca Estadual de Vitória, que retratavam um pouco da trajetória da modalidade no Estado e suas respectivas conquistas.

Por vista disso, conclui-se que a GR do Espírito Santo teve início no mesmo período da inserção da modalidade no país, mais precisamente no ano de 1953. O seu início ocorreu na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Colégio Liceu Muniz Freire, segundo Batista (2004).

Nos anos de 1950, a prática da GR foi introduzida nos grupos de balizas⁵ escolares com foco nas performances nos desfiles cívicos (RANGEL, 2000), o que contribuiu para que a modalidade se disseminasse no Estado do Espírito Santo. A partir da década de 1960, a GR teve um forte apoio da Ufes, por meio da inserção das

⁵ “Balizas”, grupo de alunas que faziam apresentações de ginástica de solo. Selecionadas dentre as mais flexíveis e habilidosas, faziam piruetas, cambalhotas, demonstravam suas habilidades motoras com bastões, arcos e bolas (SILVA, 2009).

disciplinas de GM e, posteriormente, GRD, além do amparo dado às docentes daquele período para implantação de projetos que contribuíram para a propagação da ginástica (BATISTA, 2004).

Quanto ao âmbito esportivo, Marques (1999), Rangel (2000) e Sartório (2011) retratam uma evolução na prática da GRD, na década de 1980, após a participação da equipe espírito-santense nos JEBs, e pela conquista da primeira medalha de prata em 1987, tendo como treinadora a professora Marzy Perim. Trata-se de um período que marcou uma nova etapa da GR capixaba no âmbito competitivo que adquiriu maior repercussão nas décadas seguintes.

Na década de 1990 o esporte foi se difundindo e, em especial, em 1991 deu um grande passo com a criação da Federação do Espírito Santo de Ginástica (Fesg). Além disso, houve um incremento de incentivos municipais e estaduais, por meio de patrocínios e leis, que foram aprovados na época e que atendiam às necessidades dos atletas de alto rendimento (MARQUES, 1999; RANGEL, 2000; BATISTA, 2004). Desde então, a GR capixaba começou a se destacar com a primeira participação de uma ginasta representando o Brasil em eventos internacionais, como a Copa dos Quatro Continentes, que contou com a participação da ginasta Elise Penedo, que tinha como treinadora Monika Queiroz (BATISTA, 2004). Assim, juntamente com Elise Penedo, outras ginastas, nos anos 1990, tiveram atuações eficientes (MASCHIO, 1997; MARQUES, 1999), aspecto esse que se tornou constante nas décadas seguintes. É pertinente mencionar, que os títulos nacionais citados anteriormente são alusivos aos Campeonatos Brasileiros e os títulos internacionais são referentes aos respectivos eventos: Campeonatos Sul-Americanos, Copa dos Quatro Continentes e Jogos Pan-Americanos.

Com relação aos Jogos Pan-Americanos, especificamente, Batista (2004) faz menção a algumas conquistas que tiveram a participação de capixabas na Seleção Brasileira de GR nos anos de 1999 e de 2003: Juliana Coradine que integrou o conjunto em 1999, na XVIII edição dos Jogos Pan-Americanos, quando o Brasil conquistou a medalha de ouro. Nesse período, de acordo com

Santos, Lourenço e Gaio (2010), o título foi uma forma de comprovar a excelente fase em que a modalidade se encontrava no país. Ademais, contribuiu para que a equipe brasileira conquistasse espaço nas mídias, divulgando assim o esporte.

A segunda ginasta a representar a ginástica capixaba com glória, foi a atleta Tayanne Mantovaneli, que garantiu a terceira colocação no XIV Jogos Pan-Americanos realizados em agosto de 2003, em Santo Domingo, na República Dominicana. Destacamos, que Tayanne Mantovaneli conquistou uma medalha inédita na final do aparelho maçãs e trouxe para as terras capixabas e para o Brasil a primeira medalha de bronze na categoria individual (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Além do êxito nos Jogos Pan-Americanos, Tayanne Mantovaneli também fez história ao se tornar a primeira capixaba a participar dos Jogos Olímpicos, um feito ocorrido na cidade de Atenas, em 2004, na Grécia. Na ocasião, a ginasta compôs a Seleção Brasileira de Conjuntos ao lado das atletas: Ana Maria Maciel, Dayane Camilo, Fernanda Cavaliere, Jeniffer Oliveira e Larissa Barata (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Entretanto, as conquistas e as participações significativas das capixabas no cenário da GR no Brasil não pararam por aí. A partir de 2007, observamos que mais ginastas capixabas atuaram pela seleção de conjunto e individual nos Jogos Pan-Americanos (QUADRO 3).

Quadro 3 - Ginastas capixabas presentes nas edições dos Jogos Pan-Americanos a partir de 2007

Edições dos Jogos Pan-Americanos	Ginastas capixabas presentes
Rio de Janeiro 2007	Tayanne Mantovaneli (conjunto)
Guadalajara 2011	Drielly Daltoé (conjunto) e Natália Gaudio (individual)
Toronto 2015	Emanuelle Lima, Ana Paula Ribeiro (conjunto) e Natália Gaudio (individual)
Lima 2019	Déborah Medrado (conjunto) e Natália Gaudio (individual)

Fonte: Arquivos Fesg.

Além dessas ginastas capixabas mencionadas no (Quadro 3), outras atletas espírito-santenses integraram a Seleção Brasileira de Conjunto em outros eventos, tais como: etapas do Pré-Olímpico em 2010⁶ e Campeonatos Pan-Americanos em 2014, com as ginastas Luíza França e Francielly Machado, respectivamente (SESPORT, 2011; GAZETA ONLINE, 2015), além das ginastas que, por sua vez, tiveram uma passagem rápida pela seleção, Jessica Silveira em 2010 e Carolina Garcia em 2012 (ESTADÃO, 2011; MARQUES, 2012).

Já na Seleção Brasileira individual, tivemos a participação da Natália Gaudio nos Jogos Pan-Americanos de 2011, 2015 e 2019. Por sua vez, outra capixaba que também fez parte da Seleção individual foi a ginasta Emanuelle Lima (CBG, 2014). Manu, como também é conhecida no meio gímnico, iniciou a sua carreira na seleção em 2010, ainda no juvenil e permaneceu até 2014. Ao longo desses quatro anos, a atleta participou do Campeonato Sul-Americano, em 2013, e do Campeonato Pan-Americano, em 2014. Apesar dos bons resultados no individual, Emanuelle Lima foi convidada para compor em 2015 a Seleção de Conjunto. Em virtude dessa mudança, a ginasta teve a oportunidade de integrar a equipe brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016 (CBG, 2015; CBN VITÓRIA, 2016).

Desse modo, ao retomar todas as participações das ginastas capixabas representando o Brasil na GR, foi possível chegar a um total de treze ginastas que já atuaram pela Seleção Brasileira de GR, sendo que duas continuam em atividade, como apresentado no quadro seguinte (QUADRO 4).

⁶ O Brasil não havia se classificado para o Pré-Olímpico, pois ficou em 26º lugar no Campeonato Mundial de Moscou, em 2010, enquanto só os 24 primeiros se classificariam. Entretanto, a Federação de Ginástica da Coreia do Norte, que possuía uma das vagas do Pré-Olímpico, foi banida de todas as competições por dois anos. Essa vaga ficaria com a Geórgia que logrou o 25º lugar no Mundial do ano anterior, mas, com a recusa da Federação Georgiana, o convite foi feito ao Brasil, que o aceitou rapidamente (SESPORT, 2011).

Quadro 4 - Ginastas capixabas que integraram a Seleção Brasileira na categoria adulto

Ano de ingresso	Ginastas	Seleção
1996	Elise Penedo	Conjunto
1997	Elise Penedo e Juliana Coradine	Conjunto
1999	Juliana Coradine	Conjunto
2004	Tayanne Mantovaneli	Conjunto
2005	Ana Paula Ribeiro	Individual
2006	Tayanne Mantovaneli	Conjunto
2011	Drielly Daltoé e Luisa França	Conjunto
2011	Natália Gaudio (<i>ainda em atividade</i>)	Individual
2012	Carolina Garcia	Conjunto
2013	Emanuelle Lima	Individual
2013	Francielly Machado	Conjunto
2015	Ana Paula Ribeiro e Emanuelle Lima	Conjunto
2017	Déborah Medrado Barbosa	Conjunto

Fonte: Elaborado pela autora.

Importante enfatizar, que elencamos o ano de ingresso na categoria adulto, porém algumas ginastas já representavam a Seleção ainda no juvenil. Um exemplo foi a ginasta Elise Penedo (A TRIBUNA, 1995). Além disso, a data exata de término não foi inserida, visto que muitas ginastas encerram um ciclo com a Seleção e depois retornam com contratos curtos para determinadas competições. Assim, inferir uma data exata de término, sem acesso às documentações oficiais da CBG (contratos) e apenas com base nos relatos das ginastas, pode dar margem a conclusões equivocadas. Já o ingresso foi comprovado por documentos da Fesg, CBG e matérias de jornais.

Por fim, um aspecto que chama a atenção é referente aos resultados satisfatórios das ginastas capixabas nos Campeonatos Brasileiros anualmente. Isso demonstra que os responsáveis pela formação das ginastas capixabas trabalham com foco em manter a tradição do Estado do Espírito Santo quanto ao destaque na GR no cenário nacional (CBG, 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca de cumprir os objetivos do estudo e para trilhar o caminho da produção de documentos, os quais foram logrados por meio das entrevistas e, posteriormente, por passagem do depoimento oral para o escrito, arquivamento e uso, optamos pela história oral de caráter híbrido. Segundo Meihy e Ribeiro (2011, p.16), esse tipo de história oral vai “[...] além das entrevistas, além das gravações”, pois promove o entrelaçamento das entrevistas com outros documentos durante as análises.

A história oral ganha destaque por ser um recurso crescente, que permite a apreensão, o registro e a análise de experiências vividas por pessoas e/ou grupos, que por meio de testemunhos, possibilitam a transformação de suas experiências em documentos escritos (MEIHY; HOLANDA, 2013).

Para entendermos melhor a história oral, Alberti (2005) sintetiza que ela pode ser compreendida como um método de pesquisa de caráter histórico, sociológico, antropológico, entre outras áreas, que centra esforços na realização de entrevistas com indivíduos que participaram dos acontecimentos, conjunturas e visões de mundo relativas ao objetivo de estudo como meio de se aproximar do objeto, ou as testemunharam. Corroboramos o pensamento de Alberti (2005, p. 29): “[...] “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”. Uma das características originais da história oral é a capacidade de gerar conhecimentos novos (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Nesse sentido, observamos que se trata de uma abordagem que se propõe ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado, por meio do estudo aprofundado de experiências e versões que são particulares, em busca da

compreensão de aspectos da sociedade e que foram vividos pelos indivíduos da pesquisa.

Além disso, há preocupação de estabelecer relações entre o particular e o geral, as quais ocorrem por meio da análise comparativa dos testemunhos. Torna-se pertinente destacar que a consequência direta desse método é a produção de fontes de consulta para outros estudos e que podem ser reunidas em um acervo público para pesquisadores.

A história oral pode ser empregada em diferentes áreas das ciências humanas e apresenta o potencial de estabelecer relações próximas com categorias como: biografias, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, entre outros (ALBERTI, 2005). Ainda de acordo com Alberti (2005, p.18), “[...] sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar”.

O projeto e, principalmente, os seus procedimentos metodológicos foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, recebendo resposta favorável à sua realização, pelo Parecer nº. 2.899.442, CAAE: 92624518.3.0000.5542.

Concordamos com Meihy e Holanda (2013), supracitados, quando os autores mencionam a complexidade no tratamento entre pesquisador e entrevistado. Há que se estabelecer diálogos que permitam explicitar os procedimentos relativos às entrevistas, tratamento dos dados e divulgação.

Após serem informados sobre o projeto e os procedimentos metodológicos, os colaboradores do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Depois dos procedimentos de entrevista, transcrição, textualização e transcrição, os sujeitos tiveram a oportunidade de suprimir passagens e complementar informações.

O intuito da verificação foi eliminar possíveis constrangimentos inerentes aos resultados do estudo. É pertinente destacar que, após a validação do texto final das entrevistas, os sujeitos assinaram o

Termo de Autorização, como prevê a história oral (MEIHY; HOLANDA, 2011, 2013).

5.1 ENTREVISTAS

Apoiada em Meihy e Ribeiro (2011), compreendemos a entrevista em história oral como um encontro planejado, inserido no contexto de um projeto, o qual é gravado e permite o exercício dialógico composto por perguntas, estímulos e suas respostas. O intuito, segundo os autores, é obter dados informativos que permitam a compreensão de situações por meio de versões diferentes ou desconhecidas de fatos, ocorrências e visões de mundo.

Na abordagem da história oral, dependendo do projeto e dos objetivos do estudo, pode ser pertinente a realização de entrevistas que acompanham a trajetória de vida dos indivíduos da pesquisa ou, diferentemente, podemos voltar as atenções apenas a um período específico da vida do depoente.

Numa situação de entrevista, privilegia-se, é claro, a biografia e a memória do entrevistado; mas, diversamente da autobiografia, a presença e o papel do(s) entrevistador(es) acrescentam-lhe outra(s) biografia(s) e outra(s) memória(s). Assim, as duas partes (entrevistado e entrevistadores) constroem, num momento sincrônico de suas vidas, uma abordagem sobre o passado, condicionada pela relação de entrevista, que se estabelece em função das peculiaridades de cada uma delas (ALBERTI, 2005, p. 23).

Alberti (2005) cita que podemos escolher dois tipos de entrevista na história oral: entrevistas temáticas ou entrevistas de história de vida. No caso de nosso estudo, optamos pela entrevista temática, a qual versa com prioridade na participação do depoente no tema da pesquisa.

Conforme Meihy e Holanda (2013), a história oral temática se aproxima, em certa medida, das entrevistas tradicionais, mas a diferença está em seus procedimentos que não se restringem ao ato da apreensão das entrevistas. Nessa abordagem, há um foco central com o intuito de promover discussões em torno de um assunto e, o

caráter documental, está no cerne desse ramo da história oral, visto que as entrevistas são consideradas como a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro (FGV/CPDOC, 2019).

As entrevistas se pautaram em diretivas conduzidas em forma de conversa, com maior peso e espaço para o relato (ALBERTI, 2005). Assim, é possível desenvolver o papel de ouvinte e, também, conduzir a conversa. Seguindo os preceitos de Meihy e Ribeiro (2011), primamos por valorizar o conceito de colaboração dos indivíduos da pesquisa, pois o papel deles vai além de fornecer e transmitir informações/dados e testemunhos. Por isso, a escolha dos colaboradores é essencial, devido ao fato de que o caráter testemunhal exige qualificação de quem se entrevista (MEIHY; HOLANDA, 2013).

As entrevistas foram conduzidas pela própria pesquisadora por diferentes meios: encontros pessoais, ligações via celular e uso da ferramenta de chamada de voz do aplicativo WhatsApp®. Entretanto é importante ressaltar que a maior parte das entrevistas foi realizada por meio dos encontros pessoais na residência ou no local de trabalho dos respectivos colaboradores. Assim, tivemos um total de 20 depoentes, sendo 12 entrevistados pessoalmente e os outros 7 colaboradores entrevistados via ligação de celular e chamadas de voz pelo WhatsApp®.

Para apoiar o desenvolvimento das entrevistas, recorremos ao roteiro geral e individual (ALBERTI, 2005). O roteiro geral permitiu que questões levantadas na pesquisa de fontes primárias e secundárias fossem organizadas com o intuito de catalisar a obtenção de dados e também subsidiar a elaboração dos roteiros individuais. Esse instrumento possuiu tópicos que foram abordados na intervenção em campo, o que garantiu uma unidade relativa do material que foi produzido com as diferentes entrevistas. Para o roteiro geral, foram elaborados os seguintes temas geradores:

- primeira lembrança/contato com a GR;
- primeiro trabalho/atuação com a modalidade;

- principais influências;
- locais de atuação;
- contribuição para o esporte;
- apoio do Estado;
- um marco;
- desafios;
- conquistas;
- encerramento.

No roteiro individual, informações biográficas, assim como a relação do indivíduo da pesquisa com o tema do estudo nortearam a elaboração de questionamentos particulares. Fotografias, diários, cartas, documentos e publicações apoiaram a elaboração do roteiro individual.

Ressaltamos que os roteiros serviram para orientar e auxiliar o pesquisador no momento da entrevista. Portanto, não devem ser compreendidos como um instrumento de perguntas prontas que necessitam ser respondidas à risca, como em uma entrevista jornalística (ALBERTI, 2005). Buscamos, por meio desse recurso, estimular os indivíduos do estudo.

Ainda no que concerne às entrevistas, recorreremos ao caderno de campo para registrar as reações dos depoentes durante a exposição dos fatos, as interrupções, os silêncios, entre outros. Também anotamos as nossas ideias e impressões. Ademais, no caderno de campo, registramos observações inerentes à relação com os indivíduos do estudo, desde o primeiro contato/convite até o relacionamento com eles durante o processo de transcrição das entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2013). É pertinente destacar que o caderno de campo pode facilitar o tratamento e a compreensão do depoimento no momento de análise (ALBERTI, 2005).

As entrevistas foram conduzidas de acordo com a escolha do colaborador, com o objetivo de primar pelo conforto. Assim, alguns optaram por realizar a entrevista na própria residência, outros no local de trabalho, no centro de treinamento e alguns colaboradores utilizaram ligação, visto que moravam em outras cidades e até

mesmo em outros Estados, como São Paulo e Mato Grosso. As entrevistas ocorreram em locais silenciosos, tendo como tempo médio duas horas.

5.2 COLABORADORES

Segundo Meihy e Holanda (2013), para a realização de um estudo em história oral, é primordial a existência de um grupo de indivíduos a serem entrevistados e que justifiquem as razões de suas escolhas.

Nesse sentido, a participação dos colaboradores na pesquisa ocorreu com base no pioneirismo dos indivíduos. Assim, buscamos entrevistar, desde as primeiras pessoas responsáveis pela inserção da GR no Estado, até os indivíduos que na atualidade desenvolvem um trabalho significativo direcionado para o desenvolvimento desse esporte.

Destacamos que optamos por iniciar as entrevistas com as pioneiras, pois eles possuíam o potencial de elencar outros colaboradores que seriam pertinentes para a pesquisa. Alberti (2005) expõe que a escolha dos colaboradores é orientada pelos objetivos do estudo. Ressaltamos que, segundo a autora, a escolha dos colaboradores não deve se pautar em aspectos quantitativos, ou seja, com uma preocupação no que tange a amostragens. Há que se partir da posição do entrevistado no grupo e do significado de sua experiência. Assim, convém selecionar aqueles que participaram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências/situações relativas ao tema e que apresentam potencial para fornecer depoimentos que são significativos. A seleção realizada para o presente estudo partiu da divisão de cinco grupos: pioneiras, ginastas, treinadores, dirigentes e equipe multidisciplinar, o que está apresentado no quadro a seguir (QUADRO 5).

Quadro 5- Colaboradores do estudo

Grupos	Colaboradores
Pioneiras	Geny Curcio Marzy Perim Monika Queiroz
Ginastas	Ana Paula Ribeiro Deise Cristina Costa Elise Penedo Francielly Machado Gizela Batista Natália Gaudio Rafaela Fávero Tayanne Mantovaneli
Treinadores	Ana Cristina Médici Flávio Barroca Maria Angela Tardin Vanusa Albuquerque
Dirigentes	Dalza Batista Luiz Curcio Sônia Cristina Costa
Equipe multidisciplinar	Joseane Freire Mauro Guerra

Fonte: Elaborado pela autora.

Para as divisões dos grupos, seguimos alguns critérios quanto ao processo de seleção. Desse modo, para o grupo das pioneiras, foram tidos como critério os resultados de trabalhos monográficos elencados, por meio de um levantamento bibliográfico, nas seguintes bibliotecas: setorial e central da Ufes e biblioteca central da UVV, que pronunciaram as principais responsáveis pelo início da modalidade no Estado. Por sua vez, o pioneirismo se deu nos trabalhos realizados nas escolas e universidades e também no âmbito do alto rendimento.

Já para a seleção do grupo das ginastas, a escolha ocorreu com base nas atletas de diferentes gerações que tiveram destaque durante a carreira. Também nos pautamos nas participações e conquistas pioneiras em alguns eventos importantes para a disseminação e

consolidação do esporte capixaba. Quanto ao período dado como ponto de partida para a seleção das ginastas, foi a partir do ano de 1986, quando a GR capixaba conquistou o segundo lugar no JEBs, até o ano de 2018, com a participação de uma ginasta capixaba em Campeonatos Internacionais pela Seleção Individual.

Os treinadores foram elencados pelo tempo de atuação. Assim, optamos pelos treinadores que trabalharam com a modalidade desde a década de 1990. São os que presenciaram a evolução da GR capixaba. Importante salientar que, além dos treinadores que atuam ou atuaram com o alto rendimento, optamos também por aqueles que se dedicaram ao âmbito escolar e aos projetos sociais.

Os dirigentes foram selecionados de acordo com os trabalhos realizados na Fesg no cargo de presidente(a). Os pontos de destaque foram o pioneirismo, tempo de atuação e representação atual. Por fim, para a escolha da equipe multidisciplinar, o ponto de partida foi dado com base nos primeiros profissionais que atuaram na GR, os quais advindos de outras áreas de formação que, por sua vez, contribuíram para um trabalho mais completo da GR capixaba, quando ainda estava em processo de estruturação, principalmente, voltado aos trabalhos de alto rendimento.

Conforme Alberti (2005), no processo de elaboração do projeto, torna-se tarefa difícil definir quantos colaboradores serão necessários para garantir o resultado da pesquisa. Sabemos que quanto mais entrevistas forem realizadas, mais fidedigno será o material resultante do estudo. Assim, a decisão de manter ou incluir mais sujeitos se configura na medida em que os dados vão sendo obtidos e ocorre o ponto de saturação. Compreendemos que não é possível apreender o real tal como ele é; apesar disso, insistimos em obter uma aproximação cada vez mais acurada entre os dados, para aumentar qualitativa e quantitativamente nosso conhecimento.

A partir dessa perspectiva supracitada, ressaltamos que, durante o trabalho de campo, novos indivíduos foram indicados ao longo das entrevistas. Alberti (2005) pontua que no processo de obtenção dos depoimentos, um dos indivíduos da pesquisa pode destacar um

terceiro, cujo depoimento possa vir a ser fundamental. Da mesma forma, o estudo detalhado de documentos no desenvolvimento da pesquisa desvelou o envolvimento de outras pessoas.

Assim, trabalhamos com um total de 20 indivíduos. Inicialmente, foram selecionados apenas 12 colaboradores que, no decorrer das entrevistas, indicaram outros colaboradores no que tange a participação e contribuição na história da GR capixaba. Corroboramos as assertivas de Meihy e Holanda (2013), lembrando, que o compromisso básico de um projeto de história oral é devolver os resultados do estudo para os colaboradores, assim como para a comunidade que instigou a realização, com o propósito de cumprir o papel social da pesquisa.

5.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

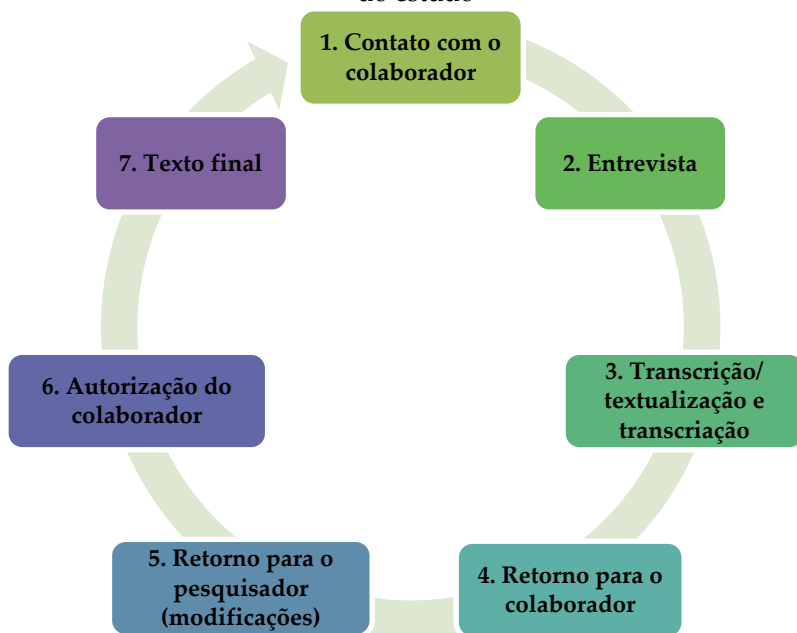
Cientes de que as entrevistas são relevantes, Meihy e Holanda (2013) ressaltam que, mais do que elas, individualmente, as (inter)relações com o geral são primordiais em estudos de história oral.

Na busca de uma memória coletiva, há que se ter o cuidado de tratar o que é específico, individual, mas sem se abster de explicação no coletivo. E, muitas vezes, nas vozes dissonantes do olhar plural que se justifica a realização de um projeto de história oral. Portanto, há que se enfeixar os relatos em busca de fatores que se repetem e que podem auxiliar na compreensão dessa memória coletiva acerca do objeto de estudo. No entanto, o respeito à experiência individual deve ser observado em sua unidade (MEIHY; HOLANDA, 2013).

Os dados da pesquisa, oriundos de uma documentação viva, demandam a passagem do oral para o escrito. Nessa direção, assumimos a transcrição com o intuito de aproximar o sentido e a intenção original que o colaborador deseja comunicar (MEIHY; HOLANDA, 2013). Da mesma forma que uma tradução não se opera pela simples transcrição, isso também ocorre na história oral. É, então, necessário incorporar o indizível (gestos, emoções e silêncios).

Destacamos que o documento resultante de cada entrevista, após as etapas de transcrição, textualização e transcrição, foi remetido ao colaborador para que ele se reconhecesse no texto durante o ato de conferência e, posteriormente, apresentasse a validação e autorização. Nesse momento, os indivíduos da pesquisa puderam eliminar trechos que julgaram comprometedores e também complementaram as informações relatadas nas entrevistas. Para exemplificar o caminho metodológico, apresentaremos um organograma circular resumindo tais etapas (FIGURA 3).

Figura 3 - Organograma circular apresentando as etapas metodológicas do estudo



Fonte: Elaborado pela autora.

Assinadas as autorizações, realizamos o cruzamento das informações com o objetivo de estabelecer vínculos entre os discursos com o fim de confrontar e/ou complementar os dados. Para efeito de estruturação, fichamos e organizamos os assuntos emergentes em categorias baseadas nos roteiros que orientaram as intervenções em

campo. Os recortes dos discursos foram identificados com o nome e a página do texto final de sua entrevista. Por conseguinte, a análise e a discussão dos dados foram fundamentadas na literatura da área, tendo em vista estabelecer relações, discordar, confirmar e favorecer a reflexão sobre a temática da pesquisa. Após as etapas apresentadas, a análise se deu com base nas coletas realizadas por meio dos depoimentos dos colaboradores e, também, por meio dos documentos cedidos (fotografias, matérias de jornais, certificados entre outros), além das anotações do caderno de campo.

No decorrer do processo de análise, foi feito um cruzamento desses dados e, a partir disso, foi possível elencar os temas para serem discutidos de acordo com a literatura, na busca de possibilitar reflexões quanto aos principais aspectos que colaboraram para a construção da história da GR capixaba. Após elencar esses temas, fizemos os recortes dos depoimentos de acordo com cada temática. Os relatos foram fichados e organizados com o intuito de facilitar o processo de análise e discussão das categorias conforme a literatura.

Quanto às discussões dessas categorias, seguimos como princípio a cronologia dos momentos importantes que foram necessários para a consolidação da GR capixaba, partindo dos trabalhos iniciais dos protagonistas até o atual cenário da modalidade.

A análise dos dados foi realizada por meio do método comparativo, que é utilizado principalmente nas ciências sociais, que tem como objetivo investigar coisas, fatos e explicá-los por meio de suas semelhanças e diferenças (FACHIN, 2001). Assim, será realizada uma análise correlacionando pontos importantes que emergiram ao longo do estudo, fazendo uso das falas dos colaboradores que dialogam com os temas destacados para uma breve reflexão apoiada na literatura. Por fim, foi elencado um total de dez temas para discussão que serão abordados no capítulo “Entrelaçando Histórias”, seguindo a ordem apresentada nos tópicos a seguir:

• **A influência das professoras europeias e suas discípulas para a Ginástica Rítmica capixaba** (aborda a vinda das professoras

européias para o Brasil e, conseqüentemente, a vinda de Ilona Peuker e suas alunas para o Espírito Santo para ministrar cursos);

- **As professoras pioneiras da Ginástica Rítmica no Espírito Santo** (faz menção do trabalho de Geny Curcio, Marzy Perim e Monika Queiroz);

- **O comprometimento das universidades capixabas com a Ginástica Rítmica** (Aborda as contribuições da Ufes e da UVV para a GR capixaba);

- **A inserção da Ginástica Rítmica nas escolas capixabas: desafios e possibilidades** (ênfatisa o trabalho das professoras e treinadoras de GR no âmbito escolar tanto no aspecto competitivo quanto no educativo);

- **Trajetória e competência da Federação do Espírito Santo de Ginástica** (relata a criação da Fesg, fundadores, presidentes e a sua importância para o crescimento da GR);

- **Leis, projetos e programas de incentivo: um amparo para a Ginástica Rítmica capixaba** (elencas as principais leis e projetos que foram responsáveis por apoiar a GR de alto rendimento e que contribuíram para a massificação da modalidade);

- **Monika Queiroz e seu aporte para a Ginástica Rítmica capixaba de alto rendimento** (retrata o percurso de Monika Queiroz, as conquistas e influências da treinadora para o fortalecimento do esporte no Estado);

- **As significações do apoio familiar** (elencas pontos importantes quanto ao apoio da família e suas contribuições para o fortalecimento da GR capixaba);

- **Contribuições de um trabalho multidisciplinar** (anuncia os primeiros profissionais de outras áreas que atuaram com a GR e o impacto que teve esse trabalho em equipe);

- **As vozes das ginastas capixabas: desafios e conquistas no esporte de alto rendimento** (ênfatisa a representatividade das ginastas entrevistadas na GR capixaba, anunciando seus desafios e conquistas ao longo da carreira esportiva).

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS

6.1 A INFLUÊNCIA DAS PROFESSORAS EUROPEIAS E SUAS DISCÍPULAS PARA A GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA

A GR teve suas bases na GM. O seu início se deu na Europa Central, nos primórdios do século XX (LANGLADE; LANGLADE, 1970). De acordo com Saur (1970), os princípios básicos da GR foram fundamentados por volta do ano de 1920, após a Primeira Guerra Mundial. A partir desse período, encontrou afirmação em diversos setores, como: educacional, médico, psicológico, filosófico, social, musical e artístico.

Nesse contexto histórico, os princípios da atual GR foram estabelecidos por Rudolf Bode, que promoveu a formação de tantos outros representantes que, em sua maioria, pertenciam à Alemanha. Eles foram responsáveis por disseminar os princípios da GM por toda a Europa (SAUR, 1970; ALVES, 2018).

Ainda dialogando com Alves (2018), é possível compreender que os métodos ginásticos, mais populares na Europa, se efetivaram por movimentos ginásticos nas regiões do Oeste, Norte e na Região Central, os quais foram inicialmente dirigidos aos homens e secundarizados quanto à participação das mulheres. Entretanto, alguns precursores iniciaram uma reformulação dessas práticas com o intuito de contemplar a participação feminina.

Dessa forma, surgiram os princípios da GM, que contaram com as influências de vários estudiosos que contribuíram com aspectos ligados à música, dança, artes cênicas, dentre outros. Todavia, muitos autores consideram como o grande fomentador da modalidade, o professor alemão Rudolf Bode. Posteriormente, outros estudiosos vão dando sequência à evolução da modalidade,

como Henrich Medau, que foi responsável por inserir os aparelhos manuais (ALVES, 2018).

Destacando-se como o inovador que “aparelhou” a ginástica feminina aparece Henrich Medau, que realiza a introdução dos aparelhos por volta dos anos 1920. A expressividade e dramatização dos gestos ginásticos ficam a cargo de Delsarte. Rudolf Bode foi o precursor que cria a vinculação do movimento da ginástica com a expressividade artística do seu antecessor. Por último, a Eurritmia de Dalcroze dá o toque final com a junção da expressividade do movimento orgânico, feminino, dramático, devidamente aparelhado ao ritmo musical (ALVES, 2018, p. 124).

Desse modo, a GM ganha popularidade, sendo disseminada em outros continentes, até chegar ao Brasil, onde foi nomeada de Ginástica Feminina Moderna (GFM) de acordo com Peuker (1974). Essa inserção do termo “feminina” se deu pelo fato de a prática ser realizada exclusivamente por mulheres, todavia a terminologia não era oficialmente reconhecida pela FIG (ALVES, 2018).

A chegada da modalidade no país ocorreu na década de 1950, por intermédio das professoras europeias Margareth Fröhlich e Ilona Peuker, que vivenciaram esse movimento renovador na ginástica nas primeiras décadas do século XX (CRAUSE, 1985; ALVES 2018).

Inicialmente, a professora Margareth Fröhlich foi a responsável pela primeira aparição da modalidade no país por meio do III Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico no Estado de São Paulo⁷, em 1953 (FIGURA 4). A docente deu sequência ao trabalho, ao estar presente também no ano de 1954 na IV edição do evento (NATIVIDADE, 2010). A professora Margareth, de acordo com Alves (2018), foi uma figura importante no processo de consolidação da modalidade, visto que, em 1952, ano que antecedeu sua vinda ao Brasil, ela participou do I Congresso da Liga Internacional de GM durante os Jogos Olímpicos de Helsinki. Na ocasião, representou a

⁷ De acordo com Alves (2018), os cursos de aperfeiçoamento pedagógico foram iniciados em 1951 em Santos, sob a direção do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. Eram repetidos anualmente até 1961.

escola austríaca ao lado de Henrich Medau Schule, da escola dinamarquesa, e também, ao lado das estudiosas Hilma Jalkanen, Karina Karl, Bertha Reiko, finlandesas que tinham como um dos seus objetivos tornar a GM o mais distante possível da ginástica masculina, agregando sempre a graça, harmonia e a beleza dos movimentos femininos (MARINHO, *apud* ALVES, 2018, p. 27).

Figura 4 - Medalha de participação da professora Geny Curcio no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico no Estado de São Paulo, 1953



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse mesmo período, tivemos a contribuição da húngara Ilona Peuker que atuou inicialmente no Estado do Rio de Janeiro. Ilona Peuker, antes de sua atuação no Brasil, realizou diversos cursos de formação de professores e aperfeiçoamento de ginastas promovidos pela União Austríaca de Ginástica e Esporte (*Österreichische Sport und Turn Union*) (FROSSARD, 2018). Além disso, a professora participou de outros cursos realizados em outros países da Europa, principalmente, os que aconteciam na Alemanha ministrados pelos grandes nomes responsáveis pela constituição da GM.

Ilona Peuker foi aluna do Professor Jaques-Dalcroze (em Hellerau, na Alemanha, em 1937), do Professor Rudolf Laban (em Budapeste, Hungria, em 1937), do Professor Rudolf Bode (em Linz, na Áustria, em 1951), do curso do Professor Ernst Idla (em Macolin, na Suíça, em 1951) e do Professor Medau, na famosa Medau Schule que ocupa o Palácio Hohenfels, em Coburgo, na Alemanha. Desses notáveis transformadores, absorveu o seu vasto

conhecimento sobre o movimento, o que lhe deu condições de desenvolver uma escola própria de movimento, que tinha por base a união da Rítmica de Dalcroze, dos Movimentos Naturais de Isadora Duncan e dos Ondulantes de Bode e Idla (FROSSARD, 2018, p. 2).

Assim, fica evidente que o Brasil foi um país privilegiado por ter, como principais disseminadoras da GM, professoras altamente qualificadas e que, por sua vez, tiveram um contato direto com os professores responsáveis pela consolidação da modalidade. Nas narrativas das professoras Geny Curcio, Marzy Perim e Monika Queiroz (2018), é possível analisar a influência das professoras europeias no desenvolvimento inicial da GR brasileira e, conseqüentemente, da GR capixaba, visto que, por meio dos cursos ministrados por Margareth e Ilona, as professoras capixabas tomaram conhecimento da modalidade.

A professora Geny Curcio (2018), precursora capixaba quanto à participação nesses cursos, assim se manifestou: “Então, eu fiz o curso de GFM com a Ilona Peuker, uma húngara que veio morar no Brasil. Realizei vários cursos com a Ilona”. Em outro momento de seu relato, a professora menciona os anos que participou dos cursos que eram organizados pelo Departamento de Esporte do Estado de São Paulo, enfatizando suas experiências ao lado da austríaca Margareth Frolich. A professora Geny expressa entusiasmo ao lembrar que o curso contava com muitos professores qualificados, vindos principalmente da Europa, o que fortaleceu a sua presença juntamente com outras professoras de Educação Física dos demais Estados do Brasil: “Esses cursos em São Paulo eram maravilhosos! Muitos professores bons que vinham da Europa. Nessa foto (FIGURA 5), sou eu e mais duas colegas em São Paulo”.

E, além desses cursos, eu fiz também em São Paulo os cursos da Escola de Educação Física de São Paulo, o qual era ministrado pelos professores da Europa, isso geralmente era no período de férias. Recordo-me desses cursos nos anos de 1953, 1954 e 1958. Esses cursos, em São Paulo, eram de quinze dias, onde se reunia professores do Brasil todo. Então, eram mais de mil alunos reunidos ali. Nós tínhamos cursos de esporte, ginástica, dança e outros conteúdos que fazem parte da Educação Física. O curso era maravilhoso! E foi

nesse período que eu fiz aulas com a professora Margareth Frolich que ela era Alemã (GENY CURCIO, 2018).

Figura 5 - Professora Geny Curcio (no meio) e duas amigas durante o Curso de Especialização na cidade de São Paulo, 1954



Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo Alves (2018), mediante análise documental da Associação dos Professores de Educação Física do Estado de São Paulo (Apef) de 1958, o VI Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico de Educação Física, realizado na cidade de Santos, ocorreu no período de 13 a 26 de julho e contou com 293 inscrições realizadas. Essa edição do curso, por sua vez, não contou com a professora Margareth, mas estiveram presentes professores que estudaram com ela durante suas passagens em São Paulo. Dentre os professores que ministraram as aulas, estava Erica Saur que, nas edições passadas, auxiliou a professora Margareth.

Além disso, Alves (2018) aponta outras edições que tiveram a participação de Erica Saur para ministrar os cursos da GFM,

especificamente no Estado de São Paulo, como no ano de 1957, durante a V edição do evento, além dos cursos ministrados com frequência ao lado de Ilona Peuker nos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Sendo assim, quando nos remetemos às grandes influências para a consolidação da GFM, concordamos com a afirmação de Alves (2018), que ocorreu por intermédio das três professoras: Margareth Frolich, Ilona Peuker e a brasileira Erica Saur.

Geny Curcio também aborda em sua narrativa, que os cursos realizados com a professora Ilona Peuker, especificamente, se tornaram mais recorrentes, o que se justifica pelo fato de a professora ter se radicado no Brasil. De acordo com Frossard (2019), Ilona Peuker foi reconhecida como a grande responsável pela ascensão da GFM no país. A professora Margareth Frolich ministrou os primeiros cursos de GM, entretanto, é válido pontuar que quem assumiu o papel de principal disseminadora da modalidade foi Ilona Peuker que, por sua vez, desenvolveu o seu trabalho com maior ênfase na cidade do Rio de Janeiro (CRAUSE, 1985; BERNADES, 2010).

O título de principal disseminadora da modalidade, se deu devido ao trabalho de divulgação que ocorreu por meio de cursos ministrados em diversas cidades de norte a sul do país (CRAUSE, 1985, p. 5). Ilona Peuker também se diferenciava na forma de trabalhar. Segundo Crause (1985) e Bernardes (2010), Dona Ilona era conhecida pelo seu trabalho altamente criativo e inovador. Essa professora chegou a desenvolver trabalhos com materiais ligados ao folclore brasileiro, como: pandeiros, cocos, agogôs e reco-recos. A junção simultânea desses ritmos diversificados era desenvolvida de forma alternada com o acompanhamento musical do piano (CRAUSE, 1985; BERNARDES, 2010; ALVES, 2018). Dessa forma, Ilona Peuker adquiriu a liberdade de um trabalho que não estivesse associado apenas aos aparelhos tradicionais. Essa afirmação fica evidente na fala da professora Geny Curcio (2018), em seu depoimento:

Todo esse aprendizado com elas agregou muito para mim. A Ilona durante os cursos tinha uma assistente, até tenho fotografia dela aí, vou te mostrar. E a

Margareth me colocou em um dos cursos como guia [risos]. Diante dessas experiências, eu posso dizer que eu descobri uma ginástica livre, uma ginástica com música, né! Uma ginástica marcada. E eu passei a utilizar o tamborim que eu conheci com a Ilona. Eu marcava o ritmo com o tamborim, ia marcando, ia fazendo o exercício e marcando, ou então com o auxílio do piano.

Nos relatos de Geny Curcio fica evidente, que essa ginástica livre ensinada por Ilona veio a ser uma descoberta que contribuiu para que Geny adquirisse técnicas e formas alternativas de trabalho com novos materiais e uma nova percepção, que foram obtidos principalmente pela sua aproximação com a Ilona Peuker.

Assim, pautando-se nas contribuições das professoras Margareth e Ilona, é perceptível analisar *a priori*, que elas foram as principais influenciadoras para o ingresso dessa nova influência no Estado do Espírito Santo. Os conhecimentos que a professora Geny Curcio adquiriu nesses cursos ministrados para professores de Educação Física na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo, na década de 1950, foram transmitidos para seus futuros alunos, tanto no âmbito escolar quanto no universitário, possibilitando-lhe uma maior notoriedade no Estado. Ela foi a pioneira quanto ao trabalho de propagar a nova modalidade em terras capixabas (MARQUES, 1999; BATISTA, 2004). Essa afirmação também é reforçada pela própria Geny Curcio (2018).

Além da Ilona e da Margareth, tinha também a Erica Saur, eu lembro dela também. A Erica Saur era professora da Escola Nacional de Educação Física, onde eu fiz GR. Ela também fez curso na Europa. E eu cheguei a fazer cursos com a Erica também [...]. E a Erica era brasileira, ela era do Paraná. Agora, eu posso afirmar que aqui, no Espírito Santo, quem lançou essa ginástica fui eu, né?

Além de reforçar ser percussora da GFM no Espírito Santo, Geny Curcio destaca o papel da professora Erica Saur que é frequentemente citada em suas falas. Ela é reverenciada quanto ao trabalho com GFM que desenvolveu no Brasil sob orientação e influência das professoras europeias. Erica foi a primeira a se aprofundar no aprendizado e ensino teórico-prático da GFM. Assim

como Geny Curcio, Erica Saur teve uma aproximação direta com as professoras Margareth Fröhlich e Ilona Peuker.

A professora Erica Saur atuou na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (Enefd) da Universidade do Brasil, tornou-se uma estudiosa na área e realizou diversos cursos de especialização na Alemanha (CRAUSE, 1985). A partir desses cursos, Erica foi assimilando essas novas influências e se dedicou à modalidade. Era reconhecida, principalmente, pela disseminação da modalidade no âmbito educacional, devido à sua grande contribuição na área escolar e acadêmica (CRAUSE, 1985). “Essa foto é lembrança de um curso com a professora Érica Saur (FIGURA 6). Eu acho que fiz dois cursos com a Érica. Um ocorreu no Rio e o outro, infelizmente, eu não me recordo onde. Agora, esse curso aí da foto, nós fizemos no clube do América” (GENY CURCIO, 2018).

Figura 6 - Curso de Ginástica Moderna com a professora Erica Saur em 1956



Nota: Erica com o arco levantado e Geny Curcio com o arco abaixado.

Fonte: Arquivo pessoal.

Geny Curcio enfatiza que essas professoras, além dos cursos ministrados, também foram responsáveis pelos primeiros materiais didáticos voltados para GFM. A professora afirma que adquiriu livros de Ilona Peuker, de Erica Saur e materiais que eram conseguidos nos cursos de formação da professora Margareth Fröhlich, em São Paulo. Durante a entrevista, Geny Curcio exibiu livros como: *Ginástica Rítmica Escolar* da Erica Saur (1970), *Ginástica Moderna sem aparelhos* da Ilona Peuker (1974). “[...] Durante o período que me dedicava aos cursos, eu aproveitava para adquirir materiais, por exemplo, livros. Tenho obras que adquiri da Ilona no Rio de Janeiro e no curso da Margareth, em São Paulo. E, tem da Érica também” (GENY CURCIO, 2018).

Com base nos resultados das análises documentais realizadas por Alves (2018), notamos que os relatos de Geny Curcio, quanto à disposição dos materiais didáticos durante os cursos, têm coerência, pois, no ano de 1958, durante o curso organizado pela Apef de São Paulo, apostilas com conteúdo da GFM, extraídas de teses, eram distribuídas para os congressistas. Além disso, em 1981, de acordo com Alves (2018), os livros mencionados por Geny Curcio ainda se faziam presentes durante o encontro de professores de Educação Física realizado no Estado do Guanabara “No evento, também foi colocado à disposição para venda os livros de Ilona Peuker, *Ginástica Moderna sem Aparelhos*, e de Erica Saur, *Ginástica Rítmica Escolar*” (ALVES, 2018, p.115).

Por sua vez, a aproximação de Geny Curcio foi muito além do uso dos materiais didáticos. Ela vivenciou de forma intensa a aproximação com essas professoras disseminadoras, principalmente, quando falamos de Ilona Peuker que, por algumas vezes, esteve presente no Espírito Santo para ministrar cursos (FIGURAS 7 e 8) e realizar demonstrações, especificamente, nas cidades de Vitória e Cachoeiro de Itapemirim. Esses cursos ocorreram nos anos de 1956 e 1957, com o nome de Curso para Professores de Educação Física, pelo Serviço de Educação Física do Ministério da Educação (MEC) (FROSSARD, 2018). Pautados nisso,

é possível visualizar a importante contribuição que a professora Ilona teve para a formação dos professores capixabas: “Nesse período, eu trouxe a Ilona em Vitória. Ela passou quinze dias dando aula lá no Saldanha e, na sequência, aproveitei para levá-la em Cachoeiro. Lá a Ilona também ficou quinze dias dando aula e no final ela fez demonstração na praça pública de Cachoeiro” (GENY CURCIO, 2018).

Figura 7 - Curso de Ginástica Moderna com a professora Ilona Peuker.
Cachoeiro de Itapemirim/ES, 1956



Nota: Ingrid Wuebcken, de roupa clara, e Ilona Peuker, à direita, durante aula do curso.

Fonte: Site Ilona Peuker.

Figura 8- Curso ministrado pela professora Ilona Peuker. Vitória/ ES, 1956



Fonte: Ingeborg Crause.

Durante esses cursos e demonstrações, a professora Ilona Peuker já contava com a contribuição de suas alunas que integravam o grupo criado por ela. Um grupo pioneiro na divulgação da GFM. Ilona Peuker deu o nome de Grupo Unido de Ginastas (GUG) (BERNARDES, 2010). Esse grupo teve um importante papel para a massificação da modalidade em território nacional, pois várias das integrantes do grupo se tornaram grandes propagadoras, levando a prática para diversos Estados brasileiros.

De acordo com Bernardes (2010), a tradição de ministrar os cursos de GFM já vinha sendo realizada pela professora Ilona desde 1953. Em paralelo, aconteciam também as apresentações do GUG, que começou com as demonstrações em 1954, entretanto se formalizou em 1956. Já os campeonatos foram iniciados em 1957.

Os trabalhos, tanto no âmbito competitivo quanto na performance artística, perduraram até 1975, ano em que Ilona encerrou suas atividades com o grupo após anos de dedicação, os quais renderam um total de 210 demonstrações do GUG no Brasil e no exterior (FROSSARD, 2018).

O grupo era formado pelas alunas da professora Ilona Peuker que mais se destacavam durante as aulas que eram ministradas na época (GARCIA; MARCONATO, 2005, ALVES, 2019). É pertinente destacar que além de atuar na Enefd, no Rio de Janeiro, Ilona Peuker ministrou aulas da modalidade no Colégio Bennett, de 1954 até 1968, e no Clube Sírio Libanês, entre 1969 e 1975 (FROSSARD, 2018). As aulas do GUG ocorreram na Enefd entre os anos de 1953 e 1955.

A inserção da professora na Enefd ocorreu por meio de um convite feito pelo diretor da Faculdade, Sr. Alberto Latorre. E, durante o período em que lecionou na instituição, ela selecionou algumas alunas para iniciar um trabalho de alta performance no GUG (FROSSARD, 2018). A partir dessa seleção feita por Ilona é que surgiram as ginastas pioneiras da GR no Brasil. São elas: Dagmar, Francisca Patrony, Maria Emília Brandão, Maria das Graças Meninéia, Mary Fukuy, Sílvia, Stella Maria Dória de Araújo Bastos, Regina Gontijo Theodoro, Ruth Cavalieri e Yvonne de Araújo Costa (FROSSARD, 2018). A treinadora Monika Queiroz traz em sua narrativa o papel importante que as integrantes do GUG tiveram para a propagação da modalidade no país:

No Rio de Janeiro tinha um grupo chamado GUG, Grupo Unido de Ginastas, e as professoras do GUG, elas foram professoras multiplicadoras em todo Brasil. [...] a gente ia muito ao Rio de Janeiro e até em São Paulo de ônibus para estagiar com a Erica, Daisy, Maria Elisa e a Dona Ilona mesmo. Eu cheguei a pegar, ainda, a Geisa Bernardes também, que era muito forte. Esses cursos a que me refiro aconteceram, em 80 até 85, por aí (MONIKA QUEIROZ, 2018).

A própria Ilona Peuker mencionou em sua obra *Ginástica Moderna sem Aparelhos* (1974), afirmações que remetem à contribuição das suas alunas integrantes do GUG para a massificação da modalidade. A professora Ilona dedica o

reconhecimento que teve como professora de GM ao seu grupo, cujo êxito é de conhecimento de todo o Brasil (PEUKER, 1974). Ilona Peuker refere-se às suas alunas como *guguistas* e esclarece que a dedicação das integrantes do GUG lhe permitiu continuar a segunda fase profissional de sua vida com mais amor, força e dedicação, visto que a primeira fase se iniciou na Europa. Dentre tais agradecimentos, Ilona Peuker menciona Dayse Barros como uma das alunas que se tornou amiga e companheira. Ilona afirma que houve uma valiosa colaboração de Dayse Barros durante sua jornada (FROSSARD, 2018).

Dayse Barros, por sua vez, foi mencionada pelas professoras colaboradoras do estudo Geny Curcio, Marzy Perim, Monika Queiroz, Maria Angela e Sônia Cristina, como uma das ex-guguistas que desempenhou com primor o trabalho de propagação da modalidade em vários Estados brasileiros. De acordo com a literatura, Daisy Barros foi a primeira ginasta brasileira a participar de um Campeonato Mundial individual em Copenhagen, no ano de 1967. Já em 1973, na cidade de Roterdã, foi a estreia do Brasil em um Campeonato Mundial no conjunto e Daisy Barros também estava presente integrando a equipe de Ilona Peuker (NATIVIDADE, 2010).

Ainda de acordo com Natividade (2010), observamos que Daisy Barros foi uma grande companheira de Ilona Peuker nos cursos ministrados, pois, durante o Curso de Extensão de GFM, de 17 a 22 de julho de 1972, na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Esef/UFRGS), a professora Ilona contou com a participação de Daisy como sua estagiária. O evento, por sua vez, realizou-se com mais de 200 participantes (NATIVIDADE, 2010; ALVES, 2018). Posteriormente, Daisy Barros ganhou autonomia para ministrar seus próprios cursos que, por diversas vezes, contou com as participações de professoras capixabas: “Agora, a Daisy Barros, eu me recordo muito dos cursos com ela, porque ela dava curso em vários Estados e, sempre que eu podia, eu acompanhava. Porque, ela era muito boa! A Daisy era referência na época” (MARIA ANGELA ROSSI, 2019).

Por sua vez, um dos pontos que contribuiu para a aproximação das professoras capixabas com Daisy Barros foi o fato de ela ter sido coordenadora dos JEBs (CRAUSE, 2017). No período em que ela atuava no cargo, o Espírito Santo estava sempre presente nas competições. É perceptível que, durante os cursos ministrados por Daisy Barros e nas organizações dos JEBs, houve uma aproximação entre ela e a professora Marzy Perim, a qual enfatiza a relevância desse ocorrido, principalmente, pautada na importância que a professora Daisy tem para a GR brasileira diante da sua vasta experiência. Além disso, as participações de Marzy Perim em eventos da modalidade também contribuíram com esse relacionamento: “Eu sempre busquei saber o que estava acontecendo no universo da GRD. Por isso, eu fazia muitos cursos e, em um desses eventos, eu conheci a professora Daisy Barros que é muito respeitada por sua vasta experiência na modalidade. A Daisy foi coordenadora geral dos JEBs de 1973 até 1981” (MARZY PERIM, 2018).

Assim como Dayse Barros, as demais professoras foram tomando a frente de outros grupos e propagando a modalidade em outros Estados, ministrando cursos e agregando ainda mais para a popularidade da GR. Após o encerramento dos trabalhos da professora Ilona Peuker, em novembro de 1975, o GUG se dissolveu. Com 20 anos de existência, o GUG foi campeão absoluto na categoria conjunto e conquistou vários títulos em campeonatos estaduais e nacionais dos quais teve participação (BERNADES, 2010), deixando um legado de gerações de treinadores e ginastas que foram descendentes diretos do incrível trabalho que a professora Ilona desempenhou no Brasil (FIGURA 9).

É importante dizer que a divulgação da GR no Brasil ocorreu, principalmente, por meio de grupos com indivíduos selecionados como, por exemplo, o grupo de elite GUG – Grupo Unidos de Ginastas – criado pela professora Ilona Peuker e integrado por professores de Educação Física. Destaco que muitas integrantes, posteriormente, formaram seus próprios grupos que serviram como meio de propagação da GR no país (MARZY PERIM, 2018).

Figura 9 - Curso ministrado pela professora Ilona Peuker com demonstração do GUG, em Cachoeiro de Itapemirim/ ES, 1956



Nota: Na foto, da esquerda para direita: Luiza Ceccarelli — pianista —, Ingeborg Müller, Gunni Batterman (Schauss), Chiquita (Francisca) Patrony, Ingrid Woebcken, Sonia Nogueira, Mary Fukuy (Smith), Maria das Graças Meninéia (Silveiro), Anita (Anna Maria) Peuker e Ilona Peuker.

Fonte: Site Ilona Peuker.

Esse trabalho de Ilona refletiu de forma valiosa para a GR no Espírito Santo, tanto pelos cursos quanto pelas demonstrações que foram realizadas nas cidades de Vitória e Cachoeiro de Itapemirim, no final da década de 1950. A professora Marzy Perim, por exemplo, relata que teve o primeiro contato com a GM por meio de cursos ministrados por Ilona Peuker no Colégio Liceu Muniz Freire, quando ainda era aluna do Curso Normal. Dessa forma, o apoio da Escola de Educação Física e das Escolas Municipais no início dessa trajetória foi uma ferramenta fundamental para que a modalidade ganhasse a repercussão necessária (BATISTA, 2004):

Foi em Cachoeiro de Itapemirim que eu tive o primeiro contato com a GR, na época denominada GFM. Esse contato se deu através de um curso, em 1956, oferecido pelo Colégio Estadual Liceu Muniz Freire, sob orientação da professora Ilona Peuker. O curso contou com a colaboração de Geny Curcio,

que era professora de Educação Física do colégio. Nessa época, eu era aluna do Curso Normal do mesmo colégio (MARZY PERIM, 2018).

Como mencionado, Ilona Peuker era conhecida pela sua criatividade ao elaborar coreografias aderindo a materiais alternativos (CRAUSE,1985; GARCIA; MARCONACO, 2005; BERNARDES, 2010). Curiosamente, durante a narrativa de Geny Curcio, foi mencionado um aspecto que leva à compreensão de que o coquinho que Ilona costumava utilizar durante as demonstrações foi conhecido pela primeira vez em terras capixabas. O coquinho foi um dos materiais alternativos que se tornou muito popular em seus trabalhos. Por sua vez, Bernardes (2010) afirma que os treinamentos do grupo GUG eram intensos e que as ginastas passavam horas entre bolas, arcos e coquinhos:

A Ilona, por exemplo, fez uma demonstração em Cachoeiro com coco. Ela batia o coco e fazia um barulho, eu nunca tinha visto. Mas, a Ilona viu o coco e gostou, porque ela não conhecia. [...] Então, ela adorou o coco, o barulhinho que as cascas faziam em contato uma com a outra. Ela fazia o barulho para marcar o ritmo e colocava os movimentos em harmonia. A Ilona fez a demonstração com os meninos batendo o coco, ela ficou encantada. O coco com aquela cabaça apenas, vazia, então bate dá um som bonito, né? O barulho do coco marcava o ritmo de uma forma bem dinâmica (GENY CURCIO, 2018).

Geny Curcio fala de Ilona Peuker com muito carinho e respeito, por tudo que vivenciou ao lado da professora húngara, pois partiu da professora Geny essa iniciativa de querer ter Ilona no Espírito Santo, ensinando ginástica e fazendo demonstrações (FROSSARD, 2018). Para isso, ela contava com apoios políticos, como o que teve do secretário de Educação de Cachoeiro de Itapemirim durante a vinda de Ilona para a cidade, visto que esses cursos, até mesmo para a própria Geny que estava ainda no início de sua trajetória profissional com a ginástica, foram de grande valia. Esses momentos ao lado de Ilona Peuker fortaleceram e agregaram confiança ao trabalho que Geny Curcio deu continuidade, pautando-se no conhecimento que adquiriu com as professoras pioneiras sobre a GFM no Brasil: “Essa aqui é a Ilona (FIGURA 10 e 11) no final do

curso de Cachoeiro me cumprimentando com um beijo. Ela estava me entregando o certificado. E, esse aqui era o Secretário de Educação, o Dr. Camargo” (GENY CURCIO, 2018).

Figura 10 - Discurso da professora Ilona Peuker no encerramento do curso.



Fonte: Site Ilona Peuker.

Figura 11 - A senhora Geny recebendo o certificado e sendo cumprimentada pela Professora Ilona Peuker, 1956



Fonte: Arquivo pessoal.

6.2 AS PROFESSORAS PIONEIRAS DA GINÁSTICA RÍTMICA NO ESPÍRITO SANTO

Falar do pioneirismo da GR no Espírito Santo é retomar a história da Educação Física no Estado. De acordo com a literatura, Marques (1999), Rangel (2000), Batista (2004), Silva e Delpupo (2009), Sartório (2011), a precursora da modalidade em terras capixabas foi a professora Geny Curcio, inicialmente no cenário escolar e, posteriormente, no ensino superior.

Juntamente com Geny Curcio, Olga Albert também é citada quanto ao trabalho inicial com a GR no Estado por intermédio da sua atuação como docente na Ufes. Rememoramos que Geny iniciou a docência no curso de Educação Física na Ufes em 1962 e se aposentou em 1982. Já a professora Olga Albert iniciou seu trabalho como docente na Ufes em 1965 e se aposentou em 1991, de acordo com a Pró-Reitora de Gestão de Pessoas (Progep). Entretanto, antes dessa atuação na universidade, pautada especificamente no depoimento de Geny Curcio, observamos que ela teve suas primeiras experiências com a ginástica ainda no Curso de Formação na Escola Superior de Educação Física do Espírito Santo (ESEF-ES), no ano de 1939 (FIGURA 12).

Figura 12 - Formandos em Educação Física pela Escola de Educação Física do Estado do Espírito Santo em 1939



Nota: Na foto, Geny Curcio é a quinta da esquerda para direita no terceiro grupo das mulheres.

Fonte: Arquivo pessoal.

A professora Geny Curcio relata que durante a sua formação no Curso de Educação Física, o ensino era bem direcionado à prática, além de estar pautado em sua essência no Método Francês de ensino. A intenção de usar o Método Francês de Ginástica era justificado até que um método nacional fosse criado (SILVA, 1996; ALVES, 2018). Pois, seria pretensioso criar um método nacional em um país onde ainda se davam os primeiros passos na Educação Física, já que as primeiras etapas nessa importante parte da educação integral do povo ainda estavam sendo ensaiadas. Desse modo, encontraram-se no Método Francês as bases mais sólidas que se adaptariam ao temperamento nacional, por ser um método científico, moderno, utilitário e eclético:

Esse livro que estou te mostrando consegui quando fiz o curso, em 1939. Esse era o livro⁸ que mencionei. A ginástica usada naquela época era a francesa. Só

⁸ O *Réglement Général D'Éducation Physique*. O *Méthode Française* foi estruturado, na década de 1920, na Escola Militar de Joinville-le-Pont em Paris.

essa era conhecida. E eu guardo esse livro com carinho. Lembro que era uma ginástica parada: 1, 2, 3, 4 e 1, 2, 3 e 4 [risos]. Essa era a base da Educação Física. O que está nesse livro era a base. Mas, nesse livro, também tem vôlei, basquete, ou seja, era um livro básico de Educação Física que possuía a ginástica francesa (GENY CURCIO, 2018).

O livro mencionado por Geny Curcio trata-se do Regulamento nº 7 de Educação ou Método Francês. Foi elaborado em sua versão original no ano de 1920, na Escola Militar de Joinville-le-Pont, em Paris, e tinha como objetivo, de acordo com a elaboração realizada por militares e fisiologistas franceses, a busca por fortalecer a saúde, a resistência, a destreza, o caráter e a harmonia da sociedade.

O Regulamento do Método Francês, oficializado em 1927, de acordo com Goellner (1992), passou a ser um manual oficial adotado e de uso obrigatório em todo o território nacional em 1931. O Regulamento, ainda conforme Goellner (1992), passou a ser utilizado no ensino normal, secundário e, também, superior. Além de ter sido, em 1933, a base teórica da Escola de Educação Física do Exército e, posteriormente, em 1939, ter servido de inspiração pedagógica para a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Por esses aspectos representados é que se justifica o entusiasmo de Geny Curcio ao afirmar que aquele era o livro padrão da Educação Física, afinal o Regulamento nº 7 se tornou um dos importantes suportes para o estruturamento da Educação Física brasileira.

Quando nos remetemos aos aspectos históricos da Educação Física no Brasil, sabemos que um dos contribuintes para os estudos, tratando tais aspectos, ocorreu por intermédio do professor Inezil Penna Marinho. Com base em Goellner (2005), compreende-se que o professor é conhecido como um dos autores mais produtivos da área, principalmente, no que tange à trajetória da Educação Física até sua consolidação. O professor Inezil contribuiu com suas

Foi aprovado pelo Ministérios da Guerra e da Instrução Pública em 1927. No Brasil, foi traduzido em 1931, sob o título de Regulamento nº 7 de Educação Física ou Método Francês (GOELLNER, 1992).

interpretações referentes ao Regulamento nº 7, por exemplo, assim como outros posicionamentos que eram disponibilizados nas Revistas de Educação Física. Ainda segundo a autora, Inezil publicava artigos defendendo princípios que iam para além da Revista de Educação Física em que possuía voz autorizada. Contudo, é importante enfatizar que, segundo Oliveira (2012), o professor Inezil, em suas obras, assume que ele não faz a história da Educação Física, mas sua grande contribuição foi reunir e conservar documentos para que futuras gerações pudessem compreender e produzir a história da Educação Física.

Além disso, o professor Inezil também disseminava seus conhecimentos práticos em cursos realizados em diversos Estados brasileiros, inclusive no Espírito Santo, como afirma Geny Curcio (2018). Ao longo do seu depoimento, a professora exibiu uma foto (FIGURA 13) de um curso realizado pelo professor Inezil em 1960, na cidade de Castelo, que fica localizado no sul capixaba⁹. De acordo com Oliveira (2012), Inezil atuou como Técnico de Educação na Divisão de Educação Física do Departamento de Educação Física e no Departamento de Educação do Ministério da Educação e Saúde. Foi o primeiro especializado em Educação Física a se inserir no cargo.

⁹ Geny Curcio não detalhou muito sobre o curso, apenas mencionou que abordava o ensino da ginástica e o público era formada por professoras. Mas, o nome do curso ela não se recordou e, também, não encontramos mais informações sobre o evento. A professora solicitou que olhássemos a descrição no verso da foto em que tinha escrito o ano e o local de realização. Importante enfatizar que Geny Curcio tinha 101 anos de idade quando cedeu a entrevista. Apesar de ter uma memória surpreendente, não quisemos aprofundar no que requeria muito esforço, deixando a senhora Geny Curcio à vontade.

Figura 13 - Curso com Inezil Penna Marinho na cidade de Castelo, 1960



Fonte: Arquivo pessoal.

Desse modo, no decorrer de sua carreira, o professor desempenhou várias funções. Inezil Pena Marinho tinha grande representatividade em eventos da área, tanto ministrando seus ensinamentos quanto aprendendo. Ainda de acordo com Oliveira (2012), o professor recebia até mesmo certidões com elogios referentes às suas participações em cursos realizados dentro e fora do país, além de elogios pelas realizações de serviços pós-horário normal de seu expediente, o que deixa óbvio a sua paixão por disseminar seus conhecimentos para contribuir na formação de outros professores, como ocorreu no curso realizado no Espírito Santo, que contou com a participação da professora Geny Curcio. O professor deixou uma série de registros que marcam a sua atuação na Educação Física, como: eventos, palestras, condecorações, cursos, titulações e produções científicas (OLIVEIRA, 2012).

Retomando a narrativa de Geny Curcio, quanto à sua formação durante o final da década de 1930, a colaboradora menciona que a ginástica abordada na sua graduação era centrada no Método Francês de ensino, no qual teve suas primeiras experiências gímnicas vivenciadas na Esef/ES. Ademais, partindo para a análise

da grade curricular da época, é possível observar as seguintes disciplinas voltadas para o ensino da ginástica: Ginástica Médica, ministrada pelo professor Dr. José Timóteo Filho, e a Ginástica Rítmica¹⁰, ministrada pela professora Filisbina Pinheiros de Moraes e pela professora Luzia Paoliello que trabalhavam à disposição do Governo Federal (SILVA, 1996).

A Ginástica Médica, mencionada como disciplina na Esec/ES, evidencia as influências do Método Francês no ensino superior, o qual teve em sua origem influências do Método Sueco. Porém, de forma mais aprimorada, buscou enfatizar o valor das ciências biológicas e médica voltadas para o campo da ginástica, além de agregar e buscar elevar o nível científico vinculado aos exercícios físicos (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

No que concerne os exercícios físicos do Método Francês, observamos que eram orientados para quatro efeitos possíveis de serem alcançados: efeito higiênico (harmonia dos movimentos: saúde), efeito estético (educação dos movimentos, da atitude e beleza), efeito econômico (educação dos movimentos: habilidade), efeito moral (poder voluntário: virilidade) (LANGLADE; LANGLADE, 1970). Dentre eles, o efeito higiênico é o que faz correlação com a disciplina Ginástica Médica ministrada na Esec/ES.

Por sua vez, a Ginástica Rítmica citada como disciplina cursada por Geny Curcio, em 1939, não se trata da atual GR, mas sim da Ginástica Rítmica em suas vertentes iniciais, ou seja, antes das reformulações e contribuições de demais estudiosos. Na fala da depoente, é perceptível traços da Ginástica Rítmica por ela estudada na época: “Eu também fiz alguns cursos de músicas. Destaco que estudei com o Mauricio de Oliveira. Na verdade, eu fazia atualização nessa área, porque ajudava na Ginástica Rítmica, visto que essa ginástica vem dessa junção” (GENY CURCIO, 2018).

Rudolf Bode, um dos criadores da Ginástica Rítmica, estudou na Escola de Jean Jacques Dalcroze. Após esse contato, ele absorveu

¹⁰ Ginástica Rítmica está escrito por extenso, para diferenciar da atual GR no que concerne ao âmbito esportivo

as influências dos estudos de Dalcroze quanto à relação pedagógica entre o ensino da música e os movimentos corporais (LANGLADE; LANGLADE, 1970). O professor de música do conservatório de Genebra, Jean Jacques Dalcroze, foi responsável por idealizar o sistema que se vulgarizou como Ginástica Rítmica¹¹ que, posteriormente, foi concretizada pelo seu sucessor, Bode. As ideias de Dalcroze relacionadas com o ritmo ginástico e com o ritmo musical serviram de influência, principalmente no Brasil, para dar origem à criação das cadeiras de Ginástica Rítmica nas escolas de Educação Física (MARINHO, *apud* ALVES, 2018).

As influências adquiridas com Dalcroze contribuíram para que, em 1911, Bode fundasse a sua escola de Ginástica Rítmica em Munique, na Alemanha, onde formou muitos estudiosos que futuramente foram responsáveis pela difusão das suas ideias. Esses professores, em sua maioria, eram pedagogos e artistas. Em 1922, segundo Langlade e Langlade (1970), Rudolf Bode criou a “Liga Bode” que tinha como finalidade difundir a educação rítmica pelos demais países. Uma das motivações para a criação da Ginástica Rítmica de Bode era proporcionar ao homem o reencontro com o ritmo natural do movimento em conjunto com a busca da expressão Psicofísica¹².

¹¹ “Dalcroze, aos 27 anos, foi professor no mesmo conservatório onde havia se formado. Ao longo de sua atuação profissional, decidiu aliar seus conhecimentos e experiências na formação de jovens musicistas com um novo horizonte em que a atividade criativa e o ensino poderiam ser integrados num todo indissolúvel. Porém, as extremas dificuldades dos futuros musicistas levaram-no a realizar investigações acerca da relação da música, ritmo, movimento e expressão, que culminaram na criação de um sistema completo de educação musical denominado Ginástica Rítmica ou simplesmente Rítmica. Inesperadamente, o engenho pedagógico acabou lançando-o numa visibilidade internacional que garantiu a Dalcroze o esperado reconhecimento público” (MADUREIRA, 2008, p. 23).

¹² A Psicofísica é uma área específica da Psicologia, uma ciência que estuda o comportamento humano. Em particular, por um lado, a Psicofísica foca sua análise na dimensão de um estímulo físico e, por outro, na intensidade percebida pelo sujeito receptor desse estímulo ou de seus possíveis juízos de valor (Disponível em: <https://queconceito.com.br/psicofisica>. Acesso em: 21 de out. 2019).

Desse modo, posteriormente às contribuições de outros estudiosos, como Henrich Medau, essa Ginástica Rítmica deu origem à GM. Medau foi o responsável por inserir os aparelhos mais leves, como a bola, as maçãs e o arco. Ele foi pioneiro no uso dos aparelhos leves da então conhecida GRD, atual GR (BIZZOCCHI; GUIMARÃES, 1985).

Henrich Medau cria um sistema de ginástica desenvolvido por meio dos movimentos naturais, onde procurou sistematizar o trabalho rítmico utilizando aparelhos manuais, a fim de complementar os exercícios. Medau pregava que a utilização de aparelhos de forma livre e espontânea favorecia o envolvimento das alunas, por meio de movimentos orgânicos, sendo a utilização da música o cerne da proposta para complementar o seu trabalho. Essa modificação na ginástica expressiva de Bode e Eurritmia de Dalcroze conferiu a Medau um caráter educacional a sua metodologia, em especial na Alemanha (ALVES, 2018, p. 36).

Posteriormente, após se formar na Esef/ES e se tornar professora de Educação Física, Geny Curcio deu continuidade aos seus estudos na área da Ginástica Rítmica na Enefd (Escola Nacional de Educação Física e Desportos). Mas, desta vez, como curso de especialização no Rio de Janeiro (FIGURA 14).

Figura 14 - Carteira de estudante do Curso de Especialização em Ginástica Rítmica, 1947



Fonte: Arquivo pessoal.

Geny Curcio estudou na Enefd nos anos de 1947 e 1948. Após seu retorno para o Espírito Santo, deu continuidade às suas aulas para o ensino primário e secundário no Colégio Estadual Liceu Muniz Freire, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. A experiência como professora no Colégio Estadual foi de suma importância para a visibilidade da ginástica em terras capixabas. Torna-se pertinente salientar que a estrutura do Colégio era privilegiada, pois contava com ginásios poliesportivos e salas com barras, aspectos que contribuíram para uma aula de qualidade, pois ofereciam um espaço adequado para aplicação prática da modalidade.

Acrescentamos, também, que o destaque do Colégio Liceu Muniz Freire no âmbito esportivo ocorreu devido ao incentivo do diretor Wilson Resende quanto à implantação e apoios a projetos esportivos e culturais (JOVENS SOMOS DO LICEU, 1986). Além disso, outro fator importante, de acordo com o Congresso Legislativo do Espírito Santo, Capítulo II, é que as escolas urbanas, no raio de 6km do centro da capital, como as cidades de Cachoeiro de Itapemirim, Porto do Cachoeiro e São Matheus, eram classificadas por terceiras entrâncias, referentes ao ensino primário.

Isso justifica o apoio que o Colégio Liceu Muniz Freire recebeu no dado período para oferecer um ensino de ponta, tornando-se um dos colégios de referência estadual.

Segundo a “Coletânea de Crônicas: Jovens Somos do Liceu” (1986), o colégio era praticamente um lar para seus alunos. Nos depoimentos dos ex-alunos, é possível perceber o envolvimento de forma conjunta em todos os projetos desenvolvidos pela escola, como: os times de futebol, equipe de atletismo, equipe de natação, basquete, a banda marcial e, claro, as balizas¹³, que acompanhavam as bandas nos desfiles. Quando nos remetemos às balizas, fazemos referência ao belo trabalho que a professora Geny Curcio desenvolveu. É possível afirmar tal aspecto no relato de Miriam Coelho, que foi sua aluna na “Coletânea de Crônicas: Jovens Somos do Liceu” (1986, p.132):

Enchiam meus sonhos ser do Liceu, GR! Geny Curcio e Maria Jose Pinto ensinavam tudo, programavam tudo, fantasias, material do Rio - 20 horas para ir, 20 horas para voltar, de trem. Loucura demais. GR dava um show, com fitas, bastões, casacas de coco, arcos e bolas [...]. Show no interior, Saldanha da Gama, reportagens em manchetes! Sim senhor, na manchete, um luxo!

A professora Geny Curcio menciona que a aplicação do que aprendeu sobre Ginástica Rítmica durante sua formação foi realizada por meio dos trabalhos com as balizas no Colégio Liceu. Desde os usos dos materiais até os movimentos que eram realizados. O trabalho no Colégio Liceu foi o início da sua trajetória com a modalidade.

Na cidade de Cachoeiro, eu dava aulas dessa ginástica que eu aprendi para as minhas alunas. E, na época, eu tinha alunas escolhidas. Também tenho fotografias delas aí [FIGURA 15]. Essas alunas eram escolhidas para serem minhas balizas. Eram famosas no Estado minhas balizas, praticando essa ginástica (GENY CURCIO, 2018).

¹³ As balizas eram, geralmente, meninas que acompanhavam a banda ou a fanfarra da escola fazendo coreografias de ginástica artística e/ou ginástica rítmica no compasso da música (OLIVEIRA, 2013).

Figura 15 - Demonstração das balizas com bastão em Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Arquivo pessoal.

De encontro ao relato de Coelho (1986), a própria Geny Curcio enfatiza que o trabalho realizado com as balizas tinha impacto na cidade de Cachoeiro e municípios vizinhos. A população gostava de assistir às demonstrações que, para o trabalho de Geny Curcio e propagação da ginástica, foi um fator primordial: “Minhas alunas e a fanfara do Liceu Munis Freire se apresentaram em várias cidades, como em Vitória e na cidade de Colatina (FIGURAS 16 e 17), nas Olimpíadas de Colatina” (GENY CURCIO, 2018).

Figura 16 - Olimpíada Escolar de Colatina, 1954



Nota: Geny Curcio é a da frente de branco comandando o grupo.

Fonte: Arquivo pessoal.

O trabalho com as balizas não passava despercebido, pois serviram de inspiração para crianças, adolescentes e jovens do Estado. Essas apresentações em cidades vizinhas motivaram a formação de novos grupos e adeptos à prática. É possível visualizar o reflexo do trabalho de Geny Curcio nos dizeres de Dalza Batista (2018):

Quando a Geny Curcio começou a introduzir a ginástica em terras capixabas foi, inicialmente, por meio das balizas lá em Cachoeiro. O forte do Estado era lá! E, eu acho que a Geny é de lá [...]. Certa vez, as balizas de Cachoeiro se apresentaram na minha cidade, em Baixo Guandu. E, com essa influência que aconteceu na época, eu acabei sendo baliza também.

O sucesso das balizas no Estado sinaliza que o envolvimento da professora Geny, na busca por conhecimentos, não se limitou ao aprendizado oriundo dos cursos oficiais de formação. Ela absorvia todo conhecimento que podia adquirir para enriquecer o seu trabalho por meio de trocas de experiências durante viagens e congressos. O intuito da professora era se inteirar do máximo de conhecimento possível e, no fim, transformar tudo em ginástica.

Os trabalhos realizados com as balizas consagraram a professora Geny Curcio. E, até os dias atuais, ela é reconhecida por ter dado início às performances das balizas de Cachoeiro de Itapemirim. Podemos afirmar que foi um marco na carreira da professora.

Quanto ao trabalho com as balizas, eu aprendi com a turma dos Estados Unidos que veio no centenário de São Paulo. A banda de estudantes universitários dos Estados Unidos veio com 16 balizas e eu fiquei hospedada com elas no mesmo hotel. Então, eu pedi para elas me ensinarem o manejo do bastão, que eu não sabia, e era no dedo (GENY CURCIO, 2018).

Figura 17 - Apresentação das balizas com o bastão no desfile cívico em Cachoeiro de Itapemirim, 1955



Fonte: Arquivo pessoal.

Importante salientar que Geny Curcio também faz menção à sua atuação como professora da Escola Normal, oportunidade que ocorreu por meio de um convite do secretário de Educação logo após retornar do seu Curso de Especialização em Ginástica Rítmica, realizado na Enefd, no Rio de Janeiro, em 1948. Assim, compreendemos que Geny atuou no ensino primário e ginásial pelo Colégio Liceu Muniz Freire e no curso de formação de professores que era ofertado pela Escola Normal de Vitória.

Quando terminei o curso e voltei para o Espírito Santo, eu comecei a trabalhar na Escola Normal de Vitória. O secretário de Educação foi lá me assistir [FIGURA 18]. Ele queria saber o que eu aprendi (risos). Foi Secretário de Educação, diretor e professores da Escola Normal. Naquela época, a Escola Normal tinha ginásio e o curso de formação de professor (GENY CURCIO, 2018).

Figura 18 - Demonstração na Escola Normal de Vitória, 1948



Fonte: Arquivo pessoal.

As Escolas Normais são concebidas, desde a sua criação, como responsáveis pela divulgação do saber e das normas técnicas para a formação de professores (MARTINS, 2009). Essas instituições de ensino tiveram sua eclosão na Europa, ainda no final do século XVII, e seu surgimento no Brasil se deu, segundo Martins (2009), a partir da terceira década do século XIX.

A primeira Escola Normal na América Latina foi implantada em Niterói, no Rio de Janeiro, em 1835. E, para se candidatar ao magistério, eram necessários alguns requisitos, como: ser cidadão brasileiro, maior de 18 anos, com boa morigeração¹⁴ e saber ler e escrever (MARTINS, 2009).

É possível constatar que Geny Curcio acumulou experiências importantes nos cursos de formação de professores e também na sua atuação docente no Liceu, principalmente mediante os trabalhos com as balizas e com as aulas lecionadas na Escola Normal. Entretanto, as experiências da professora não cessaram por aí, pois os aprendizados adquiridos nos cursos realizados com a professora Ilona Peuker contribuíram ainda mais para o aprimoramento do trabalho desenvolvido por Geny Curcio, que relembra emocionada, as vivências ligadas à Ginástica Feminina Moderna (GFM), sobretudo a partir de 1953.

Segundo Crause (1985) e Natividade (2010), foi esse o período em que os cursos com as professoras europeias começaram a despontar. Essa aproximação com a GFM, por intermédio da percussora da modalidade no Brasil, foi um dos aspectos motivadores para que Geny Curcio se debruçasse sobre a sua mais nova descoberta: “Eu trabalhava com a Ilona e ela mandou fazer os nossos arcos [FIGURA 19]. Daí cada uma comprou seu arco. Então esse arco que estou te mostrando foi a Ilona que mandou fazer” (GENY CURCIO, 2018).

¹⁴ Morigeração se remete a ter boa conduta moral e bons costumes (MARTINS, 2009).

Figura 19 - Geny Curcio (a primeira da foto) utilizando o arco durante uma aula no Clube Saldanha da Gama, 1958



Fonte: Arquivo pessoal.

Em sua narrativa, Geny Curcio enfatiza o uso do arco que foi um aparelho adquirido em uma de suas primeiras experiências ao lado da professora Ilona. Além disso, quanto à característica do material, foi possível perceber a mudança advinda ao longo dos anos. Com referência à estrutura do material, o arco era de madeira, um material diferente do utilizado na fabricação dos arcos atuais que são produzidos com materiais plásticos resistentes. No decorrer de seu depoimento, observamos o apego, o carinho e o zelo de Geny Curcio pelo arco. Trata-se de sentimentos atrelados ao fato de que os objetos não contam apenas a nossa história, mas, sim, uma história coletiva que leva o indivíduo a querer preservar tais memórias (DIAS; OLIVEIRA, 2018).

A memória de Geny, quando se reporta ao arco de madeira, está associada ao seu período como professora no Colégio Liceu. Ela relata que buscava ajuda para fazer os arcos de cipó para seus alunos, uma forma adaptada de propiciar o uso do aparelho. Além disso, é possível notar, em seus dizeres, que a partir dos aprendizados adquiridos nos cursos de Ilona (FIGURAS 20 e 21), Geny passou a utilizar outros materiais da GFM durante as aulas que ministrou a partir de 1950.

Lembro que, quando eu fui dar aula no Liceu, eu pedia para fazer de cipó e o servente confeccionava. Além do arco, eu costumava trabalhar também com a bola, mas a bola a gente comprava. Cada ginasta comprava sua bola. Era bola, arco, maçãs e corda [...]. A corda eu também tenho aqui, até hoje. A corda e o arco. O arco de madeira foi adquirido quando eu trabalhava com a Ilona, em 1950 (GENY CURCIO, 2018).

Figura 20 - Demonstração em Cachoeiro de Itapemirim da equipe de Geny Curcio, no ano de 1955, com a utilização dos arcos



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 - Curso com Ilona Peuker no Clube Saldanha da Gama, 1956



Nota: Da terceira da esquerda para direita e Geny do seu lado esquerdo.

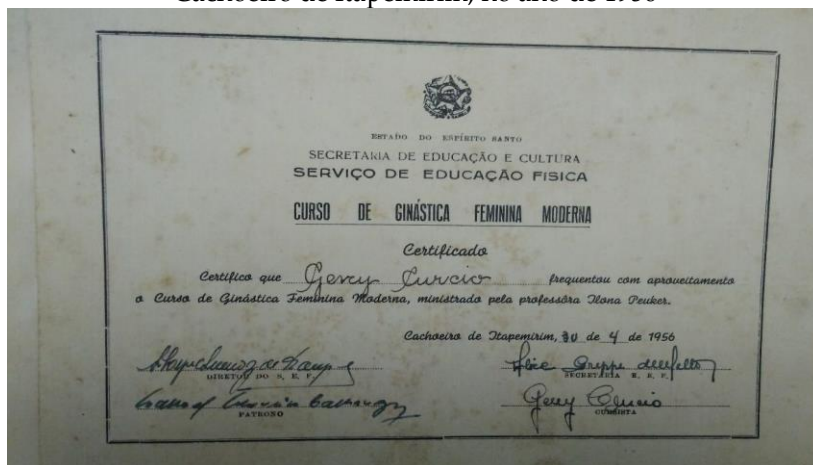
Fonte: Arquivo pessoal.

Geny Curcio aponta, também, fatores que nos levam a compreender que a GFM, com a qual ela teve contato na década de 1950, surgiu com aspectos diferentes da ginástica que ela ministrava em suas aulas anteriormente. Isso se deve, em grande medida, ao fato de que a proposta de trabalho trazida por Ilona Peuker era pautada em uma prática inovadora e caracterizada pela criatividade (BERNARDES, 2010).

Nesse contexto criativo e influenciada pelos cursos da Dona Ilona (FIGURA 22), Geny Curcio relata que a GFM era realizada em conjuntos e a professora desenvolvia seu trabalho nesse formato. É importante destacar que Geny Curcio costumava realizar uma seleção das meninas para compor o seu grupo de baliza, pois havia uma série de exigências, ou seja, a escolha das integrantes não ocorria de forma casual. Assim, eram escolhidas as mais elegantes e de corpos considerados ideais. A professora usava o termo “alunas especiais”. “Recordo-me, também, que essa ginástica da época, que se iniciou na década de 1950, ela era mais em conjunto. A

apresentação era em conjunto, era um grupo de dezesseis. Dezesseis alunas especiais que eu treinava para a demonstração” (GENY CURCIO, 2018).

Figura 22 - Certificado do curso ministrado por Ilona Peuker em Cachoeiro de Itapemirim, no ano de 1956



Fonte: Arquivo pessoal.

De acordo com as imagens disponibilizadas por Geny Curcio, já disponibilizadas anteriormente, ficou perceptível que as alunas tinham um corpo ideal pautado nas exigências da época, bem diferentes do padrão de “magreza” atribuído na atualidade em modalidades gímnicas competitivas (FORTES; ALMEIDA; FERREIRA, 2014). O ideal de corpo mencionado por Geny Curcio se remete a corpos saudáveis e fortes, bem característicos das propostas metodológicas que a professora adquiriu na sua formação na Esef/ES. Rememoramos que no período de sua formação, a ginástica brasileira tinha como padrão o Método Francês, o qual designava a importância da prática da ginástica para fortificar os músculos e dar energia ao corpo, tornando-o apto para nele funcionar, também, uma robusta inteligência. Além disso, nesse dado período, é destacada a importância à atividade e à robustez do corpo (O HORIZONTE, *apud* SILVA, 1996).

Quanto ao aspecto competitivo, Geny Curcio salienta que, nesse dado período, a modalidade no Espírito Santo não estava ligada à competição, mas aos aspectos de demonstrações, o que, por sua vez, tem uma característica bem voltada aos fundamentos da Ginástica para Todos (GPT), uma ginástica com grandes grupos, de performance e que prima pela criatividade (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). O que se difere é que, apesar de se tratar de uma ginástica em grupo, o processo de inclusão não era tão frisado pela professora Geny na época. Visto que a inclusão é um aspecto bem característico da GPT.

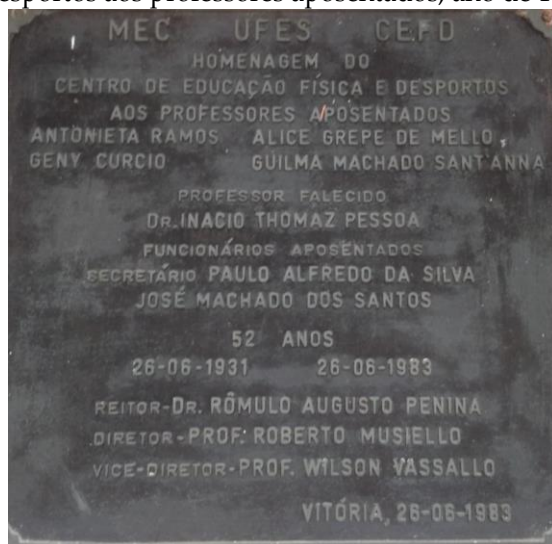
Outro fator importante é, que nesse início de trabalho com a modalidade, não se desenvolvia o aspecto competitivo. Geralmente, o que fazíamos eram as apresentações. Me recorro que utilizávamos a mesma demonstração coreográfica em locais diferentes, por exemplo, a do Clube Caçadores de Cachoeiro era apresentada em diferentes cidades (GENY CURCIO, 2018).

A partir do ano de 1953, os trabalhos de Geny Curcio tomaram novos rumos. Depois das experiências de docência na Escola Normal e no ensino básico, a professora foi convidada para compor o corpo docente da Ufes. Nessa oportunidade, a GFM passou a ser disseminada para futuros professores de educação física que, com base nos ensinamentos de Geny Curcio, deram continuidade à propagação da modalidade. Com a formação de novos profissionais versados na modalidade, observamos a emergência de novas protagonistas no Estado, as quais vieram a se tornar referências (BATISTA, 2004).

Agora, a respeito do meu início de trabalho no ensino superior, devo dizer que se deu da seguinte forma: eu trabalhava em Cachoeiro, no Liceu. E, quando a Escola de Educação Física passou para Ufes, o senhor professor Aloyr Queiroz do Vale me convidou, porque eu era a única que dava essa ginástica, a GFM. Ele me convidou e eu até fiquei: 'Ah, eu não vou não, nunca trabalhei com rapaz e com moças!' Eu trabalhava com meninas jovens de 15 anos e trabalhava com as professoras de Educação Física já antigas, casadas, com filhos. Não achava que daria certo. Mas, alguns amigos mais próximos disseram: 'Vai! Você tem que ir'. Eu fui e acertei, pois foi uma beleza e eu adorei (GENY CURCIO, 2018).

A professora Geny Curcio considera o seu período de trabalho na Ufes como de significativa importância no desenvolvimento da GR no Espírito Santo, afinal foram 20 anos de trabalho na universidade. No ano de 1983, a professora recebeu uma condecoração que lhe foi conferida em uma placa de homenagem aos professores aposentados do Centro de Educação Física e Desportos (Cefd), na celebração de 52 anos de instituição.

Figura 23 - Placa de homenagem do Centro de Educação Física e Desportos aos professores aposentados, ano de 1983



Fonte: arquivo pessoal.

Em seu relato, a professora deixou claro que, mesmo mediante todas as experiências vividas na época, ela ainda tinha insegurança quanto à sua atuação no ensino superior, visto que seu trabalho era mais direcionado às meninas e mulheres. Importante salientar que as mulheres que Geny Curcio menciona eram mulheres casadas, da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, que, mediante a repercussão da ginástica ensinada pela professora, tiveram interesse de vivenciar a prática. A aceitação de Geny Curcio em atender às demandas dessas mulheres casadas pela prática da GFM estava também atrelada ao

seu entendimento das filosofias atribuídas à modalidade, uma ginástica para mulheres com o intuito de atender aos anseios femininos na busca de uma prática de atividade física que valorizasse os atributos femininos, como afirma Peuker (1974).

As mulheres que estão nesta foto [FIGURA 24] eram minhas alunas casadas. Senhoras casadas para quem eu dava aula de ginástica lá em Cachoeiro. Elas queriam fazer aula comigo, aí eu dei o curso lá no Liceu. O espaço era bem organizado, tinha espaldares na sala e tudo que era necessário (GENY CURCIO, 2018).

Figura 24 - Alunas da turma de ginástica para mulheres adultas



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa perspectiva de atividade física que valorizasse as características femininas, Alves (2018) cita que as práticas corporais com movimentos vigorosos e que exigiam robustez não eram indicadas às mulheres no período em que Geny Curcio iniciou a sua docência. É importante salientar que o público feminino sofreu e ainda lida com o estigma social relativo à necessidade de serem femininas, o qual traz consigo o estereótipo generalista de que são frágeis, meigas, vaidosas e tímidas, o que influencia diretamente nas práticas corporais ditas adequadas para elas (SIMÕES: CONCEIÇÃO; NERY, 2004). Ademais, o corpo feminino, apesar de exaltado como “belo sexo”, era constantemente considerado incapaz

e frágil, com orientações de resguardo para gerar filhos fortes e saudáveis (KNIJNIK; CRUZ, 2004).

Nessa conjuntura, Geny Curcio se acostumou a atuar com o público feminino. Isso se justifica devido a sua experiência no âmbito escolar que, conforme explica Silva (1996), no dado período em que Geny Curcio se formou e passou a atuar nas escolas na década de 1939, existiam as escolas isoladas para cada sexo, regidas por um professor. Por isso, Geny Curcio menciona o desafio de ministrar aulas no ensino superior com um público misto.

Após superar esse receio e de ter aceitado o convite para compor o corpo docente da Ufes, Geny Curcio, ao longo de duas décadas de atuação, foi responsável por ministrar as seguintes disciplinas: Educação Física Geral, Recreação, Rítmica e a GM II e IV. De acordo com o Arquivo permanente do Cefd/Ufes, entre as décadas de 1960 e 1980, as disciplinas de Rítmica e GM foram as mais ministradas pela professora Geny.

Além disso, os arquivos apontam a atuação da professora Olga Albert nas disciplinas GM e de Rítmica, o que é enfatizado por Batista (2004). A autora destaca que a professora Olga Albert também foi um dos nomes responsáveis pela propagação da modalidade no Estado por intermédio de sua atuação na Ufes, juntamente com Geny Curcio. Olga Albert é citada pela colaboradora da pesquisa Monika Queiroz, que em sua narrativa, explicitou que a professora adotava uma metodologia diferente em suas aulas quando comparada aos demais docentes. É pertinente mencionar, que Monika Queiroz teve contato com Olga Albert durante a graduação, mais precisamente em 1985 quando seus estudos no curso de educação física começaram.

Devemos ressaltar, que nesse período Geny Curcio já estava encerrando sua carreira docente no ensino superior e as professoras que deram seguimento aos trabalhos já abordavam uma metodologia mais atualizada. Sob esse olhar, entende-se o porquê de Monika Queiroz enfatizar as diferenças notadas quanto às metodologias aplicadas entre as docentes da época.

Me recordei agora que o curso possuía uma disciplina chamada Rítmica, na qual a gente trabalhava com essas questões das frases musicais e com os ritmos. Essa disciplina estava presente em dois períodos, sendo ministradas pelas professoras Olga Abert e Geny Curcio, que é uma pessoa importante aqui, no Estado. A Olga Albert era totalmente diferente das outras três professoras, pois ela já via a GR com conteúdo mais ligado à liberdade do movimento, em comparação ao que era realizado na GM. Já a Geny Curcio trabalhava mais com a questão do ritmo, pelo menos era assim quando eu fiz a disciplina dela (MONIKA QUEIROZ, 2018).

O conteúdo de GM no Curso de Educação Física da Ufes, entre as décadas de 1960 e 1980, era dividido e ministrado em quatro disciplinas, sendo: Ginástica Moderna I, Ginástica Moderna IV, além das disciplinas Ginástica Feminina e Dança Universal, ambas ministradas em quatro séries (ARQUIVO PERMANENTE CEFD/UFES, 1964). Desse modo, como professora do ensino superior, Geny Curcio conseguiu influenciar outras professoras com seus ensinamentos de GM, tanto em âmbitos escolares quanto extraescolares e até mesmo no ensino superior. Elas adotaram práticas semelhantes ao caminho tracejado por ela, como a professora Marzy Perim (MARQUES,1999; (BATISTA, 2004; SILVA; DELPUPO, 2009).

Marzy Perim dos Santos estudou na Escola de Educação Física da Ufes, entre 1964 e 1966 (ARQUIVO PERMANENTE CEFD/UFES, 1964). Foi aluna da professora Geny Curcio durante sua graduação, entretanto a sua primeira experiência com a GFM e a aproximação com a professora Geny ocorreu em 1956, durante o curso ministrado por Ilona Peuker.

Foi em Cachoeiro de Itapemirim que eu tive o primeiro contato com a GR, na época denominada GFM. Esse contato se deu através de um curso, em 1956, oferecido pelo Colégio Estadual Liceu Muniz Freire, sob orientação da professora Ilona Peuker. O curso contou com a colaboração de Geny Curcio, que era professora de Educação Física do colégio. Nessa época, eu era aluna do Curso Normal do mesmo colégio (MARZY PERIM, 2018).

De acordo com Batista (2004), Marzy Perim dos Santos é citada como a professora responsável pela inserção da modalidade no

âmbito competitivo, porém, antes de iniciar os trabalhos mais direcionados para a esportivização da modalidade, Marzy teve uma atuação proeminente na escola. O trabalho desenvolvido no âmbito escolar pela professora se iniciou antes da sua graduação em Educação Física. Pois, Marzy Perim possuía certificação do Curso Normal e atuava como professora primária no interior do Espírito Santo. Isso ocorreu antes de vir para a cidade de Vitória realizar o sonho de cursar Educação Física.

Em 1957, após concluir o Curso Normal e ser diplomada professora primária, chegou o momento de realizar o sonho de me tornar professora de Educação Física. Foi, então, que recebi o seguinte veredito do meu pai: 'não tenho condições financeiras para manter você em Vitória'. Assim, o sonho foi adiado. A partir daí iniciei minha jornada profissional como professora primária, em escolas dos municípios do interior do Espírito Santo (MARZY PERIM, 2018).

Inicialmente, Marzy realizou o Curso de Educação Física Infantil em 1963 e, posteriormente, ingressou no Curso Superior em Educação Física. Foi nesse período que Marzy voltou a ter contato com a professora Geny Curcio, mas, desta vez, como acadêmica, período em que se dedicou com afinco aos estudos da GM, a qual veio a se tornar sua área de atuação profissional.

Nesta ocasião voltei a ter contato com a GFM e com a professora Geny Curcio que ministrava as disciplinas. Nas aulas eram utilizados os aparelhos característicos da modalidade: bola, arco e corda, sem especificações oficiais. O acompanhamento rítmico era sempre presente nas aulas através de batidas em um pandeiro que Geny Curcio utilizava com maestria, esse instrumento era sua marca registrada. O processo ensino-aprendizagem era fundamentado em conteúdos essencialmente práticos com a valorização da performance (MARZY PERIM, 2018).

Após se formar no ensino superior, Marzy Perim iniciou sua trajetória como professora de Educação Física em escolas públicas e também em escolas privadas. Ela passou a introduzir, metodologicamente, a GFM com o intuito de trabalhar ritmo, coordenação motora, equilíbrio, dentre outros aspectos que a

modalidade abrange (PERIM, 1992). Marzy Perim, no que concerne as suas propostas metodológicas, buscou adaptar as suas aulas à realidade de cada escola por meio do uso de materiais adaptados e até mesmo alternativos, pois existia uma diferença significativa entre as escolas públicas e particulares nas quais lecionava. Nesse sentido, observamos a preocupação de possibilitar a vivência da modalidade para todos os alunos, mesmo que as escolas não possuíssem espaço ou materiais adequados. Assim, conforme Toledo (1999), devemos selecionar conteúdos pertinentes à realidade dos alunos, um princípio já utilizado por Marzy Perim no início de sua trajetória como docente. Assim sendo, precisamos de professores preparados para enfrentar as situações distintas e que consigam transmitir os conteúdos mediante tais particularidades.

No decorrer do tempo, o trabalho desenvolvido por Marzy na escola foi abrangendo e dando espaço para novos projetos com a GM. Como exemplo, podemos citar as competições escolares que foram incluídas nos Jogos Primavera¹⁵ do Espírito Santo (BATISTA, 2004).

Posteriormente, ao se tornar docente da Ufes, onde atuou de 1971 a 1991, a professora Marzy, além dos diversos projetos desenvolvidos vinculados à Extensão Universitária, voltados à formação docente, teve a iniciativa de criar uma equipe de GR que veio a se tornar a representante do Estado do Espírito Santo (FIGURA 25), fato que favoreceu fortemente o crescimento e a difusão do esporte. A equipe teve grande êxito na década de 1980, com participações nos JEBs. Liderada por Marzy Perim, o conjunto se consagrou ao ganhar a medalha de prata em julho de 1987, no XVI° Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), realizado no Mato Grosso do Sul (ARQUIVO PESSOAL).

¹⁵ O I Festival Primavera se deu por meio de uma promoção da cadeira de Desporto / Terrestres Coletivos, dirigido pelo professor Audifax Barreto Duarte. O evento aconteceu em 19 de setembro 1964, no Ginásio "Wilson Freitas", contando com apresentações de ginástica e tendo até mesmo a presença do Corpo de Fuzileiros Navais que, a convite dos alunos, prestigiaram o festival (ARQUIVO, CEFD/UFES).

Quando alguém me pergunta ‘qual a primeira ou a principal referência de GR no Espírito Santo?’, eu vou falar sobre a professora Marzy, pois a professora Geny eu não conheci da mesma forma, porque eu não sou da época dela. Eu sou mais novo, então acompanhei mais o trabalho da professora Marzy. Eu conheci a professora Geny por meio dos estudos acadêmicos, mas pessoalmente não. Já a professora Marzy eu conheço pela experiência e convivência. Essas meninas que eu te falei anteriormente participaram de seletivas e treinaram com a professora Marzy lá na Ufes. Ela era professora da Seleção Estadual de GR e essas meninas representaram o Espírito Santo nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), por exemplo (FLÁVIO BARROCA).

Figura 25 - Entrevista do ex-diretor do DEARES, Willian Abreu, sobre a conquista da seleção do Espírito Santo de GRD no XVI JEBs, 1987



Fonte: Arquivo pessoal.

No depoimento de Flávio Barroca, percebemos que um dos marcos do trabalho de Marzy Perim no Espírito Santo foi a inserção da GR Escolar no âmbito competitivo. Isso ocorreu quando Marzy, juntamente com seus colaboradores, levou a equipe de um Estado tão pequeno e sem expressão na modalidade ao segundo lugar no

JEBs de 1987. Na ocasião, a competição contou com a participação de 20 Estados.

Rememoramos que o Espírito Santo já havia participado do JEBs nos anos de 1977 e 1979. O conjunto, sob coordenação da professora Maria Angela Tardim (FIGURA 26), especificamente em 1977, ficou em sétimo lugar nas maçãs e oitavo nas fitas, mas a medalha só foi trazida para o Estado dez anos depois.

No ano de 1977, a nossa equipe obteve a sétima e a oitava posição no JEBs. Porém, para nós era como se fosse o primeiro lugar, visto que eram 22 Estados competindo. Então, foi motivo de muita alegria, por nossa desenvoltura em uma época tão inicial desse esporte no Estado (MARIA ANGELA TARDIN, 2019).

Figura 26 - Certificado de participação da equipe da professora Maria Angela Rossi no IX JEBs, 1977 - aparelho fita



Fonte: Arquivo pessoal.

Com o resultado expressivo obtido no JEBs, o Governo do Estado queria ver o Espírito Santo atuante nas competições. E, naquele período, a professora Marzy foi a responsável por manter o conjunto capixaba atuante em eventos competitivos. Assim, por

meio das participações e de bons resultados, a modalidade logrou mais visibilidade e apoio, ainda que não tão significativos, mas já era um progresso para a GR do Estado, como consta no relato de Deise Cristina, ginasta que compôs a equipe de Marzy:

Na época em que eu fui ginasta, a ginástica estava menos popular no Estado. Não havia tanta visibilidade. A Marzy estava retomando com a nossa equipe (FIGURA 27), porque o Governo do Estado queria ver o Espírito Santo de volta nas competições. O objetivo era ver a ginástica capixaba inserida nesses jogos escolares que já aconteciam com a participação do Estado, porém estava parado e eles queriam investir para ganhar! Participar e ganhar! E a Marzy voltou a trabalhar com esse enfoque. Eu sei que ela até possuía um apoio do Estado, mas não era muita coisa, não. Pois era muita coisa para correr atrás... era uniforme, material e os *collants*. Então, assim, na época ela teve um pouquinho de apoio, mas não era tão significativo (DEISE CRISTINA, 2018).

Figura 27 - Equipe de Marzy Perim no XV JEBs realizado no Ginásio do Sesc, em Vitória, 1986



Nota: Marzy não está na foto, as duas mulheres eram assistentes dela.

Fonte: arquivo pessoal.

O sucesso do trabalho de Marzy também teve como consequência, o elo estabelecido entre os três grandes pilares da

Universidade Pública: o ensino, a pesquisa e a extensão (DIAS *et al.*, 2018). Durante o seu período como docente, Marzy buscou administrar os três aspectos em favor da ginástica. Nesse sentido, ao aliar a sua prática pedagógica à pesquisa e à extensão, a docente conseguiu se destacar em um trabalho pioneiro, até então, com a ginástica. Por meio do trabalho de extensão, pautado em possibilitar o acesso à prática, novas professoras foram formadas e se constituíram em disseminadoras da GR no Espírito Santo (FIGURA 28), dentre elas: Monika Queiroz, que veio a ser um dos grandes nomes da GR em âmbito nacional e internacional.

A GR começou a ser introduzida graças à professora Marzy Perim. Devo destacar que foi a Marzy que deu aula para a treinadora Monika Queiroz que, na época, trabalhava apenas com dança e nunca tinha feito ginástica. A Monika entrou no Curso de Educação Física e, por coincidência, conheceu a Marzy. Um acontecimento que a tornou essa grande referência que é hoje (DALZA BATISTA, 2018).

Figura 28 - Participação da Professora Marzy e suas alunas Eliane e Monika no Curso de Ginástica em Londrina, Paraná



Fonte: Arquivo pessoal.

A dedicação de Marzy Perim como docente nos leva à compreensão de que o papel do professor no ensino superior vai além de repassar informações e aspectos técnicos. O papel pedagógico de um docente, como afirmam Ribeiro e Moraes (2015), inclui a busca de meios que possibilitem um aprendizado eficaz, além de estabelecer a interação com o aluno que incentive o interesse em ser agente de sua própria formação, buscando destacar as potencialidades do aluno. Pinto (2003) acrescenta, que uma das características importantes do docente é a competência que significa “um saber agir”, a qual está atrelada a saber transferir conhecimentos e habilidades que agreguem também valor social ao indivíduo em formação.

Foi nessa busca de evidenciar as possibilidades de suas alunas, durante sua atuação como docente, que Marzy Perim formou professoras competentes que aplicaram com êxito seus ensinamentos em sociedade. Na busca de interação com os alunos, faz-se necessário enfatizar uma das características apresentadas por Ribeiro e Moraes (2015) e que vai ao encontro do modelo de ensino desenvolvido por Marzy, que é o ato de aprender e de ensinar a trabalhar junto, em outras palavras, trabalhar em equipe. Pois, consideramos que uma das grandes competências do professor é ensinar aos alunos a atuar em conjunto e, principalmente, a aprender com os demais. A equipe de estudantes que trabalhou ao lado da professora Marzy, atuou por meio de um trabalho colaborativo.

E, para mim, o grande mérito da Marzy não foi ter formado grandes atletas no esporte, mas, sim, ter formado profissionais na área. Pois, eu acredito que aí é que você planta a semente. Porque, a Monika, por exemplo, foi aluna da Marzy quanto acadêmica e foi assistente da Marzy nesse período no qual o Espírito Santo começou a participar dos JEB's. A Monika ajudava nas músicas e auxiliava nos treinos. Assim, eu acredito que a grande generosidade da Marzy foi ter formado não só a Monika, mas a Teresinha e tantas outras pessoas que ela contribuiu na formação.

Esse trabalho em equipe realizado na Ufes, liderado por Marzy Perim, ocasionou um impacto proeminente na disseminação da

modalidade. Assim, quando analisamos o trabalho mais direcionado para a esportivização da modalidade no Estado, o qual adquiriu maior visibilidade mediante os bons resultados em campeonatos, foi evidenciado nos depoimentos que o empenho mútuo das professoras Marzy Perim e Monika Queiroz foi essencial. Nesse sentido, a partir desse período de eclosão das capixabas em eventos competitivos de GR, que se deu na década de 1980, observamos que as duas professoras são reverenciadas pelo mérito de expandir a GR para o âmbito esportivo. É possível ter a percepção dessa afirmação pelos relatos dos depoentes que associam a contribuição das duas professoras ao sucesso da GR no cenário competitivo e também como as principais responsáveis por formar os grandes precursores da atualidade.

Assim, podemos compreender, que desde a contribuição de Geny Curcio, o Estado vem realizando um trabalho de cascata, como evidenciado por Flávio Barroca (2018). Seguindo a cronologia, tivemos Geny Curcio que, na década de 1960, formou Marzy Perim, que, por sua vez, nos anos de 1980, formou Monika Queiroz, que consequentemente formou outras professoras que hoje desenvolvem um trabalho de ponta no Estado.

A maior preocupação da professora Marzy não foi apenas colocar o Espírito Santo no pódio, mas, sim, formar profissionais de excelência. O resultado disso é que o Espírito Santo, desde os anos 80, foi fazendo uma reação em cadeia. Eu, por exemplo, fui atleta de Monika na escola dela e a Gizela Batista também! A Lorena Sartori já foi atleta da Gizela. Então, você consegue perceber como foi esse processo. Assim, eu realmente acho que o Espírito Santo tem um trabalho interessante na ginástica, um trabalho primoroso e inteligente. [...] essa identidade que o Espírito Santo possui nas séries, você percebe por causa da escola de ginástica que nós temos aqui. O que eu quero dizer como escola é porque se tem uma metodologia de trabalho. E, isso começou com Marzy que formou Monika, a qual formou vários outros técnicos. Para nós entendermos melhor essa afirmação, podemos analisar as ex-atletas da Monika que atualmente são técnicas (FLÁVIO BARROCA, 2018).

Esses legados que são passados de geração em geração, estão relacionados com a aquisição de um conjunto de saberes que, de

acordo com Rodrigues, Paes e Neto (2016), sustentam a prática dos profissionais ao longo do tempo. O trabalho das professoras pioneiras merece um olhar em que se entenda o papel da prática como um lugar de formação por meio de um espaço social, no qual esses saberes são aplicados (RODRIGUES; PAES; NETO, 2016).

No caso das professoras pioneiras, ao longo de décadas, os seus ensinamentos contribuíram com a formação de muitos indivíduos em escolas de ensino fundamental, escola normal, clubes e no ensino superior. Essa abrangência de espaços possibilitou a aplicação de abordagens metodológicas variadas que contribuíram para que o Espírito Santo adquirisse uma identidade na ginástica, tendo um método de ensino característico do Estado, o qual foi constituído pelas experiências acumuladas com o passar dos anos e com influência das pioneiras. A aplicação desse método transitou desde a ginástica de demonstração, entremeada pela formativa, até chegar à de competição, que são as possibilidades atribuídas à GR no âmbito gímnico (OLIVEIRA, NUNOMURA, 2012; COSTA et al., 2016).

Nessa conjuntura, entendemos a importância dos trabalhos desenvolvidos por essas professoras pioneiras, que em décadas diferentes, com variados enfoques, promoveram avanços que contemplaram desde a gênese da GR em terras capixabas até os primeiros resultados no âmbito competitivo que materializaram a consolidação da modalidade no Estado por meio de medalhas e títulos. Luiz Curcio (2019) enfatiza a relevância do trabalho das referidas professoras em seu depoimento: “Devo nomear algumas pessoas, como: a dona Geny Curcio, a Marzy Perim e a Monika Queiroz, que foram pessoas primordiais, no crescimento da ginástica”.

6.3 O COMPROMETIMENTO DAS UNIVERSIDADES CAPIXABAS COM A GINÁSTICA RÍTMICA

A universidade é um lugar privilegiado para se ter acesso à cultura universal e aos diferentes campos da ciência. De acordo com Wanderley (1987), as universidades são responsáveis por criar e

divulgar o saber. Assim, pensando na importância que a universidade desempenha na sociedade, torna-se relevante elencar as contribuições que as universidades tiveram para a consolidação da GR no Estado.

Na cidade de Vitória, o apoio ocorreu por intermédio da Ufes e, posteriormente, na cidade de Vila Velha pelo suporte oferecido pela UVV (SARTÓRIO, 2011; BATISTA, 2004). Desse modo, respeitando a cronologia dos fatos, verificamos que a primeira contribuição teve início na década de 1960. De acordo com Sartório (2011), o apoio inicial de uma instituição de ensino superior à GR no Espírito Santo aconteceu por intermédio do trabalho das professoras pioneiras na Ufes.

Em 1961, a Escola de Educação Física foi federalizada e o então professor Aloyr Queiroz de Araújo tratou de preparar os professores para darem aula no ensino superior. Dessa forma, os professores foram mandados para o Rio de Janeiro com o objetivo de fazer pós-graduação e se especializarem. Com isso, os professores foram fazer essas especializações na antiga Faculdade Nacional de Educação Física que funcionava na Universidade do Brasil, atual UFRJ (LUÍS CURCIO, 2019).

De acordo com Silva (1996), antes do Curso de Educação Física ser incorporado à Ufes, ele passou por processo de reformulação e de adaptação, diferenciando-se do formato anterior de quando era ofertado na Escola de Educação Física do Espírito Santo (EEF/ES), a qual foi criada no ano de 1931.

Posteriormente, apesar de receber a nomenclatura de Escola Superior em Educação Física, em 1939, o curso possuía irregularidades, visto que, com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desporto (Enefd), estabeleceu-se um padrão que foi seguido pelas demais instituições da época. Em busca de exemplificar essa questão, para que um curso fosse reconhecido como superior, havia o requisito de ter a duração mínima de um ano (SILVA, 1996).

Desse modo, no ano de 1961, após o processo de reformulação, a Escola de Educação Física passou a integrar a Ufes dentro dos padrões que um curso superior exigia na época. Além disso,

observamos que foi a partir desse ano que a instituição iniciou a sua contribuição com o desenvolvimento da GR no Estado. Pois, a universidade contratou novos professores para integrar o corpo docente e ministrar as disciplinas de ginástica, dentre eles: a professora Geny Curcio, contratada em 1962 para ministrar a disciplina GFM e a professora Olga Albert, para ministrar a disciplina Ginástica Geral Feminina (SOUZA, 2004).

De acordo com Carbinatto (2012), as disciplinas de esportes, nesse período, entre as décadas de 1950 e 1960, eram ministradas por homens enquanto as disciplinas de Dança, Ginástica e Ritmo eram lecionadas por mulheres. Por isso, a prevalência de professoras à frente dessas práticas.

Um aspecto que facilitou o apoio destinado à ginástica na Ufes, foi a identificação do diretor Aloyr Queiroz com a participação em eventos como: os Jogos Universitários Brasileiros, os festivais e as participações em desfiles cívicos (SOUZA, 2004). É pertinente mencionar, que naquele período, algumas disciplinas utilizavam as participações em tais eventos como método avaliativo.

Assim, tendo em vista os aspectos supracitados, os envolvidos nesses eventos institucionais buscavam fazer o melhor trabalho possível. Fundamentados em Souza (2004), em um relato cedido por Geny Curcio, em 2003, é possível ver o entusiasmo que o diretor tinha por tais realizações:

O professor Aloyr gostava muito de fazer os jogos olímpicos, sempre era uma festa grande, então os jogos olímpicos eram de todas as cidades do Espírito Santo que vinham para competir, era bom, muito animado, a apresentação, a abertura era ginástica, era bonito, [...] era uma vez por ano [...] (CURCIO, *apud* SOUZA, 2003, p. 53).

Anualmente aconteciam os jogos olímpicos¹⁶, cuja abertura possuía apresentações de ginástica. Isso fornecia visibilidade para a

¹⁶ Os alunos da escola formavam equipes entre si para disputar jogos com equipes de outros cursos superiores de Educação Física e formavam equipes com seus alunos das escolas estaduais para participar dos jogos e dos festivais entre escolas (SOUZA, 2004).

GFM no Estado, pois tanto os participantes quanto os espectadores podiam ter contato com essa prática corporal. Além disso, a cada evento o público aumentava, assim como o impacto gerado por cada professora que se formava e disseminava a prática da modalidade nas escolas primárias e secundárias, tendo como base as experiências absorvidas tanto em sala de aula quanto nesses eventos dos quais participavam.

Já a partir do ano de 1975, além das disciplinas curriculares e dos eventos de ginástica (FIGURA 29), a Universidade passou a ceder o espaço físico para a escolinha de GRD, que estava sob a coordenação de Marzy Perim. Ponderamos que a oferta da GRD para a comunidade externa contribuiu para a disseminação da modalidade na Grande Vitória. Pois, por meio da extensão, como afirmam Nunes e Silva (2011), é estabelecida uma ponte que permite o trânsito direto, de mão dupla, entre a universidade e os diversos setores da sociedade.

Assim, por meio desse projeto de extensão, observamos que, pouco a pouco, a ginástica foi difundida nos municípios da região metropolitana da capital capixaba, além de ter contribuído com a formação inicial dos alunos. É importante salientar, que as ações extensionistas ultrapassavam os muros da universidade, pois eram ministradas atividades nas escolas municipais. Salientamos também, que as alunas atendidas no projeto de extensão em GRD participavam de competições, festivais e apresentações que fomentaram a modalidade no Estado.

Figura 29 - III Festival Aberto de Ginástica promovido pela Divisão de Esporte e Lazer, da Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, 1990



Fonte: Arquivo pessoal, Marzy Perim.

No que concerne à formação inicial, é importante enfatizar que o programa da disciplina de GRD, da década de 1970, atendia às demandas necessárias para que os alunos pudessem realizar essas intervenções com propriedade. É possível analisar esses aspectos no relato da professora Marzy Perim (2018), que detalha aspectos das aulas teóricas em sala de aula até a intervenção escolar.

Em 1975, fui contratada pela Ufes para atuar no curso de licenciatura em Educação Física, ministrando a disciplina de GM que, naquele mesmo ano, passou a se chamar GR Desportiva (GRD).

O programa da disciplina era distribuído em três períodos, sessenta horas cada módulo, e visava ao conhecimento técnico-esportivo da modalidade. Em síntese, o programa compreendia o processo de ensino-aprendizado do trabalho de mãos livres, assim como as técnicas de manejo dos cinco aparelhos (bola, corda, maçãs, arco e fita). Além disso, previa o estudo e a elaboração de séries individuais e de conjunto. Os alunos também faziam a leitura e análise do código de pontuação e tinham aulas de noção de arbitragem e acompanhamento musical.

A proposta para o 4º período, com quarenta e cinco horas, tinha um enfoque pedagógico e visava possibilitar a utilização dos conhecimentos da GR na prática escolar. E, no final do período, os acadêmicos faziam uma amostra dos trabalhos realizados nas escolas [FIGURA 30] [...].

Durante minha permanência na Ufes, eu desempenhei várias funções dentro e fora do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD): fui orientadora de acadêmicas, que foram monitoras da disciplina de GRD e também de estagiárias que atuaram em projetos de Extensão Universitária de minha autoria. Na época tínhamos dois projetos, sendo: Projeto de difusão da GRD, o qual era desenvolvido no âmbito escolar; e Projeto GR Desportiva, que era orientado ao rendimento pedagógico e técnico. Ambos os projetos ocorriam em parcerias que envolviam a Sub-Reitoria Comunitária, a e sub-reitoria de extensão/UFES e o Cefd/Ufes (MARZY PERIM, 2018).

Figura 30 - Encerramento do semestre no Cefd/Ufes, 1982



Fonte: Arquivo pessoal, Marzy Perim.

Na figura acima, visualizamos um dos espaços utilizados na prática da GRD e, segundo Rangel (2000), a primeira equipe de GRD do Espírito Santo treinou no Cefd/Ufes. Isso ocorreu no ano de 1986, na sala 8 de dança do Cefd/Ufes (A GAZETA, 1986). É perceptível que os espaços cedidos pela universidade para essas ações (festivais, treinamentos, aulas, projetos de extensão) tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da modalidade e durante sua consolidação no âmbito competitivo, entre as décadas de 1980 e 1990.

O Jornal A Gazeta (1995) relata que na Grande Vitória, a ginástica era praticada com maior destaque no Cefd/Ufes e, apesar da carência de outros espaços, o esporte estava progredindo. Além de ceder o espaço para treinamento, a universidade também disponibilizava lugares para os encontros dos membros da Federação do Espírito Santo de Ginástica (Fesg) quando esta estava sendo formada (BATISTA, 2004).

A Universidade também ajudava muito nesse sentido, pois, às vezes, cediam espaços para que nós tivéssemos nossas reuniões. E, até mesmo, os eventos. As competições da Ginástica Artística, por exemplo, aconteciam na sala de ginástica do Centro de Educação Física e Desportos da Ufes. Nós também utilizávamos o ginásio para os encerramentos no final de ano (LUIZ CURCIO, 2019).

Ao longo dos anos da década de 1990 e durante a primeira década dos anos 2000, a Ufes ainda cedia os espaços da universidade para treinamentos e eventos realizados pela Fesg. No ano de 2001, por exemplo, a ginasta Elise Penedo se preparou para competir a Universiade, realizada na China, em local cedido pelo Cefd/Ufes. Na ocasião, a ginasta era treinada pela sua mãe, Tereza Penedo, que era professora e árbitra de GR. É importante mencionar que os espaços da universidade eram cedidos para as duas modalidades de ginástica mais difundidas no Estado, a GA e a GR, tanto na vertente de alto rendimento quanto nas ações de massificação das modalidades em projetos sociais (A GAZETA, 2002).

A partir de 2010, o Cefd/Ufes passou a desenvolver trabalhos mais direcionados às modalidades gímnicas no âmbito formativo.

Isso ocorreu por meio da criação da Escolinha de Iniciação à Ginástica. Esse trabalho foi realizado em parceria com a Pró-Reitora de Extensão (SILVA *et al.*, 2012).

Destacamos que os trabalhos desenvolvidos com foco na formação continuam em atividade por meio da ação de extensão denominada Escolinha de Iniciação à Ginástica e do projeto de extensão em GR (DIAS; OLIVEIRA, 2018), o que nos leva à compreensão de que a universidade não negligenciou ou interrompeu o trabalho com a ginástica, mas teve uma mudança quanto a priorizar uma ginástica formativa e não de alto rendimento. De acordo com os relatos de Dalza Batista (2018), outros fatores particulares contribuíram para um distanciamento entre esse trabalho conjunto do Cefd/Ufes em parceria com a Fesg direcionados à ginástica de alto rendimento:

Nós tínhamos esses acordos de um ajudar o outro. Nós tivemos, também, nesse período de parceria com a Ufes, muitos alunos matriculados no projeto, muita gente trabalhava lá. Vários estagiários que estudavam naquela época ajudaram no projeto e nós tínhamos muitos eventos. Na época, trouxemos até a Daiane dos Santos e a Daniele Hypólito através dessa parceria com a Ufes. E foi no Ginásio que aconteceu o evento [...]. Por meio desse envolvimento com a universidade, nós realizamos muitos eventos, festivais e campeonatos. Inclusive, a sede da federação foi por muito tempo na Ufes. Mas, aí eu senti que estava ficando muito complicado. Houve algumas brigas internas entre alguns professores [...] eu acredito que foi muito ruim essa quebra de relacionamento com a Ufes, porque lá, realmente, era muito bom. O local é muito bom para fazer os eventos, bem centralizado (DALZA BATISTA, 2018).

Além das parcerias realizadas entre a Fesg e a Ufes terem diminuído, no que concerne ao uso dos espaços, verificamos que outro fator também incidiu nesse distanciamento na questão do contato dos alunos com o conhecimento gímnico. De acordo com Marques (1999), o currículo do curso de Educação Física reduziu o número de disciplinas que abordavam a ginástica. Isso fica evidente quando analisamos os planos de ensino disponíveis no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes (1964), pois o currículo contemplava para as estudantes as disciplinas Ginástica Feminina, Ginástica Moderna,

Ginástica Rítmica e Ginástica Olímpica Feminina. No fim da década de 1970, conforme o Arquivo Permanente Cefd/Ufes (1978), as disciplinas que abordavam a ginástica eram ofertadas em quantidades significativas. Entretanto, com as alterações do currículo, houve algumas reduções que incidiram no contato dos alunos e na intervenção dos mesmos na área da ginástica durante a formação inicial.

Atualmente, de acordo com o Cefd/Ufes (2019), a grade curricular contempla disciplinas gímnicas, porém não apresenta uma disciplina que se proponha a discutir e trabalhar exclusivamente a GR. As disciplinas que abordam a ginástica são: Fundamentos da Ginástica, que é obrigatória, e a Ginástica Artística (GA), de caráter optativo no Curso de Bacharelado. Na Licenciatura, as disciplinas ofertadas são: Metodologia e Ensino da Ginástica e Oficina de Docência em Ginástica Geral.

Essa reflexão quanto às mudanças curriculares, mediante a análise dos depoimentos, sinaliza que o currículo era composto por disciplinas que deram ênfase à formação em GR. E, por isso, muitos professores atuantes no Estado, formados pela universidade, são aqueles que adquiriram um aprofundamento teórico e prático na modalidade entre as décadas de 1970 e 1990 (MARQUES,1999; BATISTA, 2004).

Segundo Marques (1999), a formação de novos treinadores para atuarem com a GR foi reduzida com essa atenuação do contato com a modalidade e com os conhecimentos específicos. Os relatos de Maria Angela Tardin e Vanusa de Albuquerque, ambas formadas pela Ufes, reforçam que as mudanças nos currículos geraram um impacto na formação dos profissionais que estudaram na universidade após tais reformulações:

Eu estudei de 1971 até 1973 e, em 1972, [...]Na época que eu estudei, lembro que tinha a parte prática e a teórica. A prática era bem reforçada no primeiro e no segundo ano. Atualmente, eu não sei como funciona. Mas, percebo que algumas coisas mudaram no ensino superior quanto a parte prática no curso de Educação Física. O que subentende que não está tendo tanto enfoque quanto antes, tendo assim, menos importância. E há um aprofundando

demasiado na parte teórica. Eu sei que a teoria tem sua real importância, entretanto é importante não negligenciar a prática. Pois, eu vejo muitos professores que vão dar aula e não tem noção de ritmo, não tem uma coordenação. Eles são ótimos, lindos e maravilhosos na teoria, porém, quando chegam na parte prática, não conseguem fazer nada! Não tem ritmo, não tem coordenação e não conseguem passar o que tem que passar. É o que eu vejo muito aí fora! (MARIA ANGELA TARDIN, 2019).

Eu entrei na Ufes no segundo semestre de 1987. Naquele período, o currículo antigo era bem diferente do atual. Tinham muitas disciplinas e, para ter uma ideia, nós cursávamos: GR, Dança I, II e III, Atletismo I, II e III, e assim vai... [risos]. [...], mas, assim, nós tínhamos cinco disciplinas de ginástica, mas a quarta e a quinta eram mais teóricas (VANUSA ALBUQUERQUE, 2018).

Desse modo, pensando na formação inicial em Educação Física, de acordo com os relatos das professoras, quanto a algumas modificações curriculares, podemos concordar com Lima (2010), que afirma, que existe uma fragilidade na formação inicial para o preparo com atuação profissional com a ginástica. Segundo a autora, existe uma lacuna não apenas na ginástica, mas também nas demais áreas que são trabalhadas de forma superficial durante a formação inicial que, por sua vez, pode estar atrelado a tantas especificidades inerentes à área da Educação Física.

Ainda corroborando o pensamento de Lima (2010), a maior preocupação na formação inicial, referente à ginástica, está mais direcionada à preparação dos professores para os aspectos procedimentais associados à docência nas questões didáticas, estilos e metodologias de ensino, além da pedagogia e o planejamento de aulas.

Ponderamos, que essa forma de trabalho, que prioriza com maior enfoque apenas os aspectos citados, acaba suprimindo outros pontos, que, segundo Lima (2010), também são importantes na formação do professor de Educação Física, por exemplo, um maior aprofundamento em conhecimentos específicos da área de ginástica, um fato que, de acordo com os relatos de Albuquerque (2018) e Tardin (2019), era vigente nos currículos anteriores no Curso de Educação Física da Ufes.

Porém, faz-se necessário pensar que, como afirma Carbinatto (2012), a partir da década de 1980, com base nas modificações na sociedade brasileira durante os anos de 1970, ocorreu a necessidade de mudanças curriculares nos cursos de Educação Física em âmbito nacional. O país passou por transformações socioeconômicas que influenciaram o crescimento de diferentes setores da sociedade, ampliando assim as escolas particulares, os clubes e as associações (CARBINATTO, 2012). Dessa forma, especificamente a partir de 1987, com os encontros e seminários realizados em diferentes Estados brasileiros, para discutir a situação futura do curso, foi encaminhado o Parecer CFE nº 215, que determinou a proposta de dois cursos na área da Educação Física, a licenciatura e o bacharelado. Nessa direção, podemos justificar algumas mudanças curriculares na tentativa de atender aos diferentes campos de atuação.

Nos discursos de Vanusa Albuquerque (2018) e Maria Angela Tardin (2019), é possível verificar uma mudança no tipo de metodologia abordada nos cursos de formação da Ufes. Pelos dizeres das professoras, um trabalho mais sistêmico foi implementado que, segundo Carbinatto (2012), corresponde a abordagem do conteúdo ginástico que aparece somente na contextualização histórica da Educação Física (movimentos ginásticos europeus, ginástica integrando a cultura física e outros). Ainda de acordo com a autora, podemos dizer que até mesmo um trabalho plural considera que a ginástica não deve ser direcionada aos padrões rígidos ligados aos movimentos técnicos da modalidade, deixando para trás um pouco da ideia de formação construtivista dos alunos, com uma educação de corpo inteiro, na qual se priorizava uma formação mais prática.

Contudo, além das questões curriculares que foram modificadas, a Ufes, como anteriormente mencionada, mudou a sua forma de apoio, migrando do suporte para a prática de alto rendimento para o esporte de participação, encerrando a parceria assídua que teve nos primórdios da modalidade. Dessa forma, o que ajudou a GR capixaba, mediante o

afastamento da Ufes, foi o apoio da UVV¹⁷ que conseguiu a partir de 2001 suprir as demandas da modalidade.

Quando refletimos sobre o apoio da UVV para o esporte, compreendemos que um dos fatores essenciais para que isso ocorresse foi a participação da professora Monika Queiroz, que atuou como docente na instituição de 2001 a 2010. Assim, desde os primeiros passos da UVV, ainda como Centro Universitário, a GR esteve presente. Além disso, a cidade de Vila Velha é considerada o celeiro das atletas de GR, o que, de certa forma, contribuiu também para tal parceria, além da própria treinadora Monika Queiroz também ser canela-verde¹⁸ (PREFEITURA DE VILA VELHA, 2017).

Durante o período entre 2001 e 2010, Monika Queiroz foi responsável pela criação do Centro de Atividades Gímnicas. Dentre as suas atividades gratuitas para a comunidade, estava incluso o projeto UVV de GR (EDUCAEDU, 2019). Com o passar dos anos, a UVV começou a cobrar um valor simbólico pelas aulas ministradas. E, no ano de 2005, a mensalidade era de 25 reais (A GAZETA, 2005).

Os trabalhos desenvolvidos com a GR correspondiam a um projeto de extensão que contava com a atuação dos discentes. É importante pontuar que o projeto, por sua vez, tinha uma

¹⁷ A UVV iniciou sua trajetória no ano de 1975, sob iniciativa do professor Aly da Silva, ex-professor da Ufes e líder no processo de federalização da instituição. Assim, pela sua vasta experiência, foi responsável por contribuir para a criação da UVV que, em 12 de abril de 1976, foi autorizada a funcionar pelo Conselho Federal de Educação (EDUCAEDU, 2019). Entretanto, apenas em 2001, o maior Centro Universitário do Espírito Santo se tornou realidade. Isso ocorreu durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando ele assinou um decreto que transformou a instituição em um Centro Universitário, o que foi um passo significativo para a consolidação futura da Universidade de Vila Velha (UVV, 2019). Assim, em 21 de dezembro de 2011, a instituição conquistou, por fim, o status de universidade.

¹⁸ Tradicionalmente, o nome canela-verde era dado, exclusivamente, ao cidadão nascido na sede de Vila Velha, mas, hoje se estende para os nascidos em todo o município. O termo canela-verde tem sua origem nos portugueses que deram início à colonização do solo espírito-santense (SETUBAL, 2001).

contribuição que ultrapassava o âmbito esportivo, pois impactava na formação inicial e apresentava impactos sociais.

Segundo Bahu e Carbinatto (2016), a inserção de monitores e estagiários em um projeto de extensão contribui para o desenvolvimento educacional e profissional, que muitas vezes não são contemplados unicamente pelas disciplinas curriculares. O projeto de ginástica da universidade, por sua vez, possibilitou uma formação complementar para acadêmicos do Curso de Educação Física da UVV, pois propiciava uma aproximação com a GR durante o período de graduação. Assim, notamos que a UVV atuou como ambiente de formação tanto de atletas quanto de futuros treinadores e professores, tendo como umas das principais apoiadoras dessa proposta a professora Monika Queiroz:

Não é me gabando, mas, dos 11 anos trabalhando na Universidade de Vila Velha, onde tinha um projeto de extensão, vamos dizer assim, que 99% das pessoas que tiveram a oportunidade de fazer o estágio comigo se tornaram treinadoras de GR. Então, com um projeto de extensão que lida com a modalidade, um aluno em formação tem essa oportunidade de ter contato e atuar nas aulas, com os conteúdos e com a prática aliada à teoria. Essas experiências contribuem muito para a formação do aluno e a consequente escolha profissional (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Além da contribuição na formação de professores e treinadores de GR, o projeto de GR na UVV foi responsável por revelar talentos, como por exemplo, a ginasta Francielly Machado, que iniciou no projeto em 2004 (A GAZETA, 2016). Além disso, no espaço cedido pela UVV, passaram também as ginastas: Gizela Batista, Tayanne Mantovaneli, Ana Paula Ribeiro, Natália Gaudio, Drielly Daltoé, Emanuelle Lima, dentre outras. Foi um passo importante para a GR capixaba a parceria com a UVV, pois, na década de 1990, a GR em Vila Velha era praticada com maior destaque na Academia Cesan¹⁹/Dançarte (A GAZETA,1995). Com isso, o projeto foi uma

¹⁹ A Cesan (Companhia Espírito-Santense de Saneamento) patrocinava, na década de 1990, a Dançarte, academia de dança e GR da professora Monika Queiroz (MONIKA QUEIROZ, 2018).

ferramenta que contribuiu para a ampliação do número de praticantes da modalidade.

O meu início na ginástica foi em 14 de setembro de 2004. Em um projeto social na Universidade de Vila Velha (UVV) [...], após o teste, eu comecei a frequentar a escolinha de GR todas as terças e quintas na UVV. Conforme eu fui me desenvolvendo, os dias foram para segunda, quarta e sexta (FRANCIELLY MACHADO, 2018).

A UVV também foi importante na formação acadêmica das ginastas de ponta, pois disponibilizou bolsas de estudos para os cursos de Educação Física (SESPORT, 2009). Devemos enfatizar que, além de bolsas de estudos para atletas, a universidade também buscava ajudar as ginastas oferecendo não apenas o espaço para o treinamento, mas também acompanhamento nutricional e fisioterapêutico. Um exemplo de ex-ginasta que treinou e, posteriormente, se formou na instituição é a treinadora Gizela Batista. Ao longo da formação inicial, Gizela Batista participou como monitora no projeto de extensão da UVV ao lado de Monika Queiroz. Na ocasião, atuou na escolinha de Ginástica:

Quando eu era ginasta, sempre passava os períodos da tarde inteira treinando. E, aí, quando eu passei a dar aula, eu continuei indo todas as tardes para o ginásio. No período que eu comecei a dar treinos, a filha da Monika, a Duda, tinha uns quatro aninhos e eu ia lá no ginásio dar aula e ajudar a Monika um pouco. Assim, eu comecei a carreira de técnica (GIZELA BATISTA, 2018).

A Manu, a Carol, a Larissa e algumas outras meninas, pertenciam ao grupinho que a Gigi já tinha na UVV. Na época, ela ainda era estudante e trabalhava como estagiária. Daí, quando mudamos para o Deares, as meninas continuaram com ela (MARIA ANGELA, 2019).

A UVV também apoiou a Seleção Brasileira de Conjunto²⁰ durante o tempo em que a equipe treinou no Espírito Santo.

²⁰ Foram selecionadas nove ginastas de diferentes Estados: uma de São Paulo, uma do Paraná, duas de Santa Catarina, uma do Pará, uma da Bahia, uma de Minas Gerais e uma do Distrito Federal (MERLO, 2006).

Segundo Merlo (2006), a Seleção iniciou os treinamentos no Estado em maio de 2005. Em seu primeiro ano em terras capixabas, a equipe treinou até o mês de novembro para competir o Pré Pan-Americano, no qual consagraram-se campeãs e, por conseguinte, se classificaram para os Jogos Pan-Americanos de 2007.

A universidade possuía uma infraestrutura adequada para receber a Seleção, pois no ano de 2002, devido as conquistas sequenciais do Espírito Santo nos campeonatos nacionais e internacionais, a CBG cedeu ao Estado um tablado oficial de GR, o qual foi instalado no ginásio da UVV. O tablado pôde ser utilizado pelas ginastas de ponta do Estado e também pelos clubes e escolas ligados à Federação do Espírito Santo de Ginástica (BATISTA, 2004).

Em 2006, as ginastas começaram a treinar no Ginásio Poliesportivo “Paulo Valiate Pimenta”, no Centro de Treinamento Jayme Navarro de Carvalho, antigo Deares²¹. A mudança para o local ocorreu devido aos investimentos federais que a modalidade passou a receber. Dessa forma, o local de treinamento tinha que ser um espaço público:

Eu acredito, inclusive, que a Universidade Vila Velha foi o primeiro local a ter o tablado oficial de GR. E esse espaço da Universidade de Vila Velha acabou se tornando um ambiente voltado para os esportes gímnicos (MAURO GUERRA, 2018).

Eu acho que foi em 2003 o primeiro momento em que nós tivemos um lugar digno para treinar. Nós ganhamos um tablado da Confederação Brasileira de Ginástica, porque o Espírito Santo já tinha resultados expressivos. Assim, a Universidade de Vila Velha disponibilizou o espaço onde nós podíamos deixar o tablado. Quando as meninas da seleção vieram treinar no Espírito Santo, salvo engano, elas também foram treinar lá na Universidade de Vila Velha (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Além de ceder o espaço para o desenvolvimento de atletas e de contribuir com a formação de novos treinadores, a UVV também

²¹ Departamento de Educação Física, Desporto Amador e Recreação do Espírito Santo (Deares).

incentivou e participou de competições universitárias. No ano de 2000, a universidade conquistou duas medalhas na GR nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) com as ginastas Gizela Batista e Juliana Coradine (BATISTA, 2004).

Por fim, destacamos, que o apoio da UVV para o desenvolvimento da GR foi além do ensino e da extensão, pois propiciou o desenvolvimento de pesquisas significativas realizadas por estudantes envolvidos com o projeto de GR, como exemplo, os estudos de Guerra (2003) e Batista (2004).

Atualmente, a UVV não continua com a mesma ênfase observada no passado, principalmente, devido aos demais incentivos públicos que foram surgindo ao longo dos anos para a GR capixaba. Entretanto, apesar da conjuntura atual, enalteçemos o virtuoso incentivo e o apoio da instituição para esse esporte.

6.4 A INTRODUÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA NAS ESCOLAS CAPIXABAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A GR teve como um de seus locais de implantação e até mesmo disseminação o âmbito escolar. Todavia, de acordo com Oliveira e Porpino (2010), as propostas pedagógicas da ginástica foram negligenciadas ao longo do tempo e assim o esporte espetáculo teve maior ênfase a partir da década de 1960. Desse modo, o aspecto pedagógico foi negado diante do interesse competitivo, descaracterizando assim, a proposta educacional da modalidade.

O que consideramos importante tratar neste capítulo é como ocorreu essa implantação da GR na escola e a importância que foi dada a esse movimento no Espírito Santo. Como mencionam Oliveira e Porpino (2010), o esporte espetáculo direcionado com uma visão mais competitiva no âmbito escolar, se deu após meados do século XIX. Desse modo, é importante atentar para as evoluções ocorridas quanto ao esporte escolar desde quando veio a ser introduzido no Estado.

Podemos considerar, de acordo com Batista (2004), que a chegada da GM, futura GR, adveio por intermédio dos trabalhos de Geny Curcio, apoiados pela direção do Colégio Liceu Muniz Freire. Com isso, partilhamos da ideia de que, a atuação de Geny Curcio, em âmbito escolar, estava mais direcionada para a ginástica de demonstração, com destaque para o seu pelotão de balizas:

Na cidade de Cachoeiro, eu dava aulas dessa ginástica que eu aprendi para as minhas alunas. E, na época, eu tinha alunas escolhidas. Também tenho fotografias delas aí. Essas alunas eram escolhidas para serem as minhas balizas. Elas eram famosas no Estado praticando essa ginástica! (GENY CURCIO, 2018).

Entretanto, no dado período, apesar dos aspectos pedagógicos contemplados na formação das crianças, como utilizar a ginástica como ferramenta metodológica para trabalhar noções espaciais, ritmo, coordenação e criatividade (PERIM, 1992), uma das grandes prioridades era proporcionar uma ginástica que contribuísse para a melhora e a manutenção da saúde dos indivíduos. Isso poderia ocorrer por meio de uma educação centrada em disciplinar os corpos por meio de um treinamento militar que, muitas vezes, estava vinculado aos interesses políticos e estratégicos das instituições sociais e do Estado (SILVA, 1996; OLIVEIRA; PORPINO, 2010).

Essa relação política e militar emerge nas ações das balizas de Geny Curcio, que sempre estavam presentes nos desfiles cívicos e em eventos políticos, como exemplo, nas eleições que eram realizadas na cidade, uma vez que o governo apoiava esse trabalho.

De acordo com Matias (1997, *apud* OLIVEIRA; PORPINO, 2010), a preocupação pedagógica naquele período, em suma, foi desestimada em função dos interesses políticos que, porventura, acabavam vendo na ginástica uma ferramenta de propaganda comercial e política. Em uma das imagens disponibilizada por Geny Curcio (2018) (FIGURA 31), é possível analisar a influência política na ginástica. As demonstrações eram frequentes em eventos políticos, tanto voltados para o âmbito estadual quanto para o nacional. No caso da referida imagem, percebemos que o Brasil se

encontrava em período de eleições presidências no ano de 1955, tendo como candidatos Juscelino Kubitschek, para presidente, e João Goulart, para vice.

Figura 31 - Grupo de balizas da professora Geny Curcio se apresentando em uma campanha política das eleições de 1955



Fonte: Arquivo pessoal.

Além das apresentações em eventos com viés político, as alunas do colégio Liceu se apresentavam em desfiles cívicos, datas comemorativas e olimpíadas escolares, como afirma Geny Curcio (2018) em seus dizeres: “Eu fui a primeira professora a organizar o pelotão de balizas no Estado. Minhas alunas e a Fanfarra do Liceu Munis Freire se apresentaram em várias cidades, como em Vitória e Colatina, nas olimpíadas de Colatina”.

Nessa conjuntura e cientes que o grupo de balizas era selecionado, compreendemos que apesar de estar presente na escola, a GM era ensinada apenas para um grupo específico, não correspondendo a uma prática atrelada a todos os alunos, como um pré-requisito curricular. O trabalho de Geny Curcio com as balizas ocorria em paralelo. De acordo com os relatos dos ex-alunos do

Colégio Liceu Muniz Freire, era uma das características da escola a formação de grupos de diversas modalidades esportivas e culturais (JOVENS SOMOS DO LICEU, 1986).

Por vista disso, entendemos, que apesar de estar no âmbito escolar, a GM ainda não estava dentro de uma proposta pedagógica e democrática para os estudantes. Desse modo, a escolha de Geny Curcio se deu em torno da criação do grupo de balizas. Com base em suas afirmativas, percebemos que durante as suas aulas como professora das séries iniciais, ela apresentava as propostas gímnicas. No entanto, a GM foi um conteúdo ministrado, em sua essência, para um grupo específico, com a proposta de realizar as demonstrações tão valorizadas na época. Aspecto evidenciado por Geny Curcio (2018): “Quando chegava para mim alguma menina e dizia: ‘eu quero fazer ginástica’. Eu dizia: ‘Minha filha, vai fazer ginástica no campo!’ Eu tinha essa preocupação com os corpos, elas tinham que ser jeitosas”.

Concordamos com Silva (1996), que, naquele momento da Educação Física, havia uma preocupação com padrões corporais no âmbito escolar, devido a influência militarista e a ênfase na educação dos corpos. No caso de Geny Curcio, especificamente, isso era levado em consideração, conforme acompanhamos em seu relato. Devemos considerar o contexto histórico dessa fala para que não haja afirmativas equivocadas quanto à forma de trabalho aplicada na época. Com isso, compreendemos que o trabalho de Geny Curcio com as balizas nas escolas, apresentava propostas interessantes que puderam ser aperfeiçoadas pelas suas sucessoras.

Dentre as características do trabalho de Geny Curcio, estava, por exemplo, o fato de ela adaptar os materiais utilizados na prática da GM para a realidade do seu grupo de balizas. Em seu depoimento, observamos as confecções do arco que não eram facilmente encontrados. O arco que ela utilizava foi adquirido com a professora Ilona Peuker durante os cursos de aperfeiçoamento:

É importante você saber, também, sobre os aparelhos que eu costumava usar com as minhas alunas, aquelas que integravam o grupo de balizas. Naquela

época, eu mesma costumava usar muito o arco. O servente do Liceu, ele ia no mato e catava cipó e fazia o arco. Lá, no Liceu, era com arco, arco de cipó. Eu tenho meu arco até hoje. Vou pegar ele para mostrar para você. Eu trabalhava com a Ilona e ela mandou fazer os nossos arcos. Daí cada uma comprou seu arco. Então esse arco que estou te mostrando foi a Ilona que mandou fazer (GENY CURCIO).

É preciso compreender, que apesar do início da prática da GR no Estado ter sido no âmbito escolar, tal inserção não ocorreu pautada nos aspectos curriculares e pedagógicos. Desse modo, é preciso destacar que a ginástica na escola é diferente de ginástica escolar dentro das propostas da Educação Física Escolar. De acordo com Teixeira e Rinaldi (2008), a Educação Física escolar compreende diversos saberes a serem tratados, dentre eles, a ginástica.

Assim, quando nos remetemos a esse período do final da década de 1950 e início da década de 1960, pautada no trabalho de Geny Curcio, concordamos com Perim (1992) quando afirma, que apesar de a GR ter suas aparições no Estado em uma época que se manifestou no Brasil com uma concepção pedagogicista, ela perdeu esse caráter mais tarde, por volta da década de 1960, e assumiu um traço competitivista, que foi se tornando ainda mais forte nas décadas seguintes.

Entendemos que o trabalho de Geny Curcio estava centrado não nos aspectos de competição, mas no trabalho de demonstração com o grupo de balizas que, segundo Silva (2009), era uma figura muito querida nos desfiles. As balizas eram selecionadas entre as mais flexíveis e habilidosas. Silva (2009) descreve, que as jovens faziam piruetas e cambalhotas, demonstravam habilidades motoras com bastões, arcos e bolas. E por onde passavam, encantavam a todos com tamanha graciosidade, plasticidade e leveza. Todos esses aspectos destacados pelo autor vão ao encontro da narrativa de Dona Geny Curcio.

Em contrapartida, posteriormente aos trabalhos de Geny Curcio com as balizas no Colégio Liceu Muniz Freire, uma das grandes influências para a GR no âmbito escolar se deu por intermédio dos trabalhos de Marzy Perim, que foi aluna da

professora Geny durante a graduação. Ela também teve contato com a professora por meio de cursos e de algumas aulas durante o Curso Normal.

Foi em Cachoeiro de Itapemirim que eu tive o primeiro contato com a GR. Na época, a modalidade era denominada GFM. Esse contato se deu através de um curso, em 1956, oferecido pelo Colégio Estadual Liceu Muniz Freire, sob orientação da professora Ilona Peuker. O curso contou com a colaboração de Geny Curcio, que era professora de Educação Física do colégio. Nessa época, eu era aluna do Curso Normal do mesmo colégio (MARZY PERIM, 2018).

Marzy Perim, após se formar em Educação Física, atuou em escolas públicas e privadas de Vitória, além de ministrar aulas na região metropolitana (Vila Velha, Serra, Cariacica) e em algumas cidades do sul do Estado. Todavia, de acordo com a narrativa de Marzy, percebemos que a metodologia de ensino que ela utilizava estava pautada em uma visão progressista da Educação Física. A professora Marzy utilizava a GR como ferramenta metodológica de aprendizado e, por meio dela, conseguiu desenvolver com seus alunos trabalhos de coordenação motora, ritmo, criatividade, interação, força, entre outros aspectos.

Entendemos, então, que a professora direcionou a sua docência em prol de uma Educação Física Escolar que se opunha ao modelo mecanicista, que priorizava o desempenho físico. Além disso, ela propôs levar os conhecimentos da GR a todos os seus alunos, sem fazer seleção dos mais habilidosos, proporcionando um ensino democrático e com aspectos que vão além de aprender apenas os movimentos técnicos.

Dessa forma, podemos constatar que Marzy Perim foi a professora que compreendeu e aplicou os atributos necessários para uma GR Escolar como proposta educacional e pedagógica. É importante salientar que Marzy Perim iniciou seus trabalhos no âmbito escolar como professora de Educação Física, no final da década de 1960: “Em 1967, já diplomada no ensino superior, retornei ao trabalho nas escolas da rede privada e pública do Estado. Mas, agora, como professora de Educação Física!” (FIGURA 32).

Figura 32 - Primeira escola em que a professora Marzy trabalhou com Ginástica Rítmica. Escola Ana Lopes Balestrero



Fonte: Arquivo pessoal.

De acordo com Agostinho e Cesário (2019), a ginástica é um conteúdo tradicional da Educação Física, todavia, tornou-se raramente ensinada como um saber da área durante as aulas nas escolas. A esportivização da Educação Física no ambiente escolar, influenciou a abordagem da ginástica que passou a ser utilizada, muitas vezes, como um conjunto de exercícios que antecedem outras práticas, como um “aquecimento”, pois não é abordada de uma forma mais aprofundada e exclusiva.

Nesse contexto, Marzy Perim se deparou com esse desafio, porém valorizou o conteúdo gímico em suas aulas, nas quais incluía todos os alunos coletivamente, tanto meninos quanto meninas, ainda que o esporte naquele período fosse exclusivo para o público feminino e o preconceito se fazia presente. Marzy Perim entendia que tal realidade ligada ao gênero não poderia ser um empecilho para o desenvolvimento pedagógico de suas aulas, portanto ela buscava diversas formas de trabalhar a GR com seus alunos sem que houvesse restrição.

A própria Marzy Perim desenvolveu um estudo abordando algumas dificuldades enfrentadas pelos professores capixabas quanto ao ensino da GR em suas aulas. Dentre diversos argumentos,

encontra-se o fato de não terem intimidade com a prática, de o esporte abranger mais o público feminino e a falta de estrutura e de materiais (PERIM, 1992). Além disso, nos estudos da autora, muitos entrevistados atrelaram esses desafios de atuação nas escolas voltados à formação inicial que tiveram nas universidades. Estes afirmam que a maioria do processo de ensino-aprendizado estava pautada na prática em detrimento de uma orientação metodológica e fisiológica com fins educativos (PERIM, 1992).

Nos argumentos de Marzy Perim, ao longo de seu depoimento, é possível perceber o seu incômodo quanto à forma como o ensino da ginástica era negligenciada nas escolas. Porém, percebe-se também que ela tentou mudar essa realidade. Marzy, no decorrer de sua carreira, tinha a concepção de que era necessária ter uma ação docente que ia além de transmitir informações, mas também, e principalmente, mediar e gerenciar o conhecimento com os seus alunos. Uma perspectiva importante para o docente, uma vez que, de acordo com Oliveira (2014), a escola é o local onde acontece a intervenção pedagógica e o professor é o mediador no processo de formação do aluno. Dessa maneira, o trabalho dela seguiu essas diretrizes, disseminando os conhecimentos da GR em sintonia com seus alunos.

No ambiente da escola, a professora Marzy construía materiais juntamente com as crianças, levava músicas gravadas em fita cassete para trabalhar ritmos e priorizava a formação social das crianças, sempre utilizando os elementos da GR como ponte para esse processo de formação. Assim como Geny Curcio, devemos ressaltar que a professora recorria a construção de materiais alternativos para possibilitar a vivência dos seus alunos com prática. Faz-se importante mencionar que, até os dias atuais, tal feito é recorrente, como é possível analisar nos estudos de Agostinho e Cesário (2019). Os autores destacam que a prática pedagógica pode acontecer por meio de materiais alternativos, mediante a análise da realidade própria de cada escola, e que o uso dos materiais de ginástica é importante para o bom desenvolvimento do ensino da Educação Física. Marzy tinha como compreensão o fato de que ensinar não está ligado apenas a passar o

conteúdo, mas também a levar o aluno a pensar, construir e criticar. Como afirma Oliveira (2014), o professor tem a responsabilidade de preparar o aluno para se tornar um cidadão ativo, tendo capacidade de questionar, debater e romper paradigmas.

Nas aulas de GR que eu ministrei nas escolas, eu utilizava alguns aparelhos que eram confeccionados com materiais alternativos. Os arcos, por exemplo, eram feitos de conduíte. Eu comprava o material a metro e, depois de cortado nas dimensões certas, as extremidades eram unidas com um toquinho de madeira. As cordas utilizadas eram daquelas compradas em estabelecimentos de material de construção e as bolas eram adquiridas em lojas de brinquedos. Outro material que eu utilizava era a casca de coco. Além de ter um baixo custo, era excelente para educar e desenvolver o ritmo. Eu utilizava também o pandeiro, o qual aprendi a manusear com a professora Geny Curcio. Era rotina também fazer o uso da música, através de fitas cassetes e discos que eram reproduzidos em um toca disco portátil. Desta forma, eu fui desenvolvendo o meu trabalho e promovendo a GR nas escolas (MARZY PERIM, 2018).

Além de se empenhar na abordagem da GR no âmbito escolar de forma pedagógica, a professora, após se tornar docente no ensino superior na década de 1970, fez questão de trabalhar as propostas da GR escolar durante sua atuação no ensino superior, propondo intervenções dos alunos nas Escolas Municipais de Vitória (ARQUIVO CEFD/ UFES, 1978).

Nesse período, Marzy Perim iniciou o projeto de extensão intitulado Progin, que tinha como intuito desenvolver um trabalho com estudantes do ensino fundamental e médio no âmbito competitivo: “Marzy era professora desse projeto que atendia tanto a GR quanto a GA. E, na área da GR, ela dava aula e treinava a seleção que ia para os JEBs” (FLÁVIO BARROCA, 2018).

A iniciativa de Marzy de trabalhar com a GR no âmbito da esportivização ocasionou uma nova proposta de trabalho nas escolas, pela qual à própria Marzy Perim acabou sendo contrária futuramente, pois a prática passou a ser introduzida muito mais com uma proposta que marginalizou a parte pedagógica para priorizar os resultados esportivos nas escolas capixabas que atuavam com a

modalidade. Para compreendermos melhor essa questão, destacamos que Marzy atuava tanto com a GR no âmbito de formação, valorizando os aspectos pedagógicos em prol de uma massificação da modalidade, quanto na vertente esportivizada, que tinha como ênfase a competição. Entretanto, o descontentamento de Marzy Perim, como responsável por muitos avanços da GR capixaba foi, de certa forma, a abstenção do caráter pedagógico e a valorização demasiada do caráter competitivo no âmbito escolar (PERIM, 1992):

A orientação esportivizada da GRD criou raízes profundas que, ainda hoje, se fazem presentes na modalidade. Esse elitismo continua a ser compartilhado pelos professores de Educação Física, que, por sua vez, impedem o entendimento de que a GR possa ser trabalhada em uma ótica pedagógica, em que todos os interessados, independente do seu objetivo ou de experiências prévias, possam vivenciar sua prática, beneficiando-se dos seus efeitos. Desta forma, penso que não se pode negar a inclusão da GR no curso de formação de professores de Educação Física, mas, sim, repensá-la como um meio para a formação do indivíduo (MARZY PERIM, 2018).

Assim, com base nos apontamentos da professora, é preciso analisar dois aspectos importantes: o primeiro deles, apresentado por Marzy, está relacionado com a orientação esportivizada que ela presenciou após o Estado se tornar atuante nas competições escolares, principalmente, quando se refere aos JEBs; o segundo ponto, é o fato da importância do conteúdo GR nas propostas de formação de professores e a relevância de a GR ser compreendida como uma ferramenta utilizada na formação do indivíduo, não podendo ser negligenciada durante a graduação, por exemplo.

Todavia, com ênfase na esportivização, entendemos que Marzy Perim, como afirma Batista (2004), foi uma das idealizadoras dos Jogos Primavera que ocorriam internamente entre as escolas de Vitória e da Grande Vitória. Porém, inicialmente, como um meio de interação entre as escolas. O intuito era estimular a disseminação da prática da GR. No entanto, com o tempo, foi se tornando uma proposta com interesses institucionais de se promoverem por meio da prática.

De acordo com Oliveira e Porpino (2010), essa é uma forte característica quando nos remetemos à relação do trato do esporte e a Educação Física nas escolas. Esses interesses institucionais ficam aparentes na fala da professora Monika Queiroz (2018):

Por exemplo, tinha os jogos da primavera. Eu não sei muito bem os nomes, me esqueci, mas o Salesiano e os colégios estaduais de Vitória, o Maria Ortiz e o Maria Horta, todos tinham equipe de GR. Então, começou no âmbito escolar, mas com caráter competitivo, não era mais festival, entendeu? O que eu me lembro é que nos Jogos Escolares, se tivesse GR, a escola ganhava mais ponto e aí elas investiam.

Essa prática dos campeonatos internos nas escolas, segundo Kiouranis (2017), deu-se em vários Estados brasileiros, mas esses eventos não contavam com uma grande infraestrutura e nem tinham uma meta a ser alcançada. Eram apenas iniciativas isoladas. Assim, a partir de 1969, no auge da Ditadura Militar, foram instituídos os JEBs, que contribuíram fortemente para que o esporte na escola, no contexto competitivo, ganhasse destaque.

A primeira edição dos JEBs contou com a participação de 315 estudantes de oito unidades da Federação: Guanabara, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco, Distrito Federal, Alagoas, Paraíba e Espírito Santo. Segundo Kiouranis (2017), o intercâmbio entre estudantes brasileiros, em prol do desenvolvimento do esporte, ocorreu a partir de 1969, com a criação desse grande evento esportivo. Assim, com o passar dos anos, os JEBs foram envolvendo mais Estados e, conseqüentemente, mais alunos. Ainda de acordo com a autora, o evento, no ano seguinte, em 1970, contou com um aumento de 100% na participação de Estados brasileiros e o Espírito Santo novamente se fez presente. Assim, até os dias atuais, a tradição de participar dos JEBs é recorrente no Estado, que tem bastante destaque nos jogos.

A primeira medalha na GR no esporte escolar foi no ano de 1987, no XVI JEBs, em Mato Grosso do Sul (A GAZETA, 1987) (FIGURA 33). Entretanto, uma das primeiras aparições nos JEBs ocorreu no final da década de 1970, seguindo as informações dos

relatos coletados nos estudos “[...] no ano de 1978, a nossa equipe obteve a sétima e a oitava posição no JEBs” (MARIA ANGELA TARDIM, 2019). Além disso, mesmo o Estado não tendo atletas competindo, o Espírito Santo se fazia presente com as professoras que compareciam para adquirir experiência, como a professora Marzy, no ano de 1979, no JEBs realizado em Brasília (FIGURA 34).

Eu sempre busquei saber o que estava acontecendo no universo da GRD. Por isso, eu fazia muitos cursos e, em um desses eventos, eu conheci a professora Daisy Barros, que é muito respeitada por sua vasta experiência na modalidade. A Daisy foi coordenadora geral dos JEBs de 1973 até 1981. Essas fotos são do JEBs que foram realizados na cidade de Brasília. Eu tirei essas fotos em 1979 [FIGURA 34]. Olha aqui, olha! Observa o desenho da coreografia, está vendo? (MARZY PERIM, 2018).

Figura 33 - Entrevista cedida para o jornal A Gazeta, no dia 12 de julho de 1987, mencionando, as expectativas para o XVI JEBs



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 34 - JEBs em Brasília, 1979



Fonte: Arquivo pessoal.

Com os bons resultados recorrentes do Estado, o esporte na escola foi se tornando cada vez mais valorizado, dentre eles, a modalidade da GR. De acordo com os estudos de Kiouranis (2017), nos esportes coletivos, por exemplo, o Espírito Santo se encontrava na divisão especial nos anos de 2007 a 2011 e na primeira divisão de 2012 a 2014, estando entre as divisões superiores, o que nos leva a compreender o quanto o Estado e as escolas em suma se dedicavam à preparação dos atletas capixabas para o evento.

Segundo Oliveira e Porpino (2010), as competições esportivas passaram a ter tanta importância que acabaram por ocupar um lugar predominante nas aulas da disciplina Educação Física, na qual muitas vezes as aulas chegavam a ser substituídas pelos treinamentos das modalidades esportivas. Isso acarretava deixar de lado aspectos e conteúdos pertinentes para a formação do indivíduo, renegando os aspectos pedagógicos em prol do espetáculo e da esportivização das práticas esportivas nas escolas.

Nos dizeres de Maria Angela Tardim (2019), fica nítido que, nas escolas públicas, logo esse cenário foi se modificando, visto que as escolas diminuíram os investimentos para as diversas práticas esportivas, devido a outras demandas de formação, sem contar com as variáveis dos investimentos que alteram de acordo com a gestão pública:

Posteriormente, eu fui chamada para trabalhar na Prefeitura Municipal de Vitória, pois, desde que eu me formei, eu batalhei para conseguir trabalhar na Prefeitura como professora de Educação Física. Nessa época, o município apoiava os campeonatos de várias modalidades esportivas, não apenas da ginástica. E, com o tempo, o ritmo foi diminuindo e, aos poucos acabando com essas competições. Os eventos de GR, de GA e de Natação foram os primeiros a serem paralisados. A Prefeitura alegava que era difícil conseguir espaço adequado para realizar os campeonatos, entre outros argumentos (MARIA ANGELA TARDIM, 2019).

Outra professora que se destacou pelos trabalhos no ambiente escolar sem ênfase na competição foi Tereza Penedo. De acordo com Luís Curcio (2019), durante sua vida, a professora se dedicou a levar a GR para as escolas, tendo como projeto a disseminação e incentivo para a implantação da ginástica como proposta de conteúdo nas aulas de Educação Física. Assim, com essa iniciativa, a modalidade foi se tornando de conhecimento público. Essa proposta de Tereza Penedo ocorreu por meio de demonstrações com uma equipe treinada pela própria professora, que se preocupou em apresentar as possibilidades de trabalhos com a GR nesses locais, modificando, desse modo, a realidade desses ambientes:

A própria Tereza Penedo, também muito importante para a GR capixaba, levava as equipes para se apresentarem nas escolas públicas e privadas dos municípios de Vitória e Vila Velha na hora do intervalo. Então, no momento do recreio das crianças, ela aproveitava a oportunidade para divulgar o esporte. Com isso, a ginástica no Estado só foi ganhando força e se tornando conhecida (LUÍS CURCIO, 2019).

Todavia, mesmo diminuindo o incentivo do aspecto competitivo nas escolas públicas, nas escolas privadas o apoio à competição se

fortaleceu, tanto que, nos relatos de algumas colaboradoras que atuaram no ambiente escolar, é possível ter essa dimensão. Como afirmam Oliveira e Porpino (2010), esse incentivo das escolas particulares muitas vezes estava pautado na promoção da própria escola, que usava a modalidade como ferramenta de propaganda e viés capitalista, no intuito de oferecer diversas práticas esportivas como um dos atrativos para o público-alvo da instituição:

Em todas as escolas que eu passei, as meninas sempre ganhavam alguma coisa. Lembro que até as pequenininhas subiam no pódio. Sem contar que eu trabalhei em muitas escolas. Eu trabalhei no Colégio Santa Adame, no Darwin, no Michelangelo e trabalhei também no Marista (JOSIANE FREIRA, 2019).

Depois, durante minha formação, trabalhei com GR durante um tempo. Trabalhava na Escola Santa Adame, onde dava aula em escolinha. Eu cheguei a participar de competições com as minhas alunas no estadual e torneio nacional (RAFAELA FÁVERO, 2018).

No Colégio São José, eu era a professora de Educação Física nos turnos da manhã e da tarde. E, no período da noite, eu trabalhava com a escolinha de ginástica todos os dias [...]. Mas, onde eu me firmei como professora de GR foi no Colégio São José. Inclusive, as nossas alunas do Colégio São José sempre estavam presentes nos campeonatos. A escola era muito envolvida. No entanto, com o passar do tempo, nós demos uma diminuída por causa da filosofia da escola. A escola priorizava mais o aprendizado, a participação, a parte lúdica da apresentação, dentre outros aspectos que não estão vinculados à competição (SÔNIA CRISTINA, 2019).

Todas as escolas mencionadas pelas colaboradoras são instituições privadas. É nítido o quanto o aspecto competitivo se fazia presente na realidade desses espaços. Desse modo, concordamos com Oliveira e Porpino (2010) quando afirmam, que a preocupação das instituições muitas vezes se dava em torno de um espetáculo, o qual proporcionava uma notoriedade para a escola, que utilizava esse prestígio como ponte para êxito da GR. A modalidade geralmente era disponibilizada nas escolas em horários extraescolares. Contudo, com o passar dos anos, foi possível perceber algumas mudanças em determinadas instituições privadas,

como o Colégio São José, que buscou priorizar a GR como ferramenta metodológica no processo formativo das crianças, organizando assim, uma forma democrática de trabalho (SÔNIA CRISTINA, 2019).

Nesse contexto da GR na escola, é preciso mencionar também o trato da modalidade na perspectiva de projeto social com proposta de massificação da modalidade que, segundo Maria Angela Tardim (2019), ocorreu a partir da década de 1978. Nesse âmbito, destacamos a servidora Edith Camata, que atuou a serviço da população por 41 anos. Em um de seus cargos públicos, a professora trabalhou como secretária de Educação, segundo o Folha Vitória (2015). A senhora Edith Camata investiu em projetos de dança e ginástica nas escolas da rede pública de ensino. A professora Maria Angela Tardim foi uma das grandes atuantes nesse projeto, ministrando aulas de GR em diversas escolas situadas na cidade de Vitória:

A partir desse projeto que a Edith criou, eu trabalhei com a ginástica em muitas escolas nos mais diferentes bairros da cidade. No bairro Jardim da Penha, eu dei aulas nas escolas Álvares de Castro Mattos e Eber Louzada. Em Jardim Camburi, eu trabalhei no Adevalni Sysesmundo Ferreira de Azevedo (ASFSA) e no Elzira Vivacqua. No bairro de Goiabeiras, eu ministrei aulas no Costa e Silva. Em Maria Ortiz, eu trabalhei na Escola Mascarenhas de Moraes. No bairro de Itararé, dei aulas no Ceciliano Abel de Almeida. E, por fim, no bairro Da Penha trabalhei no Zilda Andrade. Eu passei por todas essas escolas ministrando aulas desse projeto de ginástica e de dança até que me aposentei (MARIA ANGELA TARDIM, 2019).

Porém, Maria Angela enfatiza que tinha um grupo paralelo com alunas selecionadas para competir, como uma iniciativa pessoal. Afinal, o projeto de GR nas escolas tinha como vertente principal desenvolver o aspecto social e o educativo, não somente a técnica. Entretanto, chama-nos a atenção o quanto a vertente competitiva era e ainda é enraizada no Estado. Mesmo diante de um trabalho formativo, que possibilitou tratar a GR de forma democrática e que aproximou as crianças desse universo ginástico, a professora Maria

Angela não abriu mão de ter um grupo paralelo com foco na esportivização.

Contudo, é importante enaltecer a iniciativa do projeto social nas escolas públicas. Afinal, como menciona Cavalcanti (2007), a permanência da GR na escola, apenas no viés competitivo, não tem coerência. A escola não pode ser entendida como um meio de detecção de talento esportivo. Apesar de ser um ponto importante, não se pode negligenciar o processo de ensino-aprendizagem, pautando-se em uma formação acrítica que não conduz o aluno a conhecer, refletir e experimentar possibilidades gímnicas fora do contexto do rendimento (OLIVEIRA; PORPINO, 2010).

Eu ainda tinha um grupinho de ginástica da Prefeitura que era formado por meninas selecionadas, aquelas que tinham maior desenvoltura na GR. Destaco isso, porque nos projetos desenvolvidos nas escolas, a prioridade era a massificação e a participação das crianças. O importante era a inserção das alunas na prática da ginástica, porém, com muitas crianças nas aulas, o professor não consegue dar conta de trabalhar a técnica de forma bem orientada com todas. Por isso, digamos que é um trabalho mais de base, de vivência e de aproximação com a modalidade (MARIA ANGELA TARDIM, 2019).

Quando nos remetemos à escola como meio para detecção de talentos, foi possível analisar que o grande destaque nesse âmbito foi a professora Sônia Cristina, atual presidente da Fesg. Segundo o depoimento da própria Sônia e de algumas atletas que foram entrevistadas, muitas ginastas que tiveram uma carreira de sucesso foram descobertas pela professora durante o período em que atuou na Escola São José, quando a instituição corroborava o caráter competitivo.

Conforme os dizeres de Sônia, podemos ter uma melhor compreensão de seu papel como descobridora de grandes talentos: “Para mim, uma das conquistas mais importantes foi ter descoberto tantos talentos e poder acompanhar o crescimento delas. Principalmente, a Natália e a Manu. Eu acho que essas descobertas foram as minhas maiores conquistas, uma realização” (SÔNIA CRISTINA, 2019). A ginasta Natália Gaudio menciona a passagem

pela escola e os primeiros aprendizados com a professora Sônia: “A primeira lembrança que eu tenho com a ginástica, sou eu assistindo as aulas de ginástica na Escola São José, onde eu comecei. A minha primeira professora, Sônia, que hoje é a presidente de Federação, dava os treinos” (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

É pertinente mencionar que esse apoio direcionado ao alto rendimento, por meio do descobrimento de talentos e de competições com participação das escolas, diminuiu nos últimos anos. Todavia, é importante elencar que ainda acontecem as seletivas escolares, as quais ocorrem nos Jogos Escolares do Espírito Santo (JEES), que têm como finalidade incentivar a participação esportiva em todas as instituições de ensino público e privado no Espírito Santo (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2019).

Entretanto, quando nos remetemos à GR, é válido salientar que a grande maioria das ginastas que competem pelas instituições, tanto públicas quanto privadas, são atletas de alto rendimento, ou seja, grande parte do incentivo e da responsabilidade pela atuação satisfatória nessas seletivas é oriunda do trabalho realizado nos seus respectivos clubes, com suas treinadoras, não advém de um apoio primordial das escolas. A vista disso, nos Jogos Escolares Nacionais, o Estado é representado por atletas de elite, o que deixa explícito que o envolvimento das escolas, quanto ao incentivo a competições oficiais, ou seja, regulamentados pela Federação, diminuiu ao longo dos anos.

Esse fato nos leva a compreender que os trabalhos atuais são focados na ginástica escolar com uma visão pedagógica, superando, assim, algumas lacunas referentes a esse trato com a GR no âmbito escolar nas décadas passadas, primordialmente entre o final de 1980 e o início de 1990, período em que o encantamento pela competição e pelo trabalho de alto rendimento era priorizado, e os professores da época, à frente do ensino da GR, tinham como enfoque uma formação mais tecnicista até mesmo no ambiente escolar, como enfatizado por Perim (1992).

Essas mudanças de foco no âmbito escolar também foram analisadas em produções acadêmicas de estudantes capixabas que abordaram a GR e o processo formativo. Sartório (2011) pesquisou sobre o trato da modalidade em uma escola de Vila Velha, com o fim de verificar a importância de trabalhar o conteúdo da GR nas escolas. A autora apresentou como resultado dos seus estudos, o prazer que as crianças sentem em participar das aulas e que, em algumas ocasiões, por meio das experiências durante as aulas de Educação Física, foi possível propiciar o incentivo para a iniciação esportiva.

As particularidades da GR, como: as coreografias, as apresentações, os elementos corporais e os aparelhos, são os pontos em que as crianças praticantes mais gostam. O gostar e o achar legal também demonstram que o(a)s aluno(a)s se sentem bem em fazer aquilo que lhes dá prazer. E este é o ponto principal que faz com que as crianças permaneçam na prática da GR (SARTÓRIO, 2009, p. 52).

É perceptível o potencial e o impacto que a GR tem na escola ao ser abordada de forma lúdica, educativa e prazerosa. Como afirma Perim (1992), a modalidade apresenta possibilidades diversas de trabalho e, dentre elas, podemos elencar o trabalho da GR adaptada, na busca de incluir os alunos com deficiência nas aulas dessa modalidade. De acordo com Mendes (2013), o professor de Educação Física tem um papel importante na inclusão dos alunos com deficiência em suas aulas, pois essa iniciativa pode proporcionar a esse aluno uma melhora na socialização e na autoestima. E a GR pode ser uma ferramenta utilizada para alcançar tais objetivos.

Conforme Mendes (2013), essa iniciativa de incluir o aluno com deficiência nas práticas esportivas pode aproximar e inspirar os demais alunos, mostrando que é possível adaptar as aulas de ginástica de forma que fique compreendido que todo indivíduo pode realizar atividades físicas, mesmo mediante algumas limitações.

A GR adaptada capixaba pode ser compreendida com base na experiência de Deise Cristina (2019), uma das colaboradoras do estudo,

que incluiu alunos deficientes nas aulas de ginástica escolar e criou um projeto de GR para deficientes físicos no Colégio São José: “Eu trabalhei junto com a Sônia e funcionava da seguinte forma: eu pegava as meninas que eram cadeirantes e as levava para o Colégio São José. Lá, nós fazíamos várias coreografias que mesclavam dança e GR”.

Segundo Deise Cristina, entre os desafios para possibilitar a prática da GR para os cadeirantes (público-alvo do projeto), a ausência de apoio foi um aspecto difícil de ser superado e, com o passar do tempo, ela encerrou as atividades: “Porém, não tinha patrocínio nenhum e tivemos que parar. Porque, infelizmente, tinham as apresentações que não dava para eu levar as meninas e acabou ficando inviável” (DEISE CRISTINA, 2019).

Apesar das dificuldades apontadas pela professora, alegra-nos saber que a ginástica capixaba contemplou esse público no ambiente escolar. E, de acordo com Chicon e Sá (2013), ainda existem projetos²² escolares no Espírito Santo que buscam incluir os alunos deficientes na prática da ginástica. No depoimento de Deise Cristina (2019), observamos que o trabalho de inclusão foi realizado com a devida dedicação e pode ter influenciado o trabalho desenvolvido no contexto atual. E desejamos que futuramente haja a expansão de iniciativas inclusivas para além do âmbito escolar da modalidade.

A história da GR capixaba e a sua inserção nas instituições de ensino se entrelaçam desde os primórdios até os dias de hoje, conforme observamos nos depoimentos das colaboradoras. E, apesar dos desafios, foi possível acompanhar muitas iniciativas que apoiaram o processo de disseminação, consolidação e desenvolvimento da modalidade no Espírito Santo. Ponderamos que as Universidades continuam com o papel fundamental de formar, para além dos aspectos técnicos, as novas gerações de

²² Chicon e Sá (2013) retratam nesse texto o projeto voltado para a Ginástica no âmbito do Circo, o qual era denominado A Trupe do Palhaço Caramelo, cujo objetivo era possibilitar aos alunos da escola analisada, em especial os alunos que se apresentavam “nele”, o desenvolvimento de sua corporeidade por meio de múltiplas possibilidades de ação.

professores da modalidade. E as escolas de ensino formal necessitam manter o espaço democrático e pedagógico da GR, com o objetivo de possibilitar experiências corporais, sensações, vivências e aprendizados que promovam o bem-estar físico, psicológico e social dos seus praticantes.

6.5 TRAJETÓRIA E COMPETÊNCIA DA FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA

Para abordarmos a trajetória da Federação do Espírito Santo de Ginástica (Fesg), precisamos compreender que estamos nos remetendo à área de administração esportiva. Desse modo, concordamos com Bastos (2004), ao afirmar que a administração do esporte engloba conhecimentos multidisciplinares que passaram a ser analisados com maior consistência a partir da década de 1970. Ainda de acordo com a autora, atualmente, mediante o contexto social que o esporte desempenha na sociedade, além dos conceitos direcionados à administração, essa área também envolve os conhecimentos relativos à Economia, Marketing e Legislação.

Nesse sentido, cientes do envolvimento de diferentes áreas de conhecimento, compreendemos o aumento da complexidade em atuar nesse segmento enquanto gestor. Uma função que, segundo Rocha e Bastos (2011), demanda um conhecimento profundo para atender as expectativas atuais de um setor em crescimento. Por isso, observamos o desenvolvimento da área acadêmica da gestão esportiva demonstrada pela disseminação de cursos *lato sensu* e *stricto sensu*, bem como disciplinas curriculares em cursos de Educação Física.

Em busca de compreendermos melhor a gestão esportiva no Brasil, torna-se necessário entendermos a organização esportiva²³ no país, a qual é apresentada sob a ótica da unidade social, sendo dividida

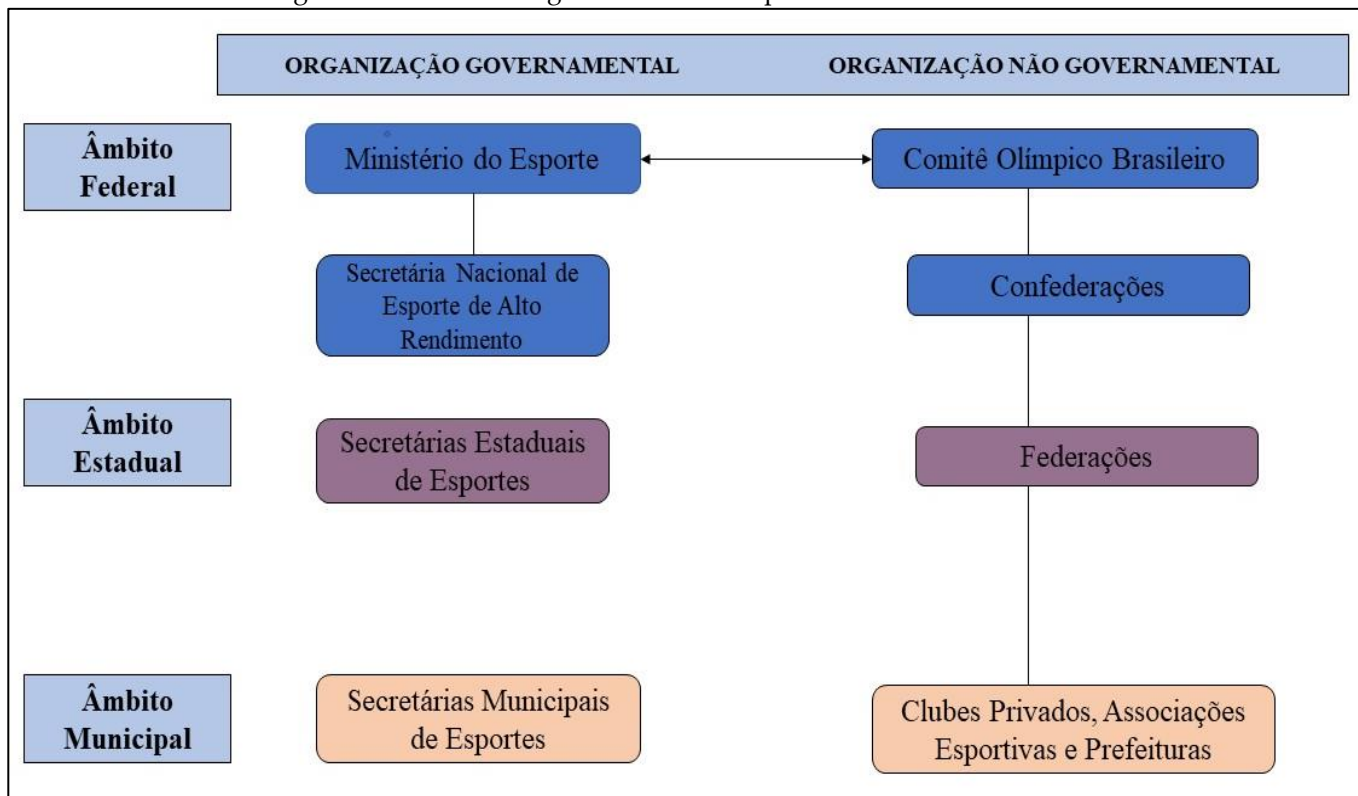
²³ Define organização como uma entidade social conscientemente coordenada, com limites identificáveis de maneira relativa, que funciona de modo contínuo para alcançar um objetivo ou um conjunto de objetivos comuns (BASTOS, 2004).

em dois grandes grupos. O primeiro corresponde às organizações criadas em função das atividades físicas, esportiva e de lazer, como: escolinhas de esportes, centro de treinamento, academias, clubes, associações, consultorias, ligas, federações, confederações, fundações, entre outros. Já o segundo grupo corresponde às organizações que possuem setores direcionados para a atividade física, de esporte e lazer, como: Prefeituras, Governo Estadual, Governo Federal, clubes sociais, clubes e entidades representativas (BASTOS, 2004). Assim, a federação corresponde ao primeiro grupo, que se empenha em desenvolver um trabalho em função do esporte. Nesse caso, apontaremos a trajetória da Fesg que foi criada em função da ginástica no Espírito Santo.

Para isso, precisamos contextualizar que a criação da Fesg foi influenciada pelo amadorismo que marcou a ginástica brasileira por décadas (OLIVEIRA, 2010). A gênese da instituição ocorreu mediante a necessidade de a ginástica capixaba ter uma representação administrativa regulamentada. Assim, a Fesg foi fundada em 25 de abril de 1991, tendo como fundadores o Clube Ítalo Brasileiro, Clube de Natação e Regatas Alvares Cabral e Academia Corpo e Movimento (FESG, 2015).

A Fesg possui caráter unicamente esportivo sem fins lucrativos e está afiliada a CBG. Compete mencionar que as confederações esportivas, como exemplo, a CBG, têm uma interação vertical com as federações esportivas de cada Estado brasileiro e as confederações estão filiadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Por isso, se faz importante entender como se dá a estruturação da organização esportiva no Brasil que, consequentemente, é um fator importante para o sucesso do esporte no âmbito nacional e internacional (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012). Por fim, as federações esportivas possuem uma interação vertical com os clubes e entidades de práticas esportivas vinculadas em seus respectivos Estados. A ilustração a seguir (FIGURA 35) exemplifica, resumidamente, como se dá a estruturação da organização brasileira voltada para o esporte de alto nível, por meio da organização governamental e não governamental.

Figura 35 - Estrutura organizacional do esporte de alto rendimento no Brasil



Fonte: Adaptado de Meira e Bastos, 2011.

Essa estrutura de organização esportiva brasileira, na qual a base está apoiada nos clubes e associações, pode ser identificada sob a influência do modelo da escola esportiva europeia-ocidental de organização (PRONI, 2000) cuja característica é clubística, com participação do Estado e, mais recentemente, com a inserção do setor privado (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

Após essa breve contextualização, apresentamos na sequência os aspectos históricos da Fesg perpassando por todo trabalho construído pelas diferentes gestões ao longo de três décadas. No Quadro 6, expusemos todos os presidentes que juntamente com suas respectivas equipes, contribuíram para o sucesso da federação e, conseqüentemente, da GR. Afinal, muitas portas foram abertas por meio dessa iniciativa que ocorreu há exatos 29 anos.

Quadro 6- Presidentes da Fesg 1991-2020

Presidente	Período de atuação
Tito Marson	1991-1991
Luís Allemand Curcio	1991-1995
Monika Queiroz	1995- 2000
Dalza Batista	2001-2016
Sônia Cristina Costa	2017 – 2020

Fonte: Elaborado pela autora.

A criação da Fesg, uma organização não governamental, foi fundamental para regulamentar no Estado as modalidades de GA e de GR, além de possibilitar parcerias com o setor público e privado. Com o advento da Fesg, tais modalidades conseguiram os apoios necessários para se consolidarem no esporte de alto rendimento.

A iniciativa da criação da Fesg no Estado foi liderada por professores e treinadores que atuavam com ambas as modalidades, além de contar com o apoio dos familiares. Um dos colaboradores e integrantes da primeira gestão foi o professor Luís Allemand Curcio, que trabalhou no Cefd/Ufes de 1962 a 1982, com as disciplinas de Ginástica, com ênfase na GA.

O professor Luiz Allemand Curcio foi o vice-presidente na primeira gestão. Já o presidente foi o pai de um ginasta, o senhor

Tito Marson. Tal escolha ocorreu por causa da influência política que Tito Marson tinha no Estado.

Eu fui o vice-presidente da primeira chapa que criou a Federação de Ginástica do Espírito Santo. Na época, nós colocamos como presidente o pai de um atleta. Ele se chama Tito Marson. Nossa motivação para essa escolha foi porque ele tinha muita influência com o governo. Os filhos dele na época faziam ginástica e ele tinha muito interesse de ver a ginástica crescer. O filho dele, até esses tempos atrás, ainda fazia ginástica já adulto. Nesse período de fundação da federação, concordamos que seria melhor colocar um pai de atleta como presidente e nós, professores de Educação Física, ajudaríamos em toda assistência técnica (LUIZ CURCIO, 2019).

A gestão de Tito Marson não perdurou até o final do mandato de 4 anos e, assim, quem assumiu o cargo foi o professor Luiz Curcio que, ao terminar o primeiro ciclo foi reeleito. Luiz Curcio (2019) demonstra orgulho por ter feito parte desse processo de gênese da Fesg:

Eu considero uma contribuição para a ginástica do Espírito Santo, o fato de eu ter tido participação na primeira gestão, a qual foi responsável pela fundação da federação. Depois eu passei a ser presidente da federação. O Tito foi o primeiro, mas ele não chegou a completar o mandato dele. Com isso, eu terminei o mandato do presidente anterior e fui presidente durante um mandato (LUIZ CURCIO, 2019).

Posteriormente, Luiz Curcio se manteve na administração da Fesg ao ocupar o cargo de tesoureiro na gestão seguinte que teve como presidente a professora Monika Queiroz, que ficou à frente da presidência da Fesg por quase dois mandatos.

Na sequência, no ano de 2001, a professora Dalza Batista assumiu o mandato de presidente da Fesg. E, do mesmo modo que Tito Marson, Dalza Batista se aproximou da ginástica no ano de 1992 por meio de sua filha Gizela Batista, que foi ginasta de alto rendimento e representou o Estado em campeonatos nacionais e internacionais. Ao longo de 16 anos, Dalza Batista se dedicou à presidência da Federação:

O meu trabalho na Federação de Ginástica começou em 2001, quando eu já havia me aposentado como pedagoga de uma escola e surgiu a oportunidade de trabalhar na Federação, onde eu acabei ficando muito tempo. Ao todo, foram quatro mandatos, totalizando 16 anos (DALZA BATISTA, 2018).

Com a Fesg regulamentada, os apoios da iniciativa pública para a ginástica se tornaram acessíveis, tanto os apoios municipais quanto os estaduais e federais. No mesmo ano de fundação da Federação, a Prefeitura Municipal de Vitória passou a implementar a Lei 3.746, a qual foi denominada “Lei Jayme Navarro de Carvalho”, que permitia a celebração de convênios de cooperação mútua com as entidades esportivas amadoras (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2020).

A Lei Jayme Navarro é uma lei municipal da prefeitura de Vitória, a qual foi criada para o incentivo do esporte. Recebeu esse nome por causa de um grande esportista do município que era o Jayme Navarro de Carvalho. Essa homenagem ocorreu ainda em vida (LUIZ CURCIO, 2019).

Essa lei foi fundada em 1991, sendo precursora em todo Brasil. Lembro que foi o Ferreira Neto, um repórter, que criou o projeto. Ele era vereador na época. Em síntese, era uma lei por dotação orçamentária, porque a maioria das leis de incentivo elas dão um percentual para você descontar de alguma coisa. Já a lei Jayme não, a lei Jayme ainda existe, e ela tira do orçamento. Nós tivemos várias ginastas que usufruíram bastante dessa lei (MONIKA QUEIROZ, 2019).

Vintena (2003) explica que a verba da Lei Jayme Navarro só pode ser repassada para as federações regulamentadas, aspecto que ajuda a compreender essa busca da ginástica capixaba em fundar a Fesg naquele momento histórico.

Já no âmbito federal, a Fesg contou com os benefícios da Lei Agnelo Piva que entrou em vigor no período em que Dalza Batista assumiu a presidência, no ano de 2001 (BRASIL, 2019). Após cinco anos, em 2006, durante a metade do segundo mandato de Dalza Batista, a ginástica brasileira passa a ser patrocinada oficialmente pela Caixa Econômica Federal (CAIXA, 2019). Ainda de acordo com o site da CAIXA, a empresa é responsável pelos investimentos

destinados a modalidades como basquete, vôlei, natação, handebol, vela, ginástica, entre outras.

No que concerne a gestão de Dalza Batista, observamos que esta coincidiu com um período de investimentos no esporte brasileiro. A boa relação política da ex-presidente foi fundamental para que a modalidade continuasse, a cada mandato, mantendo as parcerias que eram realizadas. Afinal, o esporte de alto rendimento é valorizado e reconhecido como tarefa política (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012).

Durante nossa gestão, eu acredito que houve muito apoio político. Muito apoio mesmo! Eu fiz um trabalho não partidário. Mas, eu me envolvi. Assim, de um modo geral, com todos os partidos. Tanto que o pessoal que trabalhou comigo, até hoje, mantém contato e são maravilhosos! Eu não tenho o que reclamar de nenhum. Eu tive apoio de Vila Velha, prefeitos e vereadores, a não ser dos últimos! Mas, os outros foram excelentes. Também tive muito apoio de Cariacica e de municípios do interior (DALZA BATISTA, 2019)

Com relação à Vitória, nem se fala! O Luciano Rezende para mim foi um grande apoiador. O João Coser nem se fala! Com isso, não teve nada a ver essa questão de partido, eles foram assim autoridades que vestiram a camisa da ginástica. Os governadores também (DALZA BATISTA, 2019).

É perceptível que a gestão da Fesg contou com parcerias públicas importantes, com destaque para a Ufes, discutida na seção anterior do texto, o Governo do Estado e as Prefeituras de Vitória e de Vila Velha. Essas parcerias foram cruciais tanto para a vertente do alto rendimento quanto para o esporte no âmbito social.

No rol de ações que promoveram o esporte no Estado e incidiram no desenvolvimento de projetos da Fesg, está o Campeões de Futuro, o qual foi criado em 2006 (SESPORT, 2019). Esse projeto está presente em 78 municípios do Espírito Santo com diversas práticas esportivas, dentre elas a GR, o que possibilitou a massificação do Esporte no Espírito Santo.

Algo marcante para mim, no exercício da presidência, foi quando houve a massificação da ginástica, porque ela era desenvolvida apenas dentro de Vitória. Portanto, quando eu entrei na Federação, eu tive a preocupação de

conversar com os dirigentes gerais para conseguirmos aprovar projetos. Foi quando surgiram os primeiros projetos assinados em prol da GR e o projeto Campeões de Futuro, nos anos de 2003 e 2004, durante o primeiro mandato de Paulo Hartung como governador do Estado (DALZA BATISTA, 2018).

Observamos que houve empenho tanto da gestão pública estadual quanto da Fesg em levar a GR para o interior do Estado. Um dos primeiros municípios contemplados pelo projeto Campeões de Futuro foi São Mateus, no ano de 2007. Esse fato foi destacado pelas professoras Dalza Batista e Vanusa Albuquerque em seus respectivos depoimentos. Posteriormente, o projeto foi ampliado de norte a sul, visto que a Federação atuou propagando a modalidade em cidades como Boa Esperança, Jaguaré, Pinheiros, São Gabriel, Conceição da Barra, Itaguaçu, Itarana, Afonso Claudio, dentre outras. Em todos esses lugares ocorriam apresentações de GR e, posteriormente, o diálogo com o secretário ou prefeito da cidade com o intuito de implantar o projeto (DALZA BATISTA, 2018).

De acordo com a Sesport (2019), o projeto Campeões de Futuro²⁴ não tem como enfoque formar atletas de alto rendimento, mas permite a descoberta de talentos. Isso fica explícito na fala de Dalza Batista, quando aponta ginastas da atual geração, como Deborah Medrado, Geovanna da Silva e Thaís Lourencini, que iniciaram a prática de GR em projetos sociais:

E é difícil mesmo! Eu reconheço que é muito difícil, porque o projeto social é um pontapé inicial e depende da família, além de tudo. A Débora Medrado que hoje está na Seleção Brasileira de Conjunto, por exemplo, veio de um projeto social [...]. E, da mesma forma que a Débora, tivemos outras meninas, como a Francielly Machado! Hoje, nós temos a Geovanna que é de Pinheiros e veio do Projeto Campeões do Futuro e a Thaís Lorencini que veio do Projeto Caixa (DALZA BATISTA, 2019).

²⁴O trabalho é desenvolvido em parceria com as prefeituras municipais e oferece todas as condições para a execução das atividades. Enquanto a prefeitura é responsável pelo espaço e o(s) profissional(ais), a Sesport se incumbem do material, estagiário(s) e qualificação profissional para que essas pessoas envolvidas no projeto social tenham conhecimento específico da importância do trabalho e saibam como executá-lo (SESPORT, 2019).

Quanto ao âmbito competitivo, um dos grandes marcos da gestão ocorreu entre os anos de 2001 e 2016 quando o Espírito Santo sediou eventos importantes da Ginástica nacional e internacional, como: Campeonatos Brasileiros, Pré-Pan de 2005 e quatro edições do Meeting Internacional de GR nos anos de 2011, 2012, 2014 e 2015 (SESPORT, 2019). Refletimos que os eventos são importantes para trazer notoriedade à ginástica por meio da repercussão nas mídias locais e nacionais, além do privilégio de as ginastas poderem participar de campeonatos renomados no próprio Estado.

Nós sempre tivemos campeonatos importantes aqui. Não passou um ano sem que tivéssemos um Campeonato Brasileiro aqui durante todo meu período de gestão e, até mesmo, antes. Tivemos quatro *meetings* de ginástica. Nós organizamos o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto, que eram eventos internacionais. Também tiveram os campeonatos de Ginástica Artística. Nós fizemos dois ou três campeonatos grandes e o torneio nacional de Ginástica Artística. Lembro que fiz campeonato pré-infantil e infantil também. Houve outros eventos com uma apresentação na praia, para o qual eu trouxe a Daiane dos Santos aqui. Ressalto que a Daiane veio várias vezes para o Espírito Santo na época em que ela esteve em alta. Foram muito bons esses campeonatos que, como eu disse, foram possíveis na época por uma questão política (DALZA BATISTA, 2018).

Além disso, a Fesg estabeleceu parcerias com o Governo do Estado para conseguir espaços de treinamento para a GR entre os anos de 2001 a 2016. Essas ações ocorreram nos mandatos dos ex-governadores Paulo Hartung e Renato Casagrande.

As colaboradoras Dalza Batista e Monika Queiroz destacam entre as parcerias com o governo do Estado a construção de um ginásio exclusivo para a prática da GR. O ginásio foi inaugurado em 13 de junho de 2016 e, pela Lei nº 10.473, recebeu o nome da “Eduarda Mello Queiroz Rodrigues Pinho” que foi uma ginasta que representou o Espírito Santo em inúmeras competições. A atleta faleceu no ano de 2012, aos 17 anos, em um acidente de carro (FAFÁ, 2012).

A escolha do nome do ginásio foi uma homenagem do Estado para a ginasta e como forma de demonstração de carinho à treinadora Monika Queiroz, mãe da Eduarda Mello, que também trabalhou anos

para conquistar esse espaço. Desde então, as ginastas capixabas têm a honra de utilizar o Ginásio de Ginástica Rítmica e Artística “Eduarda Mello Queiroz Rodrigo Pinho” para treinarem com virtude para as competições realizadas pelo Brasil e pelo mundo.

O meu maior legado para o Espírito Santo, com todo o meu coração, está aí: esse ginásio [FIGURA 36], Ginásio Poliesportivo Eduarda Mello de Queiroz Pinho. O governador fez pensando na Monika, por isso, tem que ter moral, né? Para ter um ginásio assim, só com muito respeito. Coisas da vida... [pausa]. Então, é toda uma história que está na base, nos alicerces, sustentando esse ginásio! (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Figura 36 - Lembrança do dia da inauguração do Ginásio de Ginástica Rítmica e Artística Eduarda Mello Queiroz Rodrigues Pinho, 2016



Nota: Monika Queiroz com o filho e o esposo.

Fonte: Arquivo pessoal.

A conquista desse espaço pela Fesg, na gestão da professora Dalza Batista, findou com as incertezas de ter um espaço adequado para o trabalho das equipes de base até o alto rendimento. É pertinente mencionar que a falta do espaço físico para os treinamentos sempre foi um dos grandes desafios enfrentados pela GR capixaba (A GAZETA, 1995).

Não posso esquecer do Clube Arci, que foi uma época que nós não tínhamos lugar para trabalhar, era uma loucura. Esse local era um clube que tinha em Vila Velha e os pais fizeram uma associação para pagar e utilizar o local. Com isso nós tínhamos o horário certo para utilizar, porque o pessoal tinha que jogar bola e o futebol era mais importante que ginástica! [risos]. Então, nós só podíamos usar até às 17 horas. Era desse modelo! [risos] (JOSEANE FREIRE, 2019).

No decorrer do tempo, as representantes do Espírito Santo treinaram na Ufes, na Escola Santa Terezinha, no Clube Ítalo Brasileiro, em locais cedidos por pais de atletas, na UVV e no Deares.

Se formos analisar a minha trajetória, devo dizer que passei pelo São José, depois fui para o Clube Álvares Cabral, UVV, Clube dos Oficiais, Centro de Excelência em Ginástica e Artes Marciais (Cegam) e Centro de Treinamento Jayme Navarro de Carvalho (Deares), ou seja, todos os ginásios! [risos]. Contudo, as pessoas eram as mesmas. Teve uma época em que a gente ficou meio deslocada. Uma vez que a gente treinava um pouco em cada lugar, pois ficávamos trocando. Eu treinei até na Vitória Combat [...] no contexto atual, o que temos de infraestrutura agora é algo de primeiro mundo! As meninas que vieram de fora, como as meninas da Ucrânia que treinaram aqui antes das Olimpíadas, ficaram todas impressionadas com o tamanho do ginásio e a organização (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

O novo Centro de Treinamento “Eduarda Mello Queiroz Rodrigues Pinho” possui uma infraestrutura com materiais adequados para a prática da GR, como: tablados, barra com espelho, vestiários acessíveis e salas de apoio. Uma estrutura à altura da Ginástica Capixaba (GVNEWS, 2018).

Outra conquista da Federação foi oportunizar aos treinadores cursos de aperfeiçoamento em GR, que propiciaram aos profissionais do Estado a oportunidade de se qualificar sem sair do Espírito Santo, uma necessidade recorrente ao longo do processo de consolidação da GR no Espírito Santo (DIAS; OLIVEIRA, 2019). Compete destacar que desde a fundação da Fesg, os cursos acontecem periodicamente de forma acessível, pois, quando não são totalmente gratuitos, a Fesg busca parcerias para diminuir os custos, com o objetivo de que todos tenham maiores possibilidades de acesso.

Além dos cursos de arbitragem, nós temos feito algumas formações voltadas para melhorar o trabalho dos nossos técnicos. A Monika e a Gizela Batista, por exemplo, deram cursos de aperfeiçoamento e a Federação fez uma parceria com elas. Assim, a Federação ajuda no que for possível e as professoras ministram os cursos dando uma porcentagem para a entidade. As técnicas precisam da chancela da Federação, principalmente, quando são cursos de grande porte (SÔNIA CRISTINA, 2019).

Além dos cursos, a Fesg promoveu eventos que disseminaram e fomentaram a prática da Ginástica no Estado e, ao mesmo tempo, auxiliaram na estabilidade financeira da entidade:

Atualmente, a Federação é sustentada, basicamente, pelas competições, porque os campeonatos e festivais são pagos. Contudo, a Federação tem várias contas, como: aluguel, internet, material de consumo e taxas que pagamos para a própria Confederação Brasileira de Ginástica. Tudo isso tem que estar certinho! É uma dor de cabeça! [risos] (SÔNIA CRISTINA, 2018).

Ao mencionarmos a atual situação financeira da Fesg, devemos salientar que a entidade passou por períodos favoráveis e desfavoráveis nesse âmbito. Dessa forma, diferente do cenário favorável para o esporte em 2001, quando os projetos de leis estavam a galgar, a Federação nos últimos anos apresentou dificuldades em conseguir apoios, tanto em âmbito estadual quanto nacional.

Antes, o próprio Estado e a prefeitura tinham uma maior facilidade em ajudar a Federação e as atletas. Não estou falando no início da entidade, não! A Dalza, por exemplo, ficou 16 anos e antes não havia apoio. Porém, no mandato da Dalza, ela foi adquirindo apoio do governo e isso foi mudando e aumentando. Após um período, começou o incentivo com o Bolsa Atleta, a Bolsa Viagem e outros patrocínios (SÔNIA CRISTINA, 2019).

O excerto de depoimento supracitado pertence a professora Sônia Cristina Costa que assumiu a presidência da Fesg no ano de 2017²⁵. Conforme o relato, a Federação enfrenta dificuldades

²⁵ A atual gestão é composta pela presidente: Sônia Cristina Costa dos Santos; vice-presidente: Luara Oliveira Moreira da Silva; Comissão de Contas Efetivos: Maria Angela Rossi Tardin, Luciane Hammes, Liliane Sayuri Yamate; Comissão de

financeiras devido à escassez de oportunidades de apoios e de parcerias. Aludimos que as discussões sobre os cortes orçamentais serão apresentadas com mais profundidade no capítulo a seguir, que se reporta aos projetos de leis e programas de incentivo ao esporte destinados a GR.

Devido à situação financeira atual da Federação, a organização de grandes eventos no Espírito Santo se tornou difícil, visto que a realização de campeonatos brasileiros ou eventos internacionais requer um investimento maior. Desse modo, a Fesg centrou seus esforços na organização de eventos estaduais, como: torneio estadual, campeonato estadual, Copa da Cidade e festivais.

Apesar dos desafios enfrentados pela Fesg, desde a sua fundação, e cientes que os aspectos financeiros e gerenciais incidem no sucesso esportivo (DANTAS et al. 2018), observamos que os gestores da Ginástica espírito-santense propiciaram condições para o sucesso das ginastas capixabas, tanto no cenário nacional quanto internacional. As conquistas competitivas serão tratadas em outra seção do texto, mas é importante pontuar o êxito da GR capixaba no ano de 2019. Nos Jogos Panamericanos de Lima, no Peru, a atleta Natália Gaudio marcou seu nome na história da modalidade ao conquistar a medalha de bronze no individual geral (RODRIGUES, 2019). E no último Campeonato Brasileiro Caixa Adulto e Infantil de GR, realizado em junho de 2019 no Parque Olímpico do Rio, duas ginastas que subiram no pódio no individual geral eram capixabas (FIGURA 37). A veterana Natália Gaudio, da Escola de Campeãs, ficou em segundo lugar, e a ginasta Geovanna da Silva, de 17 anos, do Clube Ítalo Brasileiro ficou em terceiro na disputa (CBG, 2019).

Contas Suplentes: Rogério de Oliveira Dias e Ana Paula Agostini de Oliveira Soares; diretora-financeira: Giulliana Veiga Polati (FESG, 2019).

Figura 37 - Campeonato Brasileiro Caixa de Ginástica Rítmica Adulto e Infantil. Ginastas: Natália Gaudio, Barbara Domingos e Geovanna da Silva



Fonte: CBG, 2019.

A atual presidente da Fesg enfatiza a dificuldade em possuir ginastas de ponta e não ter um melhor apoio do Estado. Entretanto, existe uma consciência de que a conjuntura atual não se restringe apenas à GR.

Atualmente, temos várias campeãs brasileiras e bons resultados em todos os campeonatos e categorias. Com isso, a Federação acaba sobrecarregada e sem ajuda do governo. Para deixar claro, nós somos recebidos pelos secretários de esportes e os assessores quando recorremos à ajuda deles, porém eles também estão tendo dificuldades de trabalhar. Isso complica para a gente e para eles também. No caso do governo do Estado, o pessoal da Secretaria de Esportes alega que a lei mudou e não dá para ajudar por esse fator (SÔNIA CRISTINA, 2019).

O que motiva os trabalhos na Fesg, além dos resultados das ginastas, é o fato de que os envolvidos com a modalidade, assim como no início da Federação, em 1991, são amantes da modalidade e possuem uma relação “familiar”. Esses vínculos construídos pela ginástica são os aspectos que têm somado com a Federação. O que

se espera é que a situação atual do esporte possa ser passageira e que logo a Fesg volte a receber os apoios necessários para que a GR capixaba continue trilhando um caminho de vitórias:

Este ano, eu optei por fazer uma gestão diferenciada, pois não trabalho sozinha em todas as funções. Eu contei com ajuda de alguns especialistas. Por exemplo, eu chamei o Flávio para ajudar na arbitragem e a Monika me auxiliou em vários setores. Eu também chamei a Kitty, Ana Cristina Médici, e a Luciane Hammes, que representaram os clubes em um comitê [...] meu trabalho com a ginástica continua firme e forte! Ainda tenho muito trabalho pela frente. Posso dizer que sou muito realizada, pois tive muitas conquistas ao longo desses anos envolvida com a modalidade (SÔNIA CRISTINA, 2018).

6.6 LEIS, PROJETOS E PROGRAMAS DE INCENTIVO: UM AMPARO PARA A GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA

Almeida (2010) sintetiza que a transição do amadorismo para o profissionalismo observado no movimento olímpico só foi possível com investimento financeiro elevado. E isso se refletiu na preparação dos atletas que, quando inseridos no esporte de alto rendimento, precisam de um aporte financeiro que subsidie a comissão técnica e a equipe multidisciplinar, essenciais para dar continuidade ao sonho de ser medalhista mundial e/ou olímpico.

No contexto brasileiro, o apoio de projetos e leis federais, estaduais e municipais contribui sobremaneira para o desenvolvimento e a manutenção de atletas, desde a base até o alto rendimento. Especificamente no Espírito Santo, os atletas possuem desde o início da década de 1990 o suporte da Lei Jayme Navarro de Carvalho (A GAZETA, 1991). A criação da Lei nº 3.746, Jayme Navarro de Carvalho, deu-se em 1991 após a participação do vereador e jornalista Sr. Ferreira Neto em um congresso no Estado do Paraná. Nesse congresso, o vereador conheceu uma lei de incentivo ao esporte, que tinha como intuito patrocinar os atletas de alto nível do município em questão, o que despertou o interesse do vereador em implantar uma proposta semelhante no Espírito Santo (PREFEITURA DE VITÓRIA, 1993).

De acordo com Vintena (2003), a lei foi trazida para o Espírito Santo e apresentada ao público de interesse em reuniões com as federações, atletas e dirigentes. A proposta foi tão bem aceita que teve o parecer favorável de todos os vereadores e, posteriormente, destinada à aprovação do prefeito, Sr. Vitor Buaiz, o qual exercia o mandato na época.

Destaco que tivemos a Lei Jayme Navarro, que era da Prefeitura de Vitória, não era do Estado. Essa lei foi fundada em 1991, sendo precursora em todo o Brasil. Lembro que foi o Ferreira Neto, um repórter, que criou o projeto. Ele era vereador na época. Em síntese, era uma lei por dotação orçamentária²⁶, porque a maioria das leis de incentivo elas dão um percentual para você descontar de alguma coisa. Já a Lei Jayme não, a Lei Jayme ainda existe e ela tira do orçamento. Nós tivemos várias ginastas que usufruíram bastante dessa lei (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Quanto ao nome da lei, foi uma sugestão do vice-prefeito, Sr. Rogério Medeiro, em homenagem a um grande atleta capixaba, Jayme Navarro, que foi um esportista polivalente. Segundo Vintena (2003), ele era conhecido como uma atleta eclético.

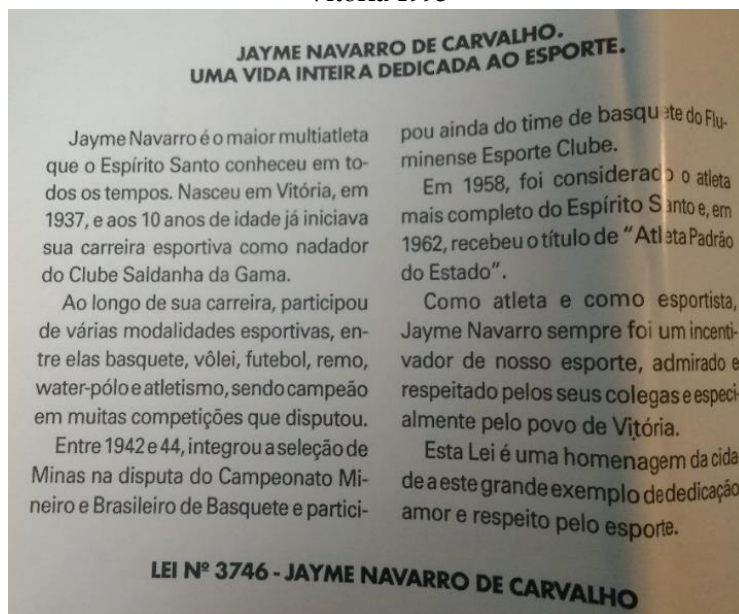
Na época do Jayme, os atletas eram ecléticos! [risos]. E o Jayme era um grande remador, e jogador de basquete. Ele foi campeão brasileiro de remo, por isso eu uso o termo eclético [risos]. E essa lei teve como objetivo incentivar o esporte por meio de bolsas. Isso ocorreu muito antes do Governo Federal dá algum incentivo. Assim, a Lei Jayme Navarro iniciou esse processo de apoiar os atletas capixabas financeiramente (LUÍS CURCIO, 2019).

No ano de 1948, Jayme Navarro foi considerado o atleta mais completo do Espírito Santo e, posteriormente, em 1952 foi eleito o “Atleta Padrão do Estado”. Compete mencionar que Jayme Navarro teve atuações em diferentes modalidades, como: basquete, seu esporte

²⁶“É um valor consignado no orçamento para cada natureza de despesa. É trabalhado da seguinte forma: cada órgão tem sua dotação, que é subdividida em projetos, atividades e natureza de despesa. Os recursos são diretamente oriundos dos impostos pagos pelo contribuinte” (VINTENA, 2003).

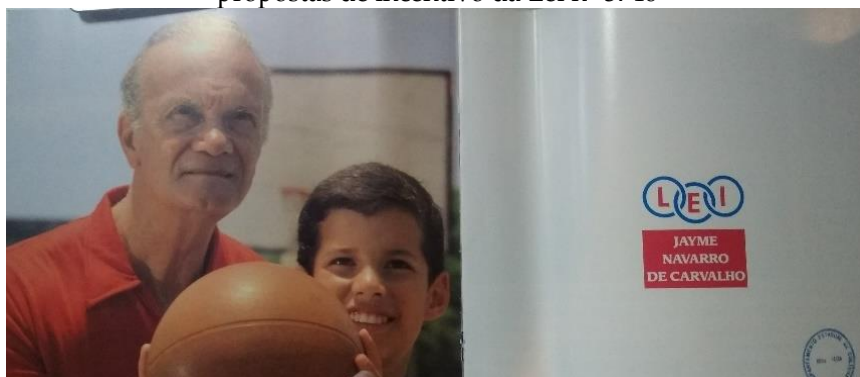
principal, remo, salto em altura, natação, arremesso de peso, vôlei, pólo aquático, corrida, futebol de campo e de salão (FIGURAS 38 e 39).

Figura 38 – Livreto da Lei Jayme Navarro de Carvalho. Prefeitura de Vitória 1993



Fonte: Biblioteca Estadual de Vitória.

Figura 39 - Foto de Jayme Navarro com uma criança divulgando as propostas de incentivo da Lei nº 3746



Fonte: Biblioteca Estadual de Vitória.

A lei se tornou uma grande aliada da Secretaria Municipal de Esportes (Semesp), pois, por meio dela, foi possível fazer parcerias com as federações para a execução das ações previstas nos calendários esportivos. Além disso, na lei foi instituído o programa “Adote um Atleta”, que possibilitou incentivo financeiro individualizado aos esportistas que tivessem destaque em sua modalidade. De acordo com Vintena (2003), a escolha do atleta era feita por uma comissão composta pelo professor de Educação Física Guilherme Filgueiras de Carvalho e o ex-atleta capixaba Jayme Navarro de Carvalho. O atleta “adotado” pela lei Jayme Navarro, recebia todo amparo necessário para cumprir com sucesso seus compromissos na carreira esportiva.

Nesse mesmo período, também foi criada a Lei Rubens Braga que prestava apoio para a cultura. O professor da Universidade de Vila Velha, Guilherme Filgueiras, sabe mais detalhes sobre a formulação da Lei Jayme Navarro, porque ele foi membro da equipe que criou a lei. Então, ele acompanhou tudo desde o início. Ele e o próprio Jayme participavam da análise de todos os pedidos de ajuda esportiva. Eles que julgavam e encaminhavam para a prefeitura. Dessa forma, o professor Guilherme tem muito conhecimento sobre todos os detalhes da lei, desde a criação. Nessa época, o Vitor Buaiz era prefeito de Vitória. Então, acho que foi em 1991 a criação (LUIZ CURCIO, 2019).

Para garantir esse apoio financeiro, havia algumas exigências quanto ao rendimento do atleta, pois, para ser beneficiado pelo programa, era necessário apresentar índices competitivos significativos. Dessa forma, a verba disponibilizada era geralmente em torno de R\$ 335,00 a R\$ 525,00. Para os maiores destaques no ranking brasileiro esse valor era ainda maior.

Por volta de 2003, o Estado já contava com um total 34 federações esportivas aptas a serem beneficiadas pela lei. E, dentre essas entidades, a Federação do Espírito Santo de Ginástica, sob a presidência de Dalza Batista. Nesse período, a GR capixaba se destacava nacionalmente com índices expressivos obtidos por ginastas que tiveram o apoio da Lei Jayme Navarro. São elas:

Tayanne Mantovaneli, Ana Paula Ribeiro (FIGURA 40), Elise Cristina Penedo, Gizela Batista e Juliana Coradine (FIGURA 41).

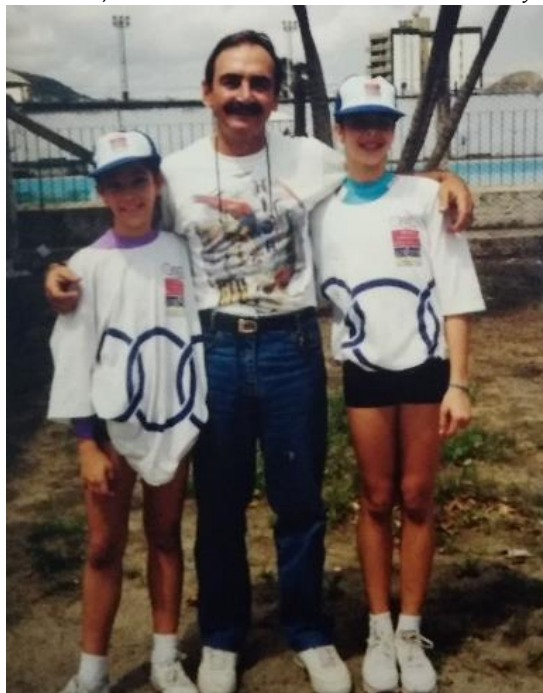
Figura 40 - Ana Paula com o troféu e medalhas conquistados no Campeonato Brasileiro Juvenil de Ginástica Rítmica, em setembro de 2002



Nota: Na foto a ginasta usa um uniforme da Prefeitura de Vitória em que consta o nome da Lei Jayme Navarro.

Fonte: Ana Paula Ribeiro.

Figura 41 - As ginastas Juliana Coradine e Gizela Batista com o professor Luiz Curcio, em 1996, usando o uniforme referente à Lei Jayme Navarro



Nota: Nesse ano, as duas tinham sido beneficiadas pela lei.
Fonte: Luiz Curcio.

Além disso, no ano de 2003, as ginastas Ana Paula Ribeiro e Tayanne Mantovaneli, embora integrassem a seleção permanente de GR, continuaram recebendo o apoio da Lei Jayme Navarro. Devemos salientar que a ginasta Tayanne também recebia o apoio do Comitê Olímpico Internacional (COI) (VINTENA, 2003).

A Prefeitura de Vitória incentivava os atletas de elite através da Lei Jayme Navarro e, também, tinham as escolinhas de esportes nos bairros. Essas ações ocorriam por meio da Secretária de Esportes da prefeitura. Para ter o apoio da Lei Jayme Navarro era preciso ter resultados significativos nos campeonatos, só assim conseguiam as bolsas, mas nós tínhamos alunas muito boas que sempre conseguiam bons resultados. Então, elas sempre puderam usufruir desse benefício (LUIZ CURCIO, 2019).

Como afirma o professor Luiz Curcio, as ginastas capixabas estavam entre as melhores do país e, por conseguinte, dentro dos padrões necessários para receber o apoio da lei municipal. Por outro lado, aumentaram o número de federações e, conseqüentemente, o número de atletas que atendiam aos requisitos para serem adotados pela Lei Jayme Navarro, o que contribuiu para a limitação das bolsas disponibilizadas devido à falta de verba suficiente.

De acordo com Vintena (2003), até mesmo atletas que não pertenciam ao município de Vitória usufruíam da lei em consequência da falta de apoio do Estado e de outros patrocínios. Assim, a Lei Jayme Navarro buscava contribuir com esses atletas. Contudo, a verba destinada à Semesp não foi alterada para atender a essas demandas, o que ocasionou em uma diminuição do valor repassado para as Federações. Além disso, o apoio era unicamente para o atleta, não contemplando técnicos. A única exceção, segundo Vintena (2003), foi a treinadora Monika Queiroz que, mesmo não adotada pela lei, recebeu algumas vezes o apoio com passagens aéreas para eventos nacionais e internacionais.

Todavia, apesar da diminuição nos valores repassados que, conseqüentemente, resultou no enfraquecimento do apoio cedido ao esporte pela Lei Jayme Navarro, Borges e Tonini (2012) enfatizam que a GR ganhou notoriedade diante de outras modalidades consolidadas, como as de esporte coletivo, por exemplo. Os autores afirmam que com a presença da Seleção Nacional Permanente (conjunto) no Estado, foi possível iniciar um forte vínculo entre a cidade de Vitória e a GR de alto rendimento. Assim, diferente de outras modalidades, mesmo diante de cortes orçamentários, a política de incentivo continuou dando certo, o que dá a entender que a GR teve certa vantagem em relação a outras modalidades.

A Lei Jayme Navarro continua em vigência apoiando o esporte capixaba, entretanto passou por algumas reformulações desde a sua implementação. De acordo com a Câmara Municipal de Vitória (2018), apesar das mudanças, a lei continua a estimular atletas de

rendimento tanto das modalidades olímpicas quanto das paraolímpicas no município de Vitória.

Com relação ao incentivo do Governo Federal para a GR capixaba, verificamos nos relatos dos colaboradores do estudo a menção ao programa Bolsa Atleta, o qual beneficia atletas que obtiveram resultados nacionais e internacionais desde 2005.

Atualmente, são realizadas em seis categorias de bolsas oferecidas pelo Ministério da Cidadania: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpico/Paralímpico e Pódio. A partir da assinatura do termo de adesão, os contemplados recebem o equivalente a 12 parcelas do valor definido na categoria: Atleta de Base (R\$ 370); Estudantil (R\$ 370); Nacional (R\$ 925); Internacional (R\$ 1.850); Olímpico/Paralímpico (R\$ 3.100) e Pódio (R\$ 5 mil a R\$ 15 mil) (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2019).

A bolsa oferece subsídios para que o atleta possa se dedicar aos treinamentos e participar de eventos competitivos como: Campeonatos Brasileiros, Campeonatos Sul-Americanos, Jogos Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e Paralímpicos (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2019).

[...] temos o Bolsa Atleta que é muito bom. Sempre tivemos apoio desse tipo. Esse incentivo é algo que ajuda nas despesas, como: viagem, collant, aparelho e tudo mais, pois a ginástica é um esporte caro (NATALIA GAUDIO, 2018).

Em 2010, a Medida Provisória 502/2010 alterou a lei que regulamentava o Bolsa Atleta e instituiu que os atletas podiam acumular o valor da bolsa com a renda advinda de patrocínios. Essa MP foi transformada na Lei ordinária 12.395/11 (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2019), a qual permitiu que algumas ginastas capixabas, como Natalia Gaudio, contassem com outras contribuições de renda para a manutenção dos treinos e participação em competições.

Nessa questão de patrocínio, a ginasta Natália Gaudio que atua pela Seleção Brasileira se destaca no cenário capixaba. Trata-se da atleta que mais traz resultados significativos para o Estado e, por

exemplo, recebeu contribuições da Samp Assistência Médica, que a apoiou em alguns momentos de sua carreira (SAMP, 2019).

Além de tudo isso, há outro ponto que a gente tem que reconhecer. Infelizmente a ginástica não vai nos garantir um bom salário. A modalidade não vai dar aquela estabilidade financeira. Até se ganha algum dinheiro bom, em uma competição ou outra. Algumas meninas têm uma bolsa aqui, um patrocínio ali. Igual a Natália, enquanto ela tiver pique e conseguir se manter, ela tem que aproveitar mesmo (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

As ginastas alegam que ainda existe diferenças quanto ao apoio direcionado à GR diante de modalidades esportivas tidas como mais populares. A facilidade de conseguir patrocinadores acaba melhorando quando se remete a esportes como o futebol, vôlei e basquete (LUCCA, 2016), o que pode ser resultado da popularidade e ampla divulgação na mídia. Assim, mesmo com os apoios direcionados à GR, eles ainda não são classificados como excelentes, mas estão melhores do que já foram um dia, como enfatiza Ana Paula Ribeiro (2018).

No início da minha carreira, para exemplificar, eu me lembro que nós, ginastas, não tínhamos tanto apoio. Depois que foram criando alguns incentivos, mas eu sei que tinha a Lei Jayme Navarro que possibilitou o Bolsa Atleta. Porém, comparado com outras modalidades, até mesmo com outros países, o apoio é muito pouco. Antigamente, na época em que eu tinha doze ou treze anos, eu não tinha um apoio significativo. Os meus pais que tinham que pagar por tudo. Hoje em dia, eu já vejo que tem um suporte maior para os atletas por meio de projetos apoiados pelas leis estaduais e federais de incentivo ao esporte. Deste modo, percebo que nesse aspecto teve uma melhora. Mas, penso que quem está chegando agora, sem saber como já foi um dia, deve chegar e achar: 'Nossa! Que ruim!'. Mas, aí eu sempre comento que antes era pior.

Nessa questão dos investimentos financeiros necessários na carreira atlética, ao se referir à ginasta Natália Gaudio, Lucca (2016) afirma que os frutos na modalidade foram colhidos após 16 anos de dedicação e, com a contribuição da mídia, foi possível trazer mais evidência para a ginasta capixaba juntamente com sua participação

nos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Mesmo já sendo uma ginasta com participações e vitórias nos principais eventos da GR, Natália Gaudio pagou por conta própria e com “vaquinhas” um treinamento realizado na Bulgária, assim como a sua participação em um Campeonato Mundial (LUCCA, 2016):

Sem contar que tem diferenças entre as modalidades também. Eu vou dar um exemplo bem extremo. Eu fui campeã pan-americana e, ao comparar um campeão pan-americano de futebol ou até vice-campeão, o que seja, ele vai ter um apoio muito maior. Ele teria uma equipe médica envolvida e diferentes profissionais em volta dele, ou seja, um suporte muito maior do que eu! Um campeão pan-americano de natação, ele vai ter muito mais apoio do que eu. Entende? Então, isso varia também de acordo com a popularidade da modalidade, porque, com isso, entra mídia e patrocinadores. Uma série de aspectos que contribui para essa diferença no quesito valorização dentre as modalidades esportivas (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Contudo, voltando a enfatizar os apoios municipais e federais, é importante dizer que não foram apenas a Lei Jayme Navarro e o Bolsa Atleta do Governo Federal que contribuíram para a GR capixaba quanto aos apoios financeiros. O Programa Compete ES, ação do Governo do Espírito Santo, concedia passagens aéreas para que os atletas capixabas pudessem participar de competições nacionais e internacionais. O programa foi iniciado no ano de 2010 pela Secretária de Esporte e Lazer e beneficiou muitas ginastas capixabas que representavam o Brasil nos principais eventos do Calendário da CBG que, por sua vez, era um dos pré-requisitos para garantir as passagens pelo Compete ES. O programa foi encerrado no ano de 2014 quando disponibilizou mais de 1.170 passagens aéreas com um investimento de R\$ 1,5 milhão para os atletas capixabas de alto rendimento (SESPORT, 2014).

O encerramento do Compete ES trouxe um grande prejuízo para a GR e as demais modalidades do Estado, pois foi um programa que agregou muito, visto que são recorrentes as viagens realizadas pelas atletas para a participação em competições. Além disso, é preciso mencionar que é de suma importância a presença das

ginastas nesses eventos, que são muitas vezes requisitos para participar de um campeonato mais importante. Ademais, a cada viagem e participação em campeonatos, é proporcionado à atleta a oportunidade de adquirir maturidade e segurança.

Por intermédio do Programa Compete ES, podemos elencar como exemplos, o benefício dado para a ginasta Mayra Siñeriz que disputou a Copa do Mundo “Irina Deleanu Cup”, na Romênia, e conquistou o 9º lugar dentre 20 atletas no ano de 2012 (SESPORT, 2013). E Natália Gaudio participou das edições da Copa do Mundo “Irina Deleanu Cup” em 2012 e 2013. Acrescentamos que as contribuições não se restringiram apenas às atletas do individual, mas também se estenderam aos conjuntos que representavam o Estado nos campeonatos brasileiros (SESPORT, 2011):

Também já tivemos outro tipo de apoio do Estado, como o Programa Compete que cedia as passagens aéreas para as competições, tanto nacionais quanto internacionais. Contudo, por volta de 2013, eu acredito que foi nesse ano, talvez possa estar equivocada, esse programa acabou e fez muita falta, pois era importantíssimo. Nós sentimos um grande desfalque, pois é muito importante estarmos participando das competições que são constantes. Além disso, quando a ginasta compete, melhor ela fica! Ela fica cada vez mais segura, confiante e experiente. E, pensando nisso, acredito que com o fim do programa tivemos prejuízos, já que tivemos que custear do nosso bolso esses gastos, o que complicou bastante. Por isso, eu digo que o apoio do Estado já foi melhor, pois, com esse programa, ficávamos mais tranquilas e não precisávamos nos preocupar com as passagens que é a parte mais cara das competições. Essa diminuição no apoio me faz refletir que aqui, no Brasil, as pessoas têm a mania de olhar o atleta como se não fosse um trabalhador. E, na realidade, às vezes é pior, pois somos muito cobrados. Há uma pressão muito grande em determinados momentos e não podemos falhar, estamos aqui todos os dias. A diferença é que não batemos o ponto, mas o resto é tudo igual. Temos que estar aqui, ter hora para chegar, hora para sair e cumprir as metas. Então, ser um atleta é profissão e a gente necessita do retorno! (NATALIA GAUDIO).

Atualmente, as despesas com viagens para os campeonatos são custeadas pelas atletas e suas respectivas técnicas. Por sua vez, contam também com patrocínios e com a realização de eventos com

o intuito de arrecadar fundos para essa finalidade, por exemplo, as galas realizadas em teatros, nas quais o público contribui para que a modalidade continue alçando novos voos (PMVV, 2019). É pertinente mencionar que algumas competições importantes eram custeadas pela CBG, com base nos seus respectivos planejamentos:

A Natália Gaudio, por exemplo, é uma atleta olímpica que não tem o patrocínio para todas as viagens. Ela tem subsídios para algumas competições que eles escolhem e que nem sempre são as mais importantes. A decisão vai de acordo com o planejamento da Confederação. Um exemplo: caso haja uma etapa da Copa do Mundo que ela tem que ir para conseguir a vaga para os Jogos Olímpicos, mas essa competição não está no planejamento, eles não pagam. Às vezes, eles podem optar por pagar o pré-olímpico, porém, para chegar nessa competição, ela precisa conseguir uma pontuação, ou seja, ela precisa passar por essas copas. E, atualmente, eles não patrocinam mais as passagens. Infelizmente, tem que sair do bolso da técnica e da atleta, ou seja, da Monika e da Natália (SÔNIA CRISTINA, 2018).

Quando cita os prejuízos para as atletas e treinadores com os cortes do Compete ES, Sônia Cristina, atual presidente da Fesg, menciona outras reduções que prejudicaram a Ginástica Capixaba nos últimos anos. Dentre eles, os cortes referentes ao patrocínio da Caixa Econômica Federal. O apoio da Caixa Econômica Federal é de grande importância, pois beneficia diversas modalidades esportivas em conjunto com as confederações patrocinadas, como a CBG (CAIXA, 2019). De acordo com a Folha São Paulo (2018), o valor investido pelo banco federal representa a maior parcela de patrocínio da CBG, ficando à frente dos repasses advindos da Lei Agnelo Piva²⁷. Com a redução desses investimentos, a ginástica

²⁷ A Lei Agnelo/Piva foi criada em 16 de julho de 2001, Lei nº 10.264, e representou um marco para o esporte nacional, pois, por meio dela, ocorreu o avanço na captação de recursos destinados ao desenvolvimento esportivo brasileiro. Desde 2001 até o ano de 2015, a lei destinava 2% da arrecadação bruta das loterias federais em operação no país, descontadas as premiações, em favor do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Eram destinados 85% para o COB e 15% para o CPB. Além disso, 10% deverão ser investidos no desporto escolar e 5% no desporto universitário (BRASIL, 2016)

brasileira, de uma forma geral, foi impactada, pois as modalidades ainda não têm tantos apoios advindos de iniciativas privadas.

Ainda segundo a Folha São Paulo (2018), a assessoria da Caixa Econômica, após ser procurada pela imprensa quanto à possível redução nos investimentos, informou que um dos fatores que contribuíram para a análise do contrato de patrocínio com a CBG foram as denúncias de abuso sexual divulgadas pela TV Globo no programa Fantástico, no ano de 2018, que causou polêmica com repercussão nacional.

Entretanto, conforme Capelo (2017), após o ciclo olímpico, as empresas estatais reduziram significativamente os investimentos destinados ao esporte. Mediante esses cortes, as ginastas da base que estão apresentando os primeiros resultados em nível estadual acabam recebendo um valor simbólico referente ao Bolsa Atleta, visto que existe uma hierarquia na distribuição das bolsas, uma espécie de pirâmide, em que as ginastas com os resultados mais expressivos são as que recebem mais, explica a atual presidente da Fesg, Sônia Cristina Costa (2018):

O Bolsa Atleta pode ser compreendido como um ‘salário’ que as ginastas recebem durante o ano para ajudar na manutenção no esporte, ou seja, permite que os gastos que a atleta tem com as viagens, o collant e o transporte diário para ir aos treinos sejam cobertos. Penso que seja importante explicar que o bolsa atleta é um valor distribuído para poucas ginastas que possuem boas classificações em competições importantes, como campeonatos internacionais, nacionais e estaduais. A distribuição ocorre de cima para baixo. Isso significa que a ginasta que ganha o estadual recebe bem pouco quando consegue receber algo. Em síntese, o atleta vai receber um valor de acordo com o seu *rank* e a disponibilidade de recursos, pois o orçamento destinado às bolsas é dividido com os demais esportes.

Outra perda para a GR do Espírito Santo, quanto aos apoios da Caixa Econômica Federal, foi referente aos investimentos cessados nos Centros de Excelência de Ginástica (FIGURA 42), de cunho social, iniciados em 2008 (GINÁSTICA BRASIL, 2011). O projeto foi implantado inicialmente no município de Vitória sendo um dos primeiros a serem inaugurados no país. Posteriormente, em Vila

Velha, foi criado o segundo polo capixaba no ano de 2011. Ambos possuem o foco na massificação da ginástica, por meio da oferta da prática da GA e da GR para crianças da comunidade gratuitamente.

Figura 42 - Matéria na Revista Ginástica referente à parceria da Caixa com a CBG sobre o Projeto Centro de Excelência Caixa



Fonte: Revista Ginástica Brasil, Confederação Brasileira de Ginástica.

A Caixa Econômica começou a patrocinar a ginástica e fizeram o Centro de Excelência de Ginástica que incentiva a inclusão social. Mas, infelizmente, há dois anos, a Caixa Econômica encerrou o patrocínio com o Centro de Excelência, inclusive, com vários atletas também. O banco diminuiu o patrocínio para a Confederação. Se eu não estou enganada, cerca de setenta por cento. O apoio que sobrou ficou voltado, principalmente, para os campeonatos brasileiros e para as ginastas mais fortes, ou seja, as atletas de alto rendimento que recebem a bolsa. O salário também diminuiu. É perceptível que uma porção de coisas foi reduzida. As bolsas dos atletas continuam, porém, o valor diminuiu juntamente com a quantidade de contempladas (SÔNIA CRISTINA, 2019).

Contudo, apesar da conjuntura atual quanto ao apoio voltado à GR, compreendemos que as leis de incentivo, os programas e projetos foram importantes tanto no âmbito do alto rendimento

quanto no âmbito social. Os reflexos dos cortes e da dificuldade para encontrar o apoio financeiro são direcionados não apenas para o esporte, mas também para as demais áreas, o que pode ser justificado pela atual situação do país quanto a busca por uma estabilidade política e econômica (TREVIZAN, 2017).

6.7 MONIKA QUEIROZ E SEU APORTE PARA GINÁSTICA RÍTMICA CAPIXABA DE ALTO RENDIMENTO

Monika Mello de Queiroz é atualmente a treinadora da Seleção Brasileira Individual, de acordo com Confederação Brasileira de Ginástica (CBG, 2019). A professora atuou como treinadora da Seleção Brasileira de Conjunto de 2005 a 2009 (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010). Além disso, teve a participação nas Olimpíadas Rio 2016, como treinadora da ginasta Natália Azevedo Gaudio.

Ao analisarmos as suas experiências formativas, observamos que Monika Queiroz se formou em Educação Física na Ufes em 1985. E, anteriormente ao ingresso no ensino superior, a sua experiência estava vinculada a dança desde sua adolescência, conforme o seu próprio depoimento.

Agora, passando essa parte da infância, já na minha adolescência, remeto-me ao lado profissional. O que eu posso afirmar é que eu sempre trabalhei com dança! A minha intenção, como profissão, era ser professora de dança. Destaco que não pensava apenas no sentido pedagógico, mas em atuar como coreógrafa, e, até mesmo, ter um grupo, uma companhia de dança. Essa era a minha previsão inicial. Eu entrei na Ufes com essa ideia, porém, quando cheguei na universidade, tinha algumas disciplinas de ginásticas, que eram: GM I, GM II e GM III. Naquela época, era uma quantidade significativa de disciplinas e, já no início, no primeiro ou segundo período, já tinha a primeira disciplina, que era chamada de módulo (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Observamos em sua fala que a treinadora enfatiza que a sua intenção inicial era ser professora de dança (FIGURA 43), entretanto seus objetivos tomaram uma nova direção após conhecer a GM durante a sua formação no curso superior (A GAZETA, 2004).

Segundo os arquivos Cefd/ufes (1978), as disciplinas GM eram divididas em quatro séries, da GM I a GM IV.

Figura 43 - Matéria no Jornal A Gazeta mencionando o início da carreira de Monika Queiroz



Fonte: A Gazeta, 5 de setembro, 2004.

A identificação de Monika Queiroz com a modalidade certamente teve influência de seu envolvimento com a dança, pois a treinadora percebeu que poderia aliar o seu gosto por montagens coreográficas e contribuir com a modalidade por intermédio da sua experiência artística. Afinal, a GR teve influência da dança no seu processo de estruturação, contando com a contribuição de muitos estudiosos revolucionários do movimento humano, como: Isadora Duncan, Rudolf Van Laban e Mary Wigman que contribuíram para o desenvolvimento da dança contemporânea em um período em que se priorizava a prática do ballet clássico (SANTOS; LORENÇO; GAIO, 2010).

É perceptível no depoimento de Monika Queiroz que, ao longo das disciplinas cursadas na graduação, ela teve acesso aos conteúdos clássicos da dança e aprofundou o seu conhecimento nessa área. Foi

também durante a graduação que Monika conheceu a GR que se tornou uma paixão. A treinadora percebeu que essa modalidade esportiva permitia a ela se enveredar em algo novo, sem abrir mão do que amava, além de ter a liberdade criativa que possibilitava realizar o sonho de ser coreógrafa!

Eu, obviamente, fui fazer não apenas pela obrigatoriedade da disciplina, mas também era o que eu queria. Isso, para mim, mostra que a universidade tem um fator importante em abrir a perspectiva dos alunos que ingressam no curso e, em meu caso, contribuiu com a minha escolha profissional. A partir daí, eu vi que não queria unicamente a dança, pois tinha o interesse em trabalhar com um esporte. A dança é aberta no sentido artístico, já a GR, não! Devido ao seu caráter competitivo. E, aí, eu consegui discernir isso muito bem. Além disso, eu também entrei na universidade com uma visão e acabei saindo com outra! Mas, de certa forma, não deixou de ser semelhante, porque a ideia com que eu entrei não era muito diferente, talvez a postura hoje seja diferente. Mas, de todo modo, não estamos falando de corpo? Movimento? É um trabalho de ideias e de música. E, ao olhar por esse lado, é a mesma! Então, de certa forma, a dança está presente na GR, pois ela é oriunda da dança (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Como mencionado por Monika Queiroz, essas duas práticas corporais abrangem o trabalho postural, equilíbrio, coordenação, ritmo, força, resistência, dentre outros aspectos (LAFRANCHI 2005), além do fator artístico: “trabalho de ideias”.

Segundo Santos, Lourenço e Gaio (2010), a GR também teve influência da música e das artes cênicas. Podemos elencar na influência musical o trabalho de Emile Jacques Dalcroze²⁸, que fundou um Instituto de Rítmica que possuía o seu nome. Torna-se pertinente destacar que Dalcroze foi responsável por formar professores renomados que deram continuidade à sua metodologia de trabalho musical que correlaciona o ritmo com movimentos do corpo. Quanto aos aspectos ligados às artes cênicas, o maior influenciador foi François

²⁸ Emilie Jacques Dalcroze (1865-1950), professor suíço de harmonia do Conservatório de Música de Genebra, criou exercícios variados para desenvolver a sensibilidade musical dos estudantes por meio dos movimentos naturais do corpo (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Delsarte que introduziu conteúdos relacionados à emoção nos movimentos ginásticos, criando um sistema que se dividia em três partes principais: físico, espiritual e mental.

Apesar da origem da GR estar fortemente relacionada a dança, a treinadora Monika Queiroz pontua um aspecto importante que diferencia as duas práticas corporais: as regras. Isso torna a GR restrita aos preceitos estabelecidos no Código de Pontuação, enquanto a dança possui maior liberdade mesmo em sua vertente competitiva. A GR é direcionada por um código com regras que orientam a elaboração das séries e que, conseqüentemente, limitam a liberdade criativa. Ademais, a modalidade possui séries obrigatórias nas categorias de base que restringem ainda mais a modalidade nesse momento de formação esportiva (BIZZOCHI; GUIMARÃES, 1985).

Mas, obstante das regras, Monika Queiroz pontua que o fascínio pela competição foi um fato que a motivou a atuar com GR. A treinadora é reverenciada no Espírito Santo pelo seu trabalho direcionado ao esporte de alto rendimento. Trata-se de uma figura importante não apenas em nível estadual, mas também nacional e internacional. A professora concluiu em 1985 a sua graduação em Educação Física e atuou ao lado de Marzy Perim como monitora durante a sua formação inicial (XIMENES, 2004), com destaque para as suas primeiras experiências competitivas nos JEBs de 1986 e 1987. Na ocasião, Monika ajudava nas músicas, nas montagens coreográficas, dentre outras atividades (A GAZETA, 1987). Nesse mesmo período, ela iniciou a sua proximidade com a arbitragem, devido aos cursos que realizou com a companhia da professora Marzy, além de dar os primeiros passos como treinadora de GR, compreendendo como funcionava passo a passo a rotina de trabalho com a modalidade. A atuação de Monika Queiroz na extensão universitária é evidenciada no discurso da ex-ginasta Deise Cristina:

Na verdade, eu devo dizer que eu não iniciei diretamente na ginástica. Eu fazia dança com a Monika Queiroz. Eu fazia jazz e teve uma seleção na Ufes. Essa seletiva tinha a intenção de montar uma equipe para competir o JEBs. E,

eu passei! Lembro que eu fiquei treinando com a professora Marzy e com a Monika que, nessa época, era estagiária (DEISE CRISTINA, 2019).

Essas experiências foram um ponto de partida para o que viria a ser uma atividade que a treinadora realizaria com êxito em uma carreira profissional de sucesso. Devemos explicitar que além da vertente de alto rendimento, Monika Queiroz atuou em escolas públicas e particulares (MARQUES, 1999). Entretanto, observou que um trabalho voltado para o alto rendimento no ambiente escolar como atividade extracurricular precisa ser repensado e não encontra apoio de algumas instituições.

Mas, só que em certo momento, os próprios dirigentes, diretoras e supervisoras acharam que eu estava fazendo uma coisa que era além de uma atividade extracurricular. Eles começaram a questionar que as crianças não precisavam daquele tempo dedicado a prática de uma forma mais elaborada. Às vezes penso: mas, quem eram elas para saber se a criança poderia ou não crescer muito mais no esporte? Sabe aquele discurso assim: aí, ela só vai até ali! Depois ela pode procurar um lugar melhor (MONIKA QUEIROZ, 2019).

Com o tempo, a professora teve que optar por seguir uma trajetória mais de acordo com o que ela tinha afinidade, que era o treinamento de elite, com o intuito de formar atletas. Apesar disso, a treinadora acredita que a escola pode ser mais aberta ao trabalho de iniciação esportiva, caso o professor e a escola se proponham a um trabalho direcionado para tal finalidade. Monika acredita que seria uma forma de oportunizar uma prática para todos os alunos de modo democrático. E aqueles que apresentassem predisposição para o alto rendimento encontrariam na escola os estímulos necessários.

Por sua vez, Costa (2016) aponta que um dos pontos importantes a ser refletido, quando se remete à ginástica na escola, é não pensar a ginástica apenas voltada ao âmbito do alto rendimento, de movimentos técnicos e complexos, mas considerar que a prática promove uma série de benefícios, como a saúde e o bem-estar físico e mental, além da interação social.

Certa de sua escolha em se dedicar ao alto rendimento, Monika Queiroz iniciou seus trabalhos com a GR no ano de 1986, quando

criou sua primeira equipe na academia Dançarte, na qual ela aproveitou muitas de suas bailarinas (A GAZETA, 2004).

A Monika me conhece desde quando eu nasci, porque meus pais já a conheciam. Assim, logo aos três anos eu já fazia dança com ela, eu fui aluna de jazz. E, logo depois, por volta dos seis anos de idade, passei a praticar GR com ela na Escola Santa Terezinha” (RAFAELA FÁVERO, 2018).

Entretanto, os campeonatos mais significativos no início de sua carreira como treinadora ocorreram na década de 1990, período em que iniciou suas participações em campeonatos escolares, como os Jogos Primavera (BATISTA, 2004).

Em 1991, Monika buscou experiências fora do Estado, levando a sua equipe para competir pela primeira vez em um campeonato de nível brasileiro, o Campeonato Norte/Nordeste de GR, em São Luís do Maranhão. A equipe foi convidada a participar do evento e era composta pelas ginastas: Fernanda Marchesi, Flávia Souza, Fabiana Ruela, Rafaela Fávero e Karyn Caus (MARQUES, 1999; BATISTA, 2004).

A participação nesses eventos possibilitava uma troca de conhecimentos e agregava experiências que, no início da carreira, eram de grande valor tanto para a treinadora quanto para as suas alunas, que estavam tendo acesso às novas vivências e, conseqüentemente, a novos desafios como ginastas. Afinal, era a primeira equipe liderada essencialmente por Monika Queiroz (FIGURA 44): “Eu e minha equipe, na nossa primeira experiência fora do Estado” (MONIKA QUEIROZ, 2019).

Figura 44 - Recorte do jornal A Gazeta, 5 de abril de 1991



Fonte: Arquivo pessoal.

Foram muitas as conquistas da professora durante a década de 1990. Um Estado pequeno e que dava seus primeiros passos na vertente de alto rendimento, começou a surpreender o cenário da GR Nacional com resultados expressivos e sequenciais. A equipe de Monika Queiroz, na década de 1990, participou de Campeonatos Brasileiros, JEBs, Campeonato Internacional de GR, Copa Quatro Continente e outros (BATISTA, 2004). Na Copa dos Quatros Continentes, em 1997, a treinadora teve três ginastas escolhidas para o evento, sendo o Estado com maior número de ginastas representando o Brasil na ocasião, as quais: Elise Penedo e Juliana Coradine no Conjunto e Gabriela Crivelaro no individual (A GAZETA, 1997).

Nos Campeonatos Brasileiros, as atletas de Monika sempre estavam entre as primeiras colocadas. Além disso, duas de suas atletas treinaram com a Seleção Brasileira de Conjunto, a ginasta Elise Penedo, em 1996, e a ginasta Juliana Coradine, em 1997. A atleta Juliana Coradine, por sua vez, representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, Canadá, em 1999 (A GAZETA, 1999).

Todos esses resultados são reflexos de um trabalho que estava no caminho certo. A relação da treinadora com as suas ginastas também pode ser um dos elementos catalisadores para os resultados alcançados. Oliveira, Bortoleto e Nunomura (2017) mencionam que a relação técnico-atleta pode potencializar ou diminuir o estresse das atletas durante sua carreira. Ademais, uma relação que recorre à autocracia como forma de trabalho pode ocasionar dependência e proporcionar prejuízos físicos e psicológicos que interferem nas oportunidades de sucesso na trajetória da atleta.

Dessa forma, inferimos que os resultados constantes das ginastas treinadas por Monika Queiroz foram influenciados pelo relacionamento de parceria entre a treinadora e as suas atletas. É importante dizer que essa relação perpassar por momentos de estresse, principalmente em períodos intensos de treinamentos para campeonatos significativos, mas os relatos de ex-ginastas de Monika Queiroz, na grande maioria, enfatizaram uma relação profissional e de respeito. Além disso, um fator analisado nos estudos de Nakashima e outros (2018) é que a maioria das ginastas considerava a treinadora como uma segunda mãe, devido à convivência constante desde a infância.

Nakashima et al. (2018) ainda enfatizam que existe uma diferença entre a relação com as treinadoras dos respectivos clubes e as treinadoras da Seleção Brasileira. Segundo informações obtidas com as ginastas, constata-se um contato mais “frio”, sem um trato carinhoso. Assim, por muitas vezes, a relação da treinadora que formou a ginasta vai além dos treinamentos, pois inclui uma aproximação com atleta para além dos aspectos esportivos, ligados a uma preocupação escolar, afetiva, entre outros. Nakashima e outros (2018) complementam que uma relação “forçada” com a treinadora também reflete negativamente no desempenho da atleta, ainda mais quando ela muda de treinadora ao ingressar em uma seleção, quando é preciso haver todo um processo de adaptação a uma nova rotina de treinamento e a um novo vínculo treinador-atleta.

Nessa época, 1995, cada ginasta treinava com a sua técnica no seu respectivo Estado. Eu treinei com a Monika Queiroz de 1992 até 1999. Na verdade, eu tive algumas treinadoras paralelas, mas a Monika era a minha técnica titular.

Então, eu considero que ela foi minha técnica principal mesmo. Quando eu menciono as minhas técnicas, principalmente a Monika, penso que é uma relação que marca muito a gente, porque se trata de uma fase de adolescência, né? E, era uma convivência diária e com muitas viagens juntas. A presença dela era intensa na minha vida. Eu realmente não dava muita conta na época, mas, hoje, olhando para trás, eu vejo o quanto era importante, pois tem toda uma questão de influência, de dar um suporte, ser líder, saber orientar e guiar a gente nas competições. Quando eu me recordo de tudo isso é com muito carinho! Hoje eu percebo muito o valor que teve (ELISE PENEDO, 2018).

Juntamente com o reconhecimento das atletas, os colegas de profissão valorizam Monika Queiroz e o seu papel importante para o desenvolvimento da modalidade no Espírito Santo. Atualmente, o Estado conta com outros treinadores que estão desempenhando um trabalho de qualidade. Estes são dignos dos méritos pelas suas contribuições para a GR capixaba tanto quanto Monika Queiroz. Como exemplos, temos a treinadora Maria Angela Tardin que trabalha na preparação das atletas na base, Gizela Batista, Ana Cristina Médici, Lorena Sartori que atuam nas demais fases de formação atlética. Devemos mencionar que há outros profissionais que estão iniciando suas atividades com a GR, como as ex-ginastas Carolina Garcia, Ana Paula Ribeiro e tantas outras que seguiram os passos das suas mentoras esportivas.

Muitas das treinadoras e ex-ginastas foram influenciadas diretamente por Monika Queiroz, por isso, quando o assunto em questão é o pioneirismo no alto rendimento, compreendemos que o marco inicial foi o trabalho de Monika que impactou todos os envolvidos com a GR competitiva. Segundo Batista (2004), seu trabalho foi o fator principal para que a GR capixaba alcançasse um grande destaque no cenário esportivo nacional e internacional. Isso também é evidenciada pela treinadora Vanusa Albuquerque:

[...] acredito que pensando no Estado todo, a grande influência que tivemos foi a Monika Queiroz! A Monika fez a GR no nosso Estado. Hoje, claro, têm outras pessoas trabalhando com ela. E, mesmo quem não está com ela, já trabalhou com ela. Muitos iniciaram com ela e hoje estão disseminando os conhecimentos adquiridos com ela. Mas, a base do *iceberg* é a Monika Queiroz! Os professores que vieram depois foram formados a partir do ramo dela.

Vamos colocar da seguinte forma: ela é o tronco e a partir dele saíram vários galhos (VANUSA ALBUQUERQUE, 2018).

A grande generosidade da professora Monika Queiroz foi não apenas formar as ginastas campeãs que trouxeram títulos para o Estado, mas também formar novos treinadores e árbitros. Tanto durante o seu percurso como professora no Curso de Educação Física na UVV quanto durante o seu trabalho nos ginásios, Monika Queiroz expandiu e consolidou a GR competitiva. Principalmente, por meio das atletas capixabas que trabalharam como treinadoras após encerrar suas carreiras, como: Ana Paula Ribeiro, Carolina Garcia, Deise Cristina, Flávia Marques, Gizela Batista, Juliana Coradine, Rafaela Fávero, dentre outras. Além disso, ginastas de outros Estados que atuaram ao lado de Monika Queiroz, durante o período em que ela esteve na Seleção Brasileira de Conjunto, mudaram-se para o Espírito Santo e seguiram como treinadoras de GR no Estado. Esse foi o caso das ex-ginastas: Natália Sanches de São Paulo e Luciane Hammes de Santa Catarina. A dedicação com a ginástica ao longo da carreira, a convivência com o treinador e o dia a dia no ginásio acabam influenciando a formação de novos treinadores pautada em suas experiências como atleta (SAMPAIO, 2017). Assim, é possível analisar o reflexo dessa influência de Monika Queiroz em suas atletas no relato de Flávio Barroca (2018):

Nós temos a Gizela, a Ana Paula Ribeiro, a própria Carol, minha filha, que agora está migrando de atleta para treinadora e tantas e tantas outras! Entende? Sem falar das que não são do Estado, mas também fazem parte do nicho da Monika e tem as características dela. Eu cito a Natália Peixinho que é de São Paulo, a Luciana que é de Santa Catarina, mas estão aqui há 12 anos. Já absorveram a escola de ginástica da Monika. Elas chegaram aqui em 2005, com 15, 16 anos, então a escola delas é capixaba. Você percebe que elas têm um trabalho de qualidade, porque tiveram uma boa formação.

Além de suas ex-atletas, Monika Queiroz também foi a grande incentivadora para a inserção de um treinador e árbitro na GR capixaba, Flávio Barroca. Ele foi o primeiro homem a atuar com a GR no Espírito Santo e rompeu com uma série de preconceitos

relacionados com o gênero nessa modalidade (SANTOS; SANTOS; GAIO, 2010). Monika sempre buscou inovar durante sua carreira, o que para os colegas capixabas é um marco da treinadora. Ela apoiou um treinador de GR do sexo masculino ainda no início da década de 1990, uma época em que os atributos equivocados de cunho preconceituoso quanto à inserção do homem em um esporte feminino eram mais constantes.

Outro exemplo de credibilidade e incentivo da treinadora, quanto à contribuição masculina na modalidade, foram as parcerias com o ginasta espanhol Rubén Orihuela Gavilan que, no ano de 2017, participou da montagem coreográfica da ginasta Natália Gaudio para sua atuação no Campeonato Mundial de GR, realizada em Pésaro, na Itália (CASTRO, 2017). Além disso, de acordo com Barroca (2018), a professora foi responsável pela inserção de ginastas do sexo masculino na modalidade, abrindo as portas da sua escola “Escola de Campeãs”, fundada em 2011 (SCHOOLAND COLLEGE LISTINGS, 2019), para oportunizar a prática da GR tanto para o gênero feminino quanto para o masculino:

Ela sempre abre o espaço dela, o tapete dela, e o clube dela! Ela sempre ensina! A Monika não tem, na verdade nunca teve, problemas quanto a isso, porque ela não via as pessoas como futuras concorrentes. Ela não tem isso e tem pessoas que agem dessa forma mesquinha. Então, eu fui estudar com ela. Quando eu me refiro a estudar, eu quero dizer que fui observar, ser um olheiro. Aos poucos fui acompanhando os treinos e, com o tempo, levei minhas atletas para intercâmbios com a equipe da Monika, sempre com o objetivo de saber como era feita a preparação das ginastas. E daí foi quando, em 1992, 1993, eu já tinha uma equipe de GR (FLÁVIO BARROCA, 2018).

[...] Aqui nós já tivemos o Júnior, aluno da Monika. Ele praticou durante muito tempo. Ainda tem aquela resistência quanto à presença masculina no esporte, mas eu acredito que é preciso alguém abrir caminhos. Então, alguns podem sofrer algum tipo de preconceito agora, mas, no futuro, as coisas já estarão encaminhadas. Eu também superei obstáculos na minha trajetória e, quando reflito sobre a minha contribuição para a GR, eu fico emocionado quando eu falo (FLAVIO BARROCA, 2018).

O fato de ser uma treinadora rigorosa, como algumas ginastas mencionaram, pode ter sido uma característica importante que colaborou com o sucesso do trabalho de Monika Queiroz. O profissionalismo da treinadora facilitava a compreensão das atletas nessa exigência nos treinos, assim estas foram capazes de superar esse atributo que, geralmente, é peculiar entre a maioria dos treinadores dos esportes de alto rendimento. Ainda de acordo com Oliveira, Bortoleto e Nunomura (2017), os treinadores de ginástica tendem a apresentar uma característica mais ríspida com seus atletas, um aspecto que foi culturalmente instituído e que, nos últimos anos, está sendo refletida quanto aos extremismos associados ao uso de autoridade como treinador.

Agora, falando dos meus tempos de atleta, com relação ao dia a dia no ginásio, eu me lembro que a Monika era uma técnica brava, mas, ela sempre me respeitou. Claro que tinha os 'esporros' e os gritos que eram normais. Eu acabo fazendo isso hoje também. É claro que, atualmente, nós temos que ter mais cautela, porque qualquer coisa que acontece, você sabe que é um processo, né? Então, antigamente a educação que era dada permitia esses comportamentos (GIZELA BATISTA, 2018).

O respeito e a gratidão permearam os relatos que envolviam a treinadora Monika Queiroz, seja por parte das ginastas ou dos profissionais que trabalharam e trabalham com a treinadora. Os tons das falas de alguns colaboradores, nos levaram a compreensão de que ficou a sensação de privilégio por terem iniciado na ginástica ao lado de uma profissional como Monika Queiroz.

Outro fator que chamou a atenção é a confiança dos outros treinadores no conhecimento e no trabalho de Monika Queiroz. Como a treinadora é a referência, os demais profissionais encaminhavam as ginastas que possuíam condições de trilhar o percurso do esporte de alto rendimento. Isso foi recorrente na década de 1990 e nos anos iniciais do Século XXI (BATISTA, 2004). Após outros treinadores criarem autonomia de trabalho e terem resultados expressivos, essa cultura de transferir as atletas para trabalhar com a treinadora foi diminuindo. Como exemplos de

ginastas conduzidas para Monika Queiroz, elencamos: Gizela Batista e Natália Gaudio, que iniciaram com a treinadora Sônia Cristina e, posteriormente, deram continuidade ao lado de Monika Queiroz.

Eu vou tentar resumir o que ocorreu comigo. Antigamente, talvez eu possa estar falando uma bobagem, só tinha a Monika de referência no Estado, pois as outras estavam começando. Por isso, tinha uma certa organização nessa parte das técnicas. Tinham as professoras que atuavam com a GR, porém, quando aparecia uma menina, que tinha um maior potencial, a Monika era a referência, para dar continuidade ao trabalho. Assim, eu comecei na equipe da Monika, mas ela dava treino para as meninas que competiam. Eu treinava com as outras professoras que eram da escolinha, mas logo depois eu passei a ser treinada pela Monika. Daí eu fui treinada por ela praticamente, a minha vida toda. Exceto na época que eu fui morar fora, por causa da Seleção de Conjunto, que as técnicas eram outras. Mas eu considero que ela sempre foi a minha técnica (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Mas, muitas atletas de renome iniciaram a modalidade com Monika Queiroz e chegaram ao alto nível esportivo ao lado dela:

Eu considero que tive um grande privilégio em já começar com a Monika [FIGURA 45]. Afinal, ela é um grande nome da GR, pois ela foi a principal disseminadora da modalidade no Estado. Quem fez a GR no Espírito Santo ser o que é hoje foi ela! (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Figura 45 - Campeonato Brasileiro Juvenil, terceiro lugar por equipe, em 2001



Nota: Na foto da esquerda para direita: Tyanne Mantovaneli, Monika Queiroz, Ana Paula Ribeiro, Louise Ginaid, Eduarda Queiroz.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Mesmo após 34 anos dedicados à GR capixaba, Monika Queiroz continua a surpreender a sociedade capixaba com resultados que fazem história da modalidade no Brasil a cada ciclo olímpico. A treinadora se orgulha de ser uma das poucas treinadoras mulheres que representam o país no esporte de alto nível, visto que ainda existe uma busca pela representatividade feminina.

Segundo Annunziato e Menon (2011), o número de mulheres em cargos de liderança ainda não é expressivo e no meio esportivo a desigualdade se torna ainda maior. Por vista disso, presenciar a treinadora capixaba alcançando seu espaço nos Jogos Sul-Americanos, Jogos Pan-Americanos, nos Campeonatos Mundiais e nos Jogos Olímpicos é de gerar orgulho para todos os amantes da GR capixaba. Quando se fala de orgulho, a própria Monika Queiroz relata, em seu depoimento, esse sentimento ao relembrar todos os desafios e conquistas que presenciou ao longo de sua carreira. A treinadora enfatiza, com carinho, as conquistas que considera as

mais importantes nas três décadas de trabalho e reforça o amor que sente por tornar o Estado do Espírito Santo conhecido nacional e internacionalmente:

Quando sou questionada sobre as minhas principais conquistas e premiações, eu acho que o Pan do Rio de 2007 [FIGURA 46] foi uma das principais, no qual obtivemos três medalhas de ouro para nós, o que foi uma coisa muito longínqua. E, hoje, eu acho que foi a classificação da Natália Gaudio para os Jogos Olímpicos de 2016 [FIGURA 47]. Ela não era favorita e a gente trabalhou dentro de um contexto desafiador com muitos percalços. E a gente virou o farol para outras coisas. Também posso dizer que em 2008, no Jogos Olímpicos de Pequim [FIGURA 48], foi uma terceira conquista. [...] todo mundo que me conhece, me conhece como a Monika que veio do Espírito Santo! Eu trago o Espírito Santo junto comigo (MONIKA QUEIROZ, 2018).

Figura 46 - Recorte da matéria publicada no jornal O Globo abordando os resultados do Conjunto Brasileiro de GR, nos Jogos Pan-Americanos no Rio, em 29 de junho de 2007



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 47 - XXXI Jogos Olímpicos de Verão, Rio de Janeiro, 2016



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 48 - Olimpíadas de Pequim, conjunto cinco cordas, 2008



Fonte: Arquivo pessoal.

6.8 AS SIGNIFICAÇÕES DO APOIO FAMILIAR

O apoio familiar direcionado à ginástica capixaba foi importante e ocorreu em duas vertentes: a primeira pelo incentivo às ginastas que, conforme Nakashima e outros (2018), possibilita que o atleta tenha uma carreira bem-sucedida no esporte; a segunda vertente remete à contribuição dos familiares das atletas para o fortalecimento na GR no Estado. Nas narrativas, o envolvimento dos familiares com o esporte foi mencionado como fator significativo durante a carreira das ginastas e do processo de consolidação da modalidade, uma vez que, por falta do apoio governamental e privado, competiu as famílias sanar muitos aspectos para além do apoio emocional (VINTENA, 2003). As contribuições abrangeram desde carregar o tapete de competição no próprio carro até o envolvimento com a Federação do Espírito Santo de Ginástica:

Nessa época, não tinha muitas ginastas no Estado. Então, era um grupo pioneiro, bem envolvido e unido. Lembro que a mãe da Monika também se envolvia nas viagens, assim como nos festivais. Recordo-me de um no Rio de Janeiro, em de Niterói, no qual saíamos em uma excursão e a Mãe da Monika fazia brincadeiras com a gente na viagem. Era bem divertido! (RAFAELA FÁVERO, 2018)

Lembro que a gente levava o tapete. A Monika tinha conseguido um tapete e o transporte era feito no carro dela. O papai ajudava também, assim como outros pais que tinham carro. Todo mundo ia ajudando. E, por essa razão, o meu pai foi até vice-presidente da federação (GIZELA BATISTA, 2018).

Além do apoio para as ginastas, observamos que o suporte da família se estendia para os treinadores, sendo um exemplo, a atuação essencial da mãe da professora Monika Queiroz, mais conhecida como “Tia Ayla”, entre as ginastas. Segundo Batista (2004) e Marques (1999), os primeiros passos profissionais de Monika Queiroz, na década de 1990, ocorreram na Escola Santa Terezinha localizada no bairro Glória, em Vila Velha, a qual pertencia aos pais da treinadora.

Essa relação de apoio da família de Monika Queiroz representa o vínculo e o apoio familiar que sempre permeou a modalidade em terras capixabas. Com o respaldo dos pais, Monika Queiroz deu notoriedade nacional a GR espírito-santense com a sua primeira equipe. Ademais, a Dona Ayla era professora na Escola Santa Terezinha e contribuía ajudando a descobrir novos talentos durante os eventos culturais na escola, como aconteceu com a ginasta Tayanne Mantovaneli:

A mãe da Monika, a tia Ayla, ela era professora e dava aula também na escola. Em todas as apresentações que tinham em datas especiais, ela montava alguma coreografia para as crianças apresentarem. Em todas essas coreografias, eu estava no meio e ela sempre viu que eu tinha jeito. Eu lembro que ela me colocava para fazer na frente. Ela brincava comigo e falava que ela sempre soube que eu tinha jeito. Eu tenho muito carinho por tia Ayla, pois, mesmo ela não sendo entendida da ginástica de uma forma mais aprofundada, ela percebeu um diferencial. Ainda que fosse naquelas dancinhas ali, na escola, mas eu já levava a sério. Então, ela percebeu que eu tinha jeito e isso me marcou, pois é importante incentivar, falando palavras que te colocam para cima e ela fez isso (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Por sua vez, enquanto a GR no Espírito Santo ainda não contava com um apoio significativo do Governo do Estado, os familiares contribuía como podiam para financiar as viagens das filhas. As ações envolviam a venda de rifas, busca de patrocínios e venda de comidas nos eventos. O envolvimento dos pais ocorria de forma tão intensa que até organizar o ginásio para as competições, como enrolar o carpete, transportar os materiais de um local ao outro, era uma prática comum. Esse envolvimento fortaleceu o relacionamento entre as ginastas, os técnicos e os dirigentes do esporte, visto que ali nascia a esperança de que todo esforço coletivo valeria a pena, além da certeza de que o sonho de fazer a GR crescer no Espírito Santo não era isolado, mas um sonho em conjunto.

Quando nos remetemos ao apoio dos pais, principalmente das mães, contamos com as interpretações de Nakashima e outros (2018) que relatam que existiu uma diferença na forma de apoio das mães em relação ao dos pais em seu estudo. No que concerne as mães, o

envolvimento foi além de demonstrar apoio, pois buscaram estabelecer um envolvimento maior com a carreira gímnica das suas filhas, por exemplo, confeccionando collants, fazendo sapatilhas e ajudando nos penteados. Muitas até se dedicaram a aprender novas habilidades, como costurar, para estarem mais presentes na vida de atleta das filhas. Em contrapartida, o envolvimento dos pais estava mais direcionado ao aspecto financeiro, como o custeio da compra de equipamentos necessários aos treinamentos e a administração da ajuda de custo para as filhas se manterem no esporte. “Para as mães, as contribuições com as questões financeiras estavam relacionadas às estratégias pensadas em equipe para a arrecadação de fundos e equipamentos, fazer trabalho em ações e promoções junto à organização esportiva” (NAKASHIMA et al.,2018, p.187).

Na fala da professora e treinadora Vanusa Albuquerque (2018), é possível afirmar o quão real e importante é esse envolvimento por parte das mães das ginastas, desde a iniciação ao alto rendimento: “Mas, as mães faziam caderno de ouro, rifas e corriam atrás mesmo. Dessa forma, a gente conseguia juntar o dinheiro. Lembro-me que eu pegava roupas velhas de ginástica e reformava com a ajuda das mães! A gente se virava! Nós não deixávamos de ir aos eventos e nem de organizar” (VANUSA ALBUQUERQUE, 2018).

O envolvimento dos pais com a ginástica também abrange a gestão do esporte. Há casos de pais e mães que se tornaram dirigentes devido à influência e aproximação no esporte, por meio dos filhos atletas, como no caso da mãe do ginasta Arthur Zanetti, a Roseane Zanetti, que assumiu a presidência da Federação Paulista de Ginástica em 2016 (FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA, 2019). No Espírito Santo, por exemplo, tivemos Tito Marson que foi o primeiro presidente da Fesg. Além dele, Fábio Batista e sua esposa Dalza Batista, pais da ex-ginasta Gizela Batista também atuaram na gestão da ginástica capixaba. Dalza, por sua vez, atuou como presidente da Fesg por 16 anos consecutivos:

Na época, nós colocamos como presidente o pai de um atleta. Ele se chama Tito Marson. Nossa motivação para essa escolha foi porque ele tinha muita

influência com o governo. Os filhos dele na época faziam ginástica e ele tinha muito interesse de ver a ginástica crescer. O filho dele, até esses tempos atrás, ainda fazia ginástica já adulto. Nesse período de fundação da federação, concordamos que seria melhor colocar um pai de atleta como presidente e nós professores de Educação Física ajudaríamos em toda assistência técnica (LUIZ CURCIO, 2019).

O papai ajudava também, assim como outros pais que tinham carro. Todo mundo ia ajudando. E, por essa razão, o meu pai foi até vice-presidente da federação. A Monika era a presidente e o papai o seu vice. Recordo-me que ele entrou para ajudar. A mamãe assumiu a presidência da Federação em 2001. Essa inserção deles se deu por minha causa. Se eu não estivesse na ginástica, acho que jamais aconteceria essa aproximação deles, pois, os meus pais não são gestores, embora a mamãe fosse diretora de escola, mas não acho que tinha muita relação uma coisa com a outra (GIZELA BATISTA, 2019).

Nunomura e Oliveira (2014) pontuam que há consenso na literatura sobre a importância dos pais na participação esportiva dos filhos. E, no caso dos familiares das ginastas capixabas, esse apoio das famílias não era restrito apenas às ginastas de forma isolada, mas, também, para a GR do Estado.

Até então, tudo era provido pelos nossos pais, por meio de rifas e outras ideias que tínhamos na época. E, foi assim que conseguimos comprar a faixa de tapete que ao final dos treinos a gente enrolava e guardava. Então, tudo era feito pelos nossos pais. O que precisávamos eles se juntavam para conseguir, ou seja, sem apoio do estado. (RAFAELA FÁVERO, 2018).

O meu pai, por exemplo, ajudava a enrolar e a desenrolar o tapete nos campeonatos. Nos eventos estaduais, os pais das atletas ajudavam a arrumar a competição e, também, auxiliavam a tirar todos os materiais no final. Os meus pais sempre estavam lá ajudando. Porém, depois de um tempo, isso acabou, pois já havia mais recursos e a própria Federação já contratava as pessoas para ajudar nessa logística (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008) afirmam que os pais são os principais responsáveis por apresentar o esporte para as crianças e, também, são eles que proporcionam os meios e os recursos necessários para que seus filhos se mantenham engajados na prática esportiva. É notório nos relatos das ex-ginastas, supracitados, a

participação dos pais que, além de viabilizar o acesso e a permanência na prática esportiva, contribuíram com a GR capixaba. Para mais, Edwardson e Gorely (2010) aludem que os pais também influenciam os filhos com suas atitudes, as quais são capazes de encorajar os mesmos a se enveredarem no meio atlético, como ocorreu com a ginasta Carolina Garcia que entrou no esporte tendo a influência de seu pai:

É interessante quando eu menciono o termo: “pai de atleta”, porque muitos pensam que eu entrei na ginástica por causa da Carol. Como se eu fosse o enxerido que fez o curso de arbitragem por ser pai de atleta, ou seja, na tentativa de estar por dentro de tudo. Mas, é o contrário! A minha filha nasceu em 1996 e eu sou árbitro desde 1991. Na verdade, ela entrou na ginástica por minha causa. Isso é bom registrar, porque é assim que muita gente pensa. Eu ouço muito isso: Ah! O Flávio é o pai da Carol! A Carol que é filha do Flávio. É diferente, ela nasceu cinco anos depois que eu já estava na ginástica. A Carol foi entrar na ginástica em 2002 e eu já estava há dez anos trabalhando com a modalidade (FLÁVIO BARROCA, 2018).

Podemos compreender que o interesse de Carolina Garcia pela GR teve influência de seu pai Flávio Barroca que atuava como árbitro e treinador da modalidade. Fredricks e Eccles (2004) citam que os pais desempenham diferentes papéis na vida esportiva de seus filhos. Os autores acrescentam o papel de provedor tanto de apoio emocional quanto financeiro. Nessa questão das finanças, além de custear o material esportivo, a vestimenta, subsidiar o transporte e gastos com competições, Mageste (2009) acrescenta viabilizar a participação em intercâmbios que são importantes para o amadurecimento da atleta. É importante salientar que grande parte das ginastas de alto rendimento já participaram de intercâmbios internacionais para terem acesso a treinamentos com equipes de tradição na modalidade, como a Bulgária, um dos países mais procurados pelas ginastas capixabas para esse tipo de experiência (A TRIBUNA, 1997; BATISTA, 2004; A GAZETA, 2009).

Ao longo de todas essas idas e vindas por diferentes ginásios, o apoio mais importante que eu tive para treinar foi da minha família. Refiro-me tanto

financeiramente quanto ao apoio psicológico. A minha mãe sempre me ajudou muito, pois nunca foi aquela pessoa que colocou pressão na minha carreira. Nunca tive aqueles pais chatos que me cobravam para treinar. Ao invés disso, ela me conscientizou do que a ginástica iria me proporcionar se eu continuasse treinando e me apoiava da seguinte maneira: ‘você quer? Então, eu vou junto com você. E, a partir do momento em que você não quiser mais, eu também vou junto’. Ela estava comigo e me apoiava no que eu quisesse, independente da minha decisão. E, desde o começo, quando eu quis fazer o intercâmbio de treino na Bulgária, com 12 para 13 anos, a minha mãe me incentivou totalmente. Ela me falou: ‘É isso mesmo que você quer? Então tá, eu vou comprar esse seu sonho e vou estar junto com você’. Ela foi atrás de recursos para bancar as despesas. Meu avô e minha avó também me ajudaram muito. Assim, o apoio da família sempre foi essencial (NATALIA GAUDIO, 2019).

É importante frisar que, apesar dos pais serem apontados como os principais responsáveis pelo apoio e por influenciarem a experiência esportiva dos filhos, corroboramos o pensamento de Rubio (2012) ao relatar que outros membros da família podem ocupar o papel principal de apoio e de influência dos atletas. Nos relatos das ginastas, no que diz respeito ao apoio recebido no início da carreira, foram mencionadas as participações de avós e irmãs. Na fala de Natália Gaudio, citada acima, observamos a presença dos avós. Na mesma direção, observamos que a ginasta Francielly Machado contou com o apoio do avô, José Ferreira Machado (FIGURA 49), que a levava nos treinos quando ela tinha entre 8 e 12 anos de idade. Ele levava a neta de ônibus para os treinos e aguardava até o final (SCARAMELLA, 2014).

Só de pensar que os meus pais não tinham condições e eu ia de ônibus todos os dias com o meu avô, que tinha que esperar eu terminar o treino para voltarmos juntos, já mostra que fui uma vencedora. Tive muito apoio, principalmente, da família. Eu considero esses momentos, esses gestos e essas atitudes como os maiores marcos dessa minha história esportiva quando olho para trás! (FRANCIELLY MACHADO, 2018).

Figura 49 - Francielly Machado e seu avô José Ferreira Machado



Fonte: Célia Santos, 2016.

Além da Francielly, outra ginasta que se emociona ao relembrar a participação dos familiares durante sua carreira é Ana Paula Ribeiro:

Então, eu me mudei no ano seguinte e passei a treinar três vezes por semana e, posteriormente, quatro vezes por semana. E, assim, era o que dava para fazer! Por eu ser ainda muito pequena, a cada dia um parente me levava para treinar. Daí eles ficavam esperando até o final do treino e voltavam comigo para Guarapari. Então, um dia era minha avó, no outro a minha mãe e no seguinte meu pai! [risos] (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Diante de tais relatos, fica evidente que para desenvolver o seu potencial esportivo, as ginastas dependem do suporte dos pais e familiares, como relatado por Nunomura e Oliveira (2013) em seu estudo com ginastas de GA. Salvaguardando as diferenças, a importância parental e familiar também se aplica à GR, com base nos relatos dos colaboradores. De acordo com Nakashima e outros (2018), com o envolvimento dos familiares, conceitos importantes, como incentivo, encorajamento ao enfrentamento de problemas e o

estímulo à motivação, têm respostas positivas para as atletas, tanto para o bem-estar quanto para o aspecto psicológico.

6.9 CONTRIBUIÇÕES DE UM TRABALHO MULTIDISCIPLINAR

Atualmente, a preocupação com os aspectos científicos ligados ao esporte de alto rendimento está presente durante a formação dos atletas. Entretanto, de acordo com Tani (2001), essa preocupação se intensificou no Brasil a partir da década de 1970, momento no qual houve a introdução de aspectos científicos, com ênfase na fisiologia do exercício, focados na preparação dos atletas. Segundo Tani (2001), tais inserções científicas ocasionaram o surgimento da profissão de preparador físico.

Antes dessas mudanças, as prioridades dos técnicos que atuavam com os esportes de alto rendimento estavam associadas apenas as preparações técnica e tática, negligenciando outros fatores da formação esportiva e a necessidade de aprofundamento científico para uma atuação mais responsável. Com isso, o trabalho dos técnicos, de modo geral, baseava-se em suas experiências anteriores como atletas, aplicando os mesmos métodos absorvidos pelos seus respectivos técnicos, o que ainda não é uma realidade tão distante. De acordo com Rinaldi e Pizani (2013), infelizmente, muitos profissionais apenas reproduzem as atividades que foram desenvolvidas pelos seus treinadores enquanto eram esportistas.

No Espírito Santo, com referência à preparação das ginastas capixabas e diante da falta de apoio e investimento, não havia tantas escolhas quanto à inserção de uma equipe multidisciplinar no início da trajetória no alto rendimento. Assim, as parcerias se davam por intermédio de contribuições de colegas de outras áreas que pudessem compreender que o trabalho a priori seria voluntário ou com um retorno financeiro não tão significativo e, posteriormente, as melhorias viriam de acordo com os investimentos adquiridos.

Assim, os profissionais que se dedicaram a contribuir com a modalidade, desempenharam um trabalho pioneiro nessa atuação

multidisciplinar com as ginastas capixabas (BATISTA, 2004). Essa colaboração foi extremamente importante, pois, tratando-se de uma modalidade como a GR, de acordo com Cavalcanti (2008), o caminho da beleza e, conseqüentemente, do sucesso na GR está atrelado a uma série de domínios, dentre eles: o cognitivo, o afetivo e o motor. Ademais, o êxito depende de preparações físicas, técnicas, táticas e, também, psicológicas. A autora ainda enfatiza que a beleza do esporte é fruto de um trabalho árduo.

Dessa forma, o primeiro apoio para compor a equipe na preparação das ginastas veio da professora de *ballet* Joseane Freitas, por meio de um convite realizado pela treinadora Monika Queiroz, que compreendia a dimensão do *ballet* clássico na formação das ginastas. Segundo Assis e outros (2009), o trabalho desenvolvido pelo *ballet* clássico na ginástica tem como foco a execução de gestos perfeitos e leves transmitidos com segurança. Com isso, diante da transição de uma ginástica apenas formativa e demonstrativa para uma ginástica de competição, todos os detalhes rumo ao pódio no alto rendimento devem ser desenvolvidos com o apoio de diferentes áreas e profissionais qualificados. E, no caso de Monika Queiroz, algumas especificidades não eram de domínio da treinadora:

No meu período de trabalho com o *ballet*, eu conheci a Monika Queiroz e, futuramente, ela me fez o convite para trabalhar com ela. Esse pedido surgiu em uma viagem que nós fizemos juntas. Durante a viagem, nós conversamos e ela contou dos projetos dela. Isso ainda no início da carreira dela com o alto rendimento. A Monika falou que um dia nós poderíamos trabalhar juntas. Mas, foi uma conversa bem natural, nada definitivo. E, após um tempo a Monika me ligou e falou que estava precisando de mim. Esse momento ocorreu quando ela começou a formar uma equipe e queria focar mais em alguns aspectos do treinamento. O início desse trabalho ocorreu lá no Santa Terezinha, uma escola que era da mãe dela. A Monika trabalhava lá e eu fui! (JOSEANE FREITAS, 2019).

Pensando na GR no âmbito do alto rendimento, sabemos que há diretrizes a serem seguidas nas montagens coreográficas, as quais estão estipuladas no Código de Pontuação. Por sua vez, o livro de regras da modalidade veta todos os movimentos que desarmonizam o exercício

e elenca meios de avaliação para os erros cometidos ao longo da performance das ginastas (CAVALCANTI, 2008). Na busca por uma melhor pontuação, é comum ouvirmos que o *ballet* é utilizado por equipes de países renomados, como a Bulgária. Ribeiro (2010) explica que o *ballet* é indispensável no intuito de desenvolver a mais perfeita manifestação da linha corporal de cada ginasta, assim como o estilo pessoal, tanto para as atletas de elite quanto para as equipes.

Assim, referente à GR capixaba, a busca pelo aprimoramento do movimento aumentou conforme as ginastas avançavam no nível das competições. Afinal, para alcançar os lugares mais altos no pódio, as ginastas necessitam desenvolver, além de força e flexibilidade, a *finesse* dos movimentos que a modalidade exige dentro dos tablados. Desse modo, a treinadora Monika Queiroz, decidida a levar sua equipe para campeonatos mais renomados e ter bons resultados, decidiu iniciar o trato do *ballet* clássico na GR de forma mais especializada com apoio de uma profissional da área. É pertinente salientar que, sem uma base adequada do *ballet*, os movimentos tendem a ser executados de forma errônea. Quando nos remetemos à técnica, dialogamos com Assis e outros (2009) que consideram um movimento tecnicamente correto aquele que vai além da estética e que seja claro e objetivo.

Quando a Monika me chamou, eu fui para assistir e analisar melhor como eu poderia contribuir com o desempenho das meninas. Dessa forma, ao assistir às aulas, eu logo notei os pontos importantes que tinham que ser trabalhadas. Por exemplo, para fazer uma pirueta, tem que ter uma técnica e, para fazer um arabesque, você tem que ter outra técnica. Entretanto, elas não tinham! Elas tinham apenas o grosso, ou seja, uma perna na cabeça e a coluna quebrada. Elas tinham tudo isso, porém faltava a *finesse*! Elas não tinham. Eu me lembro que, no início, eu comecei a pegar muito pesado. Tanto é que a Monika pediu para eu pegar leve, porque eu estava assustando as meninas! [risos]. Eu comecei dando aula na época da Rafaela Fávares que, por sinal, foi uma das primeiras alunas da Monika a ter nome lá fora. Eu comecei atuando com as meninas da primeira geração da equipe da Monika, que tinha a Rafa, a Flávia e a Andreza. Depois veio a geração da Elise, da Gizela, da Juliana e das demais (JOSEANE FREITAS, 2019).

De acordo com Cavalcanti (2008), a influência do ballet nos campeonatos vem desde a década de 1960, período em que ocorreram os primeiros mundiais. Nesse momento, a GR se rendeu aos aspectos técnicos do *ballet* clássico, mesmo diante da forte influência da dança moderna que esteve presente na sua constituição. Justifica-se essa influência pelo fato de o ballet ter trazido para a GR técnicas consolidadas, quanto ao uso do corpo na dança por meio de movimentações estipuladas, no que se refere à amplitude de movimento, gestos e desequilíbrios, os quais são aspectos cobrados nos códigos de pontuação da modalidade.

No *ballet* clássico é notória a exigência quanto à perfeição dos movimentos e, de acordo com a professora Joseane Freitas, foi um dos desafios no início do seu trabalho com a GR capixaba. Joseane destaca que houve resistência das ginastas no que concerne ao rigor e ao método utilizado nas aulas de *ballet*, o que é normal quando os alunos se deparam com novas propostas de trabalho.

Eu realmente era muito exigente. A menina falava que estava em *en dehors*, mas não estava! [risos] [...] as meninas ficavam chateadas comigo, mas o *en dehors* não é no pé, ele se inicia no quadril. Então, você tem que rodar o quadril e elas não entendiam isso. Por esses pequenos erros, a menina não consegue ficar em pé, porque ela não está encaixada. Na época, nós começamos a perceber esse tipo de coisa e não só aqui, no Espírito Santo, mas também nos outros lugares e eu sou muito crítica. Aos poucos, elas começaram a absorver e aprender. Tem gente que não! Tem gente que até hoje luta contra o *ballet*, porque é diferente mesmo. Em síntese, a ginástica é a parte boa e gostosa da aula. O *ballet* é a parte chata. Eu falo a parte chata, porque elas são obrigadas a fazer. A ginástica, não! As ginastas gostam, pois escolheram a modalidade. Dessa forma, até a criança entender que o *ballet* vai fazê-la melhorar como atleta, demora e é difícil. (JOSEANE FREITAS, 2019).

Após a inserção do *ballet* clássico nos treinos das ginastas, a qualidade dos movimentos apresentou melhoras. Esses aspectos foram observados nos relatos das próprias ginastas que passaram por essa transição, antes e depois da inserção do *ballet*. Também foi possível notar esse desenvolvimento mediante os resultados apresentados pelas ginastas capixabas nas competições. Desse

modo, para a professora Joseane foi uma grande conquista ver o retorno do seu empenho como professora, visto que ela relata que trabalhar com atletas de alto nível em um esporte como a GR também não foi uma tarefa fácil.

Um dos desafios citados por Joseane Freitas foi o de adaptar o *ballet* clássico às características da modalidade e das atletas. Um aspecto elencado pela professora estava relacionado à amplitude de movimento articular das ginastas que era demasiado, porém, no momento dos movimentos era utilizada sem técnica. Sabemos que a flexibilidade é um fator importante para a modalidade e, no *ballet*, uma das propostas é que essa valência física parta de um senso natural do movimento (CAMINADA, 2006 apud ASSIS et al., 2009). No entanto, no caso das ginastas, a flexibilidade era “extrema”, nas palavras da professora, o que favorecia a execução dos movimentos, porém sem o rigor técnico:

Do mesmo modo, para a professora de *ballet* também é um desafio. É complicado dar aula de *ballet* para ginastas que são extremamente flexíveis e que cumprem as tarefas por meio da flexibilidade, mas não da forma correta, ou seja, encaixadas. Há que se fazer um processo para tirar esses vícios, o que é difícil para ambos, professor e ginasta (JOSEANE FREITAS, 2019).

Posteriormente à contribuição da professora de *ballet* Joseane Freitas, outro nome mencionado no trabalho de equipe multidisciplinar foi o do professor Mauro Guerra, que atuou como preparador físico das ginastas. Anteriormente ao trabalho de Mauro Guerra, as próprias técnicas assumiam essa tarefa de sistematizar o treino de condicionamento físico. O grande diferencial da introdução do professor foi exatamente o fato de ter um profissional que se dedicava exclusivamente àquela função e que buscava apoio nos conhecimentos científicos mais atualizados. Tani (2001) afirma que o papel do preparador físico nas modalidades esportivas ocupa uma função importante que não tem que ser executada de forma generalizada pelo técnico, pois o mentor esportivo deve contar com o apoio de um profissional especializado para que juntos, como equipe, obtenham os resultados esperados dos atletas.

O convite feito a Mauro Guerra também foi realizado por Monika Queiroz, no ano de 2003, durante a sua atuação como docente na UVV. Aos poucos, a treinadora recrutava os profissionais necessários para formar uma equipe especializada para atuar com as atletas de alto rendimento. Mauro Guerra iniciou como estagiário e deu continuidade após se formar no curso de Educação Física. Um dos objetivos de Mauro, ao aceitar o convite, era desenvolver pesquisas com base no trabalho realizado com as ginastas, oportunizando uma aproximação da GR capixaba com o âmbito científico.

A minha experiência com a ginástica se iniciou ainda na graduação. Em 2003, eu era monitor da disciplina de treinamento esportivo na Universidade de Vila Velha (UVV) e, nessa instituição, havia um espaço de treinamento de ginástica. [...] A treinadora Monika Queiroz foi minha professora na disciplina de esportes individuais. E, através dela, surgiu o convite, junto ao professor Miguel, docente de Fisiologia e Treinamento, para que eu desenvolvesse parte da minha monitoria com o treinamento voltado para a GR. Uma vez que teria todo suporte estrutural cedido pela UVV, como: academia, espaço para os testes físicos e laboratórios. Tudo com disponibilidade de horário (MAURO GUERRA, 2018).

A iniciativa de reaproximação da GR capixaba com o meio acadêmico, catalisada pela atuação de Mauro Guerra e o desenvolvimento de seus estudos enquanto preparador físico, contribuiu para uma mudança de visão tanto das técnicas quanto das ginastas, referente à forma de conduzir os treinamentos. A preparação física é de extrema importância para condicionar o corpo das ginastas para as demandas competitivas e dos treinos diários. De acordo com um dos apontamentos feitos por Mauro Guerra, naquela época as treinadoras e as ginastas acreditavam que o treinamento de força contribuiria para a perda de flexibilidade, considerada uma capacidade física importante na GR, pois a maioria dos movimentos precisa de uma grande amplitude articular para serem executados (SANTOS, 2011). No entanto, apenas o treino de flexibilidade não é suficiente para a realização dos movimentos, pois, para a execução dos saltos ou sustentação das pernas nos giros

e nos equilíbrios há a necessidade de outras valências físicas como a resistência, a força e a potência:

A minha principal memória é que as meninas não queriam fazer treinamento de força, porque tinham medo de perder a flexibilidade! [risos]. Isso é algo que eu me recordo muito bem! Inclusive, quando a Monika me convidou para ser preparador físico das meninas, o objetivo era mudar um pouco a rotina do treino de preparação física, o qual era totalmente focado para a flexibilidade. E, como eu já tinha esse *background* do treinamento de força, a ideia era como nós iríamos aplicar o treinamento de força para as atletas. Por isso, percebo que a minha aproximação com a GR foi por meio do treinamento de força, na intenção de mostrar que o treino de força não significa perda de flexibilidade. Eu lembro que, na época, tinha uma ucraniana, Anna Bessonova, que ganhava tudo. A mulher era um monstro, porque ela saltava um absurdo e tinha uma flexibilidade absurda também. E, assim, eu comecei a explicar que ela saltava muito, porque ela era forte! (MAURO GUERRA, 2018).

A flexibilidade e a força constituem-se em aspectos importantes para o melhor desempenho esportivo na GR (SANTOS, 2011) e não podem ser negligenciadas. Compete explicar que quando nos referimos à força na GR, devemos desenvolver nas atletas a força de resistência²⁹ e a força explosiva³⁰ em busca de propiciar a aquisição de elementos ginásticos que atendam às exigências do código de pontuação quanto às dificuldades que incluem ambos os aspectos.

Diante da preocupação em desenvolver um trabalho especificamente de força com as atletas, visto que o trabalho de flexibilidade já era realizado pelas treinadoras, o preparador físico submeteu as atletas a testes e avaliações. Além disso, Mauro Guerra procurou se aproximar do esporte para conhecer realmente a essência da modalidade e os aspectos exigidos. Desse modo, o

²⁹“Na GR, a força de resistência é considerada quando a ginasta tem que manter partes do corpo em suspensão, como nos equilíbrios, como também grandes movimentos, como a corrida, exercícios com repetições e com resistências de movimentos” (SANTOS, 2011, p. 38).

³⁰ Na Ginástica Rítmica, podemos citar os saltos como força explosiva dos membros inferiores e os lançamentos dos aparelhos como força explosiva dos membros superiores (LAFFRANCHI, 2001).

treinador pôde organizar seu plano de treinamento de forma que as sessões fossem adequadamente estruturadas. Destacamos que Mauro Guerra foi responsável por preparar atletas de grande notoriedade, como: Tayanne Mantovaneli, Ana Paula Ribeiro e Natália Gaudio:

Nós fizemos alguns testes com elas. Lembro que a Natália era muito forte, assim como a Ana Paula e a Tayanne! E a Tayanne não era tão flexível quanto as outras meninas, porém ela era muito forte e conseguia executar os movimentos. Como base nos princípios do treinamento esportivo, a primeira coisa a se fazer é conhecer o esporte, se aproximar dele. Então, foi o que eu fiz, junto com a professora Monika e a Gizela Batista, a Gigi. Eu fui perguntando as coisas e vendo as apresentações. Assim, o que eu percebi foi que a GR utiliza muito a força, porque são vários saltos na série. E a gente precisa entender que salto é força. É uma forma da manifestação da força, ou seja, força rápida, potência, como preferir. E, também, utiliza muito a flexibilidade, que são aspectos neurais de treinamento. Então, quando nós falamos de treinamento neuromuscular, abordamos o treinamento de força e de flexibilidade.

O tempo de atuação como preparador das atletas de alto nível, durante o período de 2003 a 2006, resultou em retornos tanto para as condições físicas das ginastas quanto no campo científico, pois os resultados dos testes aplicados foram utilizados em resumos publicados nos Anais do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS, 2003). Além disso, após encerrar seu projeto de Ginástica na UVV, Mauro Guerra atuou com a ginasta Tayanne Mantovaneli de forma particular, durante sua recuperação após uma lesão no joelho. Aspecto que reflete a confiabilidade da atleta no trabalho desempenhado pelo preparador físico.

Dentre os objetivos visados por Mauro Guerra, quanto ao trabalho de força, estava contribuir para a diminuição de lesões, às quais as ginastas estão sempre expostas devido aos treinos diários e exaustivos para o corpo.

Nesse aspecto, Santos (2011) aponta que, se os trabalhos de flexibilidade não estiverem dentro dos limites morfológicos, podem

resultar em lesões nas ginastas por exceder a amplitude angular máxima. O trabalho de acompanhar a ginasta Tayanne Mantovaneli e vê-la se sagrar campeã nos Jogos Pan-Americanos de 2007 foi, de acordo com Mauro Guerra (2018), um dos marcos durante seu período de atuação na modalidade.

Penso que o retorno da Tatá, a Tayanne Mantovaneli, aos tablados foi significativo na minha carreira profissional. Ela passou por duas cirurgias no mesmo joelho. E, quando eu comecei a trabalhar com ela, pela primeira vez, ela estava teoricamente recuperada da primeira cirurgia. Nós fizemos um trabalho com ela que talvez, naquela situação, não foi tão elaborado quanto deveria. Eu não tinha a quantidade de informações e conhecimentos que tenho hoje. Então, talvez, eu possa dizer que eu não era o mais preparado para trabalhar com ela naquela situação. Na segunda cirurgia, a Tayanne teve sobrecarga de treinamento no período em que esteve no Paraná. E, aí sim, eu tive a oportunidade de fazer toda a reabilitação, acompanhando-a desde o início. E consegui deixá-la em forma para conquistar uma medalha de ouro no Pan-Americano, em 2007, no Rio de Janeiro. Então, esse processo de um ano de recuperação da lesão, com o período de reabilitação e o condicionamento físico, até retornar aos tablados em alto nível como ela chegou foi muito importante e marcou a minha carreira. Voltar com uma medalha de ouro, sendo titular na Seleção, foi algo que me emocionou. Porque, de certa forma, eu estava envolvido nesse processo. E isso é muito, muito gratificante!

Dessa maneira, concordamos com Russell (2014) quando afirma que o trabalho desempenhado pelo preparador físico é importantíssimo, pois ele dialoga com as novas percepções da comunidade científica e médica em relação à ginástica. Além disso, Russell (2014) aponta que, nos últimos 50 anos, a ginástica não é vista apenas como uma modalidade saudável, artística e de movimentos naturais, mas também como uma modalidade que, se não for bem direcionada e com um treinamento adequado, também pode ser um esporte prejudicial. Trata-se de uma modalidade considerada pela comunidade médica e científica, como um exemplo de prática de treinamento excessivo, até mesmo abusivo (RUSSELL, 2014).

Observamos que mediante o trabalho desenvolvido por Mauro Guerra houve a intenção de proporcionar um treinamento mais

seguro e de qualidade para as ginastas. O preparador físico se tornou uma referência entre os profissionais que atuaram para o fortalecimento da GR ao longo da trajetória da modalidade rumo ao lugar mais alto do pódio.

Por fim, ao olhar para a totalidade do sucesso de uma modalidade esportiva, é importante destacar que o trabalho em equipe não se limita apenas aos técnicos, professores de *ballet* e preparador físico, pois o esporte deve contar com os demais profissionais necessários para garantir às ginastas uma carreira de sucesso para além dos tabladados, sem negligenciar outras áreas. Afinal, durante os treinos e nas competições é essencial uma preparação específica nos âmbitos físico, técnico, tático e psicológico (VIEIRA et al., 2005). Para ter sucesso em todos esses aspectos, as preparações precisam ser contínuas. Entretanto, muitas vezes, todas as tarefas e responsabilidades que o esporte exige são destinadas apenas aos treinadores que nem sempre conseguem dar conta das multifunções:

O Mauro Guerra era quem fazia a nossa preparação física. Eu gosto muito dele. Eu lembro que no período da minha lesão no joelho, eu ia lá na academia dele em Bairro de Fátima. E, ele me passava os treinamentos. Ele tem muito conhecimento nessa área. Tenho muito carinho por ele. Então, trata-se de um conjunto de pessoas para dar suporte, ou seja, apoiar. Porque, não é fácil. Mas, eu entendo que com pessoas ao seu redor para te apoiar e te ajudar tudo fica mais fácil (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

6.10 AS VOZES DAS GINASTAS CAPIXABAS: DESAFIOS E CONQUISTAS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

O Estado do Espírito Santo, desde a década de 1990, obteve maior destaque quanto à difusão e ao desenvolvimento da GR competitiva. De acordo com Toledo e Antualpa (2014), no ciclo de 2005-2008, o Espírito Santo abrigou a Seleção Brasileira de Conjunto. Esse ocorrido, segundo Borges e Tonini (2012), somou para o fortalecimento da modalidade no Estado, criando até mesmo um vínculo da GR no âmbito do alto rendimento com a população

capixaba, visto que a modalidade ganhou mais notoriedade e se tornou mais popular.

Desde 2009, a seleção brasileira de conjunto não treina em terras capixabas (A Gazeta, 2009), mas o Estado continua com um trabalho de alto nível e com atletas vinculadas à equipe nacional individual e de conjunto.

Refletimos que para galgar uma posição de destaque no cenário nacional e se consagrar como um Estado que é berço de grandes atletas da GR brasileira, a modalidade no Espírito Santo contou com a contribuição de treinadores, dirigentes, equipe multidisciplinar, apoio do Estado e, certamente, com o apoio e dedicação das atletas.

Assim, a intenção deste capítulo é dar voz às atletas de diferentes gerações, desde a década de 1990 até a atualidade, no intuito de retratar tanto as conquistas quanto os desafios de cada uma delas. Para isso, por meio dos relatos das nossas colaboradoras, buscamos garimpar as memórias dessas mulheres no intuito de trazer apontamentos importantes que possam contribuir para que as futuras gerações de ginastas e de profissionais do Espírito Santo tenham conhecimento da contribuição dessas protagonistas da GR no estado. Desse modo, é importante descrever que foram entrevistadas oito mulheres entre 23 e 39 anos. Dentre elas, a única que ainda atua como atleta é a ginasta Natália Gaudio.

Para a melhor organização do texto, apontaremos de forma cronológica os relatos de cada ginasta. É importante salientar que a escolha das colaboradoras do estudo não ocorreu em torno das atletas que compuseram a Seleção Brasileira, apesar de a maioria ter feito parte da equipe nacional, mas sim daquelas que se destacaram em suas gerações pelo pioneirismo em alguns aspectos específicos que serão pontuados ao longo do capítulo.

De acordo com Batista (2004), a década de 1990 foi um período promissor e de eclosão da GR capixaba no âmbito de alto rendimento, visto que, antes da representatividade de ginastas capixabas em Campeonatos Brasileiros, Copa dos Quatro Continentes, Sul-Americanos e Jogos Pan-Americanos, a maior

conquista, até então, foi a segunda colocação nos JEBs em 1987 (MARQUES, 1999; BATISTA, 2004). “Nós viajamos para o Mato Grosso do Sul, em 1987, para o XVI JEBs. Esse, com certeza, eu me lembro! Nós ficamos em segundo lugar” (DEISE CRISTINA COSTA, 2019). Além disso, essa conquista se deu na categoria de conjunto. Já na modalidade individual, os primeiros resultados ocorreram na década de 1990. Durante esse período inicial, tivemos como destaque as ginastas: Rafaela Fávero, Elise Penedo e Gizela Batista. E, no final da respectiva década, as ginastas Tayanne Mantovanelli e Ana Paula Ribeiro foram as protagonistas.

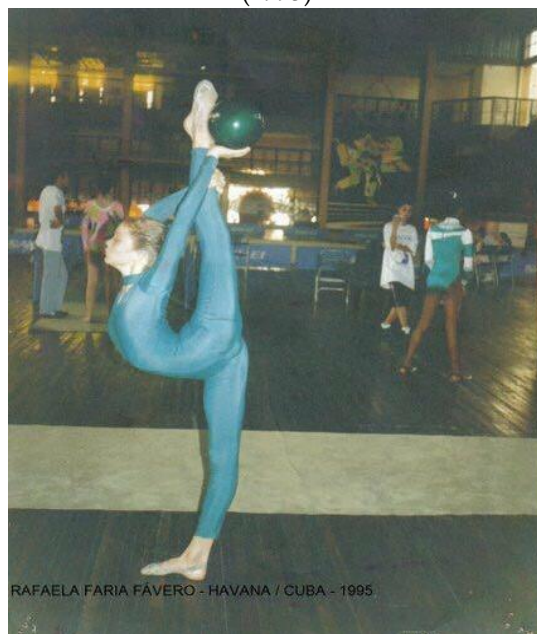
Iniciamos o histórico das depoentes falando da Rafaela Fávero, que ingressou na GR no ano 1986, já ao lado de Monika Queiroz, compondo a primeira equipe da treinadora. Rafaela começou aos seis anos de idade: “A Monika me conhece desde quando eu nasci, porque meus pais já a conheciam. Assim, logo aos três anos eu já fazia dança com ela. Eu fui aluna de jazz. Logo depois, por volta dos seis anos de idade, passei a praticar GR com ela” (RAFAELA FÁVERO, 2018). A ex-ginasta enfatiza que entrou para a equipe de Monika em um período em que as ginastas da outra geração (década de 1980) deixaram a equipe, por conta da idade e de outras prioridades: “A partir do momento em que as meninas mais velhas foram saindo e outras meninas mais novas foram entrando, foi quando ficou mais sério para mim. Isso porque a Monika começou a levar a gente para competições pelo Brasil” (RAFAELA FÁVERO, 2018).

Entretanto, apesar de competir pelo conjunto, o destaque da ginasta se deu de forma mais precisa na categoria individual: “Eu comecei dando aula na época da Rafaela Fávero que, por sinal, foi uma das primeiras alunas da Monika a ter nome lá fora” (JOSEANE FREITAS, 2019). A ginasta também foi responsável por dar continuidade à boa atuação do Estado nos JEBs. Em 1994, a atleta ficou em oitava colocação e garantiu a vaga para o JEBs do ano seguinte. De acordo com Batista (2004), ainda no ano de 1994, Rafaela compôs a Seleção Brasileira Juvenil Individual e foi a primeira ginasta capixaba a ser convocada para compor a Seleção

Brasileira de Conjunto que treinava na Universidade do Norte do Paraná (Unopar)³¹, em Londrina.

Ainda conforme Batista (2004), no ano de 1995 Rafaela Fávero ao lado das ginastas Karen, Gisela Batista e Elise Penedo participaram do Campeonato Interclubes, intitulado Ginastas do Futuro, representando o seu clube e o Brasil em Cuba.

Figura 50 - Campeonato Ginastas do Futuro cidade de Havana em Cuba (1995)



Fonte: Arquivo pessoal.

Na ocasião, a equipe capixaba estava sob a direção de Monika Queiroz e Rafaela Fávero teve o melhor resultado no aparelho fita, no qual obteve a quarta colocação.

³¹ “[...] na década de 90, em Londrina/Paraná, formou-se um polo de Ginástica Rítmica na Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná (Unopar/FEFI), com a participação das professoras Dayse Barros, Ingeborg Crause, Vera Miranda, Elisa Resende e Elisabeth Laffranchi” (ANTUALPA, 2011, p. 65).

Eu e a Elise Penedo fomos as primeiras a serem indicadas para a seleção na época. Esse foi o meu maior resultado. Nós fomos para Cuba! Esse campeonato foi um interclubes e nós fomos convidadas para participar. Lembro que foi uma das minhas últimas viagens. Fomos eu, a Karen, a Elise e a Gigi. Nós competimos no individual e também em conjunto, pois eram as meninas do juvenil. A melhor classificação que eu consegui foi na fita, na qual fiquei em terceiro lugar (RAFAELA FÁVERO, 2018).

A carreira de Rafaela Fávero como ginasta durou cerca de dez anos, pois, no ano de 1996, a ginasta interrompeu a sua carreira aos 16 anos de idade para priorizar os estudos. Essa decisão esteve relacionada com a rotina intensa de uma atleta de alto rendimento que seria difícil conciliar com os estudos voltados para o vestibular. Além disso, os pais de Rafaela também influenciaram sobremaneira nessa decisão de optar por focar nos estudos.

De acordo com Júnior e Favero (2019), ainda é recorrente o drama enfrentado pelos atletas de alto rendimento em conciliar os estudos e os treinamentos. Principalmente, quando se aproxima o período de ingresso no ensino superior. Os autores mencionam que atletas menores de idade lidam com pressões e responsabilidade de um adulto. No decorrer do estudo que foi realizado com dez atletas menores de idade que participaram dos Jogos Pan-Americanos de 2019, Júnior e Favero (2019) retratam a rotina diária desses adolescentes que conciliam os estudos com a profissão de atleta, a qual muitas vezes é exaustiva.

Além do cansaço, devemos aludir que alguns atletas não têm a opção de aliar os estudos e o esporte de alto rendimento, mesmo diante do amor pelo esporte, pois entra em jogo a questão financeira, como ocorreu no caso da ex-ginasta Rafaela Fávero. A dedicação de um atleta ao esporte de alto rendimento é uma ocupação, um trabalho, entretanto nem sempre bem remunerada:

O que um treinador exige dos seus atletas geralmente não foge muito das doutrinas existentes dentro das empresas, ou seja, o comprometimento com o trabalho, a atenção, a parceria entre colegas e o objetivo em alcançar resultados fazem parte do mesmo discurso desempenhado por um técnico

esportivo e a liderança de um determinado setor numa indústria (CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017, p. 36).

Nesse período, como o esporte estava a galgar o seu espaço na mídia e no contexto do esporte capixaba, apesar de ser uma ginasta talentosa e com repercussão nacional, Rafaela Fávero encerrou sua carreira, visto que a assistência de patrocínios e de apoios financeiros não eram frequentes na época. A Lei Jayme Navarro já estava em vigor e a ginasta foi a primeira a ser contemplada em 1994. Tratava-se de um valor significativo, porém não suficiente para a ginasta se manter apenas como atleta. Além disso, as bolsas de estudos para as ginastas não eram uma realidade, como presenciamos nos dias atuais. Pois, atualmente, muitos atletas contam com as bolsas das faculdades privadas, que beneficiam atletas de alto rendimento por meio de bolsas por desempenho esportivo (MORAIS, 2018).

Eu cheguei a ser convidada para a Seleção Brasileira, porém o fato de eu não ter efetivado, concluído essa etapa, foi uma questão que envolveu a idade e a necessidade de estudar para vestibular. Pois, antigamente, era mais difícil comparado com hoje! E, se eu não fizesse Ufes, não ia fazer mais nada, pois eu não tinha dinheiro para pagar faculdade (RAFAELA FÁVERO, 2018).

Entretanto, mesmo com um período de atuação considerado pela própria Rafaela como curto, a ginasta contribuiu sobremaneira com a representatividade da GR capixaba em âmbito nacional e internacional, principalmente, por ser lembrada como a primeira ginasta a ser convidada a compor a Seleção Brasileira. Um feito que para a sua treinadora foi motivo de orgulho, pois mostrou que o trabalho da GR capixaba estava seguindo o caminho certo e que, possivelmente, outros convites surgiriam novamente.

A ex-ginasta sente orgulho de ter contribuído com a GR capixaba em seus primeiros passos no âmbito do alto rendimento. E, ao refletir sobre os resultados atuais, Rafaela Fávero se sente realizada por ter feito parte desse percurso histórico. “A Monika sempre lembra de mim e isso me dá muito orgulho! Tenho satisfação

em saber que começamos isso tudo. Ao ver a Natália indo para os Jogos Olímpicos, me sinto como parte dessa história na ginástica, como alguém que contribuiu para isso” (RAFAELA FÁVERO, 2018).

Ainda na década de 1990, observamos a importância da ginasta Elise Penedo, a qual foi a primeira a representar o Espírito Santo na Copa dos Quatros Continentes realizada no Egito, em 1995, na categoria juvenil. O pioneirismo de Elise Penedo na sua contribuição para a GR capixaba foi em lograr os primeiros pódios internacionais ao lado da treinadora Monika Queiroz no evento “Ginastas de Futuro”, já mencionado, no qual competiu na disputa de conjuntos que ficou em primeiro lugar e no individual, no qual conquistou o terceiro lugar geral (BATISTA, 2004).

Após os êxitos na categoria juvenil, Elise Penedo continuou a atuar na Seleção Brasileira Individual na categoria adulto. Enquanto ginasta, ela representou o Estado e o Brasil nos seguintes eventos: Copa dos Quatro Continentes, Jogos Pan-Americanos, Campeonato Mundial e Sul-Americano (FIGURAS 51 e 52), Universíade e Campeonatos Brasileiros, entre os anos de 1997 e 2001.

No ano de 1996, Elise Penedo conquistou o primeiro lugar no individual geral no Campeonato Sul-Americano realizado na Bolívia e, no mesmo ano, foi convocada para o Campeonato Mundial por equipes na Hungria. A ginasta foi inspiração para muitas atletas que viriam a marcar a GR capixaba futuramente, além de ser reconhecida como uma ginasta que colocou o esporte em evidência no Estado, ao integrar a Seleção Brasileira Individual (A GAZETA, 1997).

Essa jornada ao passado me fez entender, com toda certeza, que eu tive uma contribuição para a GR do Espírito Santo. Eu posso falar com muito orgulho: eu fui a primeira ginasta de ponta do Espírito Santo! [FIGURA 51]. Então, posso dizer que eu fui a primeira ginasta a integrar a Seleção Brasileira no Individual e no Conjunto. Acredito que eu fui desbravadora em muitos aspectos. A primeira vez que a Monika foi técnica da Seleção Brasileira foi comigo. Então, eu fui pioneira, não é? Pioneira no sentido de ser o início do destaque da GR competitiva capixaba no cenário nacional e com as primeiras participações internacionais (ELISE PENEDO, 2018).

Figura 51 - Matéria no jornal a Gazeta, em 1997, falando do início da carreira de Elise Penedo



Nota: A matéria enfatiza o início de Elise na Ginástica Rítmica em 1992 e sua contribuição para a evidência do esporte no Espírito Santo.

Fonte: Arquivo pessoal.

Eu me lembro que, em 1994, as ginastas do Estado deram uma melhoria tecnicamente. Com isso, nós começamos a entrar em algumas finais de torneios e campeonatos nacionais. Foi em 1995, quando eu estava com 13 anos, que eu conquistei uma vaga na Seleção Brasileira Juvenil. Por isso, eu acredito que o ano de 1994 foi um divisor de águas mesmo. Porque, nesse ano, a gente começou a ter mais destaque e começamos a treinar mais com esse objetivo de melhorar a colocação e integrar a seleção (ELISE PENEDO, 2018).

Figura 52 - Matéria de 1998 referente à participação de Kizzy Antualpa e de Alice Sirângelo no Campeonato Sul-Americano de GRD no Equador e do início de Elise na Seleção Brasileira, em 1995



Fonte: Arquivo pessoal.

Como consequência do desempenho de Elise representando o Brasil na categoria individual, não demorou para que a ginasta fosse convidada para compor a Seleção Brasileira de Conjunto nos anos de 1996 e 1997.

Já no final da década, mais precisamente em 1999, a ginasta Juliana Coradine também foi selecionada para atuar no conjunto brasileiro sendo medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (SANTOS; GAIO; LOURENÇO, 2010). Na ocasião, Elise Penedo não foi convocada para essa grande competição e isso a desanimou em continuar no esporte, pois, segundo seu relato, isso foi uma injustiça.

Em 1999, eu tive algumas questões particulares que contribuíram para a minha saída da ginástica poucos anos depois. Entre elas, em especial, não me esqueço de que eu fui a segunda brasileira classificada para os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg e me cortaram da Seleção para ser substituída por

uma ginasta reserva da equipe de conjunto. Realmente inaceitável. Após esse período cheio de reviravoltas, eu passei a treinar com minha mãe em Vitória (ELISE PENEDO, 2018).

Mourão (2016) destaca que ex-praticantes de GR citam injustiças na modalidade, as quais podem estar vinculadas à arbitragem que acaba atuando de forma subjetiva³² e/ou por uma seleção sem critérios. Tratam-se de aspectos que se aproximam do relato supracitado de Elise Penedo e que geram descontentamentos quando ex-ginastas relembram suas respectivas trajetórias na modalidade.

Por sua vez, Elise Penedo encerrou a sua carreira aos 20 anos de idade, tendo como uma de suas últimas atuações a participação na *Universíade*, realizada em 2001, na China (FIGURA 53). Juntamente com Elise, esteve presente no evento Gizela Batista (A GAZETA, 2001; TRIBUNA, 2001). Além disso, assim como enfatizado por Rafaela Fávero, um dos aspectos decisivos para Elise Penedo deixar o esporte esteve atrelado as dificuldades para conciliar a vida de atleta com a dedicação aos estudos.

³² Esse esporte tende a ser avaliado subjetivamente, tanto na análise dos aspectos técnicos quanto na difícil tarefa de avaliar o mérito artístico e criativo. Dessa forma, na tentativa de se diminuir essa subjetividade, cada vez mais, as regras têm se tornado complexas, o que dificulta o julgamento. Além disso, como os árbitros não acompanham o processo de criação das performances e nem as atletas em seu desenvolvimento esportivo, eles avaliam a qualidade do produto gerado como um resultado desse treinamento (TREVISAN, 2016).

Figura 53 - Matéria no Jornal A Tribuna, 21 de agosto de 2001, sobre a Universidade em Pequim



Fonte: Arquivos Fesg.

Por meio da análise do relato da ginasta, os estudos não eram priorizados em detrimento do rendimento esportivo. A ginasta enfatiza que perdeu dois anos de estudos enquanto treinou em outro Estado: “Outro motivo que sucedeu ao encerramento na modalidade ocorreu porque, em 1996 e 1997, eu fiquei sem estudar [...] os treinos, de certa forma, estavam prejudicando um pouco os meus estudos. Dessa forma, o meu pai quis que eu voltasse para Vitória” (ELISE PENEDO, 2018).

O fato de Elise Penedo se aposentar tendo o aspecto escolar como um dos fatores, nos motiva a concordar com Hass e Carvalho (2018), quando afirmam que o excesso de treinamentos ocasiona cansaço físico e até mesmo mental que, muitas vezes, impedem os atletas de cumprir os horários escolares e de se dedicarem com qualidade aos estudos.

Apesar dos aspectos negativos vividos no contexto da modalidade, Elise Penedo destaca que trouxe para a sua vida conhecimentos significativos adquiridos na carreira de atleta. Ela também cita duas competências logradas no âmbito esportivo e que utiliza no cotidiano para lidar com situações difíceis, são elas: a disciplina e a superação. De acordo com Dias e Sousa (2012), tratam-se de características comuns entre os atletas de alto rendimento. Os autores relatam que a cultura esportiva é permeada por discursos e práticas que objetivam a superação de limites por parte do atleta e a necessidade de se dedicar 100% durante os treinamentos e competições. Desse modo, após viver anos inseridos nessa cultura, o atleta leva algumas características adquiridas para sua vida pessoal, como: a dedicação, a disciplina, a busca por superação, a autocrítica, entre outros aspectos. Por isso, muitos atletas continuam se cobrando em busca de sempre desempenhar o seu máximo, mesmo depois de encerrar a carreira, aplicando essas mesmas características em outras áreas de suas vidas (DIAS; SOUSA, 2012).

Eu sempre acabo fazendo um comparativo das minhas situações cotidianas e laborais com as minhas experiências na ginástica. Penso sempre que, assim como eu fiz sucesso na ginástica, eu posso ter sucesso nas outras áreas da minha vida. E reflito sobre o que eu preciso fazer. Às vezes, me pego pensando no que eu passei. A garra que eu tive durante a minha vida de atleta. A ginástica me marcou muito nesse sentido! Eu sei que, se eu me esforçar, eu vou conseguir conquistar os meus objetivos ao utilizar estratégias e muita disciplina. Então, assim como eu tracei esse caminho no alto rendimento esportivo e tive sucesso, isso acaba sendo um exemplo para mim nas outras áreas da minha vida. Também faço a autocrítica de que eu poderia ter me esforçado um pouco mais na ginástica. Eu poderia ter sido mais rigorosa com algumas coisas para ter mais sucesso nas competições. Acredito que, se eu pudesse voltar atrás, repensaria também a questão dos relacionamentos. Valorizar mais as pessoas com quem eu estava, as pessoas que estavam à minha volta, porque isso também cria uma força grande e eu na época não tinha essa consciência (ELISE PENEDO, 2018).

Ainda no contexto da década de 1990, observamos os resultados importantes da ginasta Gizela Batista, que iniciou a prática da GR em 1992. Inicialmente, a atleta foi treinada pela

professora Sônia Cristina que encaminhou a jovem ginasta para a equipe de Monika Queiroz.

A minha irmã fazia ginástica e ela era muito tímida. Eu ficava assistindo e tentando fazer os movimentos. Na época, a professora da minha irmã era a Sônia Santos, a Soninha, e um dia ela me convidou para fazer ginástica também. Por meio desse convite, eu comecei a praticar a GR e, algumas semanas depois, teve uma competição e a minha irmã não quis competir, porque ficou muito nervosa de fazer sozinha. A Sônia me perguntou se eu queria apresentar e eu disse: 'Sim!'. Daí já era! Nessa época, a Monika Queiroz era diretora de arbitragem, algo assim. Recordo-me que ela estava organizando o evento que era um torneio estadual. Nesse torneio, ela acabou me convidando para treinar com ela. Então, o meu início se deu com a Sônia e logo depois passei a treinar com a Monika. Eu não fiquei muito tempo com a tia Soninha.

A transição da escolinha para um sistema de treinamento mais rigoroso voltado para o alto rendimento foi rápida. E, no decorrer de sua carreira, Gizela Batista participou de campeonatos brasileiros, eventos internacionais e, principalmente, em eventos universitários como os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e os Jogos Universitários Mundiais (Universíade). Essas participações no desporto universitário foram sua grande marca como atleta.

Na equipe de Monika Queiroz, destacamos que Gizela Batista fez parte do conjunto que conseguiu o primeiro título em um Campeonato Brasileiro, realizado em Guarapari no Espírito Santo, no ano de 1994 (BATISTA 2004): "A competição foi aqui no Espírito Santo, na cidade de Guarapari, no Sesc. Nós ficamos em terceiro lugar! Eu acho que foi a primeira vez que a Monika conseguiu um brasileiro de conjunto. Isso foi em 1994" (GIZELA BATISTA, 2019).

Essa competição foi apenas o começo de uma carreira de conquistas de Gizela Batista, dentre as quais destacam-se: terceira colocação no campeonato Ginastas do Futuro no aparelho fita, vice-campeã brasileira no aparelho bola em 1997, terceiro lugar no Campeonato Brasileiro realizado em Vitória/ES, campeã de todas as provas no JUBs 2003 (BATISTA, 2004). Além desses resultados, a ginasta teve participações em campeonatos internacionais, como: o

Campeonato Mundial de 1999 na cidade de Tóquio e a Universíade de 2001 realizada em Pequim na China.

Quando nos remetemos ao Campeonato Mundial de 1999, observamos que as capixabas Gizela Batista e Elise Penedo ficaram longe dos primeiros lugares ao conquistarem, respectivamente, o 139º e o 109º lugares (POMBO, 2003). É importante salientar que apesar do resultado, esta competição foi a mais importante e emocionante de sua carreira: “Entretanto, o mais importante para mim, o meu foco, foi o Mundial de 1999, no Japão” (GIZELA BATISTA, 2019).

Apesar dos resultados obtidos no Mundial de 1999, o fato de as brasileiras estarem presentes naquele evento já era uma conquista. Pois, para conquistarem as vagas tiveram que demonstrar bom desempenho nos campeonatos brasileiros que eram pré-requisitos para se alcançar as vagas na equipe brasileira individual. Por isso, para a treinadora Monika Queiroz a felicidade era em dobro. Afinal, das quatro ginastas presentes no evento, duas eram suas atletas.

Pautando-se nos campeonatos de caráter universitário, a ginasta teve grande repercussão quanto à sua representatividade no período em que cursava Educação Física pela UVV. O Espírito Santo começou a ter resultados significativos nos JUBs e Gizela Batista foi uma das precursoras. No campeonato realizado em 2003, quando estava prestes a encerrar sua carreira como atleta, Gizela garantiu todas as provas no JUBs realizado no Paraná e subiu no lugar mais alto do pódio por cinco vezes (FIGURA 54). Ao retornar para o Estado, os jornais capixabas enfatizavam a atuação de sucesso de Gizela Batista (A GAZETA, 2003; NOTÍCIA AGORA 2003; A TRIBUNA 2003).

Figura 54 - Matéria no Jornal Notícia Agora ,15 de julho de 2003, mencionando o resultado do JUBs



Fonte: Arquivos Fesg.

Conseqüentemente, Gizela Batista foi convocada para os Jogos Universitários Mundiais (Universíade)³³ realizados na Coréia do Sul em agosto do mesmo ano (A TRIBUNA, 2003), entretanto não chegou a participar do evento. Nesse período, decidiu encerrar a carreira.

Assim, 2003 foi o ano de despedida de Gizela Batista. Nesse período, ela atuava na equipe de Monika Queiroz ao lado das ginastas Tayanne Mantovaneli e Ana Paula Ribeiro que estavam apresentando resultados excelentes (FIGURA 55).

³³ A Universíade é organizada pela International University Sports Federation (Fisu), de dois em dois anos, em diferentes países. Trata-se do maior evento esportivo universitário do mundo em termos de participantes, ficando atrás apenas dos Jogos Olímpicos.

Figura 55 - Matéria no jornal A Gazeta, junho de 2003



Nota: Na foto, da esquerda para direita: Gizela Batista, Ana Paula Ribeiro, Tayanne Mantovanelli Fonte: Arquivos Fesg.

Apesar de ser veterana entre as colegas de equipe, Gizela Batista enfatiza a sua admiração e inspiração pelas ginastas mais novas. Na concepção de Gizela Batista, os novos talentos que emergiam no cenário capixaba dariam sequência a boa representatividade da GR do Estado. Sem dúvida, suas sucessoras atuariam com brilhantismo.

Como eu disse antes, eu não tive uma ginasta que me inspirou. Entrei na ginástica por me identificar. Mas, após iniciar na ginástica, teve a Tayanne Mantovanelli que era mais nova do que eu, porém passou a me inspirar. A Tayanne era uma ginasta muito inteligente. Ela treinava comigo e eu ficava com preguiça de ver a energia dela. Ela treinava e treinava. Lembro-me de que eu falava: 'meu Deus! Eu queria ser assim também!' [risos] (GIZELA BATISTA, 2018).

Quanto ao que a GR agregou na sua vida após a fase de atleta, Gizela Batista cita que a modalidade lhe deu uma profissão ao se tornar uma das treinadoras de referência no Estado. Ela enfatiza que deixou de treinar em um dia e no outro já estava na quadra dando aula. De acordo com Campos, Capelle e Maciel (2017), é comum ver ginastas que se empenharam por anos escolherem a profissão de treinadoras.

Quando me perguntam sobre o que a GR me marcou, eu até dou risada! [risos] Porque, eu só faço isso! Não faço outra coisa! [risos]. O que marcou? Faz parte da minha vida, sabe? Eu não consigo definir o que me marcou. Eu não consigo! Na verdade, eu lembro que eu não queria fazer Educação Física e a minha mãe falou: 'faz! Porque você fez isso a vida inteira' [...] eu particularmente vivi a minha vida em função da ginástica. Hoje em dia, eu não faço isso mais. Eu ficava no ginásio de manhã até de tarde. Eu só saía quando ficasse tudo perfeito. Eu vivi isso! E eu quis viver isso (GIZELA BATISTA, 2019).

Por vez, Gizela Batista também se dedicou à arbitragem. Uma matéria no jornal Gazeta Online (2016) traz uma referência à Gizela Batista como uma técnica descobridora de talentos, fazendo menção às ginastas Emanuelle Lima e Francielly Machado, que foram suas alunas e atuaram pela Seleção Brasileira de Conjunto em 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio: "Quando teve os Jogos Olímpicos do Rio, eu vi a Francielly e a Manu do camarote. Eu assisti à competição de frente para o tablado. Isso foi demais!" (GIZELA BATISTA, 2019). A matéria do jornal Gazeta Online (2016) também mencionou à atuação de Gizela como árbitra no evento ao enfatizar que a GR capixaba não estaria sendo representada apenas nos tablados, mas também na arbitragem.

Essa atuação em vários âmbitos da modalidade deixa nítido o envolvimento e o amor que Gizela ainda tem pela GR. Porém, em seu relato, ela explica melhor como se deu essa atuação nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016: "Eu cheguei a trabalhar no Rio 2016, mas não foi dando nota. Eu fiquei arrumando os aparelhos e marcava o tempo de entrada e saída. Eu explico isso porque sou árbitra

internacional, mas, nos Jogos Olímpicos de 2016, eu trabalhei fazendo outra coisa” (GIZELA BATISTA, 2019).

Apesar do amor pelo esporte durante a carreira de atleta e por dar continuidade aos trabalhos como treinadora e árbitra, Gizela Batista passou por momentos difíceis que a fizeram repensar se continuaria trabalhando com a GR. Em 2007, ela sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e pelas demandas intensas de trabalhos, estresses com competições, arbitragens entre outros aspectos, ela repensou quanto à possibilidade de não retomar os trabalhos após sua recuperação. De acordo com os relatos de Gizela Batista, os médicos acreditam que o ocorrido não teve relação com a intensidade de dedicação ao trabalho e a exposição à situações estressantes. Entretanto, Gizela pensa o contrário:

Eu tive um AVC em 2007. E essas coisas ainda mexem comigo. Meu esposo, às vezes, não gosta que eu trabalhe nos sábados e nos feriados. Eu não recebo nada por esse trabalho extra. Então, de certa forma, ele tem razão [...] os médicos não dizem que o AVC pode ter sido causado por estresse com a ginástica, mas as pessoas que conviveram comigo nessa época falam que sim! Porque não dá para falar que não! No fundo, no fundo, eu sinto que teve relação, sim. Mas, graças a Deus, deu tudo certo! Foi uma fase muito difícil para mim, porque eu fiquei sem falar nada e aqui a gente só fala. Foi algo muito ruim ficar sem saber se eu voltaria a falar, mas foi uma batalha reaprender a falar de novo (GIZELA BATISTA, 2019).

Todavia, segundo um estudo realizado em 2015, em um Multicêntrico Europeu, o trabalho em excesso pode gerar estresse e um maior risco de AVC, visto que, além de estarem mais vulneráveis ao estresse, as pessoas que trabalham em excesso tendem a se alimentar mal, fazer menos exercícios, entre outros aspectos ligados a uma vida menos saudável. Nos últimos anos, o estresse é elencado até mesmo como uma possível causa de AVC (EVARISTO, 2015).

Felizmente, essa fase difícil na vida de Gizela Batista passou e hoje, diante das recordações desse período desafiador, consegue tratar do assunto com bom humor: “Eu tive muitas ginastas com resultados excelentes. Digo que foi uma geração de ginastas muito boa e eu vivi isso. Também paguei para ver o preço, o qual foi um

AVC! [risos]”. Tendo em vista todo o trabalho desempenhado enquanto árbitra e treinadora de ginastas de sucesso, Gizela Batista repensou sua decisão de abandonar o trato da modalidade e optou por continuar atuando com o que ama: a GR. Quanto aos trabalhos de arbitragem, Gizela Batista diminuiu a rotina, mas ainda assim atua em algumas competições: “Todo ano eu falo que vou sair da arbitragem e nunca saio! [risos]” (GIZELA BATISTA, 2019).

As ginastas Tayanne Mantovaneli e a Ana Paula Ribeiro, por sua vez, iniciaram na modalidade no final da década de 1990. Ambas tiveram maiores destaques a partir dos anos 2000, nas categorias juvenil e adulto, representando o Espírito Santo nos campeonatos nacionais e internacionais (BATISTA, 2004).

A ginasta Tayanne Mantovaneli conquistou muitos resultados em campeonatos brasileiros, além de participações significativas em campeonatos sul-americanos e mundiais. O maior marco da atleta foi a conquista do terceiro lugar nos Jogos Pan-Americanos em Santo Domingo, em 2003, na República Dominicana (SANTOS; LOURENÇO; GAIA, 2010). Esse resultado não apenas elevou o status da GR capixaba, mas do Brasil também. Pois, foi a primeira medalha individual na modalidade para uma ginasta brasileira nesse evento.

Além disso, Tayanne fez parte da Seleção Brasileira de Conjunto que atuou nas Olimpíadas de Atenas em 2004. E também compôs a Seleção Permanente de Conjunto nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro. O encerramento de sua carreira ocorreu após as Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 (LOURENÇO, 2015).

A ginasta Tayanne Mantovaneli é até hoje lembrada como um exemplo de atleta inteligente e forte pelos profissionais do Espírito Santo que atuaram ao seu lado: “Ela passou por duas cirurgias no mesmo joelho [...] Na segunda cirurgia, a Tayanne teve sobrecarga de treinamento no período em que esteve no Paraná” (MAURO GUERRA, 2018). Apesar de duas sérias lesões no joelho, a ginasta

conseguiu encerrar a sua carreira realizando todos os objetivos que idealizou como atleta.

Entretanto, mesmo diante de todas as conquistas e superação, Tayanne Mantovanelli recorda que sua carreira foi marcada por cobranças quanto às medidas antropométricas. Dentre todas as colaboradoras entrevistadas, Tayanne Mantovanelli destacou o assunto com maior ênfase. Segundo Heinen, Vinken e Velentzas (2014), os fatores antropométricos, altura e peso, associados aos fatores psicológicos referentes às percepções, emoções e cognições, influenciam o desenvolvimento do atleta. Do mesmo modo, a forma como são abordadas essas questões relacionadas com as medidas antropométricas têm que ser tratadas com discernimento, pois podem acarretar resultados desfavoráveis:

Hoje em dia as pessoas me encontram e falam: ‘Nossa Tayanne, como você está magra!’ Só que a minha vontade é de responder assim: ‘Pois é! Mas, eu peso a mesma coisa de quando eu parei de treinar, porém vocês achavam que eu estava gorda!’ [risos]. Era só colocar o collant que as gorduras apareciam! [risos]. As pessoas não tem ideia do quanto essa questão do peso atrapalha. E atrapalha muito, muito, muito! Não só eu, mas as outras meninas também. Essa questão de ter que emagrecer e de lutar para ter um corpo que não é seu. É uma questão de constituição corporal mesmo (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

As diversas cobranças quanto às medidas corporais na GR e nos demais esportes de alto rendimento podem aumentar de acordo com as competições e provas mais importantes que o atleta passa a frequentar durante sua carreira. De acordo com Heinen, Vinken e Velentzas (2014), as exigências das tarefas impostas aos atletas podem variar ao longo dos treinamentos e competições, dentre elas, a cobrança da medida corporal ideal. Por sua vez, Tayanne Mantovanelli afirma que, de acordo com o tipo de evento, as exigências e as cobranças se ampliavam.

Nós temos brasileiras que são magrinhas, mas poxa! Eu emagrecia, emagrecia e chego um ponto, em 2004, que faltavam dez dias para a competição e a técnica chegou para mim e falou: ‘nossa Tayanne, está muito bom! Você está

magrinha. Só precisa perder mais uns dois quilos de massa muscular'. Como eu vou perder massa muscular? Eu estava treinando para competir. Eu tinha mesmo que perder massa? Então, percebe que é algo muito louco. Tem meninas maravilhosas que não vão competir, porque são consideradas gordas. O período de 2008 foi sofrido para mim. Em 2004, também foi sofrido, porque eu tive que emagrecer. Porém, eu emagreci o que precisava e acabou. Agora em 2008, eu engordei um pouquinho e estava mais difícil emagrecer. Tudo era mais difícil, por causa da lesão. Daí, eu analisei que tinha feito tudo o que eu queria e já estava mais do que satisfeita. Eu tive realmente a sensação de dever cumprido, sem falar que juntou toda a questão do meu joelho estar nas últimas! [risos]. Eu também já não aguentava mais essa cobrança para emagrecer, porque eu vi que eu não conseguia mais emagrecer, e nem era saudável também (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

As cobranças relacionadas ao corpo ideal e a lesão no joelho contribuíram para a decisão da atleta em se aposentar. Tayanne Mantovaneli alude que conseguiu absorver diversos pontos positivos durante a sua carreira que a GR lhe proporcionou. Um dos aspectos abordados pela ginasta como um fator positivo está no fato de aprender a lidar com as perdas. Essa ponderação ocorreu porque, na maioria das vezes em que a ginasta subiu no pódio, foi em segunda colocação. Por sua vez, para a ex-ginasta isso possibilitou aprendizados e reflexões que ela utiliza em outros âmbitos da sua vida.

Desse modo, observamos que a atleta conseguiu vislumbrar pontos positivos em momentos que muitos considerariam negativos, transformando-os em aspectos que corroboraram para o seu crescimento pessoal. Segundo Valle (2003), o esporte de alto rendimento sempre visa a vitória e a superação constante. Assim, qualquer acontecimento que fuja desses aspectos geralmente é tratado como uma derrota. Ainda de acordo com a autora, o esporte de alto rendimento gera devoção, na qual impera o desejo de competir e de vencer a qualquer custo mesmo que, muitas vezes, em detrimento da saúde e do bem-estar.

No caso de Tayanne Mantovaneli, o fato de ficar em segundo lugar em determinadas competições não comprometeu a atleta psicologicamente. Pelo contrário, contribuiu para uma formação que a tornou capaz de enfrentar com naturalidade o fato de que nem

sempre estaremos no lugar mais alto do pódio e que não há nenhum mal nisso:

Tem algo que eu costumo brincar e algumas pessoas ficam até rindo. Mas, eu considero a minha história na ginástica vitoriosa! Eu sou muito grata pelas conquistas que eu tive, mas devo dizer que na época de individual, eu tinha uma colega que sempre ganhava em primeiro lugar nos brasileiros e eu sempre fui a segunda. Eu fui vice-campeã brasileira sei lá quantas vezes seguidas. Mas, hoje em dia, eu brinco com isso e falo com as pessoas que a ginástica também me ensinou a saber perder. Eu lido muito bem hoje com as minhas dificuldades quando eu não consigo algo. Eu falo: 'Olha, eu fiquei em segundo lugar a vida inteira, então eu aprendi a perder'. E, muitas vezes, o que eu vejo, até entre minhas amigas mesmo, é que nós somos acostumados a lidar somente com as vitórias e com os momentos de alegria, ou seja, quando as coisas saem do nosso jeito. E isso foi algo que eu aprendi na ginástica também, aprender a lidar com as frustrações e com as perdas (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Outros aprendizados adquiridos na GR por Tayanne Mantovaneli, assim como mencionado por Elise Penedo, estão relacionados à disciplina necessária na carreira esportiva e a persistência para aprender um novo movimento. A perseverança está relacionada aos fatores motivacionais dos atletas. De acordo com Nunomura e outros (2009), as experiências com a ginástica permitem aos praticantes oportunidades de superar os obstáculos. Com isso, aprendem a administrar melhor suas emoções nessas situações que postulam a solução de problemas. São aspectos atrelados à autoestima e que auxiliam na formação humana.

No entanto, de todo processo que vivemos na ginástica, é possível tirar muitos aprendizados. Há momentos e sentimentos que marcam a gente para toda a vida. E, eu acredito que a ginástica me marcou quanto a persistir na busca de meus sonhos, porque sempre que eu percebo que algo está difícil na minha vida, aquele momento que eu penso que não vou dar conta, eu me lembro de tudo que eu vivi na ginástica. Eu retomo as minhas superações no meu período de atleta. E, hoje eu vejo que a minha experiência na ginástica me dá força. Eu penso: 'se eu consegui vencer aquilo, eu consigo vencer qualquer coisa!' Então, eu creio que, se eu fui capaz de fazer tudo o que eu fiz, enfrentar tudo que eu enfrentei, eu sou capaz de realizar tudo que eu me dispuser a

fazer de verdade. Porque, o que a gente passa na ginástica não tem pior, não! [risos] (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Dialogando com Bernardes (2010), entendemos que a disciplina, a criatividade, a perseverança, entre outros aspectos que permeiam a rotina dos treinos e nas competições, ultrapassam os limites do ginásio e acabam refletindo na vida das ginastas. Além disso, verificamos que as relações com os colegas de equipe acarretam experiências e vínculos pessoais importantes:

Eu vivi muito isso na pele! Isso de ser sempre a segunda colocada, mas eu e minha amiga, a Larissa Barata, nunca tivemos essa competitividade tóxica que existe nesse meio. Nós moramos juntas em Londrina e nos tratávamos com muito carinho. Nós torcíamos muito uma pela outra. Em matéria de rivalidade, penso que era muito saudável. Eu sei que tiveram alguns momentos que eu ganhei dela em um aparelho ou outro, como quando eu fui para o Pan e ganhei a medalha e ela não. E, por mais que existisse essa rivalidade dentro do tapete, nós éramos amigas e a nossa relação era muito boa. Acredito que para ela foi muito mais difícil do que para mim aceitar a perda, pois ela já estava acostumada a ficar em primeiro. Mas, sinceramente, psicologicamente falando, eu sou grata por todos os segundos lugares que eu fiquei. Não é todo mundo que enxerga assim, mas eu enxergo.

A ex-ginasta Ana Paula Ribeiro, por sua vez, foi a ginasta capixaba com carreira mais longeva na modalidade. Ela iniciou aos oito anos de idade e competiu até os 28 anos. A atleta passou por quatro ciclos olímpicos. Os resultados expressivos da ginasta tiveram início logo cedo, aos dez anos de idade, quando Ana Paula Ribeiro sagrou-se vice-campeã brasileira na categoria pré-infantil.

[...] como eu também alcancei resultados significativos logo no início, eu também consegui apoio, porque, muitas vezes, no início, você treina e não consegue resultados imediatos, mas, já no segundo ano de treinamento, em 1999, eu fui vice-campeã brasileira. Isso foi muito bom na época, pois nós conseguimos mais visibilidade e, conseqüentemente, apoios (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Posteriormente, aos 12 anos de idade, ainda na categoria infantil, Ana Paula ficou em terceiro lugar na Copa dos Quatro

Continentes (FIGURA 56). Esse era o começo de muitas conquistas fora do país representando a seleção brasileira (BATISTA, 2004).

Figura 56 - Recorte da matéria publicada no jornal A Gazeta, sobre os resultados da ginasta Ana Paula Ribeiro na Copa Quatro Continentes, na cidade de Curitiba, 2001



Fonte: Arquivos Fesg.

Em 2005, a ex-ginasta passou a integrar a Seleção Permanente de GR, na qual se manteve até o ano de 2010. Durante esse período, Ana Paula treinou no Paraná com outras treinadoras. De acordo com a atleta, não foi uma época muito produtiva na sua carreira. A ginasta alega que estava acostumada aos treinos de Monika Queiroz, sua treinadora desde os oito anos de idade, e a mudança e o processo de adaptação tiveram impactos no seu rendimento. Sabemos que o relacionamento com o treinador é um dos fatores que contribui para o sucesso desportivo (OLIVEIRA, BORTOLETO, NUNOMURA, 2017), pois o atleta passa mais horas do dia com o treinador do que

com a própria família. Com isso, se o relacionamento estiver baseado em uma relação saudável com diálogo, confiança mútua e até mesmo amizade, isso será refletido no desempenho do atleta. O contrário também repercute, porém de uma forma negativa.

Dessa maneira, é possível compreender o posicionamento da ginasta quanto às dificuldades encontradas no seu período de transição de treinadoras, visto que criar vínculos e adquirir confiança leva um determinado tempo. Nesse sentido, se o atleta troca de treinador constantemente, ele não consegue criar laços afetivos e adquirir a devida segurança em relação ao treinador durante sua trajetória esportiva. Esses fatores ligados à rotatividade de treinadores, associados a questões pessoais, contribuíram para o afastamento de Ana Paula Ribeiro no período de 2010 a 2015. Entretanto, durante esses cinco anos afastada, tiveram momentos em que Ana Paula participou de competições representando o país, mas sem estar em regime de treinamento concentrado com a Seleção Permanente.

Passados alguns anos, em 2009, eu passei para o conjunto no qual a Monika estava. E, no ano de 2010, já foi outra treinadora, Búlgara. Assim, eu tive uma rotatividade de treinadoras. Se eu não me engano, já passei por quase oito treinadoras diferentes [...]. No período em que eu estava afastada da Seleção individual, eu cheguei a competir algumas vezes representando o país em campeonatos sul-americanos, por exemplo. Porém, não era pela Seleção Permanente, porque eu não tinha contrato com a Confederação. E, nesse tempo, eu tive muitos altos e baixos, como toda atleta tem. A questão de treinar com uma treinadora que não deu certo e ter alguns contratemplos durante a trajetória são alguns exemplos. Eu posso dizer que eu pertenci a uma época de cobaia nesse período. Tipo: 'vamos tentar fazer isso!'. Aí, deu errado! Ou: 'vamos tentar fazer aquilo!' E também deu errado. Melhor desfazer (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Ao analisar todas as transições, a ex-ginasta não busca culpabilizar as treinadoras pelas dificuldades enfrentadas, visto que treinar uma ginasta já formada tecnicamente por outra profissional também é um desafio. Afinal, segundo Oliveira, Bortoleto e Nunomura (2017), o relacionamento treinador-atleta é marcado por uma hierarquia, a qual os ginastas aceitam e sabem exatamente

como proceder nesse relacionamento, muitas vezes, desequilibrada na divisão de poder. Trata-se de um relacionamento de interdependência mútua que incide eminentemente no sucesso de ambos, tanto da ginasta quanto do treinador.

Heinen, Vinken e Velentzas (2014) afirmam que o comportamento de um treinador se respalda nas observações do desempenho do atleta. Ademais, a preparação do ginasta pode ser fundamentada em observações de suas séries anteriores, tanto quanto o nível de confiança. Nesse sentido, trocar de treinador com certa frequência pode afetar o rendimento do atleta, um aspecto observado no caso de Ana Paula Ribeiro. Não podemos deixar de elucidar que a mudança de ambiente também influencia a ginasta. “As ginastas de elite competem e treinam em um ambiente tanto físico quanto social, psicológico e organizacional que pode ter tanto efeitos facilitadores, quanto debilitantes sobre a conquista de estados ideais de desempenho” (HEINEN; VINKEN; VELENTZAS, 2014, p. 94).

O referido momento relatado pela ex-ginasta remete-se a um período em que estavam sendo formadas as Seleção Permanentes no individual, visto que anteriormente a dedicação da CBG estava mais direcionada às Seleções de Conjuntos (TOLEDO; ANTUALPA, 2014). Assim, o período das mudanças de Estados e de treinadoras estava atrelado a um processo de adaptação a uma nova forma de trabalho na GR brasileira com a Seleção Individual. Nesse contexto, fica evidente que os desafios se deram dos dois lados, tanto da atleta quando dos respectivos treinadores:

Eu sempre treinei com a Monika, mas teve uma época, em 2005, que foram formadas as Seleções Permanentes. Assim, convocavam as atletas e eram escolhidas as treinadoras. Uma treinadora para a Seleção Individual e outra para a Seleção de Conjunto. A Monika foi treinadora do conjunto brasileiro e a Cristina Vital ficou responsável pela Seleção Individual. Como eu era do individual fui para Aracaju morar e treinar lá. Daí, eu treinei com a Cristina Vital e, também, com Anita Klemann que é outra treinadora do Paraná. Então, quando foi criada a Seleção Permanente, a ginasta era obrigada a treinar com a técnica da seleção, mas depois viram que isso não foi legal. Inclusive, depois que eu entrei nessa seleção, os meus resultados caíram! Para você ter uma ideia, até 2005 eu tinha sido campeã brasileira cinco vezes seguidas e estava

tendo bons resultados. Eu acredito que cada atleta tem o seu treinador. Então, quando você muda de treinador, muitas coisas se alteram, pois a ginasta precisa se acostumar com o jeito diferente de treinar e com as formas de tratamento. Cada treinador conhece a particularidade do seu atleta. Por isso, para mim, em particular, não foi legal treinar com outras pessoas (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

O retorno da ex-ginasta para a Seleção Permanente ocorreu em 2015 (CBG, 2015). Tratava-se de um período em que Ana Paula não cogitava a possibilidade de integrar a Seleção Brasileira de Conjunto novamente. Entretanto, após quase duas décadas dedicadas à GR, aquele foi o momento de a ex-atleta encerrar a sua carreira da melhor forma. A possibilidade de encerrar a carreira em um grande evento esportivo foi importante para a decisão de Ana Paula em aceitar o convite feito pela treinadora da Seleção Brasileira, Camila Ferezin, pois a ex-ginasta não tinha integrado a Seleção Brasileira de Conjunto em Jogos Pan-Americanos. Isso se tornou realidade nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, em 2015 (A GAZETA, 2015), além de participar do Torneio Internacional na Bulgária no mesmo ano.

Apesar dos planos de finalizar a carreira nos Jogos Pan-americanos, a ginasta cogitou realizar o sonho de participar dos Jogos Olímpicos, na edição do Rio 2016. Entretanto, devido a uma lesão no pé, acabou ficando de fora. Ela se lesionou em 2015, durante suas participações pela Seleção, passou por uma cirurgia malsucedida e teve que refazer (GAZETA ONLINE, 2015). A atleta relembra o ocorrido durante a entrevista:

Depois eu retornei a convite da Camila, em 2015. Nessa época, eu já entrei na Seleção Oficial mesmo. Lembro que eu pensei: 'Eu já sou meio doida mesmo, então vamos lá!' Por esse motivo, eu cancelei o casamento, fechei a escolinha e fui para lá recebendo um salário que se eu te contar você cai para trás! [risos]. Quero nem falar! Eu só pensava no quanto eu era doida, pois imagina se desse tudo errado? Eu acho que eu me rasgava! [risos]. Foi um momento em que eu arrisquei muita coisa na minha vida, até psicologicamente falando. Poxa, já não fui no Pan-Americano de 2007, imagina se eu deixasse de ir novamente. Eu não sabia como seria minha relação com meu noivo e não tinha ideia de como seria remontar minha escolinha no futuro. Enfim, foi um tiro no escuro que graças a Deus deu certo.

O tipo de lesão que acometeu o pé da ginasta Ana Paula Ribeiro é recorrente em atletas de modalidades como a GR. De acordo com Oliveira, Lourenço e Teixeira (2004), as lesões articulares estão entre as mais frequentes no esporte, as quais acometem mais quadril, joelho, tornozelo e o pé. Após a lesão e a recuperação, Ana Paula Ribeiro ainda participou de um Campeonato Brasileiro de conjunto realizado em 2017. Nessa competição, a ginasta representou a equipe da Escola de Campeãs e sagrou-se campeã. Em ritmo de vitória e superação, a atleta se despediu da modalidade enquanto ginasta:

Quando eu refiz a cirurgia, o médico falou que eu não ia conseguir nem colocar um salto alto e, provavelmente, não iria conseguir fazer ginástica. Essa cirurgia foi no final de 2016 e, no final de 2017, mais ou menos um ano depois, eu fui campeã brasileira de conjunto [FIGURAS 57, 58]. Na ocasião, eu precisava competir porque recebia o Bolsa Atleta do Governo Federal. Com isso, eu competi no conjunto junto com a Natália Gaudio, Drielly Daltoé e Carolina Garcia. Nós ganhamos essa competição e foi a última vez que eu competi, em 2017. Devo dizer que, após os Jogos Olímpicos e esse último Campeonato Brasileiro de 2017, eu comecei a fazer o tratamento de forma mais assídua e investi na minha escolinha atuando como professora (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

Figura 57 - Campeonato Brasileiro em Florianópolis, novembro de 2017.
Cerimônia de premiação



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 58 – Radiografia do pé direito da ex-ginasta Ana Paula Ribeiro



Nota: Detalhe da lesão no pé da ginasta Ana Paula Ribeiro.

Fonte: Arquivo pessoal.

Atualmente, Ana Paula trabalha como treinadora e coreógrafa. E, nesse início nas novas funções, já conquistou resultados significativos. Destacamos o sucesso obtido como coreógrafa da ginasta Natalia Gaudio no aparelho fita. A série coreografada por ela marcou a história da ginástica brasileira, pois Natalia Gaudio ficou na quarta colocação em uma Copa do Mundo sendo o melhor resultado individual do país nesse evento (VOLKMANN, 2019). Esse fato deixou Ana Paula Ribeiro orgulhosa, por saber que ela também fazia parte daquela conquista com seu empenho como coreógrafa:

Atualmente, eu tenho uma escolinha de GR e sou coreógrafa. Além disso, eu também dou clínicas de GR pelo Brasil. Inclusive, as coreografias atuais de arco e de fita da Natália Gaudio fui eu que montei. Destaco que ela conseguiu uma final inédita para uma brasileira, a qual foi na Copa do Mundo de Portimão nesse ano, em 2018. Ela pegou uma final no aparelho fita e nunca na história da GR uma brasileira esteve na final do individual em uma copa do mundo. E foi com uma coreografia que eu montei. Então, foi algo muito importante e eu fiquei muito feliz! (ANA PAULA RIBEIRO, 2018).

A ex-ginasta mais recente entrevistada foi Francielly Machado, que iniciou na GR aos nove anos de idade em um projeto de GR da UVV. Francielly Machado pertence à mesma geração das ginastas Emanuelle Lima, Carolina Garcia, Drielly Daltoé, Luísa França e Natália Gaudio, que representaram e representam (Natália Gaudio) o Brasil na Seleção Brasileira de Conjunto e/ou Individual, nascidas entre 1992 e 1996. Elas iniciaram na ginástica a partir dos anos 2000.

A ginasta Francielly Machado participou dos Jogos Olímpicos no Rio 2016, o qual foi um marco e uma de suas maiores realizações. Assim como as outras ex-ginastas, Francielly teve um começo cheio de inspirações e desafios até chegar ao auge da carreira (A GAZETA, 2016). Assim como tantas outras ginastas no início da carreira, a atleta teve suas grandes inspirações para motivá-la ao longo da formação esportiva. A maior referência de ginasta do Brasil, de acordo com os relatos de Francielly, foi a ginasta companheira de equipe e capixaba Ana Paula Ribeiro. Já no âmbito internacional, as grandes inspirações foram as ginastas Yevgeniya Kanayeva e Anna Bessonova. É perceptível que Francielly Machado teve boas referências para se inspirar e buscar seus resultados.

Ao longo da carreira, Francielly Machado teve que superar alguns obstáculos, como os desafios financeiros. Entretanto, esse aspecto não foi um fator limitante para que ela não persistisse com os seus sonhos. A ginasta, nos seus primeiros passos como atleta, conseguiu uma vaga para treinar no projeto de ginástica da UVV (A GAZETA, 2016). Além disso, sempre pôde contar com o apoio de amigos e, principalmente, de seus familiares para ir aos treinos, conseguir recursos para viajar para as competições, entre outras situações. Essas questões foram melhorando ao longo do tempo, sobretudo, devido às conquistas da ex-ginasta foi possível obter o apoio do Bolsa Atleta:

Mas, apesar de todos os lindos momentos que eu tive na ginástica, o que foi mais marcante para mim, falando da minha trajetória, foi a minha capacidade de superação. Principalmente, por ter sido tão difícil para mim, por não ter condições financeiras na época e ter que fazer rifas para arrecadar dinheiro ou pedir dinheiro para conseguir competir. Até *collants* usados minha mãe comprava para eu poder

treinar e competir. As minhas amigas ginastas pagavam minha passagem e me davam roupas. As mães delas me ajudavam com roupas para eu fazer bazar, pois, financeiramente falando, eu comecei a ter uma pequena ajuda de custo por volta dos 13 anos. E era uma ajudinha bem pouquinha, mais para ajudar na passagem de ônibus e uma alimentação. Essa ajuda foi bem básica mesmo, advinda do Bolsa Atleta. Com isso, eu sempre precisei recorrer a outros meios ou contar com ajuda dos meus amigos e da minha família. Então, essa superação das adversidades financeiras foi algo muito importante para me fazer crescer (FRANCIELLY MACHADO, 2019).

De acordo com Francielly Machado, um dos grandes fatores para ela ter conseguido crescer na modalidade, esteve associado ao fato de ela ter iniciado em um local favorável, pois, como aluna do projeto na UVV, ela e as demais ginastas iniciantes tinham acesso a um espaço excelente, que era dividido com as meninas da Seleção Brasileira. Essa mesma proximidade continuou quando a Seleção deixou a UVV e passou a treinar no Deares, em 2006 (BORGES, TONINI, 2012). Desse modo, Francielly Machado foi convivendo dia a dia com as melhores ginastas do país, observando e aprendendo ao lado de uma equipe de elite.

Segundo Oliveira e outros (2017), o meio social incide na motivação extrínseca das crianças para a prática da GR. Treinar e conviver em um ambiente onde os treinamentos ocorriam entremeados com ginastas que eram referência nacional contribuiu para o envolvimento de Francielly Machado como atleta e na sua motivação para se dedicar aos treinos.

Outro aspecto que a ex-ginasta atribui como catalisador do seu desenvolvimento esportivo, também observado no relato da maioria das ex-ginastas entrevistadas, está ligado às treinadoras que a acompanharam durante sua trajetória. Francielly confere o seu sucesso na modalidade à dedicação de suas treinadoras, desde as primeiras, quando ela ainda era iniciante, até a treinadora Gizela Batista, no alto rendimento. A dedicação das treinadoras marcou de forma positiva a vida da ex-ginasta, pois estava baseada em uma relação de diálogo e com fundamentos sólidos que passam confiança e o senso de estabilidade, aspectos que são chaves para o sucesso no

processo de ensino-aprendizagem. Algo que, infelizmente, não é a realidade vivida por muitos ginastas no cotidiano dos ginásios.

Além das inspirações do meio esportivo, nós temos também pessoas que passamos a admirar ao longo da nossa carreira. Principalmente, por ter nos apoiado e incentivado. E eu, particularmente, reconheço o que as pessoas fazem por mim. Por isso, eu faço questão de agradecer e manter o contato. Eu mantive pouco contato com as meninas que me deram aula na época da escolinha, porque acabei tomando outros rumos no alto rendimento. Porém, jamais me esqueço delas! Eu as via mais quando havia festivais. Agora, a Angelita e a Gigi, por exemplo, eu já vejo com mais frequência, pois, quando temos alguma competição, eu passo a treinar por algumas semanas no clube e, assim, nos vemos frequentemente. É uma relação muito boa! Eu sou sempre grata por tudo que elas me ensinaram e por chegar aonde eu cheguei. Tenho um carinho enorme por elas! (FRANCIELLY MACHADO, 2018).

Com o tempo de dedicação aos treinamentos e após boas atuações em campeonatos estaduais e nacionais, Francielly Machado passou a integrar a Seleção Brasileira de Conjunto em 2013 (GAZETA ONLINE, 2017), uma conquista almejada pela maioria das atletas de alto rendimento de GR. Em sua atuação pela Seleção Brasileira de Conjunto, destacamos que a ginasta participou de Jogos Pan-Americanos e Campeonatos Mundiais. O grande marco de sua carreira foi no ano de 2016 quando participou dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, no qual o Brasil teve direito à participação por ser o país sede do evento.

A ex-ginasta Francielly Machado aborda esse período de atleta como o momento de realização de um sonho, pois pôde conhecer o mundo por meio do esporte. Além disso, a ginasta se orgulha pela representatividade de ser a primeira mulher negra na Seleção Brasileira de Conjunto. Isso demonstra que, por muitas décadas, a modalidade não seguiu os direcionamentos da professora Ilona Peuker (1974) que nas primeiras orientações da então GFM no Brasil, aludia que a modalidade tinha que ser pensada para a mulher brasileira que, por sua vez, não tem o mesmo estereótipo da mulher europeia.

A minha passagem pela Seleção me marcou por uma série de fatores. Uma delas foi por eu ser a primeira ginasta negra na Seleção de Conjunto. Quando eu entrei, teve pessoas que comentaram sobre isso: ‘nossa, agora uma ginasta negra para representar a gente! A nação negra do Brasil!’. Isso foi algo muito bom. Eu estar presente na Seleção e sabendo disso. Pois, eu estava ali quebrando de certa forma um padrão. E quando eu saí, eles ficaram em busca de uma ginasta negra com o meu biótipo, para mostrar esse lado do Brasil. Ou seja, ainda estão buscando uma ginasta nesse perfil para compor a Seleção, pois foi muito legal essa questão de ter uma menina do Brasil negra. Eu sempre era a que ficava no meio sambando nas coreografias! [risos]. Isso ficou bem marcado lá fora. Então, eles gostaram de ter uma ginasta negra representando. Isso foi gratificante demais! E, quanto a mim, eu realmente não esperava passar na Seleção, pois era um padrão de meninas loiras. Eu não era o padrão do que costumávamos ver na TV, nas competições de Pan-Americanos ou nos Jogos Olímpicos. Mas, apareceu essa oportunidade e foi incrível ter passado na seletiva e fazer parte da Seleção Brasileira. Foi uma honra representar o país (FRANCIELLY MACHADO, 2019).

Então, mesmo esse esporte tendo seu início e eclosão em terras europeias, é sempre importante reforçar que o Brasil é um país de diversidade cultural com influência de muitos países e povos. Essa diversidade é marcada pela originalidade e pluralidade de identidades dos grupos e das sociedades que compõem a humanidade (UNESCO, 2002).

Essa inserção da representatividade negra na ginástica nos remete à ex-ginasta Daiane dos Santos que influenciou muitas meninas após ter sido a primeira negra campeã mundial de GA, garantindo a sua participação nos Jogos Olímpicos de Atenas (MELLO, 2007). De acordo com os estudos de Mello (2007) sobre a trajetória da Dayane dos Santos na GA, a autora enfatiza que durante a entrevista com Dayane foi inevitável não correr sobre o rosto da campeã as lágrimas consagradoras, ao se recordar da parede gigantesca de “nãos” que se ergueu diante do seu 1m45cm no início da sua carreira. Afinal, a ginasta era “negra, pobre e velha” quando foi descoberta. Era assim que a campeã mundial era vista (MELLO, 2007). No entanto, gestos de amor, carinho e reconhecimento também fizeram parte da carreira da atleta que ficou conhecida como “Pérola Negra”, apelido dado à Daiane pela

chefe da Delegação Brasileira de Ginástica, Eliane Martins, referindo-se a ginasta como uma joia rara.

Daiane inspirou gerações e, na GR, tivemos a representatividade negra no conjunto com Francielly Machado, que fala com orgulho da sua busca em servir de exemplo e inspiração para tantas outras meninas que são negras e sonham em um dia alcançar os lugares mais altos do pódio na modalidade (GLOBO ESPORTE, 2016).

De acordo com Barbosa (2016), Francielly Machado afirma que há uma melhora quanto à inserção de negras representando a GR brasileira, pois antes era uma situação mais crítica. Com isso, podemos mencionar duas ginastas que atualmente são exemplos da representatividade negra na modalidade. Na Seleção Brasileira Individual temos a ginasta Bárbara Domingos, que tem apresentado excelentes resultados nas competições, como a prata no aparelho fita nos Jogos Pan-Americanos de Lima em 2019, além de garantir o melhor resultado individual da GR no respectivo campeonato (LIMA, 2019). No Mundial em Baku, em 2019, a ginasta terminou em 31ª posição e alcançou a melhor colocação de uma brasileira em Mundiais. A melhor posição até então havia sido conquistada por Angélica Kviesczynski, que ficou em 33ª colocação no Mundial de Kiev em 2013 (COI, 2019).

Já no Espírito Santo, atualmente, dando sequência à atuação de ginastas negras representando o Estado, destacamos a ginasta Geovanna Silva que, assim como a Francielly Machado, iniciou a prática da modalidade em um projeto social. A ginasta, juntamente com a família, deixou a cidade de Pinheiros, no norte do Estado, para se dedicar ao sonho de ser ginasta e já colhe os frutos dessa decisão (SCARAMELLA, 2018). A capixaba já participou em eventos internacionais como: Sul-Americano, Gymnasiade³⁴, Torneio Internacional, Campeonato Pan-Americano Juvenil, entre outros (PREFEITURA DE PINHEIROS, 2018). Nesse ano de 2019, uma das

³⁴ Única atleta do Estado no Gymnasiade, o mundial escolar. Ela voltou de Marrocos com duas medalhas na bagagem: ouro por equipe e bronze no conjunto cinco cordas.

grandes conquistas de Geovanna Silva foi a terceira colocação no Campeonato Brasileiro da categoria adulto.

O sonho de Geovanna Silva é integrar a Seleção Brasileira e participar dos Jogos Olímpicos. Quem sabe não teremos mais uma ginasta negra e capixaba futuramente representando o nosso país? Vontade e garra não faltam para ela, segundo Geovanna: “Meu grande sonho é chegar a uma Olimpíada. Quem sabe a de 2024, em Paris.” Mas tenho que dar o primeiro passo, que é o de ser chamada para a Seleção Brasileira. Já tenho pontuação no ranking, mas ainda não fui convocada. Porém, tenho certeza que a minha hora vai chegar” (SESPORT, 2019)

Por fim, após abrirmos um adendo para abordar a representatividade de ginastas negras, retomamos com foco no encerramento da carreira de Francielly Machado que, após cinco anos de dedicação à Seleção Brasileira, se aposentou em 2017. Compete mencionar que, apesar de ter sido convocada para compor a Seleção Brasileira com foco nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, a ginasta não conseguiu prosseguir com a carreira devido a uma lesão séria no quadril. Atualmente, a ex-ginasta cursa Educação Física e ministra aulas na cidade de Cariacica/ES (FRANCIELLY MACHADO, 2019).

Assim como três das sete ex-ginastas entrevistadas (Rafaela Fávero, Gizela Batista e Ana Paula Ribeiro), Francielly Machado vai atuar profissionalmente na modalidade, à qual se dedicou por 13 anos, um acontecimento que ocorre com muitos atletas quando se aposentam.

No entanto, depois de aposentar as sapatilhas, a ginasta ainda participou de momentos importantes representando o Brasil na GR, mas num outro papel. Isso ocorreu quando foi convocada para representar o país nos encontros do Projeto Reforma da GR da Federação Internacional de Ginástica (CBG, 2018; A GAZETA, 2018). O intuito dessa ação era discutir aspectos que pudessem trazer melhorias na modalidade pensando nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Anteriormente, a ex-ginasta já tinha participado de um

encontro realizado pela CBG na Turquia, onde recebeu o convite da FIG para representar o Brasil no encontro em Tóquio. Nesse encontro, por sua vez, além das discussões e sugestões para melhorias na modalidade, Francielly Machado aproveitou para tietar a sua grande ídola da GR internacional, a ex-ginasta Yevgeniya Kanayeva, pela qual Francielly tem enorme admiração desde a infância (FIGURA 59):

Nós tratamos sobre o artístico e discutimos sobre as notas, debatemos sobre como as ginastas serão avaliadas nos próximos anos [...] eu tenho orgulho em saber que teve um dedinho do Brasil ali nessas discussões e foi um momento muito feliz! E, saber que eu estava ali representando o meu país de outra forma, não nos tablados, foi incrível também. Sem falar do meu encontro com a Yevgeniya Kanayeva! Foi muito, muito, muito incrível! Eu tive essa oportunidade de estar lá, pertinho dela, todos os dias, quase uma semana pertinho. Almoçando e jantando pertinho dela! Chegamos a ir até em um spa, eu e ela. Eu tinha que fingir costume, né? Mas, a verdade é que eu estava em êxtase, porque eu acho a Kanayeva simplesmente maravilhosa. Eu sou fã dela! Esse momento foi algo que qualquer uma queria estar no meu lugar. Então, eu aproveitei bastante!

Figura 59 - Francielly Machado com a bicampeã olímpica de GR, Yevgeniya Kanayeva durante o encontro em Tóquio, 2018



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalmente, é o momento de discorrer sobre a ginasta Natália Gaudio que, dentre as entrevistadas, é a única em atividade. Ela iniciou a modalidade no Colégio São José com a professora Sônia Cristina. Logo, aos nove anos de idade, passou em um teste para integrar a Seleção Capixaba de GR que era treinada por Monika Queiroz. Embora tenha sido uma transição cuja adaptação foi rápida, a atleta não havia aceitado um primeiro convite. Pois, diferente de outras ginastas, Natália Gaudio não queria seguir a prática da modalidade na vertente do alto rendimento, visto que a GR de alto nível requer treinamentos intensos para desenvolver as habilidades e as capacidades físicas necessárias (CARDOSO, 2013).

Assim, ao se deparar com a demanda de muitas horas dedicadas aos treinos intensos, a atleta Natália Gaudio não se sentia preparada para passar por todo aquele processo durante a sua infância.

Eu acho que só fui perceber que aquilo estava se tornando algo mais sério quando fui convidada para fazer um teste para a Seleção Capixaba que já era com Monika Queiroz. Aí eu já estava com nove para dez anos. Então, me convidaram para o teste e eu passei para treinar na seleção. Contudo, eu não quis ficar, pois eu tinha medo e achava que era um treino muito puxado. Lembro que eu até falava para minha mãe que eu via as meninas chorando no treino e ficava assustada. Então, após o primeiro teste, eu falei que não queria ficar (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

Entretanto, foi uma questão de tempo para a ginasta mudar de opinião sobre abandonar a prática da GR. Assim, antes de ingressar na Seleção capixaba, ela retomou os treinos no âmbito da escolinha com a sua ex-treinadora Sônia Cristina, que prestou todo o suporte para Natália. O objetivo era que ela se sentisse segura para enfrentar uma nova etapa na carreira de ginasta, que iria requerer um pouco mais de amadurecimento da atleta. Após algum tempo na escolinha e diante dos conselhos da sua primeira treinadora, Natália decidiu se dedicar ao alto rendimento. E, aos poucos, foi se destacando, o que serviu de incentivo motivacional para que a atleta desse continuidade ao processo (FIGURA 60).

Figura 60 - Natália Gaudio no início da carreira durante o Campeonato Brasileiro de 2004, realizado em Vitória, no Clube Ítalo Brasileiro



Fonte: Arquivo pessoal.

Observamos que tanto o incentivo da primeira treinadora, a qual Natália Gaudio tinha confiança, quanto pelo fato de passar a ter resultados expressivos ainda no início de sua trajetória, foram essenciais para que o engajamento fosse efetivo. De acordo com Valle (2003), o atleta quando inserido no alto rendimento almeja ser campeão, pois são treinados intensamente na busca de resultados. Quando as vitórias muitas vezes não chegam ou o desempenho não é o esperado, o atleta fica desanimando para seguir nesse âmbito:

A Natália, por exemplo, deu trabalho! [risos]. Como me deu dor de cabeça! [risos]. Ela foi treinar com a Monika no alto rendimento e se aborreceu lá. Ela largou tudo e voltou para mim! Depois largou tudo de novo e parou! Eu fui atrás dela e falei para ela voltar. Ela voltou a fazer escolinha comigo e depois retomou para o grupo do alto rendimento. Então, assim, ela tentou parar algumas vezes e eu sempre conversei com ela para continuar. E ela está aí até hoje, ganhando várias medalhas. Graças a Deus! Afinal, a técnica acaba sendo um pouco de tudo. Ela acaba desenvolvendo, em alguns momentos, o papel de mãe, psicóloga e até de médico! [risos]. Esse é o nosso papel! (SÔNIA CRISTINA).

Diante do destaque da ginasta nos eventos estaduais e nacionais, aos 13 anos chegou o momento em que Natália Gaudio iniciou a sua trajetória em âmbito internacional. Foi um divisor de águas para a atleta, que percebeu que a inserção dela na modalidade estava se direcionando para algo mais sério e profissional. Após ter a certeza de que aquele era o caminho que ela desejava seguir, o empenho e a dedicação da atleta aumentaram. Ainda de acordo com o relato da ginasta, o seu destaque em âmbito nacional se deu na categoria juvenil:

Assim, o momento em que comecei a levar a ginástica realmente a sério foi por volta dos 13 anos quando comecei a participar de competições internacionais. Pois, já estava na categoria juvenil e com uma cobrança maior por, de certa forma, representar a Seleção Brasileira. Não era a Seleção Oficial, adulta, mas já estava representando (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

A estreia de Natália Gaudio, em âmbito internacional, foi em 2006 nos Jogos Sul-Americanos em Buenos Aires, na Argentina. Passados cinco anos e após resultados expressivos, Natalia Gaudio passou a integrar a Seleção Brasileira Individual, em 2011, aos 18 anos.

Dentre os resultados obtidos representando o Brasil, Natália Gaudio acumulou os títulos de vice-campeã dos Jogos Sul-Americanos em 2014, campeã Pan-Americana em 2016 e campeã dos Jogos Sul-Americanos 2018. No âmbito dos campeonatos brasileiros, a ginasta é hexacampeã brasileira (BALBINO, 2018), sem contabilizar as demais conquistas em segunda e em terceira colocação.

Ao longo dessa trajetória de vitórias, assim como as demais ex-ginastas entrevistadas, Natália Gaudio também teve suas grandes inspirações para seguir como exemplos de persistência e de garra. Em seu depoimento, a atleta cita desde ex-ginastas da geração da década de 1990 até de sua geração, que ao seu lado conquistaram lugares de prestígio na GR.

Na minha visão, me baseando somente no que eu vi, considero que a Tayanne Mantovaneli e a Aninha Ribeiro, juntas com a Monika, foram peças fundamentais para o crescimento da ginástica no Estado e no Brasil. A Tayanne participou de dois Jogos Olímpicos, a Aninha foi diversas vezes campeã brasileira e depois foi campeã pan-americana. Assim, a Ana Paula Ribeiro foi uma ginasta que parou e depois voltou. Ela foi uma ginasta que persistiu nos sonhos dela até o fim. É importante enfatizar que eu falo da minha geração, o que eu presenciei. Com isso, posso falar que elas foram as minhas inspirações. Mas, na minha geração, além de mim teve muitos nomes importantes de ginastas capixabas excelentes, como: a Manu, Emanuelle Lima, e a Francielly Machado, que foram para os Jogos Olímpicos no conjunto (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

Quanto à participação da ginasta nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, ressaltamos que foi importantíssima para a visibilidade da modalidade, visto que o país e o mundo voltam seus olhares para esse megaevento esportivo. Ademais, o Brasil permaneceu 24 anos sem ter representantes na categoria individual da GR, pois a última participação ocorreu em 1992 com a ginasta Marta Cristina (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

O fato de o Brasil ser o país-sede do evento contribuiu para a realização do sonho olímpico da ginasta. Sabemos que, nos esportes olímpicos, uma das ambições dos atletas é chegar aos Jogos Olímpicos, porém, para alcançar a oportunidade, é necessário atingir o índice olímpico (GUERRA, 2014). Ainda de acordo com o autor, compreende-se que cada índice olímpico é definido pela Federação que regulamenta o esporte, porém o país que sedia o evento tem direito a vagas nas modalidades olímpicas em que tem representatividade, independente do índice olímpico.

Desse modo, as ginastas capixabas Natália Gaudio, Francielly Machado e Emanuelle Lima compreendem a dimensão que foi a participação delas em um evento como os Jogos Olímpicos e da influência que elas proporcionaram para as crianças que compartilham desse sonho, não apenas do Espírito Santo, mas do Brasil todo (GLOBO ESPORTE, 2016). Além disso, a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos, independente da modalidade, é motivo de alegria e honra (FILHO; RUBIO, 2012). O orgulho e a satisfação de participar do evento foram evidenciadas no depoimento da ginasta:

Acredito que o atleta que chega a um megaevento, como os Jogos Olímpicos, ele inspira muitas pessoas! Principalmente, as crianças, entendeu? Então, por termos participado dos Jogos Olímpicos e colocado tanta atenção para nosso esporte, afinal o Brasil inteiro estava ali olhando para a gente, eu acredito que isso fez com que o Espírito Santo crescesse ainda mais. Assim, teve essa época das meninas que me inspiraram e hoje sou eu que sirvo de inspiração para as meninas da nova geração. Eu acredito que a nossa participação olímpica faz toda a diferença (NATÁLIA GAÚDIO, 2019).

Após a participação nos Jogos Olímpicos, a ginasta se orgulha de ainda estar na carreira de atleta. Natália Gaudio enfatiza que, mesmo após os Jogos Olímpicos, ela continuou conquistando mais títulos e tendo o pioneirismo em outras competições, como ocorreu na Copa do Mundo de Portugal, em 2018, quando a ginasta finalizou em quarto lugar no aparelho fita (A GAZETA ESPORTIVA, 2018). Foi um feito inédito ter uma brasileira na final de uma Copa do Mundo, na categoria individual.

O mais interessante foi que, depois de toda essa emoção dos Jogos Olímpicos, eu continuei conquistando bons resultados e crescendo na modalidade. E isso me incentiva, porque eu vejo que não foi o ponto final da minha história, mas que eu ainda tenho uma história para construir. Depois do ano passado (2018) que eu fui finalista da Copa do Mundo, adquiri mais motivação ainda. A conquista me fez pensar: 'Nossa! Agora eu sou finalista de uma Copa do Mundo. Eu estou no meio das melhores do mundo mesmo!' [FIGURA 61]. Então, isso me deu um incentivo maior para buscar mais resultados. Eu já fui finalista, agora eu quero ser de novo! Eu quero entrar na final de outros

aparelhos, porque eu fui na fita nessa Copa do Mundo de Portimão (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

Figura 61 - Natália Gaudio na Copa do Mundo de Portimão, em Portugal, onde conquistou a vaga na final, 2018



Fonte: Arquivo pessoal.

O contentamento da ginasta Natália Gaudio está em superar o pensamento de que as ginastas devem encerrar a carreira cedo e que após determinada idade não é possível prosseguir com a conquista de bons resultados e de títulos. Esse quesito remete a uma série de reflexões, visto que se formos analisar historicamente a modalidade, realmente foi idealizada para mulheres (PEUKER, 1974). Entretanto, ao longo do tempo essa ideia de uma ginástica realizada por mulheres maduras foi alterada e deu espaço para ginastas cada vez mais jovens no âmbito competitivo.

Salvaguardando as diferenças, Oliveira (2014) discute esse aspecto na Ginástica Artística, referindo-se às ginastas pré-púberes, consagradas como grandes fenômenos da modalidade entre o fim

da década de 1960 e a década de 1970, como “pequenas fadas”. Dentre elas, podemos destacar Olga Koubert e Nadia Comaneci (OLIVEIRA, 2014). Essa mesma influência não se restringiu apenas na GA, mas também em outros esportes que primam pela especialização precoce dos atletas.

Eu hoje vejo o quanto eu sou madura. Eu treino e compito muito melhor do que antes.

Percebo que tem meninas que nem chegam nessa fase de maturidade e já saem do esporte. Um dos motivos está relacionado ao fato delas acreditarem que já estão velhas e que não conseguirão melhores resultados. É claro que nós temos nossas limitações. O nosso corpo tem! Há exercícios de coluna que, por exemplo, eu fazia quando eu era do juvenil e que hoje eu não faço mais. Mas, a minha experiência na quadra hoje é muito melhor do que quando eu era do juvenil. Então, eu me sinto uma ginasta muito melhor. Eu me considero mais completa e mais emotiva, capaz de transparecer sentimentos na quadra. É algo que vem realmente de uma mulher adulta, porque no juvenil você ainda é uma criança. Sem falar que na categoria adulto, ainda assim, temos meninas que podemos considerar crianças. Porque, geralmente, as meninas entram no adulto com quinze anos. Então, não é aquela coisa: ah! Estou no adulto, pronto. Não, é uma criança! [...]. Mas, você tem que ter consciência do que você consegue e não consegue fazer. E, eu tenho muita. Se eu faço algo e sinto dor, eu não continuo insistindo naquilo, para que? Para eu me machucar e depois ficar parada? Sem poder treinar e sem poder competir? Eu sei que o meu corpo tem os limites dele e eu preciso respeitar eles para poder durar mais tempo. É primordial ser uma ginasta inteligente (NATÁLIA GAUDIO).

Desse modo, para ter longevidade no esporte, um dos pontos que não pode ser negligenciado é a saúde. É preciso alcançar essa longevidade de forma saudável, minimizando os riscos de lesões, o que é difícil quando pensamos em esporte de alto rendimento (CARDOSO, 2013).

Por sua vez, a ginástica realizada por mulheres maduras tem a sua beleza, pois o tempo de experiência traz segurança na execução dos elementos e contribui no aprimoramento do fator artístico das séries. Por isso, a ginasta Natália Gaudio se posiciona quanto ao desejo de ver as ginastas se manterem por mais tempo no esporte,

opinião compartilhadas pelas ex-ginastas Elise Penedo, Rafaela Fávero e Tayanne Mantovaneli.

Hoje vejo que muitas ginastas estão prolongando a carreira. Eu acho isso sensacional! É lindo ver ginastas maduras se apresentando. A experiência faz diferença na desenvoltura da ginasta e na consistência da apresentação. As ginastas adultas têm maior segurança, mais beleza. E isso é bonito de ver, uma presença muito forte que existe quando mulheres mais maduras estão se apresentando (ELISE PENEDO, 2018).

Analizamos que cada ex-atleta pondera esse aspecto tendo por referência o seu tempo de ginasta e, assim, percebemos nos discursos das ginastas, particularidades que envolvem a dificuldade em se manter no esporte por causa de lesões, falta de apoio e de patrocínio e a dificuldade de manter os treinos e a vida acadêmica simultaneamente.

Infelizmente a ginástica não vai nos garantir um bom salário. A modalidade não vai dar aquela estabilidade financeira. Até se ganha algum dinheiro bom, em uma competição ou outra. Algumas meninas tem uma bolsa aqui, um patrocínio ali. Igual a Natália. Enquanto ela tiver pique e conseguir se manter, ela tem que aproveitar mesmo. Porém, uma hora vai acabar! Você vai parar com a sua vida de atleta e vai ganhar zero reais no mês seguinte, além de estar mais velha e sem experiência fora do mundo da ginástica. Então, eu analisei vários pontos (TAYANNE MANTOVANELI, 2018).

Ademais, Campos, Capelle e Maciel (2017) citam que muitos jovens atletas adiam o encerramento de suas carreiras esportivas até estabelecerem novos rumos para as suas vidas. Alguns atletas optam por continuarem na modalidade como treinadores e outros buscam futuras realizações profissionais em outras áreas.

Por fim, é prazeroso saber que os apoios voltados para a GR melhoraram e possibilitaram que as ginastas brilhem os tablados por mais tempo pelo Brasil e pelo mundo. Essa mudança referente aos investimentos permite que as ginastas não encerrem suas carreiras antes dos 20 anos de idade, como apresentado por Costa (2018). Esperamos que os exemplos de Ana Paula Ribeiro, que encerrou a carreira aos 28 anos de idade, e de Natália Gaudio, que

no auge dos seus 26 anos de idade ainda está representando com sucesso a GR Brasileira, se repitam e que se torne constante essa representatividade de mulheres maduras.

Outro fator que merece atenção nessa questão da longevidade está relacionado as lesões que, no caso de Natália Gaudio, foi uma atleta de pouca incidência e de menor gravidade. Não foi a mesma situação observada nas carreiras das ex-ginastas Tayanne Mantovaneli, Ana Paula Ribeiro e Francielly Machado.

Mas, você tem que ter consciência do que você consegue e não consegue fazer. E eu tenho muita. Se eu faço algo e sinto dor, eu não continuo insistindo naquilo. Para quê? Para eu me machucar e depois ficar parada? Sem poder treinar e sem poder competir? Eu sei que o meu corpo tem os limites dele e eu preciso respeitar eles para poder durar mais tempo. É primordial ser uma ginasta inteligente (NATÁLIA GAUDIO, 2019).

Diante desses relatos, esperamos que as futuras atletas capixabas possam se basear nos bons exemplos de persistência, amor e dedicação pela GR. A história da modalidade no Espírito Santo continua a ser escrita e o desejo é que seja representada cada vez melhor. No respectivo ano, 2019, duas ginastas capixabas integram a Seleção Brasileira em categorias diferentes, sendo: Natália Gaudio no individual aos 26 anos; e a ginasta Déborah Medrado de 17 anos de idade no conjunto. Esperamos que a jovem atleta que está no começo de sua trajetória na Seleção tenha uma carreira de sucesso e duradoura como a da sua conterrânea (FIGURA 62).

Figura 62 - Seleção Brasileira na Copa do Mundo de Baku, no Azerbaijão, 2019



Fonte: Arquivo pessoal.

EPÍLOGO

OS ALICERCES DA GINÁSTICA RÍTMICA

CAPIXABA

No decorrer da apresentação e análise dos dados foi possível ter acesso a uma série de aspectos que contribuíram, ao longo dos anos, para a construção e consolidação da GR no Espírito Santo. Com base nos temas elencados e discutidos a partir dos depoimentos dos colaboradores e análise dos documentos (fotos, jornais, revistas, relatórios, estatutos), podemos compreender os pontos que de fato culminaram para o sucesso da modalidade.

As primeiras menções relevantes estão de acordo com Marques (1999), Rangel (2000) e Batista (2004) que em seus trabalhos monográficos destacaram que a modalidade iniciou no Espírito Santo por intermédio do trabalho da professora Geny Curcio em 1953. Com base nos relatos dos colaboradores, compreendemos com maior propriedade que Geny Curcio desenvolveu esse trabalho pioneiro no Estado com a influência dos conhecimentos oriundos dos cursos que ela realizou com as professoras europeias Margareth Frohlich e Ilona Peuker. A proximidade de Geny Curcio com Ilona Peuker, especificamente, viabilizou a vinda da professora para o Estado do Espírito Santo nas cidades de Vitória e Cachoeiro de Itapemirim, nos anos de 1956 e 1957 (FROSSARD, 2018).

Além disso, os aprendizados que Geny Curcio adquiriu foram aplicados no âmbito escolar, mais precisamente, no colégio Liceu Muniz Freire em Cachoeiro de Itapemirim. Trata-se do local onde a professora teve a oportunidade de utilizar os seus conhecimentos de ginástica com o grupo de balizas a partir da década de 1950. De acordo com os resultados do estudo, observamos que essa inserção nas escolas não ocorreu inicialmente dentro de uma proposta

curricular, mas, sim, como um trabalho extraescolar para um grupo específico de alunas selecionadas que integravam o corpo de balizas.

Posteriormente, a GR capixaba contou com o incentivo da universidade que contratou novas professoras para atuar com a disciplina Ginástica Moderna no Curso de Graduação em Educação Física, na década de 1960. Dentre elas, estava a professora Geny Curcio (ARQUIVOS CEFD/UFES, 1964). O fato de a disciplina GM ser ministrada no ensino superior influenciou a formação de novas professoras, que vieram a desenvolver os trabalhos com a modalidade tanto em âmbito escolar quanto não escolar. Com a formação adquirida no Curso de Educação Física da Ufes, as professoras Marzy Perim, Maria Ângela Tardim e Monika Queiroz puderam iniciar um trabalho direcionado para a GR na escola e, futuramente, para o alto rendimento, especialmente, por parte de Monika Queiroz (BATISTA, 2004).

As professoras Maria Angela Tardim e Marzy Perim, além das aulas de GR ministradas nas escolas com propostas educacionais, dedicaram-se simultaneamente às competições em âmbito estudantil, como exemplo: os JEBs. Marzy Perim se destacou pelo fato de ter sua equipe vice-campeã no JEBs em 1987, sendo a primeira conquista significativa de uma equipe capixaba. Monika Queiroz, por sua vez, dedicou-se a inserir o Estado em campeonatos brasileiros e em campeonatos internacionais, fazendo com que a modalidade adquirisse maior notoriedade (RANGEL, 2001).

No que tange à GR na escola, a prática foi se tornando cada vez mais comum, tanto nas escolas particulares quanto nas escolas públicas. A GR nas escolas capixabas foi inserida por razões distintas, sendo: educacional, esportiva, social, entre outras (SARTÓRIO, 2011).

Ainda no que concerne o apoio das Universidades, a GR contou com o suporte dos espaços cedidos e projetos implantados na Ufes, no município de Vitória, e da UVV, no município de Vila Velha. Esse apoio das universidades foi muito importante para um trabalho de cunho social, pois eram projetos direcionados à comunidade , e,

também, para que as ginastas tivessem locais adequados para realizar os treinamentos diários, visto que, até a primeira década dos anos 2000, a GR não tinha apoios advindos do Estado quanto ao espaço físico para os treinos. Essa situação melhorou quando o Estado abrigou a Seleção Brasileira de Conjunto em 2005 (ANTUALPA, 2011). Além do apoio das universidades quanto aos espaços cedidos, a GR capixaba também contou com o apoio do Clube Ítalo Brasileiro e das instituições que cediam a estrutura física, para que a prática da GR continuasse recorrente.

O apoio familiar também foi um grande aliado para o fortalecimento da GR, pois os pais das atletas se dedicaram tão intensamente ao esporte que alguns vieram a se tornar presidentes da Federação, como os casos de Tito Marson, que foi o primeiro presidente em 1991, e de Dalza Batista, que teve o mandato mais longo até a atualidade. Ela exerceu a função de presidente por 16 anos.

A criação da Federação em 1991 (FESG, 2015) foi outro fator que agregou para que a GR adquirisse maior apoio, visto que as leis de incentivo, como a Lei Jayme Navarro, repassavam as verbas para as Federações em situações regulamentadas. Além disso, outros apoios como o Bolsa Atleta do Governo Federal e o Compete ES foram de grande contribuição para a permanência das atletas de alto rendimento no esporte. O Compete ES, especificamente, foi uma iniciativa do Governo do Estado que viabilizou a participação das atletas nos eventos nacionais e internacionais, pois o programa custeava as passagens das ginastas. Isso possibilitou que as ginastas adquirissem maior experiência e, conseqüentemente, representasse a GR capixaba dentro e fora do país (SESPORT, 2011).

A partir da criação da Fesg, observamos mais contribuições referentes a espaço físico, viagens, realizações de eventos (Campeonato Brasileiro, Pré-Pan, Meeting de GR) e cursos de arbitragem e de aperfeiçoamento técnico. Agregado a tais acontecimentos, o fato de a Seleção Brasileira de conjuntos treinar no Estado de 2005 a 2009 (A GAZETA, 2009), sob o comando da

capixaba Monika Queiroz, deu mais visibilidade e assistência ao esporte de forma significativa.

A treinadora Monika Queiroz vem conquistando resultados de destaque, a partir da década de 1980 em âmbito nacional e internacional a partir da década de 1990 (A GAZETA, 1997; A TRIBUNA, 1999).

Monika Queiroz, além de formar grandes ginastas, é mencionada também como a responsável pela formação de outros treinadores. Ela foi citada como influência profissional tanto para suas ex-ginastas que seguiram na carreira de treinadoras, quanto dos colegas que, assim como ela, não tiveram experiência anterior como atletas de GR, mas de algum modo quiseram atuar com a modalidade.

A persistência de Monika, em superar todos os percalços durante sua trajetória como treinadora de GR, foi vista como um dos grandes pilares para o sucesso da modalidade (BATISTA, 2004). A própria Monika Queiroz reconhece o quanto foi desafiador o seu percurso como treinadora e afirma ter sofrido alguns preconceitos, dentre eles, o fato de não ter sido ginasta. A colaboradora do estudo se deparou com a crença de que, para ser um bom treinador, certamente seria necessário ter sido ex-atleta.

De acordo com Sampaio (2017), está atrelado à formação dos treinadores esportivos o processo de apropriação cultural do esporte, que se inicia desde a infância e se estende ao longo da vida. Esse processo é marcado por alternâncias devido às interações sociais. Além disso, a autora percebeu em seus estudos que muitas treinadoras enfatizam que os seus aprendizados mais significativos, quanto à formação para se tornarem treinadoras, estão atrelados aos ambientes não formais, ou seja, os cursos técnicos específicos da modalidade, as clínicas, os cursos de arbitragem e estágios internacionais. Tais formações em ambientes não formais foram vivenciadas por Monika, ainda como aluna de um ambiente formal, a universidade. A treinadora iniciou a trajetória de frequentar cursos de arbitragem e de

formação quando era aluna e bolsista da sua professora de GR no ensino superior, Marzy Perim (A GAZETA, 1987).

Sendo assim, entendemos dois pontos importantes que contribuíram para o sucesso da treinadora Monika Queiroz quanto à sua atuação com a GR: o primeiro está direcionado ao fato de Monika ter uma vasta experiência com a dança, uma arte constituída por uma cadência de movimentos e ritmos que dialogam em harmonia com a modalidade. Já o segundo ponto se resume às influências adquiridas durante a sua graduação em Educação Física na Ufes. Os saberes oriundos do ensino superior, principalmente, aqueles adquiridos com a professora Marzy Perim abriram os caminhos no meio esportivo.

Sampaio (2017) afirma que apesar do ambiente formal, no caso as universidades, serem importantes na formação de treinadores, a literatura sinaliza que o impacto é baixo. A autora afirma que esse aspecto é mais recorrente quando se trata da formação generalista dos Cursos de Educação Física do Brasil. Todavia, mediante as considerações expostas por Sampaio (2017), refletimos que a Ufes, especificamente, conseguiu desenvolver uma formação de qualidade no que concerne à GR. De acordo com os relatos de alguns colaboradores, como Geny Curcio (2018), Monika Queiroz (2018), Vanusa Albuquerque (2018), Angela Tardim (2019) e Luis Curcio (2019), a Universidade se propôs, desde a década de 1960, a contratar professores qualificados para ter domínio da modalidade, tanto com ensino teórico quanto prático.

Ressaltamos que, de acordo com Marques (1999), a partir de meados da década de 1990 surgiram mudanças curriculares que trouxeram maior valorização para o aspecto teórico em detrimento da parte prática. Conforme relatos de alguns colaboradores do estudo, isso acabou proporcionando prejuízos na formação dos estudantes que visavam atuar como treinadores de GR, tendo como principal base a formação no ensino superior.

A necessidade de um trabalho com profissionais qualificados e de diferentes áreas para atender as demandas do esporte de alto

rendimento, motivou a treinadora Monika Queiroz a buscar o apoio de uma equipe multidisciplinar. As ginastas capixabas tiveram a oportunidade de aperfeiçoar o *ballet* com a professora Joseane Freire e a preparação física com ênfase no trabalho de força ministrado pelo professor Mauro Guerra, o que lhes possibilitou uma formação mais completa. Muitas ginastas mencionaram que sentiram maior segurança e, conseqüentemente, conseguiram resultados melhores após a parceria com a professora de *Ballet* e com o preparador físico. Ambos foram lembrados com muito carinho ao longo das narrativas realizadas e foi a partir da atuação de ambos que se iniciou uma conscientização quanto à importância de um trabalho multidisciplinar no Estado, o qual contribui para o êxito da modalidade.

O sucesso da GR é evidenciado pelos constantes resultados das atletas em eventos nacionais e internacionais, assim como a presença de atletas capixabas integrando a Seleção Brasileira. A primeira ginasta de grande destaque foi Elise Penedo em 1996. Posteriormente, em 1999, Juliana Coradine foi campeã pelo conjunto nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (SANTOS; GAIO; LOURENÇO, 2010). Desde então, é de praxe ter uma ginasta capixaba compondo a Seleção Brasileira, tanto na categoria individual quanto no conjunto.

Além disso, é recorrente observarmos uma capixaba entrando para a história da GR brasileira. Rememoramos a primeira medalha na categoria individual nos Jogos Pan-Americanos, em 2003, e a conquista de uma vaga na final de um Campeonato Mundial, em 2018.

O estudo contabilizou 11 ginastas que integraram a Seleção Brasileira adulta de GR, entre os anos de 1996 e 2018. Compete explicar que algumas representaram o país no conjunto enquanto outras no individual, mas há também aquelas que se apresentaram em ambas as categorias. Essas particularidades foram destacadas no Quadro 4.

O empenho das ginastas deu forças para que a GR capixaba ganhasse visibilidade e notoriedade no âmbito estadual, nacional e internacional. Mas, durante o estudo, verificamos que em meio aos resultados positivos, tanto treinadoras quanto atletas tiveram dificuldades financeiras para se manterem no esporte. Constatamos

que esse aspecto melhorou ao longo do tempo, principalmente com o advento de leis de incentivo ao esporte, estaduais e federais.

Além das questões financeiras, notamos no decorrer do estudo que as ex-atletas explicitaram outros desafios na trajetória rumo ao alto rendimento da modalidade e na manutenção na elite esportiva. A ex-ginasta Tayanne Mantovaneli, como exemplo, mencionou a cobrança do “corpo ideal” como um dos fatores mais estressantes na sua carreira. Outro fator elencado nos depoimentos e que motivou o encerramento da carreira de muitas ginastas foram as constantes lesões. Diante dessas e de outras dificuldades que as ginastas enfrentaram durante a carreira, podemos concluir que a disciplina, a dedicação, a persistência e, principalmente, o amor foram essenciais para as conquistas que consolidaram a GR do Espírito Santo. Tudo isso pautado em muita entrega e profissionalismo pelo esporte capixaba.

Por vista disso, é motivo de muita honra e orgulho compreender a dimensão de todo o caminho trilhado desde a GM, ministrada para as balizas do Colégio Liceu Muniz Freire, até as ginastas capixabas que conquistaram o ouro nos pódios nacionais e internacionais representando o Brasil. É gratificante entender que o feito por Geny Curcio em 1953 alcançou pessoas que se apaixonaram pela modalidade e deram, de forma dignificante, continuidade a essa história.

Afinal, Geny Curcio foi responsável por formar Marzy Perim, que formou Monika Queiroz que, por conseguinte, formou muitas ginastas que hoje atuam como treinadoras de grande prestígio. Mas, como discutimos no texto, Monika Queiroz também tornou a modalidade acessível para indivíduos que não vieram da quadra da GR e hoje formam as novas gerações de ginastas espírito-santenses.

A história da GR continua a ser escrita por treinadores, ginastas, dirigentes, familiares e amantes do esporte que prezam pelo sucesso e pelo brilho da GR capixaba! Todavia, ainda temos muitos ouros para alcançar ao longo dessa trajetória rumo ao futuro. Trata-se de muitas conquistas para concretizar, não apenas no esporte, mas

também na vida dos envolvidos. Conquistas que devem ser pautadas, acima de tudo, em uma formação humana, como foi mencionado com exaltação em muitos depoimentos. Muitos colaboradores enfatizaram que a GR agregou inúmeros princípios e valores à vida pessoal. Palavras como persistência, disciplina, respeito, força de vontade e coragem foram atribuídos pelos colaboradores do estudo como princípios e valores adquiridos por meio da dedicação e entrega à GR ao longo de suas vidas.

Por fim, refletimos que foi possível narrar a história da GR capixaba, mediante os aspectos mais abordados durante as entrevistas, desde aqueles que promoveram o início da trajetória de sucesso que a GR seguiu no Estado até a sua consolidação. O estudo possibilitou a aproximação dos precursores e consolidadores da modalidade no Espírito Santo com os atuais protagonistas. Devemos citar que muitos personagens dessa história continuam em atividade, como é o caso de Monika Queiroz, uma das treinadoras pioneiras que se mantêm na missão de continuar levando uma GR de qualidade para o Brasil e para o mundo.

Essa pesquisa possibilitou-nos compreender, a partir de diferentes gerações, como este caminho histórico foi traçado. Ao longo dos anos, a GR contou com a contribuição das escolas, das universidades, do Estado, dos familiares, dos professores, dos treinadores, dos dirigentes, entre outros. A trajetória por si começou em 1953 e segue até os dias atuais com muito estímulo.

Desse modo, percebemos que ao longo de 67 anos, muitos detalhes integram a história da GR no Espírito Santo. Detalhes que podem ser explorados e discutidos em outros estudos e produções acadêmicas referentes à GR capixaba que, em suma, merece um olhar direcionado em busca de se compreender o enriquecimento cultural, social, esportivo e educacional que essa prática proporcionou e segue promovendo ao Estado do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

A GINÁSTICA está progredindo apesar das carências. **A Gazeta**, Vitória, p. 34, 20 de ago. 1995. Folha Esporte.

AGOSTINHO, C, M.; CESÁRIO, M. A ginástica na escola: organização dos saberes curriculares. In: 4º Congresso Nacional de Formação de professores de Educação Física e 9º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – CONPEF, 2019, 2019.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, Vanusa. Entrevista concedida a Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 17 de set. 2018.

ALONSO, H. A. G. **Ginástica Rítmica: construindo uma metodologia**. 2000. 151 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2000.

ALONSO, H.; CRAUSE, I. In: DACOSTA, LAMARTINE (ORG.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p.8.226.

ALVES, V.H. C. **Ginástica Feminina Moderna e a liberação corporal da mulher**. 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Rio de Janeiro, 2018.

ALMEIDA, B.S. **O Financiamento do esporte olímpico e sua relação com a política no Brasil**. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ALONSO, H. A. G. **Pedagogia da Ginástica Rítmica: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 2011.

ANA PAULA diz que lesão é antiga, mas já projeta volta à seleção. **Gazeta online**. Vitória, 14 set. 2015. Disponível em: www.gazetaonline.com.br/esportes. Acesso em: 22 jun. 2019.

ANTUALPA, K. **Centros de treinamento de Ginástica Rítmica no Brasil: estrutura e programas**. 2011, 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ANTUALPA, K.F. **Aspectos da periodização e desenvolvimento do alto rendimento da Ginástica Rítmica: tópico temático**. Vitória, 2017. Trabalho apresentado no IV Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, 2017, Vitória.

ANNUNZIATO, F.; MENON, L. Reflexões acerca do papel da mulher na liderança esportiva. **EFDeportes.com, Revista digital**, Buenos Aires, v.15, n. 154, mar. 2011, p.1.

APRESENTAÇÃO de ginástica de gala em Vila Velha dia 11. **Prefeitura de vila velha**. Disponível em: www.vilavelha.es.gov.br. Acesso em: 4 de jul.2019.

ASSESSORIA de imprensa da Tocha Rio, 2016. In: **Revezamento da tocha Olímpica Rio 2016**, Condutores Florianópolis. Disponível em: www.pmf.sc.gov.br. Acesso em: 15 jul. 2018.

ASSIS, M.; GUIRAMAND, M.; LOURENÇO, M.; GAIO, R. Expressão Corporal e *Ballet* Clássico aplicados à Ginástica Rítmica: importância na composição de base de uma série. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 15, p.274 – 304, jun/dez.2009.

AULAS de Ginástica Rítmica na UVV, em Vila Velha. **A Gazeta**, Vitória, p.52, 10 de ago. 2005. Folha Serviços.

BAHU, L; CARBINATTO, M. Extensão universitária e ginástica para todos: contribuições à formação profissional. **Revista Conexões Campinas**, SP v. 14 n. 3 p. 46-70 jul./set. 2016.

BALBINO, M. **Natália Gaudio é hexacampeã do campeonato brasileiro**. In: *Olímpiada todo dia*. Disponível em: www.olimpiadatododia. Acesso em: 30 jun. 2019.

BARROCA, Flávio. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, ago. 2018.

- BARBOSA, T. Do tapete de casa ao tablado do Rio 2016: os palcos de Francielly Machado. Globo Esporte Rio de Janeiro, 18 ago. 2016. Disponível em: www.globoesporte.globo.com. Acesso em: 14 jul. 2019.
- BASTOS, F. C. Campos de Atuação do Administrador Esportivo – Proposta de um modelo para o Brasil. Artigo apresentado no **19º Congresso Científico da FIEP**. Foz do Iguaçu, janeiro, 2004.
- BATISTA, Dalza. [Entrevista concedida a] Franciny dos Santos Dias, Vitória, 22 set. 2018.
- BATISTA, Gizela das Mercês. **A evolução da Ginástica Rítmica capixaba e o destaque no cenário esportivo nacional e internacional**. 2004. 80f. Monografia. Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2004.
- BATISTA, Gizela. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 28 nov. 2018.
- BENELI, L.; RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. O Modelo de Brohm e a Organização do Basquetebol Masculino Brasileiro. In: Conexões (UNICAMP), Vol. 4, n. 1, p.52-69, Campinas, 2006.
- BERNARDES, G. Revivendo o meu encontro com a Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 45-70.
- BIZZOCCHI, L; GUIMARÃES, M. **Manual de Ginástica Rítmica Desportiva**. Araçatuba: Leme Empresa Editorial Ltda. [198-]. v. 1.
- BOLSA atleta. **Secretária especial do esporte**. Disponível em: www2.esporte.gov.br. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; TONINI, G. T. . O incentivo ao esporte de alto rendimento como política pública: influências recíprocas entre cidade e esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 281-296, 2012.
- BRASIL. **Lei Agnelo/Piva**, nº 10.264, de 16 de julho de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10264.htm. Acesso em: 20 jul. 2019.

CAIXA. **Incentivamos o esporte nacional e seus principais representantes.** Disponível em: www.caixa.gov.br/esportes. Acesso em: 24 jul. 2019.

CAMPOS, R. C; CAPELLE, M. C; MACIEL, L. H. **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** jan.-jun. 2017, Vol. 18, No. 1, 31 - 41.

CAPIXABAS querem brilhar na China. **A Gazeta,** Vitória, 19 ago. 2001. Folha de Esporte, p. 31.

CAPIXABAS vão disputar o Mundial. **Notícia Agora,** Vitória, 1 set. 2015. Na Torcida, p. 25.

CAPELO, R. Estatais reduzem em 150 milhões patrocínios esportivos em 2017. **O Globo/Esportes,** São Paulo, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://oglobo.com/esportes/estatais-reduzem-em-150-milhoes-patrocínios-esportivos-em-2017-22584820>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CARBINATTO, M. **A atuação do docente de ginástica nos Cursos de licenciatura em Educação Física.** 2012, 252 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CASTRO, L. Com coreógrafo espanhol, Natália Gaudio muda apresentações de 2017. **Gazeta Online.** 13 de jan. 2017. Disponível em: www.gazetaonline.com.br. Acesso em: 12 ago. 2017.

CAVALCANTI, L. M. B. **Beleza e poder na Ginástica Rítmica:** reflexões para a educação física. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2008.

CAVALCANTI, L. M. B. Ginástica Rítmica na escola: por uma estética do sensível. **Revista Brasileira de Ensino de Arte e Educação Física,** UFRN, Natal, v.2, n.1, p. 92-113, 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Comissão de Esporte aprova nova redação para a Lei Jayme Navarro.** Poder Legislativo do Município de Vitória/ES. Vitória, 15 ago. 2018.

CÂMARA aprova lei que ajudará esportes olímpicos. **A Gazeta,** Vitória/ES, 5 de set. 1991. Folha de Esporte, p.18.

CAMINADA, E. Considerações sobre o método Vaganova. In PEREIRA, R.; SOTER, S. (Coord.) Lições de Dança 1. 2ª edição. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006.

CARDOSO, T. C. **Ginástica rítmica e especialização precoce: caminhos das pesquisas e publicações no Brasil.** 2013, 62 f. Monografia (bacharel em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

CENTRO de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo. Grade Curricular, Curso 253 – Educação Física Bacharelado, **currículo de cursos por período** (modelo ufes). Disponível em: www.cefd.ufes.br. Acesso em: 3 de maio. 2019.

CENTRO de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo. Matriz Curricular, Curso 25 – Educação Física Licenciatura, **currículo versão 2014.** Disponível em: www.cefd.ufes.br. Acesso em: 3 de maio. 2019.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Results.** Disponível em: <https://www.olympic.org/olympic-results>. Acesso em: 28 nov. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Regras oficiais: Ginástica Rítmica desportiva.** Rio de Janeiro: Palestras Edições Esportivas, 1984.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Vitória/ES recebe atletas de cinco países para meeting de Ginástica Rítmica.** Vitória, 14 ago. 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Com mais duas medalhas, seleções de Ginástica Rítmica seguem se destacando nos Jogos Pan-Americanos.** Toronto, 19 jul. 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Seleção de Conjunto de Ginástica Rítmica define 11 integrantes para 2016.** Santo André/SP, 22 dez. 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Ex-ginasta Francielly Machado participa de projeto da FIG para reforma da Ginástica Rítmica.** Aracaju/SG, 2 out. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Brasil compete em três finais da Copa do Mundo de Ginástica Rítmica de Portugal**. Santo André/SP, 12 maio. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Lista dos árbitros nacionais de Ginástica Rítmica, Ciclo 2017 – 2020**. Aracaju/SG, 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA: **Ginástica Rítmica: resultados 2019**. Aracaju/SG, 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA: **Seleções / Equipe, 2019**. Aracaju/SG, 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA: **Barbara Domingos vence o individual geral do Brasileiro Caixa de Ginástica Rítmica**. Aracaju/SG, 28 jun. 2019.

CONTARATO pode se filiar ao PSDB e disputar prefeitura de Vitória. **Folha Vitória**, 8 abr. 2015. Disponível em: www.folhavitória.com.br. Acesso em: 15 ago. 2019.

COSTA, Deise Cristina. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 19 de set. 2018.

COSTA, Sônia Cristina. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 15 de jan. 2019.

CRAUSE, I. I. **Ginástica Rítmica desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação de ginastas**. 1985. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, 1985.

CRAUSE, I.I. **Histórico da professora Ingeborg (depoimento)**. 2017. Disponível em: <http://www.equipegrdaisybarros.com.br/ginastica-ritmica-fig/historico-da-professora-ingeborg>. Acesso em: 15 jun.2019.

COELHO, M. Preocupação e Hoje? In: **JOVENS SOMOS DO LICEU**, Cinquenta anos depois. Coletânea de Crônicas. 1986.

Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, p.131 – 135, 1986.

CHICON, FRANCISCO; SÁ, MARIA DAS GRAÇAS. A autopercepção de alunos com deficiência intelectual em diferentes espaços-tempos da escola. **Revista Brasileiro Ciências Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 373-388, abr./jun. 2013.

COSTA, A. R.; MACÍAS, C. C.; FARO, C.; MATTOS, L. Ginástica na escola: por onde ela anda professor? **Revista Conexões**, Campinas, SP. v. 14 n. 4 p. 76-96 out./dez. 2016.

COSTA, V. R. **O encerramento da carreira esportiva na Ginástica Artística Feminina do Brasil**. 2018, 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

CURCIO, Geny. Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 21 mar. 2018.

CURCIO, LUÍS [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 21 jan. 2019.

DEISE, Cristina. Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 30 mar. 2018.

DACOSTA, LAMARTINE (ORG.). **ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL**. RIO DE JANEIRO: CONFEF, 2006.

DEARES faz seletiva de Ginástica Rítmica. **A Gazeta**, Vitória/ES, p.14, 1 maio. 1986. Folha Esporte.

DECLARAÇÃO universal sobre a diversidade cultural. Organização das nações unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO). Disponível em: www.oas.org. Acesso em: 4 maio. 2019.

DE GUARAPARI para o Mundo. **A Gazeta**, Vitória/ES, p. 28, 26 maio. 2004. Folha Esporte.

DIAS, M. H. & Sousa, E. L. A. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. In: **Psicologia & Sociedade**; 24(3): 729-738, 2012.

DIAS, A. J. (Des)estabilidade política e desenvolvimento econômico no Brasil. **Revista Unioeste**, campus de Cascavel, Vol. 13 Número Especial jul/dez. 2017.

DIAS, F.; SOUZA, A.; PEREIRA, L.; OLIVEIRA, M. A (des)continuidade do investimento na extensão em ginástica da ufes em meio aos cortes e contingenciamentos orçamentários das universidades públicas federais. **Resumos do II Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte** sesc/fca-unicamp. In: Corpoconsciência, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, Suplemento 1, p. 1-135, jan./abr. 2018.

DIAS, F; OLIVEIRA, M. **Guardiões da Memória: Fragmentos Históricos da Ginástica Rítmica Capixaba**. Trabalho apresentado no XV Congress de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física/II Intenacional Congresso of Sports History, 2018.Curitiba-PR: Universidade Positivo, nov. 2018.

DIAS, F.; OLIVEIRA, M. S. Origens da ginástica para todos no Espírito Santo: as contribuições de Ilona Peuker e Geny Curcio. In: **Anais VIII Congresso de Ginástica para Todos**, 07 a 09 de novembro de 2019, Caldas Novas, Goiás, p.111 – 113, 2019.

DORNELAS, C. **A influência familiar na formação do atleta de alto rendimento**. 55f. Monografia, Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2003.

EDWARDSON C. L.; GORELY, T. Parental influences on different types and intensities of physical activity in youth: a systematic review. *Psychol Sport Exerc.*, v. 11, p. 522-535, 2010.

ELISE aposta no sonho olímpico. **A Tribuna**, Vitória/ ES, p.28, 14 out. 1997. Esportes.

ELISE se destaca e promove a Ginástica. **A Gazeta**, Vitória/ES, p.36, 2 nov. 1997. Folha Esporte.

EMANUELLE e Francielly: Vidas semelhantes que se encontraram no esporte. **CBN Vitória**. Vitória, 3 ago. 2016.

EQUIPE do Brasil de ginástica fica em último e está fora da final. **GLOBO ESPORTE**. Pequim, 22 ago. 2008. Disponível em: www.globoesporte.globo.com/Espportes. Acesso em: 28 nov. 2018.

ESPÍRITO SANTO. **Controle acadêmico**: índice de reprovação por disciplina no período 99/9. Departamento de ginástica. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 11 dez. 1978.

ESPÍRITO SANTO. Escola de Educação Física. **Resultado final dos exames vestibulares para o primeiro ano de curso superior ano letivo de 1964**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1964.

ESPÍRITO SANTO. Escola de Educação Física. **III Festival Primavera**. Vitória: Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo: relatório acadêmico, 1964.

ESTADÃO. **Seleção de Ginástica Rítmica ganha duas novas integrantes**. 2011. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,selecao-de-ginastica-ritmica-ganha-2-novas-integrantes,626477>. Acesso em: 20 dez. 2018.

EVARISTO, E. F. Estresse e descuidos com a saúde elevam risco de AVC. *Sírio Libanês*, 30 out. 2015. Disponível em: www.hospitalsiriolibanez.org.br/sua-saude/estresses-descuidos-saude-elevam-risco.avc.spex. Acesso em: 4 jun. 2019.

FAFÁ, L. Meu anjinho está olhando por mim, disse técnica ao desembarcar em Vitória. **Gazeta Online**, Vitória, 16 set. 2012. *Folha Esporte*. Disponível em: www.gazetaonline.globo.com. Acesso em: 2 ago. 2019.

FÁVERO, Rafaela. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 29 out. 2018.

FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA. Estatuto. Vitória, 20 jan. 2015.

FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA. **Regulamentos**. Vitória, 2019.

FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA. **Diretória da Fesg**, Ciclo 2017 – 2020. Disponível em: <http://www.fesg.com.br/portal/diretoria-da-fesg>. Acesso em: 5 de jul. 2019.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. Roseane Zanetti destaca renovação na ginástica. Disponível em: <http://fpginastica.com.br/web/roseane-zanetti-destaca-a-renovacao-na-ginastica/>. Acesso em 30 maio, 2019.

FERNANDES, P. Relações entre ginástica e mulher brasileira: do início do século XX aos dias atuais. **Revista Digital**, Buenos Aires, v.15, n.º 148, 2010.

FILHO, M. G.B.; GARCIA, F.G. Motivos do abandono do esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.22, n.4, p.293-300, out./dez. 2008.

FILHO, M. A.; RUBIO, K. **As identidades das atletas brasileiras** : os “pontos de apego temporários” da mulher na vida esportiva. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 255-275, abr/jun de 2012.

FIGLIARESI, L.; BOTTI, M.; LOPES, J. Ginástica rítmica: análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da seleção brasileira juvenil. **Acta Scientiarum**, Health Sciences, Maringá, v. 27, n. 2, p. 207-215, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Técnico da ginástica acusado de abuso sexual se diz inocente. São Paulo, 10 mai. 2018. Esporte. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/05/tecnico-da-ginastica-acusado-de-abuso-sexual-se-diz-inocente.shtml>. Acesso em: 30 maio. 2019.

FORTES, L.; ALMEIDA, S.; FERREIRA, M. A internalização do ideal de magreza afeta os comportamentos alimentares inadequados em atletas do sexo feminino da Ginástica Artística? In: **Revista de Educação Física**, Universidade Estadual de Maringá, v. 25, n. 2, p. 181-191, 2, 2014.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. Roseane Zanetti destaca renovação na ginástica. Disponível em: <http://fpginastica.com.br/>

web/roseane-zanetti-destaca-a-renovacao-na-ginastica/. Acesso em 30 maio, 2019.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychol Sport Exerc.*, v. 9, p. 645-662, 2008.

FREIRE, Joseane. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 14 jan. 2019.

FROSSARD, H. **Ilona Peuker**: biografia. Disponível em: <http://www.ilonapeuker.com.br/ilona%20peuker/biografia.htm>. Acesso em: 17 jun. 2018.

GAIO, R. **Ginástica Rítmica popular**: uma proposta educacional. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2007.

GARCIA, A; MARCONATO, B. **Atividades gímnicas escolares**. Canoas: Ulbra, 2005.

GAUDIO, Natália. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 17 jan. 2019.

Gestão da Federação Cearense das Ginásticas - Um Estudo de Caso baseado no modelo SPLISS Management of the Cearense Federation of Gymnastics-A case study based on the SPLISS model. *Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)*, v. 3, n. 1, p. 35-49, 2018.

GINÁSTICA Rítmica de Vitória para Aracaju, Seleção Brasileira de Saída. *A Gazeta*, Vitória, 24 dez. 2009. Folha Esporte.

GINASTA capixaba Emanuelle Lima é confirmada na olímpiada do rio. **Gazeta online**. Vitória, 14 jul. 2016. Disponível em: www.gazetaonline.com.br/esportes. Acesso em: 15 set. 2018.

Ginasta Pinheirense Geovanna Santos brilha no Marrocos e fatura duas medalhas. **Prefeitura de Pinheiros**. 13 jun. 2018. Disponível em: <http://pinheiros.es.gov.br/ginasta-pinheirense-geovanna-santos-brilha-no-marrocos-e-fatura-duas-medalhas/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOELLNER, S. V. **O método francês e a Educação Física no Brasil:** da caserna a escola. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOELLNER, S. V (Org.). **Inezil Penna Marinho:** coletânea de textos. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

GRD capixaba terá 3 atletas na Seleção. **A Gazeta**, Vitória, p. 38, 4 maio. 1997. Folha Esporte.

GUERRA, M. Veja os critérios de classificação dos brasileiros para as olimpíadas de 2014. **Globo Esporte**, Olimpíadas. 05 ago. 2014. Disponível em www.globoesporte.globo.com: Acesso em: 29 ago. 2019.

GUERRA, M. Natália Gaudio chega ao mundial com o peso de ser olímpica: “É algo forte”. **Globo Esporte**. São Paulo, 29 ago. 2017. Disponível em: www.globoesporte.com.br. Acesso em: 13 maio, 2019.

GUERRA, Mauro. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 20 mar. 2019.

HAAS, C.M., CARVALHO, R.A.T. Escolarização dos talentos esportivos: busca pelo sucesso no esporte, distanciamento da escola e conflitos legais. **Revista Ambiente Educação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 11, n. 3, p. 374-394 set/dez. 2018.

HEINEN, T.; MARIA, P.; VELENTZAS, K. A Contribuição da psicologia do esporte à ginástica competitiva. In: SCHIAVON; L.; BORTOLETO, M.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org). **Ginástica de Alto Rendimento**. São Paulo: Editora Fontoura, 2014. p. 89 – 106.

JOVENS SOMOS DO LICEU, Cinquenta anos depois. **Coletânea de Crônicas**. 1986, 191f. Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, 1986.

JULIANA Coradine disputa o Pan. **A Gazeta**, Vitória, p. 22, 6 de jul.1999. Folha Esporte.

KIOURANIS, T. **Os jogos escolares brasileiros chegam ao século XXI:** reprodução ou modernização na política de esporte escolar?

2017, 292 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2017.

KNIJNIK, J. D.; CRUZ, L. O. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Org.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 253-276.

KNOPLOCH, C; FURTADO, T. A equidade de gênero na elite do esporte brasileiro anda em passos lentos. **O GLOBO**, 17 mar. 2019. Disponível em: www.oglobo.globo.com/esportes. Acesso em: 30 jun. 2019.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à Ginástica Rítmica**. Londrina: Unopar, 2001.

LAFFRANCHI, B. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da Ginástica Rítmica: análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição**. 2005, 245 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto. Portugal, 2005.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1986.

LEITE, E. A; RODRIGUES, J. L.; ARAÚJO, P. F. **Ginástica Rítmica adaptada no Brasil: trajetória e contribuições**. São Paulo: Phorte, 2009.

LIMA, H. C. F. **Construção da docência: trajetórias de professores de ginástica no ensino superior**. 2010, 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2010.

LOURENÇO, M. A. **Ginástica Rítmica no Brasil: A (R)Evolução de um Esporte**. 2003, 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

LUCCA, G. O suor do atleta dentro e fora do ginásio. Vagas Profissões. Disponível em: www.vagas.com.br/profissoes. Acesso em: 30 jun. 2019.

MACHADO, Francielly. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 14 jan. 2019.

MADUREIRA, J. R. **Émile Jaques-Dalcroze sobre a experiência poética da rítmica: uma exposição em 9 quadros inacabados**. 2008,

209 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MAGESTE, R. Ao pai com carinho. **A Gazeta**, Vitória/ ES, 10 de ago. 2009. Folha Esporte, p.10.

MANTOVANELI, Tayanne. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 27 out. 2018.

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. 4. ed. São Paulo: Brasil, S.d.

MARQUES, B. Carolina Garcia é convocada para a seleção brasileira de conjunto de ginástica rítmica. **Globo Esporte**, Vila Velha/ES, 5 de maio. Disponível em www.globoesporte.com. Acesso em: 10 maio. 2018.

MARQUES, F. M. **A Ginástica rítmica desportiva no espírito santo: aspectos históricos, características e análises**. 1999. Monografia (Graduação em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1999.

MARTINS, A. Breves reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. 35, p. 173-182, 2009.

MARZY acha possível obter boa colocação. **A Gazeta**, Vitória, 12 jul. 1987. Folha Esporte na Seleção.

MASCHIO, J. Brasil inicia disputa do mundial de ginástica rítmica. In: **Folha Online**.1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fole/s2041559.htm>. Acesso em: 29 maio. 2019.

MÉDICI, Ana Cristina. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 16 jan. 2018.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C.; RIBEIRO, S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRA, T. B; BASTOS, F. C.; M. T.; BÖHME, 2012. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um

estudo preliminar. **Revista brasileira de Educação**. Física Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.251-62, abr./jun. 2012.

MELLO, V. S. **Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro**: articulações entre o jornalismo esportivo e identidade gaúcha. 2007, 113 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MENDES, André Paulo da Silva. Análise subjetiva dos professores de educação física sobre a inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar de Campinas e região na ação efetiva de suas aulas. Campinas, 2013. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas Sociais Aplicadas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2013.

MERLO, M. **Alterações no percentual de gordura das ginastas da seleção brasileira de ginástica rítmica de conjunto**. 34 f. Monografia, Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2006.

MESQUITA, R. M. **Retrospectiva histórica da Ginástica Rítmica na Escola de Educação Física e Esporte da universidade de São Paulo**. In: IV Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, Vitória, p.15, 2017.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. Secréria Especial do Esporte. **Bolsa Atleta**. 2019. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/default.jsp>. Acesso em: 2019 jul. 2019.

MOREIRA, R. N. P. **História e Memória: algumas observações**. Praxis (Salvador) , Salvador, Bahia, v. 2, p. 01 - 04, 2005.

MORAIS, F. **A ansiedade pré-competitiva em atletas de alto rendimento na Ginástica Rítmica**. 2018, 52 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Biomédica) – Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 2018.

MOURÃO, M. G. **Os significados da prática esportiva para ex-praticantes de Ginástica Rítmica**. 2016, 58 f. Monografia (Bacharel em Educação Física) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Brasília, 2016.

NAKASIMA, F.S.; JÚNIOR, J.R.; VISSOCI, J.R.; VIEIRA, L.F. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista brasileira de ciências do esporte**. 40 (2) 184 – 196, 2018.

NATÁLIA Gaudio brilha e Brasil fica em 4º na Copa do Mundo em Portugal. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 13 de mai. 2018. Ginástica, Mais Esportes. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/mais-esportes/natalia-gaudio-brilha-e-brasil-fica-em-4o-na-copa-do-mundo-em-portugal/>.

Natália Gaudio, atleta patrocinada pela Samp é destaque no V meeting de Ginástica Rítmica. 26 de out. 2015. **SAMP primeiro você**. Disponível em: <https://www.samp.com.br/es/tag/natalia-gaudio/>. Acesso em: 15 de set. 2019.

NATIVIDADE, D. **Garimpendo memórias: primórdios da Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul**. Monografia. Porto Alegre(RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre/RS, 2010.

NOVO Centro de Treinamento Jayme Navarro de Carvalho é entregue a atletas e à população. **GV NEWS Vitória/ ES**, 2018. Disponível em: <https://gvnews.com.br/novo-centro-de-treinamento-jayme-navarro-de-carvalho-e-entregue-atletas-e-populacao/>. Acesso em: 2 ago. 2019.

NUNES, A; SILVA, M. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano IV, n. 7, p. 119 - 133, jul/dez. 2011.

NUNOMURA, M.; PICCOLO, V.; EUNEGI, G. Ginástica Olímpica ou ginástica artística? Qual a sua denominação. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p.69 – 74, 2004.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Parents' support in the sports career of young gymnasts. **Science of Gymnastics Journal**, v. 5, p. 5-17, 2013.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, v. 28, n. 1, p. 125-134, 2014.

O HORIZONTE, *apud* SILVA, Dirce Maria Correa. **A Escola de Educação Física do Espírito Santo: suas histórias seus caminhos (1931-1961)**. 1996. 224f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico.

OLIMPIADAS esperança do Espírito Santo. **A Gazeta**, Vitória, 24 de mar. 2015. Folha Esportes, p. 16.

OLIVEIRA, M. M. M.; LOURENÇO, M. R. A.; TEIXEIRA, D. C. Incidências de lesões nas equipes de Ginástica Rítmica da UNOPAR. **UNOPAR Científica, Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 5/6, n. 1, p. 29-40, out. 2003/2004.

OLIVEIRA, G.; PORPINO, K. Ginástica Rítmica e Educação Física Escolar: perspectiva crítica em discussão. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n.2, p.1-18, maio/ago. 2010.

OLIVEIRA, A. F. **Inezil Penna Marinho: Histórias e Educação Física 1940 a 1958**. 2012, 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

OLIVEIRA M, S. NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Conexões**. 2012; 10:80-97.

OLIVEIRA, M. S. **A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento**. 2014. 183f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, M; BORTOLETO, M; NUNOMURA, M. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, p. 639- 650, 2017.

OLIVEIRA, Laura de; OLIVEIRA, Mauricio Santos; COSTA, Vitor Ricci; NUNOMURA, Myrian. Motivação para o início da prática de ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, p. 63-72, 2017.

- PALLARÉS, Z. **Ginástica Rítmica**. 2. ed. Porto Alegre: Prodil, 1983.
- PEREIRA, S. A. M. Ginástica rítmica só para mulheres? In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (org.). **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 400-406.
- PERIM, M. **A Ginástica Rítmica Desportiva no estado do Espírito Santo**: questões que cerceiam a prática escolar. 1992, 46 f. Monografia (especialização) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, Paraná, 1992.
- PERIM, Marzy. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 13 ago. 2018.
- PENEDO, Elise. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 1 out. 2018.
- PEUKER, I. **GM sem aparelhos**. Rio de Janeiro: Fórum, 1974.
- PINTO, M. D. S. **Profissional da informação na busca de liderança e na convergência de competências**. 2003. 255 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- POMBO, C. C. GRD do Brasil aposta vaga olímpica e verbas. **Uol Esporte Ginástica**. 2003. Disponível em: www.uol.com.br/esporte/ginastica. Acesso em 15 out. 2019.
- PREFEITURA Municipal de Vitória. **Lei nº3746 - Jayme Navarro de Carvalho**. Autoriza celebração de convênios de cooperação mútua com federações de esporte amador e olímpico do município. 11 de set. 1991. Disponível em: <https://www.vitoria.es.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- PRONI, M. W. A metamorfose do futebol. Campinas, SP: UNICAMP/IE, 2000.
- QUEIROZ, MONIKA. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 17 mar. 2018.
- RANGEL, F. B. **Ginástica rítmica desportiva na grande vitória**: uma análise do seu desenvolvimento. 2000. Monografia (Graduação em

Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Lei Agnelo/Piva**. Recursos perenes para investimento no esporte brasileiro. 2019. Disponível em: <http://www.rededoesporte.gov.br//pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva>. Acesso em: 25 jun. 2019.

REGULAMENTO GERAL **JEES**. Governo do Estado do Espírito Santo. 2019, 101 f. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/Media/sesport/GEECL/JEES/REGULAMENTO%20JEES%202019.pdf>. Acesso em 6 jun. 2019.

RIBEIRO, S. A importância do ballet clássico na formação e no desenvolvimento da GR. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 143-185.

RIBEIRO, K. N.; MORAES, E. O. O Papel do professor no ensino superior. Metodologias e competências. In: **anais do V colóquio internacional**, Montes Claros, MG, p.1061 – 1069, set. 2019.

RINALDI, I; CESÁRIO, M. Ginástica rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. **Revista On-line Bulletin Fiep**, v. 75. Article II, 2005. Special edition.

RINALDI, I.; PIZANI, J. Projetando a ginástica rítmica em diferentes contextos. In: TOLEDO, E.; SILVA, P. (org.). **Democratizando o ensino da ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. São Paulo: Editora Fontoura, 2013. p. 171-196.

RIBEIRO, Ana Paula. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias. Vitória, 25 set. 2018.

ROCHA, C.; BASTOS, F. Gestão do esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. spe, p. 91-103, 2011.

RODRIGUES, H.; PAES, R.; NETO, S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de

saberes. **Movimento, Revista da Escola de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 509-521, abr./jun. 2016.

RODRIGUES, J. G. Natália Gaudio conquista o bronze no individual geral da ginástica rítmica do Pan de Lima. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/jogos-pan-americanos/noticia/natalia-gaudio-conquista-o-bronze-no-individual-geral-da-ginastica-ritmica-do-pan.ghtml>. Acesso em: 03 ago. 2019.

RODRIGUES, J. Natália Gaudio conquista o bronze no individual geral da ginástica rítmica do Pan de Lima. Lima, Peru, 3 ago. 2019.

ROMARIZ, S; DEVIDE, F; VOTRE, S. Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 01, p. 207-216, set.dez. 2007.

RUBIO, K. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: Sesi, 2015.

RUSSELL, K. Desafios da ginástica: uma visão de 50 anos de experiência como técnico e em ensino. In: SCHIAVON; L.; BORTOLETO, M.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org). **Ginástica de alto rendimento**. São Paulo: Editora Fontoura, 2014. p. 25 - 42.

QUEIROZ, Monika. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 8 ago. 2018.

SAMPAIO, G. B. **Formação de treinadores de Ginástica Rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida**. 2017, 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTOS, E; LOURENÇO, M; GAIO, R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SANTOS, A. **Flexibilidade e força em Ginástica Rítmica: avaliação de ginastas juniores portuguesas**. 2011, 144 f. Dissertação (Mestrado em treinamento desportivo) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2011.

SANTOS, J. C. E.; SANTOS, N. G. M. dos. **História da ginástica geral no Brasil**. Jundiaí: Fontoura, 1999.

SARTÓRIO, M. Motivação para a prática e permanência na iniciação à ginástica rítmica em escolas públicas de Vila Velha/ES. 2011. 62 f. **Monografia** (Graduação em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SAUR, Erica. **Ginástica rítmica escolar**. Rio de Janeiro: Ouro, 1970.

SCHOOLAND COLLEGE LISTINGS. **Escola de Campeãs**, Vila Velha/ ES, 2019. Disponível em: www.schoolandcollegelistings.com.br . Acesso em: 25 de ago. 2019.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER.: **Seleção brasileira de Ginástica Rítmica será apresentada nesta segunda feira**. Vitória, 10 de jun. 2009. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/selecao-brasileira-de-ginastica-ritmica-sera>.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Luísa França visita sua casa com boas notícias**. Vitória, 5 maio. 2011. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/luisa-franca-visita-sua-casa-com-boas-noticia>. Acesso em: 10 set. 2018.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Ginastas capixabas vão ao campeonato brasileiro de conjuntos de ginástica rítmica pelo compete es**. Vitória, 8 nov. 2011.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Centro de Excelência Caixa Jovem Promessa de Ginástica** Prefeitura Municipal de Vila Velha/ES, 20 nov. 2013. Disponível em: <http://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/esportes-e-lazer-centro-de-excelencia-caixa-jovem-promessa-de-ginastica>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Governo anuncia resultado do compete es 2014**. Vitória, 30 abr. 2014. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/governo-anuncia-resultado-do-compete-es-2014>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Projeto Campeões de Futuro**. Vitória, 2019. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/campeoes-de-futuro>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER. **Geovanna Santos, de Pinheiros rumo à Paris**. Disponível em: <https://sesport.es.gov.br/>

Notícia/geovanna-santos-de-pinheiros-rumo-a-paris. Acesso em: 15 de maio. 2019.

SEM medo do preconceito. **A Gazeta**, Vitória / ES, 13 de jan. 2002. Folha Esporte, p.30.

SETÚBAL, J. A. **Ecos de Vila Velha**, 2001. Porque Canela Verde? Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/porque-canela-verde.html>. Acesso em 13 de jul. 2018.

SILVA, D. M. C. **A Escola de Educação Física do Espírito Santo: suas histórias seus caminhos (1931-1961)**. 1996. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico, Vitória, 1996.

SILVA, G; DELPUPO, M. **Ginástica Rítmica: limites e possibilidades de inclusão social de crianças e adolescentes através de sua prática**. 51f. Monografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

SILVA, W. F. **A implantação do esporte e da ginástica na Escola Normal de Porteirinha: um estudo histórico da Educação Física**. In: V Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais (Re)Visitando as Minas e desvelando os Gerais - Anais. Montes Claros/MG: Editora Unimontes, v. 1. Montes Claros/MG, 2009.

SILVA, P.; JACOB, A.; SARMENTO, G.; ROXINOL, Y. **Escolinha de Iniciação à Ginástica – Um projeto de extensão em prol da democratização da ginástica**. In: Anais do IV Fórum Internacional de Ginástica Geral. 2012, Campinas, São Paulo, 2012. p. 349-355.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.; NERY, M. A. C. Mulher, esporte, sexo e hipocrisia. In SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Org.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 61-86.

SOARES, A.; BARROS, D. **Ginástica rítmica**. Manaus: Valer, 2012.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

- SOUZA, P. **Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931 1972)**. 2004. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SCARAMELLA, M. Chance para matar a saudade da filha. **A Gazeta**, Vitória, 8 de ago. 2014. Folha Esportes, p.41.
- TANI, G. Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In: BARBANTI, V.; BENTO, J.O.; MARQUES, A.T., AMADIO, A.C. (Eds.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. São Paulo: Manole, 2001. p.145-62.
- TARDIN, Maria Angela. [Entrevista concedida a] Franciny Dos Santos Dias, Vitória, 22 jan. 2019.
- TEIXEIRA, R.T.S. BARBOSA-RINALDI, I.P. Processo de Ascensão de nível de professor adjunto Tide Nível A para Adjunto Tide Nível B. 2008. Universidade Estadual de Maringá.
- TIBEAU, C. **Ensino da ginástica rítmica desportiva pelo método global: viabilidade e eficácia**. 1988. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- TOLEDO, E. **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: um paralelo com a teoria de coll**. 1999. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- TOLEDO, E. Estética e beleza na ginastica rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 21-41.
- TOLEDO, E; TSUKAMOTO, M; CARBINATTO, M. Fundamentos da ginástica para todos. In:
- NUNOMURA, M. (Org.). **Fundamentos da ginástica**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, p. 12- 40, 2016
- TOLEDO, E., DIAS, F; PEREIRA, L. **Rastros de Ilona Peuker e da história da ginástica para todos: o papel de seus cursos para a difusão da ginástica geral nas décadas de 1950 e 1960**. Trabalho apresentado no XV Congress de História do Esporte, do Lazer e da

Educação Física/II Intenacional Congresso of Sports History, 2018. Curitiba-PR: Universidade Positivo, nov. 2018.

TOLEDO, E.; ANTUALPA, K. Retratos da ginástica rítmica de alto rendimento no Brasil: análises e propostas. In: SCHIAVON; L.; BORTOLETO, M.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org). **Ginástica de alto rendimento**. São Paulo: Editora Fontoura, 2014. p.171 - 200.

TRAJETÓRIA de Sucesso, Universidade de Vila Velha. In: **Educaedu Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.educaedu-brasil.com/centros/uvv--universidade-vila-velha-uni1502>. Acesso em: 7 de jun, 2019.

TREVISAN, P. R. **Criatividade motora na dança esportiva e na Ginástica Rítmica : percepção subjetiva de técnicos e árbitros**. 2016, 190 f. Tese (Doutorado em Ciência da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

TREVIZAN, K. Brasil enfrenta pior crise já registrada poucos anos após um boom econômico. **G1, Economia**. Disponível em: www.g1.globo.com.br. Acesso em 11 jan. 2020.

UM PROJETO de vida. **Revista Ginástica Brasil**, Confederação Brasileira de Ginástica. ano I, edição I, edição especial de lançamento, fev.2011, p. 8 - 9.

UNIVERSO ONLINE. **Apresentação impecável coloca o brasil na final da copa de GRD**. 2004. Disponível em: www.esporte.uol.com.br. Acesso em: 28 nov. 2018.

UNIVERSIDADE de Vila Velha. **Conheça nossa história**. Disponível em: <https://uvv.br/a-uvv/>. Acesso em: 07 de ago, 2019.

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA. Trajetória de sucesso. **Educaedu Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.educaedu-brasil.com/centros/uvv--universidade-vila-velha-uni1502>. Acesso em: 7 jun. 2019.

VALLE, M. P. (2003). **Atletas de alto rendimento: identidades em construção. Dissertação de Mestrado**. 2003, 98f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

VAREJAO, S. S.; GUERRA JR, M. A.; SANTOS, M. A. A. **Influência do Alongamento Dinâmico sobre o Desempenho de Força Máxima.** In: XXVI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2003, São Paulo. Atividade Física Construindo Saúde. São Caetano do Sul: CELAFISCS, 2003. v. 11.

VIEIRA, L.; BOTTI, M.; VIEIRA, J. Ginástica Rítmica: análise dos fatores motivadores e estressantes da seleção brasileira juvenil. **Acta Sci. Health Sci.** Maringá, v. 27, n. 2, p. 207-215, 2005.

VINTENA, P. **A importância da Lei Jayme Navarro de Carvalho nas conquistas e vitórias do esporte capixaba.** 42 f. Monografia - Universidade de Vila Velha, Vila Velha, 2003.

VOCÊ conhece a mais nova vitória do esporte amador e olímpico. Livreto Lei Jayme Navarro de Carvalho, **Prefeitura de Vitória**, 1993.

VOLKMANN, M. **Ginástica Rítmica: com conhecimentos de profissional renomada nacionalmente, Agin aprimora novas coreografias.** Disponível em: www.resumoesportivo.com.br. Acesso em: 10 de jun. 2019.

WANDERLEY, L. **O que é universidade.** Tatuapé, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987 p. 70.

XIMENES, L. Talento capixaba na Rússia. **A Gazeta**, Vitória, dez.2004. Folha Esporte, p. 20, 25.

"Agora, quando perguntam para mim: qual a maior contribuição ou qual legado eu deixei para a GR? Eu acredito que foi o fato de eu ter transmitido o que eu aprendi. As primeiras, por exemplo, aprenderam comigo, foram minhas alunas na UFES. E daí elas começaram a expandir" (Geny Curcio, 2018).

"Antes de encerrar, deixa eu te mostrar, uma foto de quando eu comecei trabalhar com ginástica na escola, bem no início! Eu trabalhei com a Ginástica Rítmica em uma escola estadual em Cariacica no Grupo Escolar Ana Lopes Balestrero. Como você pode perceber, tudo era bem simples. As meninas eram bem humildes, mas a gente fazia! E foi daí que tudo começou. Vou encerrar a minha entrevista, pelo começo, ao mostrar essa foto do início da minha carreira, a qual me permitiu, ao longo do tempo, semear o amor pela Ginástica Rítmica na vida de várias meninas, dentre as quais muitas tiveram a missão de fazer a modalidade crescer, florescer e dar bons frutos" (Marzy Perim, 2018).

